

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Leandro Brito

**JORNAL ALTERNATIVO *O SOL*: CONCEPÇÃO DE UM NOVO JORNALISMO
DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA**

Bauru
2017

Leandro Brito

**JORNAL ALTERNATIVO *O SOL*: CONCEPÇÃO DE UM NOVO JORNALISMO
DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Bauru

2017

Brito, Leandro.

Jornal alternativo O Sol: concepção de um novo
jornalismo durante a ditadura civil-militar brasileira
/ Leandro Brito, 2017
266 f.

Orientador: Maximiliano Martin Vicente

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2017

1. Imprensa alternativa. 2. História do
jornalismo. 3. Ditadura civil-militar. 4. O Sol. 5.
Rio de Janeiro. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II.
Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE LEANDRO BRITO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 12 dias do mês de dezembro do ano de 2017, às 09:00 horas, no(a) Sala de Reunião do Escritório de Pesquisa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - ERAPI, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Adj. MURILO CESAR SOARES do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof.^a. Dr.^a. MÁRCIA NEME BUZALAF do(a) Centro de Educação Comunicação e Artes / Universidade Estadual de Londrina, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de LEANDRO BRITO, intitulada **Jornal alternativo O Sol: concepção de um novo jornalismo durante a ditadura civil-militar brasileira**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE

Prof. Adj. MURILO CESAR SOARES

Prof.^a. Dr.^a. MÁRCIA NEME BUZALAF

Leandro Brito

**JORNAL ALTERNATIVO *O SOL*: CONCEPÇÃO DE UM NOVO JORNALISMO
DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Área de Concentração: Comunicação Midiática

Linha de Pesquisa: Processos midiáticos e práticas socioculturais

Banca Examinadora:

Presidente/Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Prof. Dr. Murilo César Soares

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Prof^a. Dr^a. Márcia Neme Buzalaf

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Resultado:

Bauru, 12 de dezembro de 2017

À minha mãe, Adriana, com amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

À minha família, sobretudo, à minha mãe, Adriana, pelo apoio, pelo carinho e por estar sempre disposta a contribuir com a concretização dos meus objetivos.

Às amigas construídas ao longo do mestrado, sobretudo, à Vanderleia, à Daiane, ao Douglas e ao Fernando, pelo companheirismo, pelas conversas e pelos eventos.

À minha amiga Paloma pelo incentivo, pelo companheirismo e por sempre estar à disposição para ajudar com tudo.

Às minhas amigas Viviane e Aline que, mesmo longe, sempre ofereceram apoio e incentivo durante do período do Mestrado.

À minha amiga Paula por ter me ajudado com a revisão deste trabalho.

Ao meu orientador do Mestrado, Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente, pelas incansáveis orientações, pelas conversas, pelos emails, pelas contribuições, pelas discussões, pelo apoio e pelo constante incentivo.

À Prof^a. Dr^a Márcia Neme Buzalaf, responsável por me apresentar o jornal *O Sol* ainda durante a iniciação científica iniciada em 2013, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), por incentivar a minha continuação na pesquisa e, sobretudo, pela amizade construída.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Aos membros da Comissão Examinadora.

Aos Professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp/Bauru).

A todos os meus professores ao longo de minha trajetória escolar e acadêmica.

Àqueles que, de alguma forma ou de outra, contribuíram com a realização deste trabalho.

Da paisagem ferida,
da criança lesada,
da mulher soluçando,
homem triste na estrada,
desta terra traída,
pobre gente humilhada,
há de bela explodir
a nação libertada.

Seja o choro incontido
um clamor de alegria,
seja o tempo sofrido
as raízes do dia.

Seja o canto emotivo
a paixão rebeldia,
no trabalho do povo
é que o povo confia,
há de o povo cantar
o Brasil renasceu,
nossa pátria é você,
minha pátria sou eu
(Reynaldo Jardim)

BRITO, Leandro. **Jornal alternativo *O Sol*: concepção de um novo jornalismo durante a ditadura civil-militar brasileira**. 2017. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente. Bauru, 2017.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta fazer uma análise do conteúdo jornalístico do jornal *O Sol*. O periódico alternativo circulou no Rio de Janeiro entre setembro de 1967 e janeiro de 1968. A pesquisa tem como tema central a imprensa alternativa em torno do jornal-escola carioca idealizado no período da ditadura civil-militar brasileira em oposição ao regime ditatorial (1964-1985). Nela, busca-se definir a linha editorial, a linguagem, as técnicas, os critérios de noticiabilidade, bem como as concepções jornalísticas defendidas pela equipe no período em que a folha circulou encartado no *Jornal dos Sport* – veículo financiador de *O Sol* – que vai de 21 de setembro a 26 de novembro de 1967. Aqui, tem-se como objetivo analisar os materiais publicados a fim de identificar o enquadramento dado pelos jornalistas do periódico aos assuntos noticiados, assim como observar as técnicas de produção utilizadas e sua posição em relação à prática jornalística, para então conseguir definir o tipo de jornalismo produzido pela imprensa alternativa antes da implantação do Ato Institucional de número 5 (AI-5) – momento de intensificação da repressão do governo militar. Para responder às perguntas levantadas ao longo deste estudo, três procedimentos metodológicos foram utilizados: a pesquisa e a comparação bibliográfica, a entrevista semiestruturada e a análise do conteúdo, proposta por Laurence Bardin.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa Alternativa; História do Jornalismo, Ditadura civil-militar; *O Sol*; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This work is aimed at making an analysis the journalistic content of the newspaper *O Sol*. The alternative newspaper circulated in Rio de Janeiro between September 1967 and January 1968. The research work is focused on alternative press around the carioca school newspaper created in the period of the Brazilian civil-military dictatorship as opposed to the dictatorial regime (1964-1985). It seeks to define the editorial line, the language, the techniques, the criteria of newsworthiness as well as the journalistic conceptions defended by the team in the period in which the newspaper was published in the *Jornal dos Sports* – financing vehicle of *O Sol* – which will take place from September 21, 1967 to November 26, 1967. Here, the objective is to analyze the published materials in order to identify the framework provided by journalist for the subjects reported, also observing the production techniques used and their position in relation to journalistic practice, in order to define type of journalism produced by the alternative press before the implantation of the Institutional Act number 5 (AI-5) – moment of intensification of the repression of the military government. In order to answer the questions this study, three methodological procedures were used: bibliographical research and comparison, semi-structured interview and content analysis, proposed by Laurence Bardin.

KEY WORDS

Alternative Press; History of Journalism, civil-military dictatorship; *O Sol*; Rio de Janeiro.

Índice de Figuras

Figura 1: Primeira edição do jornal <i>O Sol</i> publicada em 21 de setembro de 1967	73
Figura 2: Capa do <i>Jornal dos Sports</i> publicada em 21 de setembro de 1967.....	82
Figura 3: Anúncio publicado no <i>Jornal dos Sports</i> , em 06 de setembro de 1967.....	86
Figura 4: Reportagem publicada na primeira edição do jornal, em 21 de setembro de 1967 ..	92
Figura 5: Trechos de duas notas publicadas na edição do jornal <i>O Sol</i> em 23 de setembro de 1967	93
Figura 6: Trecho de nota publicada na edição do jornal <i>O Sol</i> em 24 de setembro de 1967 ...	94
Figura 7: Primeiro capítulo do folhetim escrito por Carlos Heitor Cony n' <i>O Sol</i> e publicado em 21 de setembro de 1967.....	96
Figura 8: <i>Divergência, Bastidores, Correspondência e Calendário</i> publicados em 21 de setembro de 1967.....	97
Figura 9: <i>A pedida</i> é publicado em 22 de setembro de 1967.....	99
Figura 10: <i>Historinha infantil</i> de Néelson Rodrigues publicado em 21 de setembro de 1967	100
Figura 11: <i>Conversa de Mister Eco</i> publicado em 21 de setembro de 1967	101
Figura 12: <i>Bilhetinho</i> e cartas do leitor publicados em 24 de setembro de 1967	102
Figura 13: Exemplos de charges produzidas no jornal <i>O Sol</i> por Henfil	103
Figura 14: Cartum produzido no jornal <i>O Sol</i> por Ziraldo	104
Figura 15: História do <i>Capitão Sol</i> publicada por Daniel Azulay na.....	105
Figura 16: <i>Brasil Pergunta</i> , publicada na revista <i>Realidade</i> , na edição de julho de 1967	108
Figura 17: Trecho de reportagem publicada no jornal <i>O Sol</i> em 21 de setembro de 1967. ...	109
Figura 18: Trecho de reportagem publicada na revista <i>Realidade</i> , ano II, nº14, maio de 1967.	109
Figura 19: Anúncio publicado no <i>Jornal dos Sports</i> , em 06 de setembro de 1967.....	112
Figura 20: Logotipo do jornal <i>O Sol</i>	114
Figura 21: Imagem publicada n' <i>O Sol</i> , na edição 57, em 26 de novembro de 1967.....	123
Figura 22 Figura 4: <i>O Sol</i> , edição 57, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967	124
Figura 23: Concurso anunciado n' <i>O Sol</i> , na edição 28, em 22 de outubro de 1967.	125
Figura 24: Nota publicada na edição do jornal <i>O Sol</i> , em 22 de setembro de 1967.....	127
Figura 25: <i>Despejo no Camtubi</i> , reportagem publicada n' <i>O Sol</i> em 10 de outubro de 1967.	145
Figura 26: <i>Bairro de Guadalupe</i> , reportagem publicada n' <i>O Sol</i> em 10 de novembro de 1967	147
Figura 27: <i>Roteiro Sindical</i> , seção d' <i>O Sol</i> publicada em 24 de setembro de 1967.....	151
Figura 28: <i>SOS-GB</i> , coluna publicada n' <i>O Sol</i> em 21 de novembro de 1967.....	153

Figura 29: <i>Cartas</i> , publicada n' <i>O Sol</i> em 27 de outubro de 1967	154
Figura 30: <i>Para Juiz de Menores ler III</i> , reportagem publicada n' <i>O Sol</i> em 10 /10/1967	158
Figura 31: <i>Semana do Sol</i> , seção publicada n' <i>O Sol</i> em 24 de setembro de 1967	159
Figura 32: Charge publicada por Henfil n' <i>O Sol</i> , em 10 de novembro de 1967	164
Figura 33: Charge publicada por Henfil n' <i>O Sol</i> , em 21 de novembro de 1967	165
Figura 34: <i>Depois de Muitos Altos e Baixos</i> , matéria publicada n' <i>O Sol</i> em 21 de novembro de 1967	166
Figura 35: Charge publicada por Henfil n' <i>O Sol</i> , em 27 de novembro de 1967	174
Figura 36: <i>Pequenos e os átomos na ONU</i> , reportagem publicada n' <i>O Sol</i> em 22/09/1967..	179
Figura 37: Ernesto Che Guevara, reportagem publicada n' <i>O Sol</i> em 10 de outubro de 1967	180
Figura 38: <i>O poder da Esperança</i> , reportagem publicada n' <i>O Sol</i> , em 12 de novembro de 1967	189
Figura 39: <i>Revolução Russa – 6</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 10 de novembro de 1967.....	190
Figura 40: <i>Revolução Russa – 8</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 12 de novembro de 1967.....	191
Figura 41: <i>Revolução Russa – 13</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 21 de novembro de 1967.....	192
Figura 42: Notas publicadas n' <i>O Sol</i> , em 10 de outubro de 1967	194
Figura 43: Notas publicadas n' <i>O Sol</i> , em 24 de setembro de 1967.....	196
Figura 44: Notas publicadas n' <i>O Sol</i> , em 06 de outubro de 1967	196
Figura 45: Notas publicadas n' <i>O Sol</i> , em 10 de novembro de 1967	197
Figura 46: Chamada de capa n' <i>O Sol</i> do dia 10 de outubro de 1967	199
Figura 47: Ilustração publicada com a reportagem <i>Disco voador</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 26 de setembro de 1967.....	202
Figura 48: Abertura de reportagem publicada na quinta edição d' <i>O Sol</i> , em 26 de setembro de 1967	210
Figura 49: Abertura de reportagem publicada na 28ª edição d' <i>O Sol</i> , em 22 de outubro de 1967	210
Figura 50: Abertura de reportagem publicada na 46ª edição d' <i>O Sol</i> , em 12 de novembro de 1967	210
Figura 51: <i>Quem mata quem na Baixada X</i> , publicada na 28ª edição d' <i>O Sol</i> , em 22 de outubro de 1967	216
Figura 52: <i>Situação do guarda-vida</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 23 de setembro de 1967	224
Figura 53: <i>Curandeiros na Guanabara</i> , publicada, n' <i>O Sol</i> , em 22 de outubro de 1967	225
Figura 54: <i>Subdelegacia de Xerém</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 21 de novembro de 1967	226
Figura 55: Reportagem publicada na primeira edição d' <i>O Sol</i> , em 21 de setembro de 1967	232

Figura 56: <i>Dormitório da GB</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 22 de outubro de 1967	233
Figura 57: <i>Concentração no MEC é para denunciar falta de verba das escolas</i> , publicada n' <i>O Sol</i> , em 22 de outubro de 1967	233
Figura 58: <i>Massacre</i> notícia publicada n' <i>O Sol</i> , em 21 de novembro de 1967.....	237
Figura 59: Ilustração publicada n' <i>O Sol</i> , em 24 de setembro de 1967	238
Figura 60: Ilustração publicada n' <i>O Sol</i> , em 10 de outubro de 1967	239
Figura 61: Ilustração publicada n' <i>O Sol</i> , em 01 de novembro de 1967	240
Figura 62: Editoria de <i>Polícia</i> publicada n' <i>O Sol</i> , em 21 de setembro de 1967	241
Figura 63: Editoria de <i>Polícia</i> publicada n' <i>O Sol</i> , em 01 de novembro de 1967	242
Figura 64: Notas publicada n' <i>O Sol</i> , em 21 de setembro de 1967	243
Figura 65: Notas publicada n' <i>O Sol</i> , em 22 de setembro de 1967	244
Figura 66: Notas publicada n' <i>O Sol</i> , em 22 de outubro de 1967	244
Figura 67: Capa da primeira edição d' <i>O Sol publicada em 21 de setembro de 1967</i>	246
Figura 68: capa da 28ª edição d' <i>O Sol publicada em 22 de outubro de 1967</i>	247
Figura 69: Capa da 32ª edição d' <i>O Sol publicada em 27 de outubro de 1967</i>	248
Figura 70: Capa da 52ª edição d' <i>O Sol publicada em 21 de novembro de 1967</i>	249
Figura 71: Segunda página d' <i>O Sol publicada em 21 de setembro de 1967</i>	251
Figura 72: Segunda página d' <i>O Sol publicada em 22 de outubro de 1967</i>	252
Figura 73: Exemplos de colunas publicada n' <i>O Sol</i> , em 10 de novembro de 1967	254
Figura 74: Exemplos de coluna opinativa publicada n' <i>O Sol</i> , em 12 de novembro de 1967 .	254

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	15
2 – JORNALISMO, NOTÍCIA, TÉCNICAS E LINGUAGENS.....	20
2.1 O que é o jornalismo?	20
2.2 Função da notícia	24
2.2.1 Critérios de noticiabilidade: valores-notícia	27
2.2.2 Valores-notícia de seleção – critérios subjetivos	29
2.2.3 Os valores-notícia de seleção – os critérios contextuais	31
2.2.4 Os valores-notícia de construção.....	32
2.3 Estruturas, técnicas e linguagens jornalísticas	33
3 – HISTÓRIA DA IMPRENSA: JORNALISMO LITERÁRIO E PRODUÇÃO ALTERNATIVA	39
3.1 Jornalismo literário	39
3.2 Histórico da imprensa brasileira	45
3.3 Imprensa alternativa.....	53
3.4 Censura	63
4 – <i>O SOL</i>	72
4.1 Jornal-escola	76
4.2 <i>Jornal dos Sports</i> e <i>O Sol</i>	81
4.3 Linguagem	90
4.4 Conteúdo	94
4.5 <i>O Sol</i> e revista <i>Realidade</i>	106
4.6 Diagramação	110
4.7 Equipe	115
4.8 <i>O Sol</i> e a juventude	120
4.9 <i>O Sol</i> e a ditadura.....	126
4.10 Documentário <i>O Sol</i>	132
5 – METODOLOGIA E ANÁLISE	136
5.1 Metodologia	136
5.2 Posicionamento político e linha editorial.....	141
5.3 Critérios de noticiabilidade	185
5.4 Linguagem e técnicas jornalísticas	209
5.5 Critérios de produção.....	235
CONSIDERAÇÕES FINAIS	256

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	261
----------------------------------	-----

1- INTRODUÇÃO

A década de 1960 ficou marcada pelas constantes mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais ocorridas mundialmente. Nesse contexto de transformações, um fenômeno atingiu diretamente alguns países da América Latina: a implantação de regimes ditatoriais por meio de golpes civis-militares sob o aval dos Estados Unidos.

Particularmente no Brasil, diante de uma suposta ameaça comunista forjada e defendida pelos militares, o golpe foi concretizado em primeiro de abril de 1964, por meio da deposição do presidente da época João Goulart. Ao tomar o poder, os conspiradores se diziam interessados em “sanar as crises” enfrentadas pela nação brasileira. Assim, a princípio, mostravam-se condizentes com um governo provisório – “suficiente para colocar o país em ordem”. Entretanto, não demorou muito para que manifestassem a real intenção: a perpetuação no poder (REIS, 2002).

O intuito dos militares de se manterem no cargo presidencial gerou reações de toda a sociedade – até mesmo das pessoas que, direta ou indiretamente, defenderam o golpe (REIS, 2002). Essa condição culminou em uma revolta da sociedade brasileira, o que deu início a várias medidas com a finalidade de tentar restaurar a democracia no país. Para silenciar a oposição e afastar as ameaças ao poder, os militares utilizaram métodos ilegais, como a censura, o cerceamento da liberdade, a prisão, a tortura, os atos institucionais, entre outros.

Durante a ditadura civil-militar brasileira, um dos principais grupos de oposição ao regime militar foi a chamada imprensa alternativa. Esses novos meios de comunicação formaram-se com o objetivo de manter a população informada sobre tudo o que acontecia no país, já que a maioria dos veículos tradicionais deixou de reportar assuntos importantes da época devido a ameaças constantes do governo. Diante da ambição de trazer à tona os assuntos proibidos pelos militares de serem publicados, os meios de comunicação alternativos, assim como os seus idealizadores, sofreram as consequências, que iam da censura ao desaparecimento.

Segundo Chinem (1995), cerca de 300 jornais alternativos chegaram a ser idealizados no período que vigorou o regime militar no país. Dentre eles, encontra-se *O Sol*, objeto de estudo desta dissertação. Idealizado pelo poeta, jornalista e escritor Reynaldo Jardim, o periódico circulou no Rio de Janeiro por quase quatro meses. Financiado pelo *Jornal dos Sports (JS)*, *O Sol* teve duas fases. Na primeira, que vai de 21 de setembro (nº1) a 26 de novembro de 1967 (nº57), o periódico circulou encartado no *JS*. Em um segundo

momento, o jornal passou a circular sozinho. A publicação independente começou em 27 de novembro de 1967 (nº58) e terminou em 05 janeiro de 1968. Apesar do curto período de duração, foi tempo suficiente para que o jornal alcançasse um papel de destaque na história da imprensa brasileira.

O fato de *O Sol* ter sido financiado por um jornal da grande imprensa e apresentado uma circulação diária pode suscitar dúvidas quanta a sua classificação como um veículo alternativo, já que os demais jornais do mesmo segmento tiveram uma periodicidade menos frequente e eram produzidos com poucos recursos técnicos e financeiros. Entretanto, ao se observar o conteúdo do periódico e a ideologia da equipe, percebe-se que ele teve uma produção alternativa; isso fica visível por meio do combate ao regime militar, das inovações gráficas e linguísticas e do perfil editorial da folha. De acordo com Ziraldo: “*O Sol* é o começo da imprensa alternativa. Quer dizer, nós não precisávamos de uma imprensa alternativa, mas já precisávamos. Temos que dizer as coisas de maneira diferente, temos que assumir o novo”¹.

O vínculo a um jornal da grande imprensa e a circulação diária foram particularidades d’*O Sol*. Vale lembrar ainda que, embora o periódico carioca tenha sido financiado por um jornal da grande imprensa, ele não foi idealizado para atender a uma demanda de mercado, já que a equipe d’*O Sol* repudiava o uso da imprensa para a obtenção de lucro. Entretanto, o dono do *Jornal dos Sports* viu um potencial mercadológico no veículo, esse foi o motivo que o levou a financiar um jornal alternativo, como *O Sol*.

Conhecido, principalmente, pela revolução gráfica e linguística, *O Sol* teve uma importância significativa no processo de denúncias de censuras, de prisões e de violações dos direitos humanos, assim como na defesa dos cidadãos mais marginalizados socialmente. Em 2017, a experiência em torno do periódico completou cinquenta anos. No entanto, mesmo diante de toda a sua relevância, *O Sol* é pouco conhecido, tanto dentro como fora do meio acadêmico, uma vez que encontramos poucos estudos relacionados a ele. Diante desse fato, a realização deste trabalho é uma forma de contribuir com a ampliação dos estudos em torno desse jornal alternativo, esquecido ao longo dos anos.

O estudo em torno d’*O Sol* também é uma oportunidade de tentar entender a lógica de produção dos jornais alternativos da época, produzidos em um momento anterior à instituição da censura prévia, iniciada após a implantação do Ato Institucional de número 5, uma vez que parte significativa das pesquisas realizadas em torno da imprensa alternativa tem como objeto

¹ Depoimento de Ziraldo no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

de estudo os periódicos produzidos posteriormente ao AI-5. Assim, ainda existe uma carência de trabalho sobre os jornais alternativos da primeira fase do regime militar (1964-1968). Esta dissertação, de certa forma, contribui para a ampliação desse conhecimento.

Diferente dos veículos alternativos da época, *O Sol* foi o único com circulação diária, amparado na concepção de um jornal-escola e produzido, prioritariamente, por jovens não jornalistas. Sendo assim, é interessante estudar esse periódico para entender como ele era produzido, quais as concepções jornalísticas nele empregadas, que tipo de técnicas jornalísticas foram priorizadas e qual era a linha editorial do jornal. Enfim, entender de que forma se configurou a produção de um jornal alternativo com circulação diária e um formato escolar. Além disso, não há como esquecer que este estudo é uma oportunidade de contribuir não somente com a reconstrução histórica do jornal *O Sol*, mas também com os estudos acadêmicos que buscam, na história, fragmentos que permitem entender o que foi a ditadura civil-militar brasileira e ainda perceber como a imprensa alternativa conseguiu se desenvolver, mesmo diante das violências advindas dos detentores do poder, os militares.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o conteúdo jornalístico do jornal alternativo *O Sol* durante o tempo em que o periódico ainda circulava encartado no *Jornal dos Sports* (de 21 de setembro a 26 de novembro de 1967), procurando identificar a linha editorial, a concepção prática e técnica usadas na sala de elaboração, bem como as principais especificidades do jornal, além das possíveis alterações e permanências narrativas ao longo da produção do periódico no tempo delimitado. Assim, esta pesquisa busca responder as seguintes questões: *Qual a linha editorial do jornal alternativo O Sol? Quais são as principais especificidades desse jornal alternativo? Quais as características que tornam O Sol um jornal único e diferente dos demais da imprensa alternativa? Que tipo de jornalismo era produzido por esse jornal alternativo? Quais eram os principais assuntos pautados diariamente no periódico?*

Para o desenvolvimento desta dissertação, três procedimentos metodológicos foram adotados: a pesquisa e a comparação bibliográfica; a entrevista semiestruturada, e a análise descritiva, crítica e interpretativa, proposta em um estudo publicado pela autora Laurence Bardin (2009) no livro *Análise de Conteúdo*. Assim, o levantamento de informações disponíveis nas edições de *O Sol*, as entrevistas com pessoas que fizeram parte da experiência, bem como leituras complementares sobre o período em que o jornal foi publicado, sobre a história da imprensa e da imprensa alternativa, ajudaram no processo de obtenção de resultados desta dissertação.

O estudo se desenvolveu com base na investigação de 14 edições dos três meses em que o periódico circulou encartado no *Jornal dos Sports* (setembro, outubro e novembro) a fim de levantar os dados necessários para responder os problemas de pesquisa desta dissertação. Em torno disso, o método que ajudou na obtenção dos resultados se centrou em buscar as características semelhantes e identificar as inovações ao longo das publicações, levando em consideração os exemplares de diferentes meses. Além disso, ainda usou-se como procedimento de análise quatro categorias: 1) *posicionamento político*; 2) *critério de noticiabilidade*; 3) *linguagem* e 4) *critério de produção*.

A fim de alcançar o objetivo desta pesquisa e chegar aos resultados obtidos, esta dissertação foi dividida em quatro capítulos.

O trabalho inicia-se com uma revisão bibliográfica, com a finalidade de discutir aspectos relevantes sobre o jornalismo e a produção jornalística. Nessa parte, as reflexões são desenvolvidas por meio de trabalhos realizados por autores, como Nelson Traquinas e Jorge Pedro Souza, que apresentam uma extensa pesquisa em torno das teorias do jornalismo. Desse modo, nesse primeiro capítulo, busca-se trazer uma definição geral sobre a profissão, procurando entender quais as funções do jornalista dentro da sociedade, bem como discutir a produção da notícia, seus critérios de noticiabilidade e os procedimentos técnicos usados na hora de selecionar e dar forma aos acontecimentos escolhidos para serem noticiados. Outra preocupação centra-se em trazer uma reflexão em torno da linguagem e das concepções jornalísticas, sobretudo do jornalismo impresso diário, definidas ou usadas ao longo da história da profissão.

O segundo capítulo também é uma revisão bibliográfica. Centra-se em discutir alguns aspectos mais específicos da história do jornalismo que são essenciais para ter um conhecimento mais amplo sobre o jornal alternativo *O Sol*. Essa parte coloca em destaque vários assuntos. Ela tem início com uma discussão em torno do *New Journalism*, retratando desde as características da corrente literária até aspectos do contexto de nascimento que ajudam a entender o seu desenvolvimento na década de 1960. Em seguida, busca-se fazer uma breve contextualização histórica da imprensa brasileira, com a finalidade de conhecer como o jornalismo se desenvolveu no Brasil ao longo dos séculos. Por fim, reserva-se um espaço para destacar alguns traços relevantes sobre a história da imprensa alternativa e os principais métodos usados pelos militares tanto para a manutenção do poder quanto para o afastamento das ameaças vindas da oposição, abordando, sobretudo, a questão da censura.

No terceiro capítulo, faz-se um levantamento histórico em torno do jornal alternativo *O Sol*. A estruturação dessa parte do trabalho teve como base as produções textuais e

audiovisuais que falavam sobre o jornal alternativo. Nesse sentido, o documentário produzido por Tetê Moraes e Martha Alencar e o livro *Jornalista e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*, de Bernardo Kucinski, foram os primeiros registros para o conhecimento do periódico. Outro material que ajudou na estruturação dessa parte foram algumas edições do jornal compradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Além disso, contou-se também com cinco entrevistas realizadas com pessoas que fizeram parte da equipe do periódico. As primeiras entrevistas ocorreram em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro, com a editora-chefe do jornal Ana Arruda Callado e o estagiário d’*O Sol* José Ribamar Bessa. As seguintes também foram feitas no Rio, mas em setembro de 2015, momento em que se coletou o depoimento dos estagiários do jornal, Tetê Moraes e Artur Pedreira, e da editora de *Feature* (uma das editorias do periódico), Martha Alencar. Por fim, serviu como documentação histórica o documentário *O Sol – caminhando contra o vento (2006)*, dirigido por Tetê Moraes e Martha Alencar. Essa produção cinematográfica teve grande relevância para esta pesquisa, pois ela trata do objeto de estudo deste trabalho, o jornal alternativo *O Sol*. Fundamentado em depoimento de pessoas que participaram do projeto, o filme destaca desde a fundação até o fim do periódico. Além disso, por meio das falas dos entrevistados, fica evidente a importância que o jornal apresentou durante a década de 1960.

Por fim, o quarto e último capítulo é reservado para a análise desenvolvida em torno d’*O Sol*. Inicia-se com a apresentação dos procedimentos metodológicos usados na pesquisa, trazendo uma contextualização dos métodos, bem como os critérios levados em consideração na hora de definir os materiais que ajudaram na obtenção dos resultados deste estudo. Exposta a metodologia, segue-se com a apresentação dos resultados da pesquisa, onde são discutidas as formas de produção e os princípios defendidos nas páginas d’*O Sol*: posicionamento político, linha editorial, linguagem, critérios de noticiabilidade e concepções práticas e técnicas.

2 – JORNALISMO, NOTÍCIA, TÉCNICAS E LINGUAGENS

Neste capítulo, por meio de uma revisão bibliográfica, serão abordados alguns aspectos relevantes do jornalismo e da produção jornalística. A intenção é tentar trazer uma definição sobre a profissão, buscando entender quais as funções do jornalista dentro da sociedade, bem como discutir a produção da notícia, seus critérios de noticiabilidade e os procedimentos técnicos usados na hora de selecionar e dar forma aos acontecimentos escolhidos para serem noticiados. Outra preocupação deste capítulo é proporcionar uma reflexão em torno da linguagem e das concepções jornalísticas, sobretudo do jornalismo impresso diário, definidas ou usadas ao longo da história da profissão. Os conceitos aqui trabalhados serão importantes para o desenvolvimento da análise d’*O Sol*, objeto de pesquisa desta dissertação.

2.1 O que é o jornalismo?

Como enfatiza Traquina (2005a) em seu livro *Teorias do Jornalismo (volume I)*, um dos principais desejos dos seres humanos é o de se manterem informados sobre tudo aquilo que acontece em sua volta. A informação apresenta uma função primordial na vida das pessoas, pois ela é uma das formas de que os cidadãos dispõem, por exemplo, para adquirir “conhecimento dos tópicos que lhes permita participar de conversas pessoais e de grupos” (TRAQUINA, 2005a, p.20). Assim, o jornalismo, de certa forma, nasce com o propósito ou a promessa de manter os cidadãos informados sobre os fatos que ocorrem no mundo. A fim de legitimar o papel informacional da atividade jornalística, Kunczik (2002) identifica o jornalismo como “a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias; ou que comentam os fatos do momento” (KUNCZIK, 2002, p.16).

Quando define o jornalismo, Traquina (2005a) caracteriza a profissão como uma atividade intelectual que pode ser considerada um “conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédias”. Desse modo, os jornalistas são vistos como “os modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea” (TRAQUINA, 2005a, p.21).

O fato de o jornalismo trabalhar com informação torna a profissão uma das mais difíceis, exigentes, de grande responsabilidade social e “perigosa, em que os jornalistas enfrentam decisões difíceis sob intensas pressões” (TRAQUINA, 2005a, p.31). Além disso, o jornalismo também pode ser caracterizado como uma “atividade criativa, plenamente

demonstrada, de forma periódica pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores” (TRAQUINA, 2005a, p.22).

Ao responder a pergunta “o que é jornalismo?”, Traquina (2005a) considera a profissão dentro de uma democracia. O autor dá ênfase aos princípios democráticos, pois parte do princípio de que as informações devem chegar ao público sem qualquer tipo de censura, sendo a liberdade uma das principais essências da profissão, por permitir “a troca de ideias e opiniões e reservar ao jornalismo não apenas o papel de informar os cidadãos, mas também, num quadro de *checks and balances* (a divisão do poder entre poderes), a responsabilidade de ser o guardião (*watchdog*) do governo” (TRAQUINA, 2005a, p. 22). Para o autor, sem liberdade o jornalismo não pode ser desempenhado com eficiência, podendo ser considerado uma verdadeira farsa - “o que é o jornalismo num sistema totalitário, seja nas suas formas seculares, como, por exemplo, o ex-regime dos Taleban no Afeganistão, é fácil de definir: o jornalismo seria propagado a serviço do poder instalado” (TRAQUINAS, 2005a, p.23).

Dentro de uma sociedade democrática, cabe ao jornalismo cumprir dois papéis bem definidos. Sousa (2001) e Traquina (2005a) concordam que a atividade jornalística se baseia, primeiramente, em “vigiar o poder político e proteger os cidadãos dos eventuais abusos dos governantes”, e, secundamente, de “fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desempenho das responsabilidades cívicas, tornando central o conceito de serviço público como parte da identidade jornalística”. (TRAQUINA, 2005a, p. 50). Como argumenta Sousa (2001),

Esta vigilância exerce-se através da difusão pública de informação. Informar significa, nesta asserção lata, publicitar os actos dos agentes de poder (o Governo, o Parlamento, os partidos políticos, os agentes económicos, etc.). Informar, nessa mesma asserção, significa ainda analisar esses actos, expor o contexto em que se praticam, explicar as suas consequências possíveis, revelar as suas condicionantes. Significa, igualmente, trazer para o espaço público os assuntos socialmente relevantes que poderiam passar despercebidos, os assuntos que são escondidos, os que estão submersos, os que são obscuros (SOUSA, 2001, p.13)

Sousa (2001) lembra que a função do jornalismo não se restringe apenas à vigilância dos agentes de poder. À profissão cabe também trazer outras informações relevantes e úteis à sociedade, como informar sobre acidentes, casos policiais, moda, patrimônio natural e histórico, bem como “as notícias do estrangeiro, o comportamento da bolsa, a informação de serviços, os testes comparativos para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas são

alguns dos muitos exemplos de temáticas abordadas pela imprensa jornalística” (SOUSA, 2001, p.13 e 14). Como ressalta o autor, sendo a informação o principal objetivo de um jornal, quando se coloca notícia e jornalista lado a lado, a primeira apresenta mais relevância. Assim, “os jornalistas não se devem aproveitar da sua função para ascenderem ao estrelato” (SOUSA, 2001, p.14).

Tendo em vista as influências do jornalismo dentro da sociedade, Traquina (2005a) o compara a um campo magnético com dois polos: um positivo e outro negativo. Ao primeiro, o autor dá o nome de “polo ideológico”, pois a ideologia profissional do jornalismo define que a profissão é vista como um serviço público que fornece aos cidadãos informações suficientes para que eles possam votar e participar da democracia; nesse sentido, o jornalista “age como guardião que defende os cidadãos dos eventuais abusos de poder” (TRAQUINA, 2005a, 27). Já o segundo, denominado “polo econômico”, é considerado negativo à medida que o jornalismo passa a ser visto como uma mercadoria que muitas vezes tem como principal objetivo trazer lucro à empresa jornalística, subvertendo a ideologia profissional do jornalismo.

Além de informar, Sousa (2001) atribui ao jornal outras funções, como a de formador pedagógico e fonte de prazer, de distração e de entretenimento. Segundo o autor, o jornalismo pode exercer uma pedagogia social à medida que contribui para a formação do cidadão, seja trazendo conhecimento relevante à formação intelectual das pessoas ou até mesmo fornecendo informações importantes para se viver bem em sociedade ou com o meio ambiente. Já os aspectos lúdicos do jornal encontram-se presentes em “histórias bem contadas, notícias interessantes (e não apenas notícias importantes), *fait-divers*, tiras de banda desenhada, passatempos, conselhos de beleza e de moda, etc. O jornalismo é, portanto, uma modalidade de comunicação social rica e diversificada” (SOUSA, 2001, p.15).

Não há um jornalismo. Há “vários” jornalismo, porque também há vários órgãos jornalísticos, vários jornalistas, várias pessoas que podem ser equiparadas a jornalistas, vários contextos em que se faz jornalismo. O jornalismo que se faz na imprensa regional e local, por exemplo, é diferente do jornalismo que se faz nos grandes jornais e revistas. O jornalismo especializado é diferente do generalista. O jornalismo escolar é diferente do jornalismo empresarial. O jornalismo iraquiano é diferente do português. Os salários (quando existem), os recursos, as fontes usadas, as rotinas de trabalho e os condicionalismos da profissão são algumas das diferenças que tornam os jornalismo diferentes entre si, nos conteúdos, na forma de contar as histórias e de debater as problemáticas (SOUSA, 2001, p.15)

Dentro dos quadros de profissões, o jornalismo não é uma atividade profissional qualquer, pelo contrário, assim como a medicina ou a advocacia, apresenta regras e

compromissos. Traquina (2005a) e Sousa (2001) enfatizam que o jornalismo apresenta um código deontológico que, além de definir as normas da profissão, esboça também um *ethos* que deve ser seguido pelos jornalistas, como o universalismo (fontes devem ser tratadas sem discriminação), o distanciamento (os interesses pessoais não podem influenciar no trabalho do jornalista), entre outros. A fim de reiterar a importância da atividade jornalística na sociedade, Traquina (2005a) cita Kimball para lembrar que o jornalismo é, em sua essência, um serviço público destinado ao esclarecimento dos cidadãos e não uma atividade econômica com fins lucrativos.

A teoria democrática, na sequência da lógica “o poder põe em cheque o poder”, aponta para a afirmação também de uma liberdade negativa do jornalismo – o jornalismo como guardião dos cidadãos – em que os meios de comunicação social protegem os cidadãos de eventuais abusos de poder por parte de governantes, cuja tradição até o início de século XIX foi de repressão e tirania. No papel de “guardião” do poder, as relações assentam, segundo os seus teóricos da democracia, numa postura de desconfiança e numa cultura claramente adversarial entre jornalismo e poder político. No “tipo ideal” esboçado, os membros desta comunidade interpretativa são pessoas comprometidas com os valores da profissão em que agem de forma desinteressada, fornecendo informações ao serviço da opinião pública, e em constante vigilância na defesa da liberdade e da própria democracia. (TRAQUINA, 2005a, p.129).

O papel social que o jornalismo desempenha na sociedade visa, em última instância, “equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações – designado como a liberdade positiva do jornalismo”. Dessa forma, Traquina (2005a) cita Boyce a fim de mostrar que a imprensa tem uma função importantíssima na sociedade, na medida em que atua “como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes” (TRAQUINA, 2005a, p.129).

De acordo com Sousa (2001) e Traquina (2005a), ser jornalista vai muito além do que apenas respeitar e seguir com responsabilidade os direitos e deveres da profissão. Ao profissional da imprensa, cabe também a função de lutar em prol da liberdade, posicionando-se crítica e fortemente contra qualquer tipo de restrição de liberdade. Os profissionais que atuaram na imprensa alternativa durante a ditadura civil-militar brasileira assumiram essa função com veemência ao travar uma constante oposição ao regime ditatorial, com o objetivo de defender a liberdade de imprensa e da população brasileira.

Embora seja importante que o jornalista tenha consciência de sua importância dentro da sociedade e que ainda saiba desempenhar com responsabilidade os seus direitos e deveres, o bom desenvolvimento do trabalho não depende apenas do profissional. Traquina (2005a) ressalta que o jornalista precisa ter independência e autonomia, pois essas duas características

são essenciais e indispensáveis ao bom desenvolvimento do jornalismo e a sua violação pode comprometer um dos principais valores da profissão: a credibilidade. No entanto, como sabiamente lembra Traquina (2005a), nem sempre os jornalistas dispõem das condições ideais para desenvolver o seu trabalho.

As liberdades são reais, mas seria uma visão romântica da profissão imaginar que o jornalismo é a soma de todos os jornalistas a agir em plena liberdade. Uma pergunta permanente é precisamente até que ponto um jornalista é livre e são livres os jornalistas. A resposta teórica deste livro reconhece uma “autonomia relativa” do jornalismo, mas reconhece também que a atividade jornalística é altamente condicionada. Muitas vezes o trabalho jornalístico realiza-se em situações difíceis, marcadas por múltiplas incertezas. O trabalho jornalístico é condicionado pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania do fator tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa, e, às vezes o(s) próprio(s) dono(s), pelos imperativos do jornalismo como um negócio, pela brutal competitividade, pelas ações de diversos agentes sociais que fazem a “promoção” dos seus acontecimentos para figurar nas primeiras páginas dos jornais ou na notícia de abertura dos telejornais da noite. (TRAQUINA, 2005a, p.25)

Como foi destacado até aqui, uma das competências do jornalista na sociedade democrática é justamente o fornecimento de informação, que chega aos cidadãos em formato de notícia. De acordo com Traquina (2005a), “é suposto os jornalistas saberem o que é notícia e resistir a qualquer invasão daquilo que Wilensky (1964) chamou o ‘monopólio e perícias’, e Pierre Bourdieu (1998) designou por um ‘monopólio de saberes’” (TRAQUINA, 2005a, p.117). A definição de notícia e a arte de noticiar serão trabalhadas a seguir.

2.2 Função da notícia

No tópico anterior, foram abordados a definição e o papel que o jornalismo assume dentro da nossa sociedade. Agora serão discutidos alguns aspectos sobre a função da notícia que, como sabiamente enfatiza Travancas (1993), caracteriza-se como a “mola mestra do jornalismo, atrás da qual corre o jornalista” (TRAVANCAS, 1993, p.33). A autora lembra que definir notícia não é uma tarefa muito fácil. A complexidade e a amplitude da definição da arte de noticiar ficarão evidentes à medida que se for avançando nos estudos sobre a conceituação de notícia.

Ao tentar definir o que vem a ser notícia, Travancas (1993) evoca alguns autores, como Muniz Sodré, Neil Mac Neil e Luís Amaral. Nas palavras de Sodré, notícia seria “todo fato social destacado em função de sua atualidade, interesse e comunicabilidade”. Já Neil define a notícia como “uma compilação de fatos e eventos de interesses ou importância para

os leitores do jornal que a publica”. Por fim, para Amaral, notícia é “informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e curiosidade de grande número de pessoas” (TRAVANCAS, 1993, p.33).

No livro *Jornalismo: matérias de primeira página*, Amaral (1986) traz uma definição plausível para a arte de noticiar. Segundo o autor, a notícia, além de ser a principal matéria-prima do jornal, é a base de todas as publicações “da nota mais alegre ao mais sério editorial. Em sua busca, concentra-se todo o esforço da redação. Ela comanda o ritmo de trabalho, determina horários, impõe gastos, provoca edições extras. Sem ela não haveria o que dizer, comentar, criticar ou elogiar” (AMARAL, 1986, p.39). Entretanto, apesar de toda a importância da notícia para o jornal, Amaral (1986) e Travancas (1993) concordam que a novidade é uma das principais características da notícia.

Diante da pergunta “o que é notícia?”, Traquina (2005b) gosta de pontuar que existem duas visões do jornalista quando o assunto é a notícia: uma simplista e outra minimalista. Simplista, pois alguns profissionais ainda acreditam que a notícia é uma representação fiel da realidade, em que o jornalista, como mediador, teria apenas o trabalho de reproduzir fatos. E a minimalista estabelece que, “segundo a ideologia dominante, o papel do jornalista como mediador é um papel reduzido. Aliás, é significativo que, habitualmente, os jornalistas sejam relutantes em reconhecer ou assumir a importância e a influência do seu trabalho” (TRAQUINA, 2005b, p.62).

Houve momentos na história do jornalismo em que a notícia era considerada uma cópia fiel da realidade, condição que Traquina (2005a) deixa evidente ao definir a teoria do espelho (uma das teorias do jornalismo). Como muito bem enfatiza Sousa (2002), “a notícia não espelha a realidade porque as limitações dos seres humanos e as insuficiências da linguagem o impedem” (SOUSA, 2002, p.3). Nesse sentido, Traquina (2005a) traz uma contribuição importante à discussão ao propor em seus estudos que a notícia não é um relato, mas uma “construção” social, ou seja, “o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação” (TRAQUINA, 2005a, p.28). Dessa forma, noticiar nada mais é do que um ato de escolha, de seleção.

Sousa (2002), outro autor que trabalha a notícia como uma construção, apresenta, em suas pesquisas, que a notícia nada mais é do que um artefato linguístico “que representa determinados aspectos da realidade, resultado de um processo de construção onde interagem fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico” (SOUSA, 2002, p.3). Nas palavras do autor:

A notícia é um *artefacto linguístico* porque é uma construção humana baseada na linguagem, seja ela verbal ou de outra natureza (como a linguagem das imagens). A notícia nasce da interação entre a *realidade perceptível*, os *sentidos* que permitem ao ser humano “apropriar-se” da realidade, a *mente* que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as *linguagens* que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo. (SOUSA, 2002, p.3) [itálico do autor]

Traquina (2005b) chega a considerar a notícia uma influência clara dos antigos modos de contar “estória”, o que permite ao autor afirmar que ela seria uma narrativa jornalística. Para defender o seu ponto de vista, o pesquisador (2005b) cita Tuchman, que parte do princípio que comparar a notícia a uma ‘estória’ “não é um modo de rebaixá-la, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna”. Como resume muito bem o autor, “embora o paradigma das notícias como narrativa não signifique que as notícias sejam ficção, questiona o conceito das notícias como espelho da realidade” (TRAQUINA, 2005b, p. 18 e 19).

Definida a notícia como uma forma de contar ‘estórias’, uma das principais preocupações do jornalista é buscar na linguagem formas criativas e cativantes de contar essas ‘estórias’. Assim, “os jornalistas discutem entre eles temas ligados à forma de contar ‘estórias’, questões sobre como contar uma história, estilo e gênero a usar” (TRAQUINA, 2005a, p.22). Desse modo, o profissional do jornalismo precisa constantemente tentar fugir do que Traquina (2005a) denomina “jornalismo em pacote”: “os fenômenos frequentemente observados de uma legião de jornalistas cobrindo a mesma história da mesma maneira” (TRAQUINA, 2005a, p.26).

Ao falar sobre a notícia, Sousa (2002) lembra que o conceito de notícia pode ser classificado de acordo com duas dimensões: uma tática e outra estratégica. De acordo com a primeira, a notícia seria esgotada na teoria dos gêneros jornalísticos à medida que ela se distinguiria dos demais gêneros, como, por exemplo, a reportagem e a entrevista. Já a segunda, seria aquela em que a notícia é vista de uma maneira mais abrangente, ou seja, como todos os enunciados jornalísticos. Nessa distinção, a dimensão estratégica seria a opção que “interessa à teoria do jornalismo enquanto teoria que procura explicar as formas e os conteúdos do produto jornalístico” (SOUSA, 2002, p.3).

A complexidade da notícia não se restringe apenas a sua definição. Quando se propõe a discutir a apresentação da notícia, entra-se em um terreno delicado e, no mínimo, polêmico. Como lembra Amaral (1986), a arte de noticiar ao longo da história do jornalismo

passou por transformações e isso ajudou a construir as divergências em torno do formato da notícia. Nos próximos tópicos, será tratada com mais detalhe a estrutura da notícia, mas resumidamente, há pessoas que partem do princípio de que a notícia “deve ser apresentada da maneira mais seca possível, sem comentário de espécie alguma, sem nada que lhe sirva de explicação ou interpretação; para outros, pouco vale a sua apresentação crua e simples”. Dentro dessa contrariedade, o primeiro “defende a delimitação de áreas, a separação da notícia e da opinião; o segundo é pela interpenetração do trabalho de informar” (AMARAL, 1986, p.44).

Como já foi destacado até aqui, a notícia é o produto final da atividade jornalística. No fim de tudo, noticiar não passa de uma construção, pois para produzir a notícia o jornalista precisa selecionar e moldar os fatos de acordo com o que ele acredita ser relevante à sociedade. Travancas (1993) está certa quando argumenta que guerras, revoluções e violências em grande escala são, sem muito questionamento, notícias. Entretanto, diante do mar de informações diárias, nem sempre é fácil definir os fatos que têm mais propensão para serem transformados em notícia. Como lembra Traquina (2005b), para ajudar na tarefa de escolher os fatos noticiáveis, os jornalistas usam como ferramenta os critérios de noticiabilidade (os valores-notícia), assunto do próximo tópico.

2.2.1 Critérios de noticiabilidade: valores-notícia

Um dos maiores desafios do jornalista diariamente se restringe em definir quais os assuntos, dentro de uma elevada gama de informações, apresentam mais potencial para serem noticiados. Na seleção diária da notícia, o profissional faz uso de critérios de noticiabilidade, ou seja, “conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável” (TRAQUINA, 2005b, p. 63). De acordo com Traquina (2005b), os jornalistas têm uma grande dificuldade de apontar quais são os critérios usados na escolha das notícias, mas vários estudos mostram que eles não só têm métodos na hora de selecionar o que vai ser noticiado, como também compartilham intuitivamente entre si os chamados valores-notícia, formando o que Traquina (2005b) denomina tribo ou cultura jornalística².

² Traquina (2005) trabalha com o conceito cultura jornalística, à medida que ele parte do princípio que os jornalistas, embora muitas vezes não se deem conta, compartilham entre si práticas da profissão, como é o caso dos valores-notícia. Como mostra o autor, alguns estudos comprovam que jornalistas de diferentes partes de um país ou do mundo usam critérios muito parecidos na hora de escolher a notícia, por isso a liberdade de se falar em uma cultura profissional dentro do jornalismo.

A fim de comprovar a existência de uma cultura jornalística e estudar o valor da notícia, Traquina (2005b) sugeriu em seu estudo um retorno a três momentos históricos: as primeiras décadas do século XVII, os anos 1930-1940 do século XIX e os anos 1970 do século XX. Na comparação entre os diferentes períodos da história, o autor pôde verificar que, ao longo do tempo, existiu uma variação no conteúdo e na estrutura da notícia, apesar disso, os chamados valores-notícia sofreram poucas variações. Como mostram os estudos, “as ‘qualidades duradouras’ das notícias são o extraordinário, o insólito (‘o homem que morde o cão’), o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte” (TRAQUINA, 2005b, p. 63). Em resumo:

Os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de “óculos” para ver o mundo e para o construir. Sublinhamos, como o historiador Mitchell Stephens, as “qualidades duradouras” do que é notícia ao longo do tempo: o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade. Mas os valores-notícia não são imutáveis, como mudanças de uma época histórica para outra, como sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais. As definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição da noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional. (TRAQUINA, 2005b, p.94 e 95).

Como se percebe ao longo do livro de Traquina (2005b), desde o estudo de Galtung e Ruge – primeira pesquisa que tentou, de forma sistemática e exaustiva, identificar os valores-notícia compartilhados pela comunidade jornalística e outros aspectos da notícia –, muitos pesquisadores da área de comunicação dedicaram parte dos seus estudos tentando entender e categorizar, por meio de análises minuciosas de materiais jornalísticos, quais são os critérios de noticiabilidade utilizados, diariamente, pelos jornalistas. Fundamentado nas pesquisas já realizadas, Traquina (2005b) sintetiza e apresenta sua própria classificação de valores-notícia, categorias que serão levadas em consideração neste trabalho.

Ao propor a sua própria classificação dos critérios de noticiabilidade, Traquina (2005b) propõe a separação dos valores-notícia em duas categorias distintas: os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Como os próprios nomes sugerem, os primeiros valores são aqueles que os jornalistas utilizam na hora de selecionar os assuntos que serão noticiados. Os valores-notícia de seleção ainda são subdivididos em: “a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta dos acontecimentos em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao

contexto de produção da notícia” (TRAQUINA, 2005b, p.78). Já os segundos (de construção) são apresentados como os valores-notícia que influenciam o jornalista no momento em que ele vai produzir a notícia.

Começando com os valores-notícia de seleção – critérios subjetivos –, Traquina (2005b) destaca 10 valores que viabilizam a notícia: a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito ou a controvérsia e a infração. Como apontam os estudos do autor, cada um desses fatores de certa forma interfere diretamente na seleção da notícia que o jornalista produz diariamente.

2.2.2 Valores-notícia de seleção – critérios subjetivos

A *morte* é um dos principais valores-notícia dentro do jornalismo, tanto que as catástrofes naturais ou terroristas adquirem significativa relevância nos noticiários. Um exemplo sobre essa obsessão do jornalista em relação à morte foi o ataque ao *World Trade Center*, em 2001. O caso teve tanta repercussão que os meios de comunicação direcionaram todo o seu foco para os Estados Unidos. Para mostrar a importância da morte no jornalismo, Traquina (2005b) arrisca até um presságio dizendo que “todos nós um dia seremos notícia pelo menos uma vez na vida – no dia seguinte à morte, ou nas páginas interiores ou como destaque na primeira página” (TRAQUINA, 2005b, p. 79). A relevância dada ao falecido vai depender da notoriedade que ele apresenta na sociedade.

Um segundo valor-notícia do jornalista é a *notoriedade*. Como relata Traquina (2005b), a tribo jornalística tem grande interesse de correr atrás de pessoas renomadas, nas palavras do autor: das estrelas políticas. Dessa forma, os acontecimentos que têm mais chance de se tornarem notícia são aqueles que mais envolvem pessoas da elite. Como resume Traquina: “dito de uma forma simples, o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade” (TRAQUINA, 2005b, p.80).

Outro valor-notícia que encontra destaque no jornalismo é a *proximidade*. Os fatos que acontecem mais próximos geograficamente ou em termos culturais daqueles que noticiam têm muito mais chances de serem transformados em notícia do que os mais distantes. Além da proximidade, a *relevância* é outro critério importante usado pela comunidade jornalística para definir a notícia. Se encaixam dentro desse valor-notícia os acontecimentos que têm grande impacto sobre a vida das pessoas. Os acontecimentos que influenciam diretamente uma sociedade, um país ou uma nação apresentam um elevado potencial de noticiabilidade.

A *novidade* e o fator *tempo* são outros dois valores-notícia relevantes que servem como critérios de noticiabilidade. A busca pelo novo dentro do jornalismo basicamente resume o esforço diário do jornalista. Dificilmente, assuntos sem algum aspecto de novidade encontram espaço no noticiário diário. Como lembra Traquina (2005b), a notícia geralmente tem de trazer algum aspecto novo sobre o assunto reportado. Já o tempo se faz importante na hora da seleção da notícia, devido a diferentes fatores, por exemplo, a atualidade, as datas específicas e as efemérides são vistas como critérios de noticiabilidade pela comunidade jornalística. Muitas vezes “o fator tempo é utilizado como gancho para justificar falar de novo sobre assuntos já passados”, como por exemplo, o Centenário da morte de um escritor renomado. (TRAQUINA, 2005b, p.81).

A *notabilidade* é outro valor-notícia muito usado pelos jornalistas. Caracteriza-se como notável aqueles assuntos que têm uma boa qualidade de ser visível. Assim, entre falar de uma greve operária ou das condições de trabalho dos trabalhadores, a primeira sempre apresenta mais chance de ser noticiada do que a segunda, isso porque as greves são geralmente os acontecimentos mais tangíveis. Dessa forma, “o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos e não de problemática” (TRAQUINA, 2005b, p.82). O que diferencia o acontecimento da problemática é o fato do primeiro já possuir em si o que o autor chama de “teia de faticidade”, ou seja, trazem na sua essência as seis respostas do famoso lide.

Ainda dentro do critério de notabilidade, outros aspectos são levados em consideração, como a quantidade de pessoas envolvidas em um acontecimento ou fatos que fogem da normalidade. De acordo com Traquina (2005b), quanto maior o número de pessoas envolvidas em um acontecimento, maior a probabilidade de ele ser transformado em notícia. Assim como os assuntos insólitos; como exemplo, o autor cita: “ladrão que vem entregar o carro roubado” (TRAQUINA, 2005b, p.83).

Por fim, o *inesperado* (aquilo que acontece sem ser previamente programado), o *conflito ou a controvérsia* (como violências físicas ou simbólicas entre políticos ou nações) e a *infração* (tudo aquilo que refere à violação ou às transgressões das regras sociais) são outros importantes critérios de noticiabilidade da comunidade jornalística. O primeiro está muito relacionado com as catástrofes, o segundo com as desavenças e o terceiro com os escândalos de corrupção, por exemplo.

Apresentados os dez valores-notícia de seleção – os critérios subjetivos –, a seguir serão abordados os cinco valores-notícia referentes aos critérios contextuais, que são: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

2.2.3 Os valores-notícia de seleção – os critérios contextuais

Dentro dessa nova categoria de valores-notícia de seleção, o primeiro critério de noticiabilidade é a *disponibilidade*, isto é, “a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento” (TRAQUINA, 2005b, p.88). Partindo do princípio de que as empresas jornalísticas não possuem recursos disponíveis para cobrir todos os milhares de acontecimentos diários, o valor-notícia da disponibilidade vem ajudar o jornalista na hora de escolher quais fatos têm mais viabilidade de se tornarem notícia. A definição é simples: os assuntos que exigem menos esforço e geram menos gastos são os mais pautados.

O *equilíbrio* é o outro valor-notícia usado pela comunidade jornalística quando o assunto gira em torno de definir as notícias do dia. Esse critério de noticiabilidade está relacionado à quantidade de notícias dadas sobre um determinado acontecimento ou assunto. Para manter o equilíbrio, os fatos noticiados em um curto período de tempo geralmente são destituídos de valor-notícia, sendo deixados de lado.

Além do equilíbrio, *visualidade* é outro valor-notícia dentro do subgrupo de critérios contextuais. Se há um acontecimento que chama a atenção da comunidade jornalística é aquele que proporciona um bom material visual. As exigências em torno das imagens de boa qualidade se sobressaem mais nos meios de comunicação televisivos. De acordo com o autor, “este fator de noticiabilidade ajuda a explicar a maior presença de notícias sobre desastres no jornalismo televisivo” (TRAQUINA, 2005b, p.89).

O quarto critério dessa subcategoria é a *concorrência*. Como se sabe, os meios de comunicação precisam lidar com os chamados concorrentes, isso porque esses veículos são também empresas. Quando o assunto é concorrência, a busca pelo furo toma uma proporção maior. Todos os veículos de comunicação querem ser os primeiros a reportar um determinado assunto, mas não se deve esquecer que o furo de reportagem só tem sentido quando devidamente averiguado, para não correr o risco de apresentar informações falsas e incorretas. Na regra, o concorrente geralmente vai em busca da exclusividade, porém outra coisa que o jornalista procura evitar no dia a dia da profissão é “não ter o que os outros têm, não permitir um ‘furo’ para a concorrência” (TRAQUINA, 2005b, p.90).

O quinto e último valor-notícia do subgrupo critérios contextuais é o *dia noticioso*. Na rotina diária, os acontecimentos movem a engrenagem de produção do jornalismo. Entretanto, nem todos os dias são ricos em valores-notícia, como os dias com poucas novidades. Durante a temporada de escassez de acontecimentos mais chamativos, os assuntos com baixo valor de noticiabilidade acabam ganhando importância e, muitas vezes, destaque

na mídia. Ou seja, as escolhas da comunidade jornalística sobre os assuntos reportados têm relação direta com o momento que se vive no país.

A seguir serão comentados os valores-notícia de construção. Segundo Traquina (2005b), os critérios de noticiabilidade diretamente relacionados à elaboração da notícia são divididos em seis diferentes valores: simplificação, ampliação, relevância, personificação, dramatização e consonância.

2.2.4 Os valores-notícia de construção

Para começar a apresentação dos valores-notícia de construção, inicia-se a abordagem com o critério de *simplificação*. A lógica desse valor-notícia é bem simples: os acontecimentos que fogem da ambiguidade e da complexidade têm mais possibilidades de serem transformados em notícia, isso porque são de fácil compreensão e notabilidade. “Uma notícia facilmente compreensível é preferível a uma outra cheia de ambiguidades” (TRAQUINA, 2005b, p. 91). A simplificação é sempre muito cobrada no jornalismo – é sempre enfatizado que a notícia deve ser clara e de fácil compreensão.

Outro valor notícia de construção destacado por Traquina (2005b) é a *amplificação*. Aqui segue a seguinte regra: “quanto mais amplificado é o acontecimento, mais possibilidade tem a notícia de ser notada, quer seja pela amplificação do ato, do interveniente ou das supostas consequências do ato”. No livro o autor traz dois exemplos de título que trabalha com o valor-notícia da amplificação: “Brasil chora a morte de Senna” ou “América chora a morte de Nixon”. (TRAQUINA, 2005b, p.91)

O terceiro valor-notícia dentro do critério de elaboração da notícia é a *relevância*. Segundo Traquina (2005b), “quanto mais ‘sentido’ a notícia dá ao acontecimento, mais a hipótese da notícia tem de ser notada. Compete ao jornalista tornar o acontecimento relevante para as pessoas, demonstrar que tem significado para elas”, por exemplo, é função do jornalista fazer com que as pessoas compreendam a relevância da poluição ao fazer referência a esse fato. (TRAQUINA, 2005b, p.92).

Ainda relacionado ao valor-notícia de construção, o autor destaca a *personalização*. Esse critério de noticiabilidade parte do princípio que “quanto mais personalizado é o acontecimento mais possibilidade tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação do acontecimento em termos ‘negativo’ ou ‘positivo’”. Aqui, entende-se como personalizar “valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa” (TRAQUINA, 2005b, p.92). Na comunidade jornalística a personificação é muito usada para atrair a atenção

dos leitores, pois o jornalista parte do princípio de que as pessoas têm ânsia de ter informações sobre as outras.

O penúltimo valor-notícia dessa categoria é a *dramatização*. Esse critério de noticiabilidade está relacionado com “o esforço dos aspectos do lado emocional, a natureza conflitual”. Nas palavras do autor, são aqueles assuntos que podem ser relatados de forma melodramática, mais apelativos, muitos deles caindo no sensacionalismo. Por fim, resta o valor notícia de *consonância*. Aqui, segue a regra: “quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada”. Dentro dessa lógica, é preferível que o jornalista interprete a notícia dentro de um contexto já conhecido pelo leitor, caso contrário isso pode ocasionar estranhamento. Entretanto, isso incorpora o jornalismo dentro de uma lógica da repetição, em que “as ‘novas’ são velhas”; o ‘novo’ acontecimento é inserido numa ‘velha’ ‘estória” (TRAQUINA, 2005b, p. 92 e 93).

Apresentados os principais valores-notícia, é importante lembrar que, embora muitas vezes as seleções de notícias estejam incrustadas na cultura jornalística, a política editorial de um meio de comunicação, a rotina, a produtividade, bem como a direção da organização jornalística podem influenciar diretamente na seleção dos acontecimentos. Para finalizar, Traquina (2005b) dá uma resposta à pergunta (“o que é notícia?”):

(...) podemos responder que a resposta dos membros da tribo jornalística não é científica, aparece como instintiva, e permanece quase como uma lógica não explicitada. E, ao contrário do jogo de cartas, o *bridge*, não há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre os outros; mas os critérios de noticiabilidade existem duradouros ao longo dos séculos. (TRAQUINA, 2005b, p.96).

Depois de conhecer um pouco mais sobre as notícias e o porquê elas são como são, os próximos tópicos serão destinados a falar sobre a estrutura da matéria jornalística, bem como as linguagens e técnicas usadas pelo jornalismo na hora de reportar os acontecimentos.

2.3 Estruturas, técnicas e linguagens jornalísticas

Algumas das principais regras do jornalismo começaram a ser pensadas a partir do início do século XX, quando a profissão passava por um processo de modernização e precisava de um estilo próprio, diferente da literatura (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.49). É nesse momento que começou a ser definido que a escrita jornalística deveria, por exemplo,

ser objetiva, concisa, clara e seguir algumas técnicas como a do lide (do inglês *lead*, liderança, frente, vanguarda) e da pirâmide invertida. Salvo poucas fases de rupturas, essa concepção de jornalismo resistiu ao tempo e marca presença ainda na atualidade.

Quando se trabalha com jornalismo impresso, sobretudo nos veículos diários, é impossível não se deparar com os termos lide e pirâmide invertida. Essas duas regras jornalísticas estão intimamente relacionadas à estrutura da notícia. O lide é o primeiro parágrafo do texto jornalístico, onde ficam contidas as informações mais importantes de um acontecimento, vindas por meio de seis perguntas básicas: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê? No Brasil se convencionou o sublide, parágrafo posterior ao lide e que traz um desdobramento sobre alguns dos aspectos mais importantes do lide. A partir desses dois parágrafos mais relevantes da notícia, a matéria é desenvolvida em uma ordem decrescente na medida em que as informações mais importantes vão tendo prioridade com relação às informações menos relevantes. Essa hierarquização da notícia ficou conhecida como pirâmide invertida. Como lembra Callado e Estrada (1985),

Esta técnica de redação, chamada de “pirâmide invertida”, atende a exigências da produção. Já sabemos que o diagramador calcula o espaço que o texto vai ocupar na página impressa. São comuns, no entanto, pequenos erros de cálculo. Além disso, muitas vezes chegam notícias de última hora, que têm que entrar na página já diagramada ou até já na oficina. O recurso, nesses casos, é reduzir uma ou várias das matérias já compostas, para abrir espaço para a notícia nova. O mais rápido e seguro é cortar a notícia “pelo pé”, isto é, tirar o último parágrafo ou alguns parágrafos finais. Se as matérias estiverem escritas de acordo com a técnica da pirâmide invertida, não haverá problema. O corte não prejudicará muito a informação. (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.49 e 50)

Um dado importante que Sousa (2001) comprova por meio da sua pesquisa é que essa estrutura do lide e da pirâmide invertida, tão usados no jornalismo, não são técnicas originais nem invenções dos jornalistas. Segundo o autor, elas devem ser consideradas uma recriação, isso porque as narrativas escritas na antiguidade, como algumas histórias de Homero, já apresentavam estruturas textuais muito parecidas. Assim, Sousa (2001) afirma que “as tipologias de textos jornalísticos dominantes da atualidade têm raízes ancestrais” (SOUSA, 2001, p.32). Para o pesquisador, a arte de noticiar, necessidade milenar, foi sendo aprimorada, chegando ao que conhecemos atualmente no jornalismo, isto é, “em termos de enunciação escrita, em grande medida as nossas formas de contar histórias são reinvenções das formas narrativas dos nossos antepassados” (SOUSA, 2001, p.32 e 33).

Além das técnicas padrões de reportar, Callado e Estrada (1985) lembram que, ao longo do tempo, se convencionou algumas regras para se relatar a notícia. Dessa forma, é comum encontrar nos manuais de redação que o texto jornalístico precisa ser enxuto, ou seja, fundamentado principalmente nos substantivos e verbos. Os adjetivos e advérbios devem ser evitados, com exceção dos fatos que os exigem para ser compreendidos. De acordo com Amaral (1986), para uma boa redação, o jornalista de preferência deve seguir algumas indicações: frases breves; palavras curtas; preferência pelo vocabulário usual; estilo direto; uso adequado de adjetivos; verbos vigorosos, de ação, na forma ativa; positividade. Ao apontar essas características o autor faz uma ressalva:

Tomados em dose equilibrada, o efeito é positivo. O perigo é que o redator, por simples fidelidade a esses princípios, abandone achados e soluções pessoais mais interessantes para o texto que está fazendo. A obediência cega à regra fixa, em termos de estilo, termina por conduzir à monotonia. Observamos isso hoje em dia quando abrimos um jornal ou ouvimos o rádio ou a televisão: parece que um mesmo redator preparou todo o noticiário e o distribuiu pelo mundo. (AMARAL, 1986, p.50).

Além das técnicas jornalísticas, outros aspectos são levados em consideração na hora de produzir a notícia. Sem a titulação (antetítulo³, título e subtítulo⁴), o texto jornalístico não fica completo. De acordo com Amaral (1986), a finalidade da titulação é “anunciar a notícia, de forma clara, objetiva e atraente, e ‘vendê-la’ ao público”. O antetítulo serve para preparar o leitor para o título; o título anuncia propriamente a matéria, e o subtítulo cumpre a função de complementar o título. Vale ressaltar que existem também os intertítulos, usados para sugerir pausas durante a leitura da notícia. Ainda de acordo com o autor (1986), “a titulação deve ser clara e corresponder exatamente ao conteúdo do texto que apresenta; precisa atrair o leitor e conquistá-lo para a compra de jornal ou da revista; preferência por palavras curtas e usuais” (AMARAL, 1986, p.54).

Aqui vale ressaltar também que o jornalismo não se restringe apenas à notícia. Ao abrir um jornal impresso, por exemplo, o leitor tem a sua disposição colunas, crônicas, editorial, carta do leitor, charges, *cartoons*, histórias em quadrinho, jogos, entre outros. No fim, cada um desses materiais apresenta um significado dentro do periódico.

Engana-se quem acha que a produção jornalística termina com a confecção da notícia. Depois de tudo pronto, o material jornalístico é direcionado para a sala de produção gráfica, onde o trabalho é finalizado com a diagramação do jornal. Diagramar consiste em

³ Também conhecido como Chapéu.

⁴ Mais conhecida como linha fina.

organizar as matérias nas páginas dos jornais de uma forma harmoniosa que desperte o interesse do leitor a acompanhar o periódico, publicado diariamente. Além de proporcionar beleza, legibilidade e estilo, a diagramação tem um valor importante e simbólico no jornalismo na medida em que ajuda a definir o valor informativo de cada notícia dentro do jornal. Segundo Callado e Estrada (1985), existem pesquisas de percepção visual que comprovam que “as páginas ímpares são mais lidas em jornais e revistas”, outras ainda mostram que, “dentro de uma página ímpar, o alto à direita é o ponto de maior atenção do leitor”. (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.58). Dessa forma, a diagramação tem relevância significativa no produto final dos veículos de comunicação impresso, sendo também o momento de distribuir as notícias nas páginas de acordo com a sua importância.

As ideias de objetividade, de imparcialidade, de neutralidade e de transparência, potencializadas depois da Primeira Guerra Mundial e fortalecidas pelo positivismo, também tiveram e ainda têm importância dentro do jornalismo. Embora já muito estudadas, essas concepções defendidas pela comunidade jornalística ainda hoje causam muita polêmica. (AMARAL, 1996). Autores como Perseu Abramo (2003), por exemplo, partia do princípio de que é impossível escrever um texto de forma objetiva. Para ele, a objetividade não passa de uma ideia falsa para manipular os cidadãos. Em contrapartida, Traquina (2005b) defende que o jornalista não pode alcançar plenamente a objetividade – segundo ele, vista erroneamente como uma oposição ao conceito de subjetividade ao longo da história – mas pode se aproximar dela usando algumas técnicas na hora de produzir a notícia, como ouvir os dois lados de uma história, apresentar provas auxiliares⁵ ou fazer uso judicioso das aspas⁶.

Apesar de ainda existir muitos jornalistas que defendem a possibilidade dos fatos jornalísticos dentro dos jornais serem uma cópia fiel da realidade, Amaral (1996) e Sousa (2001) argumentam que é impossível afirmar que o jornalismo preza fielmente pela objetividade, transparência ou neutralidade, isso porque, como pontuam muito bem os autores, a verdade nada mais é do que uma interpretação subjetiva de cada ser humano.

Em *Metodologia Científica*, caderno de textos e técnicas, o professor Ricardo Jardim Andrade diz que a grande fantasia da nossa época, a grande ilusão do mundo contemporâneo é justamente o *mito da neutralidade científica, o mito que afirma a inexistência de mitos, o mito que expressa o desejo de uma transparência completa*

⁵ Há ocasiões em que os jornalistas conseguem obter provas que corroboram uma afirmação. A apresentação de provas auxiliares consiste na localização e citação de “fatos” suplementares que são geralmente aceitos como verdadeiros. (TRAQUINA, 2005, p.140).

⁶ Ao inserir a opinião de alguém, os jornalistas acham que deixam de participar na notícia e deixam os “fatos” falar. O uso de citações faz desaparecer a presença do repórter. As citações podem ser usadas para informar: “Esta afirmação pertence a uma qualquer pessoa, menos ao jornalista”. Acrescenta Tuchman que as citações podem também ser utilizadas para pôr em questão a designação atribuída. (TRAQUINA, 2005, p.140).

do real e, conseqüentemente, de um domínio absoluto da razão sobre a natureza e o próprio homem. Na verdade, é apenas um mito antigo com roupagem nova. (AMARAL, 1996, p.22). [itálico do autor]

Segundo Abramo (2003), a objetividade, a neutralidade e a transparência serviram e muitas vezes ainda servem como meio de manipulação, já que a verdade é uma questão de ponto de vista. Além disso, como foi acompanhada ao longo da discussão da notícia, toda a produção jornalística é uma construção, uma narrativa subjetiva, que passa por vários critérios de seleção antes de finalmente chegar às bancas. Repudiar a existência da objetividade não é dizer que o jornalismo é uma farsa, ele tem a sua importância dentro da sociedade, mas saber que tudo que lemos é uma interpretação subjetiva da realidade é essencial. Segundo Sousa (2001),

O jornalismo ideal seria o jornalismo objectivo, se fosse possível. No jornalismo, o objecto de conhecimento, de algum modo, deve sobrepor-se ao sujeito de conhecimento. Isto não significa mais do que repisar os valores tradicionais da profissão: o jornalista deve orientar-se pelos valores do rigor, da independência, do compromisso com a realidade, da honestidade, da intenção de verdade (SOUSA, 2001, p. 48).

Quando se propõe a falar da enunciação jornalística, Sousa (2001) sabiamente lembra o leitor que não existe um único estilo, mas vários, por isso ele dá preferência por falar em “estilos” no plural. Não há dúvida de que cada órgão de comunicação tem seu próprio estilo. Entretanto, as características aqui citadas são as mais comuns e recorrentes dentro da comunidade jornalística. Partindo do princípio que existem muitas padronizações no jornalismo, Callado e Estrada (1986) argumentam que,

Com o tempo, porém, as técnicas do lide, respondendo às perguntas de Kipling, e a pirâmide invertida foram sendo usadas para despersonalizar a notícia. A linguagem jornalística foi colocada numa espécie de espartilho do qual só agora está tentando se libertar. A experiência bem sucedida da imprensa alternativa nos anos de censura fez com que até a grande imprensa procure agora uma linguagem menos formal e mais coloquial, de acordo com os tempos que estamos vivendo. (CALLADO; ESTRADA, 1985, p. 50 e 51)

Até aqui, as discussões estiveram diretamente relacionadas aos conceitos mais gerais do jornalismo. No próximo capítulo, serão colocados em evidência alguns aspectos da história da imprensa que servirão de suporte para conhecer um pouco das influências do jornal alternativo *O Sol*, bem como o contexto histórico em que o periódico se desenvolveu. Dessa

forma, a seguir serão abordados traços relevantes do jornalismo literário e da imprensa alternativa.

3 – HISTÓRIA DA IMPRENSA: JORNALISMO LITERÁRIO E PRODUÇÃO ALTERNATIVA

Neste capítulo serão trabalhados alguns aspectos da história do jornalismo que ajudarão a entender um pouco mais sobre o jornal alternativo *O Sol*. Em um primeiro momento, discute-se o *New Journalism* a fim de destacar as principais características da corrente literária, bem como os aspectos contextuais que auxiliaram no seu desenvolvimento a partir da década de 1960. Em seguida, apresenta-se uma breve contextualização histórica relacionada à imprensa brasileira, buscando conhecer o nascimento e o desdobramento do jornalismo no país. E, por fim, propõe-se discutir aspectos da imprensa alternativa e dos principais métodos usados pelos militares, tanto para a manutenção do poder, quanto para o afastamento das ameaças vindas da oposição, abordando, sobretudo, a questão da censura.

3.1 Jornalismo literário

Para entender os fatores motivadores do nascimento do jornalismo literário é interessante retomar a década de 1960, período em que movimentos de contracultura apoiaram várias rupturas e novidades no campo jornalístico. Um exemplo disso ficou evidente com o florescimento de uma corrente jornalística denominada *New Journalism*, iniciada nos Estados Unidos, mas que, posteriormente, espalhou-se para outras partes do mundo.

A preparação do terreno para o florescimento do *New Journalism* esteve diretamente relacionada a dois fatores. Primeiramente, devido ao espírito pessimista e à insatisfação das pessoas mediante as crises econômicas, as constantes guerras e a propagação dos governos totalitaristas que começa no início do século XX. O segundo fator que determinou o nascimento do novo jornalismo foi a indignação de jornalistas e de escritores diante da mercadorização da profissão, quando o jornal deixou de ser um canal de transmissão de informação para se tornar um veículo endereçado a aumentar o capital de um empresário, o dono do jornal. (MARCONDES FILHO, 1986).

Quando se procura nas histórias evidências que ajudam a entender os motivos que levaram a incorporação do jornalismo dentro de uma lógica de produção mercadológica, dois fatores apresentam destaque: de um lado, a propagação da ideologia capitalista em que o lucro é a fonte de sustentação; de outro, a efetivação, desde a década de XIX, do cientificismo, no qual o valor das coisas era medido por meio da sua comprovação científica. Como expõe Faro (1999), “ciência e técnica, produção e riqueza, compõem uma espécie de *móbile* envolvente

do mundo contemporâneo que exigem de todas as manifestações o seu atestado de objetividade, de método, de conhecimento positivo”. (FARO, 1999, p.27).

Levando em consideração a história, capitalismo e positivismo caminham de mãos dadas e juntos criam o ambiente propício para o desenvolvimento do jornalismo inserido dentro da lógica de mercado. Técnicas como o *lead* e a pirâmide invertida, bem como as ideias de objetividade, de neutralidade e de transparência – típicas do jornalismo como empresa – foram desenvolvidas com base no positivismo. Como argumenta Queiroz (2011), as novas técnicas de produção “lançaram a notícia numa nova lógica: a lógica capitalista. Dessa forma, o texto jornalístico entrava na linha de produção e a narrativa cronológica dos fatos, dava lugar à forma lacônica sintetizada nas seis perguntas: Quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?” (QUEIROZ, 2011, p.3).

Marshall (2003), assim como Queiroz (2011), enfatiza a questão mercadológica atrás do *lead* e da pirâmide invertida.

O exercício cotidiano de empilhar o *lead* e a pirâmide invertida faz com que o jornalista perca a sensibilidade e a percepção para sutilezas e os meandros da realidade que envolvem a notícia e exercite mecânica e acriticamente uma tarefa tão vital para a sociedade. O jornalista pós-moderno transformou-se numa máquina de produção, de informação, um operário com demandas estipuladas e prazos de entrega a cumprir... O jornalista da era pós-moderna anula o senso crítico e a capacidade de reflexão e permite-se o ato de submeter o *lead* e a pirâmide invertida à lógica de mercado. (MARSHALL, 2003, p.32).

Além das técnicas de produção, as ideias de objetividade, de neutralidade e de transparência também são frágeis e sujeitas à crítica. Fundamentado no positivismo, que negava todo o tipo de subjetividade em detrimento do cientificismo, o jornalismo passou a ser encarado como o porta-voz da “verdade” – noção presente na *teoria do espelho*⁷, uma das teorias da notícia. A noção vendida por detrás dessas ideias era a possibilidade de produzir uma notícia que representasse toda a “realidade”. Por meio do discurso de objetividade, de neutralidade e de transparência, escondia-se a ideia de que toda a notícia em si era apenas uma versão da realidade, sem contar que essa forma de ocultação poderia ser um meio de

⁷ De acordo com Nelson Traquina, a teoria do espelho diz que é possível por meio da notícia “uma transmissão não expurgada da realidade, um espelho”. “Central à teoria é a noção de que o jornalista é um *comunicador desinteressado*, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer” (TRAQUINA, 2001, p.65). Ainda segundo ao autor, dentro desse ponto de vista “o papel do jornalista é definido como o observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais (TRAQUINA, 2001, p.66).

“manipulação”⁸. Como muito bem argumenta Meditsch (1997), quando se pensa no jornalismo, que também é um conhecimento científico, o mais adequado seria trabalhar em um enunciado o adjetivo “verdadeiro” do que o substantivo “realidade”, isso porque podem “existir muitos enunciados verdadeiros, eventualmente até contraditórios entre si, ainda que cada um coerente com seus pressupostos, porque nenhum enunciado é capaz de esgotar a realidade inteira”. (MEDITSCH, 1997, p.4) – ponto de vista condizente com as *teorias estruturalista e etnoconstrucionista*⁹. Nesse sentido, quando o novo jornalismo discute e valoriza a subjetividade, ele tenta trazer a consciência de que as notícias existentes em um meio de comunicação não são uma única verdade, mas uma entre tantas outras realidades.

Nesse jornalismo caracterizado por técnica de produções padronizadas, primava-se pela objetividade, pela imparcialidade, pela transparência, pela neutralidade – características relacionadas ao *lead* e à pirâmide invertida. Assim, ao mesmo tempo em que se fixavam as novas formas de produção jornalísticas, alguns princípios eram negados, como a subjetividade, a humanização e a imersão na realidade dos fatos. De acordo com Marcondes Filho (1986), só havia uma forma de romper com a lógica capitalista do jornalismo: negar as novas regras e reestabelecer as perdidas.

Libertar-se da forma capitalista de fazer jornal não significa fazer jornalismo objetivo e imparcial. [...] A mudança da forma capitalista de fazer jornalismo está mais no tratamento da matéria. No enfoque, na valorização dos componentes da notícia, na perspectiva subjetiva de aproveitamento do fato, que conduz à identificação com o leitor e à quebra de relação coisificada entre produtor e receptor de notícias, em suma, à produção de vínculos solidários. (MARCONDES FILHO, 1986, p.33).

Como argumenta Nelson Traquina (2001), o Novo Jornalismo tem o seu advento justamente com este rompimento proposto por Marcondes Filho (1986). Assim, em um período de constantes crises sociais, protestos contra as autoridades – como em movimentos estudantis de maio de 1968 e na luta em oposição a Guerra do Vietnã – e instabilidades dos valores dominantes da sociedade de consumo durante a década de 1960, o jornalismo também passa por um período de crise e novas formas de produção foram apresentadas. “Nos Estados Unidos, um *novo jornalismo* questionou as formas sagradas das notícias e sacudiu os dogmas

⁸ De acordo com Geyrhofer, “manipula-se claramente em qualquer forma de redigir, de formular, de escolher e de acentuar as notícias [...] Dentro da língua não há separação entre a informação objetiva e a tomada de posição subjetiva; até o informar mais cuidadoso muda o conteúdo da emissão” (Apud. MARCONDES FILHO, 1986, GEYRHOFER, 1973, p. 44-6).

⁹ Segundo Traquina, ambas as teorias “contestam a visão de que os jornalistas são observadores passivos e defendem a posição de que, ao contrário, são de fato participantes ativos na construção da realidade (TRAQUINA, 2001, p.86).

tradicionais, como o da objetividade, que ajudavam a orientar a atividade jornalística” (TRAQUINA, 2001, p.56).

Esse jornalismo literário, que parecia ser uma novidade da década de 1960, já havia sido experimentado por alguns profissionais anteriormente. Para ter uma noção, antes do desenvolvimento do jornalismo moderno, profissionais como Daniel Defoe, editor e escritor da revista *Review* no século XVIII (1725), já usavam recursos próprios da linguagem literária para narrar histórias reais. Dentro da história do jornalismo, Charles Dickens, no ano de 1835, foi um repórter também conhecido por usar o jornalismo literário, mas o nascimento oficial do novo gênero teve início em 1946, na revista *The New Yorker*. Apesar disso, o auge desse novo jornalismo só é alcançado nas décadas de 1960 e 1980.

Alguns nomes são muito lembrados quando se aborda o *New Journalism*, como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese. Ao longo de anos, esses escritores foram responsáveis por restabelecer as características do jornalismo literário em cada obra que produziam. Truman Capote, em *A Sangue Frio*, por exemplo, inseriu algumas técnicas literárias, como descrição, narração e diálogos para narrar as histórias dos quatro membros de uma família assassinada em Holcomb, Kansas, e dos autores da chacina. Assim, “os jornalistas começaram a descobrir os recursos que deram ao romance seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu imediatismo, sua realidade concreta, seu envolvimento emocional, sua qualidade absorvente e fascinante”. (QUEIROZ, 2011, p.7).

Diante de diferentes referências sobre o gênero que estava sendo lapidado, em 1973, Tom Wolfe publicou um manifesto, em que apresentava os quatro recursos básicos do novo jornalismo: reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens, registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens. Sendo assim, como destaca Queiroz (2011),

O Novo Jornalismo concentra suas narrativas na utilização de recursos específicos e descrições detalhadas de lugares, hábitos, gestos, feições, comportamentos e objetos; procurando mostrar a realidade sob um ponto de vista mais profundo e subjetivo. O foco narrativo é alternado, possibilitando ao narrador ser testemunha ou participante dos acontecimentos. Cai, dessa forma, o mito da neutralidade e imparcialidade da imprensa convencional; contudo, mantendo sempre como norte a preocupação na factualidade e na veracidade dos fatos. (QUEIROZ, 2011, p.8).

É interessante destacar também que esse novo jornalismo propõe modificação na maneira “como se apura, redige e edita o fato noticioso, utilizando-se de uma série de técnicas da literatura de ficção e mantendo uma visão mais humanitária na sua abordagem,

contrariando a distância e a frieza do jornalismo tradicional”. (CZARNOBAI, 2003, p.6). Como argumenta Marcondes Filho (1986), “a poesia e a literatura não se subordinam à estandardização, à ditadura das formas jornalísticas, à lógica de mercadoria que trabalha com o facilmente inteligível, com o direto, com o ‘mastigado’”, ou seja, a literatura seria “uma expressão subjetiva, um manifesto humano diante da desumanização produtiva do processo jornalístico, um traço de insubordinação e autodeterminação do sujeito perante os fatos, mas do sujeito autônomo, não como ‘ponto de venda’ de outro veículo”. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 39). Kucinski (2001) reitera que o novo jornalismo,

[...] era também um jornalismo com ambições estéticas, inspirado no *new journalism*, o movimento de rebelião estilística dos jornalistas norte-americanos contra a camisa de força da narrativa telegráfica, que introduziu a reportagem jornalística de valor literário, baseada na vivência direta do repórter com a realidade que se propunha a retratar. (KUCINSKI, 2001, p.20).

O auge do *New Journalism* deu-se na década de 1960. Entretanto, Lima (2009) enfatiza que esse novo jornalismo começou a perder força a partir do final dos anos de 1970. Para o autor, isso acontece em parte porque “o grosso do painel temático sobre o qual trabalha preferencialmente tem seu fim histórico. Não há mais movimento hippie, o país assimila, transforma a contracultura” (LIMA, 2009. p.206). Apesar disso, vale a pena destacar que o *New Journalism* teve grande importância, sobretudo porque propôs uma discussão do jornalismo em várias partes do mundo e ainda influenciou o nascimento de uma nova forma de fazer jornalismo, diferente da industrial, até então, consagrada.

Partindo do *New Journalism*, foram surgindo outras experiências nesse campo, como a vertente gonzo¹⁰ e o novo jornalismo novo¹¹. Como argumenta Pena (2008), o jornalismo literário é uma alternativa dentro da profissão jornalística que:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2008, p.13)

¹⁰ O Jornalismo Gonzo é uma versão mais radical do *New Journalism*. Ele foi criado e popularizado por Hunter S. Thompson, um excêntrico e brilhante repórter da revista *Rolling Stone*, que se suicidou em fevereiro de 2005. Pode-se dizer que ele levou até as últimas gotas de sangue o estilo de reportagem, caracterizado por um envolvimento pessoal com a ação que estava descrevendo, sem medir as consequências, por mais perigosas que fossem (PENA, 2008, p.56).

¹¹ O Novo Jornalismo Novo explora as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas. Mas não envereda pela abordagem do exotismo ou do extraordinário, encarando os problemas como sintomas da vida americana. O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções (PENA, 2008, p. 60).

Em seu livro *Jornalismo Literário*, Pena (2008) proporciona uma reflexão interessante em torno do uso da literatura nas produções jornalísticas. A fim de apontar as principais características do jornalismo literário, o autor apresenta ao leitor o que ele chama de estrela de sete pontas, isso porque parte do princípio de que existem sete itens diferentes que ajudam a definir esse modo alternativo de fazer jornalismo.

A primeira ponta da estrela, segundo o autor, gira em torno da potencialização dos recursos do Jornalismo. A intenção do jornalismo literário não é que o jornalista esqueça o que aprendeu ao longo da profissão ou descarte as técnicas narrativas da imprensa tradicional. Na verdade, o conselho que se dá é que ele use os conhecimentos em prol de uma nova estratégia profissional. “Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas” (PENA, 2008, p.14).

A segunda característica é ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, isso significa que o jornalista precisa romper com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Segundo Pena (2008), o *deadline* e a novidade não devem ser preocupações para o profissional. Primeiro porque o jornalista precisa fazer a matéria com calma, sem a pressão do fechamento do jornal, e segundo porque a prioridade dele não se restringe a relatar os fatos que acontecem em um curto espaço de tempo, isto é, “seu dever é ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade, que é a terceira ponta da estrela” (PENA, 2008, p.14).

Falar em ampla realidade não quer dizer que seja possível alcançar todo o conhecimento sobre o mundo, pois como já foi relatado ao longo da dissertação, qualquer produção jornalística não passa de um recorte, uma interpretação dos fatos. Dessa forma, Pena (2008) pontua que “a preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (PENA, 2008, p. 14).

A quarta ponta da estrela apresentada por Pena (2008) é a exercício da cidadania. Esse conceito, muitas vezes esquecido ou muito mal usado por pessoas que não têm compromisso com os demais, é um dever do jornalista. No jornalismo literário é visto como indispensável. Por isso, ao escolher um tema, o profissional deve “pensar como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é clichê. Chama-se espírito público. E é um artigo em falta no mundo contemporâneo” (PENA, 2008, p.14).

Em quinto lugar, Pena (2008) propõe o rompimento com o lide. Como lembra o autor, “a formula realmente tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído”. A técnica, além de não alcançar a tão almejada objetividade, contribuiu com o empobrecimento do texto jornalístico. “A pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2008, p.15).

A sexta característica do jornalismo literário é evitar os definidores primários, as fontes oficiais (governadores, ministros, advogados, psicólogos), ou seja, aquelas mais procuradas e que estão sempre na imprensa. Geralmente, a comunidade jornalística dá prioridade em contar a história de pessoas que estão sempre na mídia, não há mudança. O jornalismo literário sugere uma alternativa: “ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2008, p15).

A sétima e última ponta da estrela é a perenidade. No jornalismo literário, a efemeridade ou a superficialidade não são bem-vindas. Em oposição à enxurrada de matérias jornalísticas que no dia seguinte da sua publicação cai no esquecimento, aqui se preza pela permanência. Como lembra Pena (2008), um texto bem escrito permanece vivo por gerações. Entretanto, “para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2008, p.15).

Discutidos alguns aspectos sobre o jornalismo literário, uma das características importantes sobre *O Sol*, entra-se a seguir especificamente na história do jornalismo no Brasil. A imprensa alternativa que se desenvolveu no país durante a ditadura civil-militar representa um dos temas chaves deste capítulo. Entretanto, antes de entrar propriamente na discussão em torno dos jornais de resistência, será apresentado um breve histórico sobre a imprensa brasileira.

3.2 Histórico da imprensa brasileira

Diferente de outros países ao redor do mundo, a inauguração da imprensa brasileira teve início tardiamente. Sodré (1983) argumenta que o fato de o Brasil ser colônia de Portugal desde o início do século XVI caracterizou-se como um dos principais empecilhos para a instalação de tipografia ou do desenvolvimento da imprensa no país. Algumas tentativas clandestinas até foram iniciadas, mas por força da repressão não vingaram, como “a tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca, aberta em 1746” e “fechada em 1747 pela Carta Régia, de 10

de maio, que proibia a impressão de livros ou papéis avulsos”. Como enfatiza Bahia (1990), “o domínio português, de 1500 até o desembarque da comitiva de D. João VI, se exerce para asfixiar toda e qualquer manifestação livre do pensamento. A palavra impressa” era “considerada crime”. (BAHIA, 1990, p.10).

Para a metrópole portuguesa, a liberdade de imprensa, em certa medida, acarretaria consequências controversas em relação aos interesses dos portugueses depositados na colônia brasileira à medida que possibilitaria gerar instabilidade no processo de dominação até então estável e consolidada. Diante disso, “é sob o signo do oficialismo e com atraso de três séculos que se inaugura a imprensa no Brasil, em 1808”. (BAHIA, 1990, p.9). Como o próprio Bahia enfatiza:

São razões de Estado – garantir o colonialismo, conservar incólume o despótico controle de seus interesses políticos e econômicos, deter pela força as aspirações de liberdade e justiça – e não de outra natureza que fazem Portugal insensível, até 1808, à tipografia e ao jornal num Brasil escravocrata e monocultor. (BAHIA, 1990, p.11)

A viabilidade da criação do primeiro jornal brasileiro esteve intimamente relacionada à vinda da família real ao Brasil, que migra à colônia fugindo da invasão francesa no território português. Antes da chegada de D. João VI, estava proibida a instalação de qualquer espécie de tipografia e de desenvolvimento do jornalismo no território brasileiro; a infração das regras poderia acarretar consequências severas, como as punições por meio de exílios ou de prisões. Com a vinda da realeza ao país, em maio de 1808, instalou-se as oficinas da Imprensa Régia; quatro meses depois, em 10 de setembro, começou a circular no país a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Apesar de a *Gazeta do Rio de Janeiro* ser considerada o primeiro jornal desenvolvido em território brasileiro, desde 1º junho de 1808 já circulava no país o *Correio Brasiliense* ou *Armazém Literário*, jornal editado por Hipólito da Costa, que vivia exilado em Londres. (BAHIA, 1990). O *Correio Brasiliense* até pode ser considerado o primeiro jornal brasileiro, isso porque, apesar de ser produzido fora do país, o periódico “discutia os problemas da Colônia e atravessava o oceano Atlântico para circular por aqui”. (MARTINS; LUCA, 2012, p.7).

O *Correio Brasiliense*, sendo produzido em Londres, teve duração de quase quinze anos e, como um periódico mensal, representou um dos principais jornais de oposição à *Gazeta do Rio de Janeiro*. Como destaca Morel (2012), o fato da *Gazeta do Rio de Janeiro*

(jornal oficial) e o *Correio Braziliense* (crítico ao governo) serem de oposição não queria dizer que eram jornais completamente divergentes. Uma análise mais atenta aos periódicos evidenciava que existiam pontos convergentes entre os dois meios de comunicação. A comparação dos dois facilmente permite concluir que ambos defendiam o regime monárquico, a dinastia Bragança, “apoiavam o projeto de união luso-brasileira e comungavam o repúdio às ideias de revolução e ruptura, padronizado pela crítica comum à Revolução Francesa e sua memória histórica durante a Restauração” (MOREL, 2012, p.31).

De acordo com Sodré (1983), o nascimento de imprensa de oposição à *Gazeta do Rio de Janeiro* tornou-se praticamente inviável, isso porque até 1827 o desenvolvimento do jornalismo continuava sendo controlado, mesmo depois da independência do país, “conquistada” em 1822. A independência não trouxe a liberdade, pois “a direita elaborou a Independência à sua feição, excluindo dela qualquer resquício de liberdade” (SODRÉ, 1983, p.57).

O controle do desenvolvimento da imprensa até 1827 não impediu o nascimento de jornais, revistas e panfletos. Por exemplo, houve “um surto de pequenos veículos, de jornais radicais e de panfletos” entre 1822 e 1831. (BAHIA, 1990, p.43). Nesse período, dois jornais - *A Malagueta*, de Luís Augustis May e *A Aurora Fluminense*, de Evaristo da Veiga - tiveram importante destaque devido principalmente à sua atuação no espaço da política partidária e das campanhas cívicas. A mesma função opositora foi desempenhada pelos famosos *pasquins*, que tiveram destaque entre 1880 e 1920.

A primeira fase do desenvolvimento da imprensa do Brasil teve como reflexo as mudanças e as agitações que estavam ocorrendo no país, tanto que a imprensa representou um papel relevante nos debates relacionados à liberdade, à abolição e ao encaminhamento do país à Independência e à República. Nesse sentido, os meios de comunicação influenciaram diretamente nas mudanças revolucionárias que aconteceram no período (BAHIA, 1990). Fator que contribuiu com a repressão da imprensa durante esse primeiro momento da imprensa brasileira.

Berço de um jornalismo político que se destaca nas lutas do povo brasileiro por instituições livres e democráticas, a pequena imprensa de oposição tem presença, mas não se consolida. Até a proclamação da República manterá o seu caráter contestador e revolucionário, atuando em quase todas provinciais. (BAHIA, 1990, p. 61)

Na primeira fase da imprensa brasileira, compreendida segundo Bahia (1990) entre 1808 e 1880, os jornais estavam mais relacionados a questões políticas. Boa parte dos periódicos era desenvolvida dentro da lógica do publicismo, em que um político se propunha a desenvolver um jornal com o intuito de propagar os seus ideais, ao passo que discutia a necessidade de mudanças no país. Bahia (1990) destaca que “José Maria da Silva Paranhos, José Clemente Pereira, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Justiniano José da Rocha, Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, José do Patrocínio, Ferreira de Araújo” foram “jornalistas e estadistas” que colocaram em circulação periódicos naquela época. (BAHIA, 1990, p.61).

A primeira fase da imprensa brasileira ficou conhecida como o período de produção artesanal, em que os periódicos apresentavam uma tiragem mais reduzida e poucas páginas, tanto que Sodré se refere aos artesanais aqueles jornais que eram facilmente feitos por uma única pessoa. (SODRÉ, 1983). Muitos desses jornais que se desenvolveram no país tiveram um caráter mais ideológico, militante e panfletário, onde opinião fazia-se muito mais importante do que a própria informação. Como expõe Bahia (1990),

É um período em que a influência de um jornal não é medida pelo seu tamanho, pela sua qualidade ou pelo seu prestígio. O que faz a medida é a forma da opinião, e esta tanto pode aparecer em uma página como em várias páginas. Não é o título o que conta. Tampouco a tradição, o peso econômico. Prevalece a ideia. O que se imprime é o que vale. (BAHIA, 1990, p. 84).

Esse período da imprensa artesanal ficou marcado pela falta de recursos técnicos e financeiros. Como destaca Sodré (1983), a produção artesanal também retrata aquele momento em que o jornalismo brasileiro ainda não apresentava nem uma linguagem própria nem um papel específico definido, devido a isso, a imprensa e a literatura eram facilmente confundidas durante esse período. “Encerrada essa fase, o jornal passará a ser empresa – pequena empresa, de início, para chegar às proporções de grande empresa, como se apresenta em nossos dias”. (SODRÉ, 1983, p.180). Como fica evidente nos textos de Sodré (1983) e Bahia (1990), o processo de transição da imprensa artesanal até a consolidação da imprensa empresarial não ocorreu da noite para o dia, pelo contrário, foi um processo lento e gradual que, além de levar muitos anos para se desenvolver, ainda não foi acompanhado de forma igualitária em todas as partes do país: “em muitos lugares, continuou-se a praticar um jornalismo que mais tinha a ver com as práticas do século XIX: jornal de um homem só, aparecido ao sabor de interesses momentâneos, de poucas páginas, repleto de opinião” (BARBOSA in LOSNAK; VICENTE, 2011, p. 19).

A segunda fase da imprensa iniciou-se em 1880 e “é um tempo de aventura industrial – mais investimentos, renovação do parque gráfico, maior consumo de papel – que abre ao jornal a dimensão de empresa”. (BAHIA, 1990, p. 105). Sodré (1983) enfatiza que um dos principais fatores que influenciaram a transição da imprensa artesanal para a empresarial foram as inovações técnicas iniciadas no fim da primeira metade do século XIX, que se define na segunda metade, quando “encerram as possibilidades da imprensa artesanal que” passaram a “refugiar-se no interior, nos pequenos jornais das pequenas cidades”. (SODRÉ, 1983, p.180).

O movimento de preparação da imprensa para se transformar em um tipo de produção industrial, que já estava sendo experimentado nos países mais avançados, começou no Brasil no final do século XIX e no início do século XX. Como bem destaca Sodré (1983), essa fase transitória encontrava-se intimamente relacionada ao desenvolvimento da sociedade capitalista. A transição para o estágio empresarial trouxe mudanças significativas no desenvolvimento da imprensa no país. De jornais e folhas efêmeras, com qualidade e penetração questionáveis – características típicas da fase artesanal – cederam espaço a jornais mais duradouros. Assim, “os novos jornais trazem, com seus títulos que se tornarão importantes, experiências e objetivos próprios das organizações industriais”. (BAHIA, 1990, p. 105). Já na transição entre o Império e a Primeira República, o *Cidade do Rio* foi um dos primeiros jornais que apresentou a possibilidade de estabilidade no país, tanto que é um dos pioneiros na utilização do modelo americano de produção e informação. (BAHIA, 1990).

Tendo em mente que as bases para o desenvolvimento da imprensa empresarial encontraram respaldo no esquema capitalista de produção, um dos principais objetivos dos jornais dessa fase industrial era encaixar-se dentro de uma lógica de linha de produção. Nesse processo, obtiveram protagonismo os aparelhos técnicos que vieram facilitar tanto a produção quanto a distribuição de periódicos. Só para se ter uma ideia, uma das primeiras inovações acompanhadas no Brasil foi a instalação do prelo *Derriey* (italiano). Importado no Brasil em 1895, o equipamento possibilitava a impressão de 5000 exemplares por hora, número inviável com tanta rapidez na produção artesanal (SODRÉ, 1983). Como muito bem argumenta Bahia (1990), “editores de jornais perceberam que associando o título a um estabelecimento gráfico, resulta daí uma empresa jornalística industrialmente viável e economicamente rentável”. (BAHIA, 1990, p. 105).

As inovações técnicas, em busca da mais ampla divulgação, acompanham e influem na tendência à uniformidade. É interessante verificar o paralelismo entre esforço técnico de produção, na imprensa, e o processo dos meios de comunicação e de

transporte, afetando o problema fundamental da grande imprensa, que é o do volume e espaço geográfico em que a notícia, ou a informação, ou a doutrinação têm influência. (SODRÉ, 1983, p.2).

Dentro da lógica de produção capitalista, a imprensa vai aos poucos substituindo o modo de produção mais manual e artesanal por “inovações mecânicas, a divisão de trabalho, a especialização, a racionalização de custos, a conquista de mercado pouco a pouco transforma a velha tipografia, aposentam superados prelos, ampliam a indústria gráfica”. (BAHIA, 1990, p. 106).

Entre os anos de 1890 e 1910 muitos jornais já haviam substituído os processos de produção mais “grosseiros e rudimentares” por equipamentos que favoreciam tanto a rapidez quanto a perfeição na impressão dos jornais, reduzindo até mesmo o trabalho dentro das gráficas, uma vez que os jornais, além de impressos com mais eficácia, saíam da máquina dobrados. A máquina rotativa Marinoni teve um papel relevante para o desenvolvimento dessa nova imprensa que se guiava por uma lógica empresarial.

A renovação do jornal e da tipografia teve início anos antes da proclamação da República, mas somente começou a se consolidar a partir do novo regime político. Como enfatiza Bahia (1990), a consolidação nesse primeiro momento esteve intimamente relacionada a quatro etapas “de desenvolvimento da tipografia: a máquina de papel, de Louis Robert (1798); a prensa mecânica, Frederico Koning (1812); a prensa rotativa, de Marinoni (1850), e a linotipo, de Mergenthaler (1885)” (BAHIA, 1990, p. 109). Barbosa (2011) lembra também que na passagem do século XIX para o XX, o cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, o daguerreótipo foram outras “tecnologias que” invadiram “a cena urbana e o imaginário social, introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos”. (BARBOSA, 2011, p. 20).

De acordo com Bahia (1990), a imprensa brasileira dos períodos da Abolição e da República já apresentava um pouco mais de solidez e estabilidade, justamente devido a “uma tipografia mais bem reaparelhada, renovada em relação aos anos pioneiros, graça à importação de tipos e prelos”. (BAHIA, 1990, p. 107). Martins e Luca (2012) argumentam que, além das evoluções técnicas de impressão, “o investimento na alfabetização e os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel” influenciaram diretamente tanto na transição da imprensa quanto na sustentação do projeto empresarial. (MARTINS; LUCA, 2012, p. 84). Bahia (1990) ainda lembra que:

Esse processo de desenvolvimento do jornalismo, em cuja base se acha a tipografia, corresponde ao próprio desenvolvimento da economia. Na primeira metade do século XIX, o passivo colonial, a crise financeira, o analfabetismo e a instabilidade política bloqueiam toda a produção cultural brasileira e, de modo particular, toda a imprensa. (BAHIA, 1990, p. 108).

Apesar das novas tecnologias terem uma contribuição significativa para o processo de industrialização da imprensa, não só isso foi necessário para incorporar a produção jornalística dentro de uma lógica empresarial. Outros aspectos tiveram destaque nesse processo, como a linguagem e a essência do jornal. Dessa forma, em oposição à primeira fase da imprensa brasileira, o “jornalismo mais literário e mais político” deixou de atender “as exigências da sociedade, de um país em transformação, ávido por incorporar os avanços da comunicação”. (BAHIA, 1990, p.108). Os jornais deixam o caráter literário em segundo plano para ceder prioridade a textos mais noticiosos. Barbosa (2011) enfatiza que é diante desse processo que, no século XX, o jornalismo se definiu com uma profissão autônoma, não mais precisando utilizar como referência, por exemplo, o campo literário e o político.

O século XX traz outra novidade para o jornalismo brasileiro. A partir desse momento, a notícia assumiu dentro das redações um caráter prioritário. “Essa descoberta procede de novo impulso editorial na cobertura dos fatos do dia desde os últimos cinco anos dos Oitocentos”. (BAHIA, 1990, p. 131). Nesse momento, a informação diária, a publicação de jogo de bicho, de folhetins, assuntos esportivos, internacionais e policiais, bem como a preocupação com ocorrências locais adquirem relevância no jornal. Como expõe Barbosa (2011) e Martins e Luca (2012), a incorporação do entretenimento, do sensacionalismo e de outros recursos tinha um objetivo: conquistar um número cada vez maior de leitores. Bulhões (2007) lembra que o jornal “em uma condição próxima à de mercadoria, estará cada vez mais destinada a incitar a curiosidade do público, trazendo ‘satisfação’ aos clientes-leitores do jornal diário”. (BULHÕES, 2007, p.102). Entretanto, ao mesmo tempo em que as novidades ganhavam mais espaço nas páginas dos jornais, acompanhavam-se o enfraquecimento dos relatos políticos.

O tímido registro de um acontecimento, manipulado pela restrição de opinião ou pelo rigor do critério de importância, dá lugar a procedimentos flexíveis, ágeis, dinâmicos que transformam ocorrências em reportagens e simples registros em detalhados relatos. Pouco a pouco as redações acolhem repórteres, noticiaristas, setoristas. (BAHIA, 1990, p. 131)

No ano de 1915, o *Estado de S. Paulo* anunciou em seu editorial alguns aspectos da produção industrial presente na imprensa. Na prática, o processo de industrialização era “comprovado pelo reaparelhamento gráfico e editorial, pela descoberta de novas áreas de cobertura, além da política – os esportes, principalmente o futebol, o carnaval, eventos populares –, e pelo crescimento da fatura publicitária”. (BAHIA, 1990, p. 150). Para Martins e Luca (2012), ao longo do tempo de adequação, a produção jornalística moderna foi se definindo e adquirindo uma configuração própria. Assim, as páginas dos jornais passaram a ser preenchidas com reportagens, entrevistas, crônicas, notas. Além disso, há um momento gradativo de separação entre a opinião e a informação, que deixaram de fazer parte de um mesmo texto. “Nesse processo a criação de profissionais especializados na redação foi fundamental”. (BARBOSA, 2011, p. 20).

Antes das técnicas de impressão e dos conteúdos dos jornais, a modernização do país também teve uma função primordial no que tange ao processo de industrialização da imprensa. A incorporação do sistema de correios do telégrafo, assim como de ferrovias, rodovias, linhas aéreas, meios de transportes, telefone e telex facilitaram não só a aquisição de informação, mas também a distribuição. Como destacam Martins e Luca (2012) “a otimização técnica advinda da introdução do telégrafo e do cabo submarino passou a dar sustentação à produção do jornal, transformando-o em negócio potencialmente rentoso”. (MARTINS; LUCA, 2012, p. 71).

Para que o projeto empresarial se consolidasse na década de 1960, “um tortuoso caminho foi percorrido pela imprensa brasileira, que passou por reformas gráficas e assistiu à implantação de normas de elaboração de textos que padronizavam seu produto final” (FARO, 1999, p.76). Como argumenta Hohlfeldt (2011), a concretização do estágio empresarial da imprensa tornou-se ainda mais veemente nos anos 1950, quando o modelo norte-americano se sobressaiu no Brasil em oposição à tradição francesa que até então estava presente nos periódicos brasileiros. Com essa mudança, o lide, a pirâmide invertida, assim como as ideias de neutralidade, de objetividade e de transparência assumiram papel de destaque dentro das redações jornalísticas. “No Brasil, a implementação da cartilha americana do fazer jornalístico foi realizada inicialmente pelo *Diário Carioca*, de Danton Jobim e Pompeu de Souza, em 1951, aportado depois no *Jornal do Brasil* e *Última Hora*” (BULHÕES, 2007, p.136). É justamente nesse momento em que se consolidaram as grandes empresas jornalísticas. Nesse estágio, a publicidade passa a ser a prioridade dos jornais, por ser a principal fonte de renda e, ao mesmo tempo, a informação, definitivamente, adquiriu mais importância quanto ao seu

valor de troca do que ao seu valor de uso – “vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria” (SODRÉ, 1983, p 274-275).

A lógica empresarial que passou a ter melhor definição nas décadas de 1950 e 1960 gerou, como nos Estados Unidos, um movimento de oposição, interessado em protagonizar um rompimento com todas as técnicas de produção jornalística da grande imprensa. Nesse caminho, inspirados no *New Journalism*, foram idealizados no Brasil a revista *Realidade e o Jornal da Tarde*, dois projetos brasileiros que buscaram na literatura uma nova forma de produzir notícia (BULHÕES, 2007); (FARO, 1999); (LIMA, 2009). Assim, por meio do jornalismo literário, esses veículos de comunicação criaram uma nova lógica de produção jornalística diferente da proposta pela grande imprensa.

A revista *Realidade* foi criada dentro do contexto da ditadura civil-militar brasileira, oficializada em 1964 com o golpe civil-militar. O período de auge da revista está situado entre os anos de 1966 e 1968. Neste momento em que a revista esteve em alta, nasceu no Rio de Janeiro o jornal *O Sol*, que também tinha uma produção baseada no jornalismo literário. Como ficará mais evidente a seguir, quando será discutida a história do jornal alternativo, a influência norte-americana pode ter chegado a *O Sol* por meio da influência da revista *Realidade*.

Como será visto ao longo da dissertação, trazer essa discussão em torno da efetivação do jornalismo como uma produção empresarial ajuda a entender um pouco os aspectos que influenciaram diretamente na lógica de produção jornalística utilizada pela equipe do jornal alternativo *O Sol*. No próximo capítulo, que discutiremos mais a fundo as características e a história do periódico, será percebido que o jornal nasceu sob os princípios de recusa da lógica mercadológica e se fundamentou no jornalismo literário. Entretanto, antes de passar para o jornal, a seguir apresentaremos um histórico sobre a imprensa alternativa que se desenvolveu durante a ditadura civil-militar, isso porque além de um jornal influenciado pelo *New Journalism*, *O Sol* também foi um importante jornal alternativo.

3.3 Imprensa alternativa

Durante a década de 1960, inicia-se um novo estágio de imprensa alternativa no Brasil. O começo dessa nova imprensa se deu mais especificamente no ano de 1964, após a concretização do golpe civil-militar. A inauguração de um período caracterizado pela violência física e psicológica e, sobretudo, pela omissão de fatos potencializou a necessidade de veículos alternativos de comunicação.

O fenômeno da imprensa alternativa não é uma novidade, muito menos uma exclusividade do regime militar. De acordo com o jornalista Márcio Bueno (1986), a associação entre a ditadura e o nascimento dos meios alternativos criou brechas para interpretações errôneas em alguns momentos da história. Um dos erros que se tornou frequente girou em torno da afirmação de que a imprensa alternativa teria iniciado com o governo militar brasileiro e deixado de existir com o fim do regime. Na contemporaneidade, sabemos que isso não se confirma, pois encontramos na história do país vários momentos de fortificação de veículos de comunicação considerados alternativos, como, por exemplo, *Bundas*, revista alternativa lançada em 1999. O que diferencia cada advento da imprensa alternativa são as suas características e seus motivos de existência, fatores intimamente relacionados ao contexto histórico em que o veículo está inserido.

Para Bernardo Kucinski (2001), os veículos alternativos originários dentro do regime militar buscaram inspiração em outras experiências desenvolvidas ao longo da história do país. Diante dessa informação, pode-se afirmar que, assim como vários outros grandes movimentos ou correntes, a imprensa alternativa teve como referência produções anteriormente experimentadas no Brasil. A essência para o desenvolvimento dessa nova imprensa foi buscada na produção dos antigos pasquins dos anos de 1880 a 1920. De acordo com o autor, essa influência ficou mais nítida, sobretudo na década de 1970, principalmente, entre 1975 e 1977.

Apesar de complexo, o fenômeno alternativo teve contornos nítidos no tempo, como outros surtos da história do nosso jornalismo, entre os quais o dos pasquins irreverentes e panfletários do período da Regência, que atingiu o seu apogeu em 1830 com cerca de cinquenta títulos, e o dos jornais anarquistas de operários, meio século depois (1880-1920), com quase quatrocentos títulos. Nos três momentos, pequenos jornais sem fins mercantis, produzidos precariamente, às vezes por um homem só, como eram muitos pasquins, dirigiam-se à sociedade civil e às classes subalternas criticando o Estado e propondo mudanças. A imprensa alternativa dos anos de 1970 pode ser vista, no seu conjunto, como sucessora da imprensa panfletária dos pasquins e da imprensa anarquista, na função social de criação de um espaço público reflexo, contra-hegemônico. Especialmente no seu apogeu, durante o triênio 1975-1977, quando o padrão alternativo tornou-se dominante, com a circulação simultânea de todos os oito grandes somando até 160 mil exemplares por semana. (KUCINSKI, 2001, p.10)

Como lembra Márcio Bueno (1986), alguns anos antes da concretização do golpe, vários veículos populares e alternativos de comunicação foram criados. Entre eles, podemos destacar *O Binômio*, *O Seminário*, *Novos Rumos*, *O Panfleto* e *Brasil Urgente*. Idealizados para informar os anseios e as reivindicações de uma parte da população que lutava pelas reformas de base que se popularizariam, posteriormente, com o presidente João Goulart, esses

meios de comunicação foram oprimidos e, conseqüentemente, silenciados. Diante desse fato, os próximos veículos alternativos seriam criados já no contexto da ditadura civil-militar.

De acordo com Chinem (1995), no Brasil, a expressão imprensa alternativa é usada pela primeira vez por Alberto Dines, na década de 1970. A denominação passou a apresentar contornos mais nítidos a partir da segunda edição do *Novo Dicionário*, editado por Aurélio Buarque de Holanda, quando o editor introduz uma nova definição para a palavra alternativa – algo “que não está ligado aos interesses ou tendências políticas dominantes (...)”. (CHINEM, 1995, p.8). Assim, se lembrarmos de que os primeiros veículos brasileiros fora dos princípios convencionais de comunicação tiveram origem no começo do século XIX, podemos considerar a utilização do termo alternativo recente.

Alberto Dines, que já tinha editado o *Jornal do Brasil* e dirigia a sucursal da *Folha de S. Paulo* no Rio, em julho de 1975 começava uma coluna dominical chamada “Jornal dos Jornais”, a precursora do *ombudsman* dos anos 90. Dines fez um comentário sobre uma imprensa que, na época, chamou de imprensa do leitor, independente, *underground* ou undigrúdi, e era a única que fazia pergunta, a única que questionava. O escritor João Antônio observou em uma crônica no *Pasquim* que os grandes jornais estavam querendo imitar os nanicos. E criou o termo “imprensa nanica”. Foi Dines quem, aproveitando uma ideia norte-americana, lançou a expressão “imprensa alternativa”. Para ele, a função dessa imprensa era realmente tentar fazer uma alternativa. Alternativa não apenas de noticiário, mas de mercado, de postura, de organização acionária. E Aurélio Buarque de Holanda em seu *Novo Dicionário* consagrou a expressão “imprensa alternativa” como exemplo do termo “alternativo”. (CHINEM, 1995, p.18).

Levando em conta a consideração de Holanda e os conhecimentos desenvolvidos ao longo dos meios alternativos de comunicação, podemos definir os veículos alternativos de acordo com dois princípios básicos. O primeiro deles é o fato de representar um seguimento de resistência contracultural. Como muito bem pontua Festa (1986, p. 11), “os movimentos sociais não ocorrem por acaso. Eles têm origem nas contradições sociais que levam parcelas ou toda uma população a buscar formas de conquistar espaço democrático negado pela classe no poder”. Assim,

Essas contradições são as que geram processos de resistência em momentos de repressão social, de convergência histórica em momentos de acumulação de forças por parte da oposição, ou de desarticulação dessas mesmas forças quando as contradições internas que as geraram encontram-se incapazes de articular uma alternativa histórica. Portanto, os movimentos sociais existem em sociedades tensionadas por conflitos de interesse entre as classes sociais. Neste sentido, os movimentos sociais estruturam-se de acordo com a conjuntura, com interesses de grupos específicos, classes ou extrações de classes e em torno de projetos alternativos de sociedade. (FESTA, 1986, p.11).

O segundo princípio seria o fato dos veículos alternativos se desenvolverem em contraposição aos modos de produção da imprensa dominante. Diante dessa contradição, autores como Abramo (1997) defendem que a imprensa alternativa tem uma relação de dependência com a grande imprensa. De acordo com o autor, é necessário que existam os meios convencionais para que os alternativos possam “dizer o contrário ou completar o que não fora dito, corrigir o dito, desmistificar a distorção, desvendar os mistérios reais habilmente escondidos pelas palavras oficiais. Enfim, clarear o obscuro” (ABRAMO in PEREIRA FILHO, 2004, p. 70).

A criação dos jornais alternativos de comunicação idealizados durante o regime militar foi impulsionada por alguns fatores cruciais. Como foi visto, as vésperas do golpe civil-militar, a opressão havia sido utilizada para o silenciamento dos principais veículos de comunicação popular. De acordo com Kucinski (2001), com o fim das experiências em torno dos jornais populares anteriores ao regime militar, iniciou-se a formação de um oligopólio na imprensa brasileira formado por cinco famílias: “em São Paulo, os Mesquitas, proprietários do grupo OESP, e os Frias, donos da empresa Folha da Manhã; no Rio de Janeiro, as famílias Marinho, d’O Globo, e Nascimento Brito, do Jornal do Brasil; no Sul, a família Caldas Júnior” (KUCINSKI, 2001, p. 23).

Como consequência do golpe civil-militar, apoiado pelos donos dos principais meios de comunicação da época, os veículos tradicionais passaram a desempenhar um papel complacente ao regime. Em vários momentos, a grande imprensa divulgou informações questionáveis, mas que reafirmavam as “verdades” impostas pelo governo, como a falsa ilusão de um milagre econômico nos primeiros anos da ditadura e a campanha de abertura política. Além disso, esse período ficou caracterizado pela homogeneização de informação, principalmente nos meios convencionais que trabalhavam os mesmos assuntos e com enfoques muito semelhantes.

Outro fator que caracterizou a grande imprensa durante o regime militar foi a autocensura. Para Kucinski (2001), os donos dos meios de comunicação da grande imprensa fizeram uso da autocensura, a fim de evitar conflitos diretos com os militares que poderiam se converter em prejuízos financeiros para suas empresas de comunicação. Assim, pode-se dizer que as ideias de veículos alternativos de comunicação nascem dentro desse contexto de complacência e de ineficiência da imprensa local.

Os primeiros jornais alternativos nasceram no vazio deixado pelo desbaratamento da imprensa vinculada ao campo popular e pelo estreitamento do espaço crítico na grande imprensa. O golpe completava um ciclo de fechamento progressivo de jornais e revistas de esquerda e de concentração de capital nos jornais convencionais, que começou em meados dos anos de 1950 com o fechamento dos jornais do Partido Comunista, colocado na ilegalidade, e se agravou com a política de estabilização monetária de Lucas Lopes que suprimiu o câmbio diferenciado para a importação de papel em dezembro de 1961, o que multiplicou o seu preço. (KUCINSKI, 2001, p.8)

Além da complacência da grande imprensa, outros fatores impulsionaram a idealização de aproximadamente trezentos jornais alternativos que circularam no período (CHINEM, 1995). O mais evidente deles é o combate ao regime autoritário. Como mostra a história, a ascensão dos militares ao poder acarretou um aumento gradativo da repressão e da violação dos direitos humanos. Assim, a insatisfação com o recrudescimento da violência e do autoritarismo mobilizou membros da sociedade a juntarem força para lutar contra o governo militar, fundando assim os jornais alternativos que se tornaram veículos de resistência. Vale lembrar que os adeptos da imprensa alternativa não contestaram apenas o governo militar, eles também combateram a imposição do imperialismo e do capitalismo.

De acordo com Kucinski (2001), os jornais alternativos da ditadura podem ser agrupados em duas classes: uma marxista e outra existencialista. Para o autor, a primeira tinha um cunho político caracterizado pela valorização de princípios nacionais e populares da década de 1950, bem como os ideais marxistas incorporados pelos estudantes nos anos de 1960. “Em geral pedagógicos e dogmáticos, os jornais alternativos políticos foram, no entanto, os únicos em toda a imprensa brasileira a perceber os perigos do crescente endividamento externo, ainda em 1973, e o agravamento das iniquidades sociais”. (KUCINSKI, 2001, p.5)

Já os jornais existencialistas foram idealizados por jornalistas que recusavam os discursos ideológicos. Diferente dos marxistas, esses estavam “mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, tinham suas raízes nos movimentos de contracultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre” (KUCINSKI, 2001, p.6). Como enfatiza Kucinski (2001), os jornais existencialistas contestaram, principalmente, os costumes e os princípios de moralidade defendidos pelos militares, muitos deles questionáveis no período.

Apesar das especificidades de cada jornal alternativo, Kucinski (2001) argumenta que existiam alguns traços de similaridade entre os periódicos alternativos, como o “combate político-ideológico à ditadura, na tradição de lutas por mudanças estruturais e de crítica

ortodoxa a um capitalismo periférico e ao *imperialismo*, dos quais a ditadura era vista como uma representante” (KUCINSKI, 2001, p.6). Além disso, outro traço comum entre os jornais alternativos foi o repúdio aos princípios capitalistas, caracterizado pela produção em série, pelo lucro e pela exploração. Assim, para o autor,

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representativo pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob autoritarismo, que se encontra o nexos dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. (KUCINSKI, 2001, p.6)

Além da criação ideológico-cultural, a imprensa alternativa serviu também como espaço para a reorganização política e ideológica da esquerda, tanto que em muitos momentos “a história das esquerdas brasileiras praticamente se confunde com a história da imprensa alternativa” (KUCINSKI, 2001, p.7). Isso foi tão forte que, até mesmo aqueles jornais que não tinham posicionamento, acabaram por serem dominados pelas práticas partidárias, como exemplo, *Versus* e *De Fato*.

Uma parte da imprensa alternativa tornou-se sucedânea de organizações políticas clássicas. Através do MOVIMENTO, o líder político clandestino Duarte Brasil Lago Pacheco Pereira, antigo dirigente da Ação Popular (AP), lançou e desenvolveu a primeira e mais influente campanha pela convocação de uma Assembleia Socialista Constituinte. Através de VERSUS, o clandestino Partido Socialista dos Trabalhadores lançou, em 1978, a primeira proposta de um partido socialista legal e de massas do período da abertura. Dentro do EM TEMPO, os grupos Centelha, de Belo Horizonte, e Nova Proposta, de Porto Alegre, conheceram-se e se uniram, fundando em 1979 a organização Democrática Socialista (DS), ligada à IV Internacional. As campanhas de vendas de assinaturas eram também campanhas de ampliação partidárias. Os jornais alternativos tornaram-se palcos de uma realização sócio-política, em cujos bastidores dava-se uma disputa política e ideológica permanente. (KUCINSKI, 2001, p.7)

Desse modo, a imprensa alternativa desenvolvida durante o regime militar brasileiro tinha alguns princípios básicos, como “o de algo que não” estava “ligado a políticas dominantes, o de única saída para a situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam” (KUCINSKI, 2001, p.5). Diante desses objetivos, Kucinski (2001) defende em seu livro *Jornalista e Revolucionário: nos tempos da imprensa alternativa* que, no período da ditadura civil-militar, existiram pelo menos sete gerações distintas de jornais alternativos.

De acordo com o autor, a primeira fase teve início em 21 de maio de 1964, quando Millôr Fernandes lançou o jornal alternativo *Pif-Paf*, e chegou ao fim com o fechamento da *Folha da Semana* em 1966. Esse período foi caracterizado pelo “desmoronamento do universo político do populismo, sem que a maior parte da esquerda suspeitasse da dimensão a ser adquirida pela mudança” (KUCINSKI, 2001, p.18).

A segunda geração, fundamentada em “um novo imaginário oriundo da revolução cubana, da proposta de uma guerrilha continental, da teoria dos focos de Régis Debray” (KUCINSKI, 2001, p.18), desenvolveu-se a partir de 1967 e foi representada por jornais como *O Sol*, *Poder Jovem* e *Amanhã*.

Após o recrudescimento do regime com a implantação do AI-5 em dezembro de 1968, a terceira e a quarta fase foram estabelecidas a partir de meado de 1969. Esses momentos caracterizaram-se pela união de pessoas que simpatizavam com a imprensa alternativa, dando espaço para a formação das gerações mais ricas, “incluindo os primeiros seminários de circulação nacional sob o signo da resistência política-cultural, entre os quais *O Pasquim* e *Opinião*” (KUCINSKI, 2001, p.18)

A quinta fase se desenvolve de 1971 a 1972, tendo como representantes os jornais *Grilo* e *Balão*, que tiveram como principais características o humor pesado. Em 1974, foi o ano em que teve início a sexta geração que, representada pelos jornais *Versus* e *Movimento*, fundamentou-se no ativismo político. A última fase iniciou-se em 1977 e ficou conhecida como o período da criação dos jornais comprometidos com vários assuntos e voltados a questões minoritárias, como os jornais de anistia, regionais, trabalhistas e feministas.

De acordo com Chinem (1995), de 1964 a 1980, aproximadamente 300 jornais foram fundados e, por fim, fechados. Esse elevado número de periódicos alternativos esteve intimamente relacionado à falta de atuação da grande imprensa que cedeu às exigências do governo para evitar os prejuízos econômicos resultantes das apreensões e da censura aos jornais. Como argumenta Festa (1986), durante a ditadura,

A verdadeira tarefa de comunicar e relacionar os acontecimentos ocorridos no círculo de poder, no interior da sociedade civil e entre os movimentos populares coube, efetivamente, à imprensa alternativa e popular, apesar de todas as limitações. Na medida em que surgiram polos de resistência social apareciam os meios de comunicação, que através de intelectuais de oposição ou de grupos partidários que, corajosamente, lançaram jornais tabloides (conhecidos no início como imprensa nanica, isto é, pequena); quer através das publicações que surgiram nas CEBs, Associações de Moradores, Sociedade Amigos de Bairro, Movimento do Custo Vida, Favelados. Movimento da Terra nos clandestinos, no meio operário, rural, etc. (FESTA, 1986, p.16)

Com a função de tentar divulgar os assuntos proibidos pelo governo militar, a imprensa alternativa conquistou a sociedade civil. Prova disso foram os incentivos e colaborações que jornalistas e militantes deram a esses periódicos. De acordo com Kucinski (2001), “os jornais eram apoiados, com dinheiro e matérias, por jornalistas que continuavam trabalhando na imprensa convencional, e por artistas que organizavam shows para angariar recursos” (KUCINSKI, 2001, p.9). O *Movimento*, por exemplo, foi um dos jornais que dependeu da ajuda financeira de terceiros para se manter por alguns meses.

Achamos mais de trezentas pessoas que deram dinheiro, alguns uma cota, alguns mais de uma até 10 cotas, alguns empresários, um monte de jornalistas, de sindicalistas, professores. Aí arrumamos o dinheiro para fazer o jornal *Movimento* que saiu em julho.¹²

Além do compromisso com a informação, os jornais alternativos apresentavam algumas inovações com relação aos meios de comunicação tradicionais: tinham pautas próprias e, muitas vezes, uma forma linguística e estrutural completamente diferente do da grande imprensa. Como retrata Kucinski (2001), uma parte significativa dos alternativos apresentava uma linguagem mais popular, comum e ouvida rotineiramente no convívio social. O *Pasquim*, por exemplo, além do linguajar popularesco, ficou conhecido por lançar vários neologismos, como “putsgrila”, “sifu”, “top-top”, “sacumé”. Outra inovação do periódico esteve relacionada às entrevistas, que eram gravadas e reproduzidas na íntegra e sem qualquer tipo de edição.

As inovações não ficaram restritas ao campo linguístico. O *Pasquim* trouxe novidade na arte de criar tiras humorísticas e charges políticas no Brasil. Além disso, ele ainda foi visto como inovador no formato do jornal, “pois na época todo mundo dizia que tabloide era loucura, que podia não dar certo, essas coisas” (CHINEM, 1995, p.44). Assim, Chinem (1995) lembra que “no *Pasquim* se desenhava e se escrevia de maneira muito pessoal, uma das marcas da publicação” (CHINEM, 1996, p.49). Outro jornal que inseria na produção diária novas formas de fazer jornalismo foi *O Sol*, que será melhor estudado a partir do próximo capítulo. De acordo com Clarice Herzog, as singularidades da imprensa alternativa eram recebidas com agrado por muitos cidadãos brasileiros.

¹² Depoimento de Raimundo Pereira no documentário *Resistir é preciso...*, produzido e dirigido por Fábio Magalhães, em 2011, por meio de uma iniciativa do Instituto Vladimir Herzog.

A gente não vivia sem ler a imprensa alternativa, o *Ex*, *Opinião*, *Movimento*. A gente ansiosamente procurava esse material. Quando chegava em casa, eu parava tudo. Nem os filhos podiam pedir nada. A gente tinha primeiro que saber as coisas que estava acontecendo, as coisas que viam, né? As delícias que viam, como era escrito bonito, gostoso. Não era só informação, não era só conteúdo, era a forma que eles colocavam, que era uma delícia.¹³

Apesar de agradar boa parte da população, os jornais alternativos tiveram muitas dificuldades para se manter durante o regime militar. Os principais empecilhos foram a instabilidade econômica e as repressões militares por meio das censuras e das apreensões de jornais. Assim, devido às constantes repressões, esses jornais tiveram curto período de duração. Como afirma Kucinski (2001), “do universo levantado de cerca de 150 jornais, um em cada dois não chegava a completar um ano de existência. Vários ficaram apenas nos primeiros dois ou três números” (Kucinski, 2001, p.12). Dentre esses periódicos, apenas um chegou a durar mais de dez anos: o jornal humorístico *Pasquim* (1969-1991).

Mesmo diante do curto tempo de duração, os jornais alternativos foram usados como os principais meios de denúncia de casos de corrupção, de torturas, de desaparecimento e assassinato de militantes, de censura e outros assuntos proibidos pelos militares de serem divulgados. De acordo com Kucinski (2001), “os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico” (KUCINSKI, 2001, p.5). Festa (1986) afirma que a autêntica história das lutas populares e “dos movimentos sociais durante os anos 70 foi inteiramente registrada pela imprensa alternativa. Esses pequenos jornais – com tiragens entre 5 e até 200 mil exemplares (*O Pasquim*) – conseguiram inscrever as classes sociais no cenário nacional dessa época” (FESTA, 1986, p.17 e 18).

Durante todo o período de controle da informação pelos militares, diferentes meios alternativos adquiriram prestígio. No campo humorístico, tornou-se referência o *Pif-Paf* – primeiro jornal alternativo do período –, lançado por Millôr Fernandes, após perder espaço na grande imprensa. Além dele, teve o *Pasquim*, periódico com maior tempo de existência e um dos que, no início, teve poucas tiragens, mas chegou a vender cerca de 200 mil exemplares.

Voltados mais para as questões políticas, destacaram-se jornais como *Movimento*, *Opinião*, *Resistência*, *Amanhã*, que procuravam criar um espaço alternativo para a discussão dos assuntos políticos brasileiros. Com uma linha editorial de cunho cultural, adquiriram

¹³ Depoimento de Raimundo Pereira no documentário *Resistir é preciso...*, produzido e dirigido por Fábio Magalhães, em 2011, por meio de uma iniciativa do Instituto Vladimir Herzog.

evidência os jornais *O Sol* e *Poder Jovem*. Além desses, foram criados muitos periódicos comprometidos com as causas minoritárias.

Produzido em Londrina por Joana Lopes, o *Brasil Mulher* foi um jornal feminista da época. Além dele, lutavam pelas mesmas causas o *Correio da Mulher* e *Nós mulheres*. Ainda no seguimento das minorias, fundou-se no Rio de Janeiro o *Lampião d'Esquina*, endereçado ao público gay. A produção alternativa durante o governo militar caracterizou-se pela diversidade, tanto que tiveram também os jornais de anistia, os sindicalistas, os trabalhistas, entre outros.

Apesar das dezenas de jornais alternativos, “eram quase as mesmas pessoas que apareciam e reapareciam em diferentes jornais e situações” (KUCINSKI, 2001, p.19). Durante o período, muitas pessoas tornaram-se grandes colaboradores de muitos periódicos da imprensa alternativa, como Ziraldo, Henfil, Jaguar, Martha Alencar e Zuenir Ventura.

Em *Jornalista e Revolucionários*, Kucinski (2001) defende a tese de que o enfraquecimento e fechamento dos jornais alternativos estavam mais relacionados a problemas internos da redação, de conflitos de ideias entre os membros da esquerda e das cisões dentro dos jornais do que propriamente a repressão empregada pelos militares. Pode-se considerar plausível a afirmação do autor para jornais como *Movimento*, *Amanhã*, *Versos*, *Em tempo*, *De fato*. Vale ressaltar que, embora o estopim para o fim desses periódicos seja outro, não há como negar que, de certa forma, a repressão militar influenciou a efemeridade destes jornais. A opressão pode ser considerada um fator para o acirramento das diferenças e o aumento dos conflitos entre os jornalistas, bem como um ponto chave para gerar o desânimo que resultou, muitas vezes, no fim de alguns jornais alternativos.

Entretanto, não é aconselhável transformar a tese de Kucinski (2001) em uma fórmula única. Se formos levar em consideração a história de jornais, como *Pif-Paf*, *O Sol* e *Ex*, é facilmente perceptível que a efemeridade destes periódicos está intimamente relacionada à repressão militar. Fundado seis meses após a concretização do golpe civil-militar, *Pif-Paf* teve oito edições e circulou por quatro meses. O fechamento do periódico humorístico ocorreu após a apreensão da última edição, em que foi publicada uma fotomontagem do presidente Castelo Branco. “Apreendido em Niterói, o distribuidor não quis pagar a tiragem, seus donos ficaram sem dinheiro para imprimir o número 9 e acabou o *Pif-Paf*” (CHINEM, 1995, p.32). *Ex* chegou ao fim depois da publicação da terceira edição, em que estampava na capa o busto de Nixon de roupa de presidiário. A apreensão do jornal e a prisão do editor Sergio de Souza foram o estopim para o fechamento do jornal. O mesmo aconteceu com *O Sol*. Como será

possível ler ao longo deste trabalho, a efemeridade do periódico esteve intimamente relacionada à repressão do governo da época.

Vale ressaltar também que o fenômeno da imprensa alternativa não ficou contido apenas no território brasileiro durante as décadas de 1960, 1970 e 1980. À época, outros países da América Latina também foram vítimas de golpes militares financiados pelos Estados Unidos, como o Chile, o Uruguai e a Argentina. Assim, diante dos mesmos motivos, jornalistas desses países também propuseram a criação de nova imprensa, a alternativa.

Enfim, no momento em que os veículos de comunicação definhavam e o regime ditatorial aprimorava as técnicas de silenciamento, a imprensa alternativa tornou-se um dos principais meios de combate e resistência à ditadura civil-militar brasileira. Além disso, foi também um espaço para as discussões políticas e sociais e, como lembra Kucinski (2001), para “enfrentar a solidão, a atomização e o isolamento em ambiente autoritário” (KUCINSKI, 2001, p.10). Entretanto, tudo isso foi pretexto para a incorporação da repressão militar (censura, terrorismo e violência) que, direta ou indiretamente, traçou o curto prazo de validade de muitos jornais da imprensa alternativa.

3.4 Censura

Com a efetivação do golpe civil-militar, concretizou-se a primeira etapa de censura, manifestada pela perseguição, pela prisão e pela tortura. Diante das diferentes violências usadas pelos golpistas, os movimentos perderam forças e finalmente foram silenciados. De acordo com Reis filho (2002), este processo de repressão, de certa forma, teve um efeito sobre a sociedade.

O resto de nossa história não poderá perder de vista essa referência absolutamente capital. Grande parte da sociedade foi calada, ou calou-se, atônita, amedrontada e insegura, o que é próprio de quem perdeu o rumo. Daí em diante, salvo pequenos – e curtos – surtos de febres, e até meados dos anos de 1970, os trabalhadores mais conscientes lamberão, suas feridas no silêncio constringidos de um cerco fechado, tentando recompor alternativas. (REIS FILHO, 2002, p 438).

Fica patente que a censura era um dos alicerces do governo militar, isto é, o regime jamais poderia ser mantido sem um programa muito bem arquitetado para calar a oposição. Desde o início, a aliança com os grandes proprietários só tinha um objetivo: a tomada do poder. A partir daí, durante as duas próximas décadas que os militares estiveram no comando,

eles buscaram aperfeiçoar constantemente suas técnicas censórias a fim de silenciar todos aqueles que tentavam se opor ao regime. Como ressalta Chinem (1995),

As exorbitâncias não se restringiam aos presos políticos. O juiz Edson Deliberador, presidente do Tribunal do Júri de Londrina, no Paraná, lembra que, em 1980, a cada meia hora recebia advogados ou pessoas denunciando diretamente arbitrariedades de polícia local. Prisões irregulares, tortura, corrupção e extorsão: as denúncias eram tantas que para atender a todas seria necessária a criação de uma vara privativa somente para processar policiais. (CHINEM, 1995, p.18)

No decorrer do regime militar, a lista em relação ao número de mortos e de desaparecidos políticos aumentou substancialmente. Segundo Chinem (1995), a soma de vítimas chegou a 240. Alguns dados apresentados pela Arquidiocese de São Paulo ainda computam 1843 casos de torturas, 144 pessoas desaparecidas em consequência da repressão política, 98 pessoas mortas por grupos de esquerda, 238 políticos cassados em 1964, “2823 pessoas condenados à prisão pela Justiça Militar e 50 mil pessoas detidas nos primeiros meses após o golpe”. Como registra Chinem (1995), só nos 13 primeiros anos da ditadura, 4682 cidadãos foram cassados. “Quase um terço destes militares: 1261. Mais de 300 professores. Quase 500 legisladores eleitos pelo voto popular (deputado federal, estadual e vereador) e 50 chefes do Executivo (governadores e prefeitos). Três ex-presidentes: Jango, Jânio e Juscelino” (CHINEM, 1995, p.18).

As cassações, as prisões e as censuras eram ferramentas usadas pelos militares para silenciar a população a fim de preservar o regime ditatorial. De acordo com Aquino (1999), “encarava-se como necessário o controle da informação a ser divulgada, para preservar a imagem do regime, num exercício de ocultação que” passou, “inclusive, pela negação de visibilidade, ao leitor, de suas próprias condições de vida” (AQUINO, 1999, p.15).

Apesar da censura à imprensa ter realmente se efetivado a partir do AI-5, ela foi experimentada logo após a concretização do golpe de 1964. No primeiro ano da ditadura, Millôr Fernandes lançou o primeiro jornal alternativo do período, o *Pif-Paf*. De acordo com Kushnir (1988), o jornal circulou no Rio de Janeiro por poucos meses, pois, diante das censuras e pressões militares, o grupo foi obrigado a pôr fim à publicação.

Se antes a censura já era empregada, depois da imposição do AI-5 as coisas tornaram-se ainda mais frequentes e desproporcionais. Os primeiros processos censórios foram efetuados logo após a instauração do novo ato. Como afirma Aquino (1999), “a apreensão do *Jornal da Tarde* e de *OESP*, além de outros periódicos, entre os dias 13 e 14 de

dezembro de 1968, na realidade, representa apenas um entreato do longo drama que a história da censura à imprensa escrita traçou” (AQUINO, 1999, p.54).

De acordo com Marconi (1980), durante o regime militar, várias formas de censuras foram utilizadas pelos militares para silenciar a imprensa. Os primeiros métodos autorizados pelos militares para exercer o controle das informações divulgadas pelos meios de comunicação foram os bilhetinhos e os telefonemas. A princípio, os assuntos considerados impúblicáveis chegavam às redações dos jornais por meio de agentes da Polícia Federal, que além de entregar o bilhete com a censura, exigiam que o jornalista assinasse um termo, alegando o recebimento e o cumprimento das normas. De acordo com Aquino (1999), “os bilhetinhos (e *as proibições*) cresceram rapidamente de 1970 a 1973; 1973 e 1974 representaram o auge, decaindo aceleradamente a partir daí” (AQUINO, 1999, p.235). Como afirma Marconi (1980), esse decréscimo caracterizou uma transição na ação censória utilizada: “Se no princípio um agente federal levava os bilhetinhos pessoalmente, depois, um simples telefonema avisando que este ou aquele assunto estavam proibidos era o bastante para manter amordaçada a quase totalidade da imprensa brasileira” (MARCONI, 1980, p. 49).

Ao passo que o uso de bilhetinhos e telefonemas para exercer a censura caiu em desuso, os militares desenvolveram um novo método que ficou conhecido como censura prévia. Essa nova forma de controlar as informações divulgadas pela imprensa foi legalizada com base no decreto-lei n° 1077, de 1970. Diferente dos primeiros processos censórios, a censura prévia apresentou mais de uma fase. No início, um censor era encarregado para fazer a leitura prévia de todos os materiais produzidos para publicação e, com base nisso, ele tinha a função de dizer o que estava apto ou não a ser publicado.

O emprego de censores não teve o resultado que os militares esperavam em todos os meios de comunicação. Na época, havia jornais que usavam alguns métodos para boicotar a censura e permitir que uma matéria fosse publicada. O *Pasquim*, por exemplo, conseguiu durante um tempo evitar a censura de algumas matérias do jornal: a façanha foi possível devido ao vício de uma das censoras, Dona Marina (Marina Brum Duarte).

A primeira censora nossa dona Marina, ela chegou lá e tal. Boa praça ela. E ficava sentada do lado da minha mesa e eu sempre com uma garrafa de uísque do lado. Eu ficava bebendo e eu vi que ela gostava. De vez em quando ela pedia um uísque. Aí todos os dias que ela chegava tinha uma garrafa de uísque na mesa dela. Ela enchia a cara aprovava tudo e foi demitida em pouco tempo.¹⁴

¹⁴ Depoimento do Jaguar no documentário *Humor com Gosto de Pasquim*.

Se já era um grande desafio para os meios de comunicação ter de permitir que um censor frequentasse a redação para checar tudo o que havia sido produzido, a situação ficou ainda mais difícil quando as censuras passaram a ser realizadas em outros estados. De acordo com Marconi (1980), os donos de jornais que se recusaram a ceder aos primeiros métodos de censura tiveram que “se sujeitar a enviar” a versão final do jornal “para as sedes da Polícia Federal no Rio de Janeiro, São Paulo ou até mesmo Brasília” (Marconi, 1980, p.61). Como argumenta Aquino (1999), esse novo formato de controle da informação se transformou em um desafio para a imprensa.

A mudança de regras, transferindo-se a censura para outro local, que não a própria redação ou a gráfica do periódico, representa uma punição, na medida em que se cancela todo o contato entre o órgão de divulgação e os censores, eliminando-se assim todas as possibilidades de negociação entre as partes. Além disso, apressa-se o fechamento das matérias, desatualizando as notícias e correndo-se o risco de eventuais atrasos e consideráveis prejuízos. (AQUINO, 1999, p.226)

De acordo com Marconi (1980), não só o envelhecimento das matérias era o problema enfrentado pelos meios de comunicação ao terem de enviar o conteúdo do jornal para outros Estados. O autor destaca que isso gerou também maiores despesas, uma vez que os custos de transporte eram responsabilidade dos próprios donos dos jornais. Além disso, a produção das notícias ficava ainda mais trabalhosa, pois, como grande parte do conteúdo era cortado, os jornalistas precisavam produzir mais para que, no fim do processo censório, fosse possível fechar um jornal.

Durante o regime militar, todos os meios de comunicação sofreram com a censura. Entretanto, diante dos prejuízos que a resistência poderia ocasionar, muitos donos de veículos de comunicação incorporaram em suas redações a autocensura. De acordo com Aquino (1999),

No que diz respeito à grande imprensa foi necessário preocupar-se com a preservação do material. Como seus órgãos de divulgação, de modo geral, optaram pela aceitação das ordens transmitidas enquadrando-se no âmbito da autocensura, entre as escolhas possíveis estavam *OESP*, *Jornal da Tarde* e a revista *Veja*. O *Jornal da Tarde*, entretanto, não preservou o material vetado e (para a exclusão da revista *Veja*, considerando *OESP* a opção definitiva no âmbito da grande imprensa) o interesse localizou-se na construção de estratégias cotidianas e diferenciadas de resistência utilizadas pelo jornal para dizer ao leitor que matérias estavam sendo censuradas. A referência aqui é às formas variadas de substituição utilizadas por *OESP*. A revista *Veja* não desenvolveu estratégias constantes que indicassem a censura. Tendo em vista a importância conferida pela censura na construção de uma imagem de regime político que ocultasse a existência concreta dos instrumentos repressivos, a denúncia ao público-leitor da presença de censores na redação por intermédio da substituição dos cortes por elementos que causassem estranhamento

pelo insólito de sua presença, constituiu-se em uma importante medida de resistência à dominação. (AQUINO, 1999, p.23)

Não se pode negar que tanto a imprensa alternativa quanto a tradicional foram vítimas das censuras no governo militar. No entanto, a grande diferença entre um meio de comunicação e outro foi que, diferente do primeiro, o segundo preferiu instituir a autocensura como forma de minimizar os prejuízos econômicos. De acordo com Aquino (1999), “dentro dos jornais de grande circulação do eixo Rio-São Paulo e mesmo em toda a grande imprensa diária, somente o *OESP* e o *Jornal da Tarde* foram alvos de censura prévia”. Para a autora, isso mostra que “os demais praticavam a autocensura, acatando as determinações oriundas da Polícia Federal” (AQUINO, 1999, p.38). Entretanto, os veículos da grande imprensa que tentaram fugir à regra acabaram por se adaptar a lógica do regime. Isso foi tão verdade que os jornais *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde* ficaram livres da censura prévia três anos antes de sua extinção, em 1975.

Diferente de alguns veículos de comunicação da grande imprensa que optaram pela autocensura para evitar prejuízos econômicos, o papel de resistência ficou quase todo restrito à imprensa alternativa, cujos veículos tiveram dificuldades de se manter durante o período. A ânsia por trazer à tona muitos assuntos censurados acarretaram problemas aos jornais alternativos ao terem de lidar com os diferentes tipos de censura, mais principalmente a censura prévia. De acordo com Marconi (1980), o jornal *Opinião* resistiu aos atos censórios durante um tempo, mas não teve capacidade de se manter com a censura sendo realizada em Brasília – na 231ª edição, o jornal foi fechado. Além de *Opinião*, muitos outros periódicos foram prejudicados pela censura, como *Pasquim*, *O Sol*, *Movimento*, *Ex*, *Tribuna da Imprensa*, entre outros. Vale ressaltar que, devido à repressão, os jornais alternativos não conseguiram manter os seus traços originários, tendo muitas vezes de serem repensados e reelaborados para continuarem em exercício.

Embora a censura tenha sido um dos principais métodos de controle da informação, não só ela foi usada como estratégia para silenciar os meios de comunicação que se recusavam a se curvar passivamente aos atos censórios. Marconi (1980) afirma que,

Como se não bastassem as restrições impostas pela polícia, através das proibições e censura prévia, jornais e jornalistas brasileiros ainda foram vítimas ao longo destes anos de atentados de bombas, invasões de redações, prisões arbitrárias, espancamentos e tortuosos inquéritos e processos, todos destinados a ameaçar e calar a voz dos mais altivos. Sintomaticamente, a maioria destas pressões e ameaças suplementares se intensificaram a partir da decisão governamental de pôr em marcha o seu prolapado projeto de distensão política. Os responsáveis por estas ações foram não só elementos da Polícia Federal, mas também simples delegados de polícia do

interior e até mesmo terroristas de direita – todos agindo com a certeza de impunidade. (MARCONI, 1980, p.90)

De acordo com Aquino (1999), outra prática muito recorrente durante a época foram “as explosões de bombas em bancas de jornais que vendiam alternativos” (AQUINO, 1999, p.220). Isso trouxe muitos aspectos negativos: primeiro porque afastava empresas publicitárias que não compravam espaço para anúncio; segundo porque os donos de bancas começaram a recusar a venda dos jornais alternativos, com medo de sofrer represálias cometidas pela polícia, pelo exército ou por grupos anticomunistas, como a Aliança Anticomunista Brasileira (AAB). Com dificuldade de se manter, muitos jornais alternativos tiveram curto período de duração.

Marconi (1980) ainda comenta que outros métodos foram usados pelos militares para controlar a informação divulgada por meio da imprensa. Nesse período, era frequente a suspensão das credenciais de jornalistas que tentavam informar além do permitido. Outra prática constantemente experimentada foi a proibição do jornalista exercer a sua profissão. De acordo com Marconi (1980), profissionais como Antônio Callado e Léo Guanabara não só “perderam direitos políticos por 10 anos, foram ainda proibidos de ‘exercer atividades de jornalismo em empresas jornalísticas ou estações radiodifusoras de som e imagem, assim como as de magistério em qualquer nível’” (MARCONI, 1980, p.38).

Como explica Marconi (1980), “entre as mais de 500 proibições impostas à imprensa de 1969 a 1978 pela Polícia Federal, figuram repetidas ameaças, sempre girando em torno de apreensão, retirada do ar ou estabelecimento da censura prévia” (MARCONI, 1980, p.48 e 49). O mais engraçado de tudo isso era que, na maioria das vezes, os censores não apresentavam argumentos consistentes para o corte de alguma informação: em alguns casos atestavam a inconsistência das informações e em outros justificavam a censura em prol da “moral e dos bons costumes”.

Diante de argumentos frágeis, não só militares, mas também o “Ministro da Justiça, Ministro do Exército, o general diretor-geral do Departamento de Polícia Federal e comandantes de regiões militares” proibiram a divulgação de casos de corrupção, desaparecimento de militantes, assassinatos de presos políticos, dentre tantos outros fatos (MARCONI, 1980, p.49). De acordo com Aquino (1999), alguns meios de comunicação usufruíram de métodos para alertar a população sobre o fato. Como afirma a autora, era muito frequente os leitores encontrarem no *OESP* anúncios aleatórios do próprio jornal e poesias de *Lusíadas*, de Camões ou *Y-Juca-Pirama*, de Antônio Gonçalves Dias. O *Jornal da Tarde*

preferiu as receitas culinárias. Outros jornais além da família Mesquita também utilizaram outros recursos: o *Tribuna da Imprensa* fez uso dos espaços em branco. Além da revista *Veja*, da Editora Abril, que utilizava imagens de anjos e demônios nas edições prejudicadas com os cortes dos censores.

Durante o regime militar, muitos assuntos foram ocultados ou, em alguns casos, mal informados. Segundo Marconi (1980), tiveram fatos que foram transmitidos pelos meios de comunicação. Entretanto, divulgadas por meio das chamadas notas oficiais, que eram escritas pelos militares. Como afirma o autor, muitas dessas informações eram falsas.

As versões oficiais veiculadas pela imprensa falavam invariavelmente de repetidos e inverossímeis atropelos, suicídios, justicamento de outros “terroristas”, e de intensos tiroteios nos quais apenas os “subversivos” e “terroristas” eram vítimas fatais – quase nunca os agentes dos órgãos de segurança. A tudo isso os meios de comunicação do País assistiram sem poder – e muitas vezes sem se atrever – contestar. (MARCONI, 1980, p.54)

Para Maria Aparecida de Aquino (1999), as estratégias para esconder a realidade brasileira, encobrendo a desigualdade social, a desestruturação econômica, as atrocidades do regime – perseguições, prisões e tortura – foram constantes, tudo isso para vender a imagem de um país democrático, harmônico e livre de problemas, que na teoria não passava de uma falácia, pois o que mais tinha no território brasileiro nesse período eram problemas.

A ala dos militares da “linha dura” que predominava durante o governo do presidente Médici e manteve grande influência em parte do governo do presidente Geisel não aceitava a devolução das liberdades democráticas e pregava a continuidade do regime de exceção com toda sua carga repressiva, sem que fossem feitas concessões à sociedade civil. Eles são política, entre as quais a existência da própria censura. Desejavam mostrar a imagem de um Estado harmonioso, livre de conflitos de classes, apagando todas as críticas ao regime nesse sentido. (AQUINO, 1999, p.249)

Apesar da censura prévia ter sido extinta em 1978, isso não significou que os veículos ficaram livres dos mecanismos censórios, isto é, a imprensa, principalmente aquelas mais combativas, continuou sendo censurada ou, até mesmo, tendo suas edições apreendidas. Assim, durante os mais de vinte anos que os militares comandaram o Brasil, milhares de assuntos foram censurados, centenas de edições apreendidas e dezenas de jornais – a maioria alternativos – fechados. Reis Filho (2002) afirma que foi por meio do silenciamento que os militares conseguiram se manter, por muitos anos, no poder.

Como argumenta Aquino (1999), o governo militar buscou armar-se dos mais variados métodos para coletar informações da sociedade. Para isso, criou diferentes órgãos de aparato repressivo, dentre eles pode-se destacar: o Serviço Nacional de Informações (SNI), e suas ramificações regionais, as Segundas Seções (de Informação) das Forças Armadas, o Centro de Informação do Exército (CIE), o Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), o DOI/CODI (Departamento de Operações de Informações – Centro de Operação de Defesa Interna) e os DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) estaduais. Além do projeto de vigilância, os militares precisavam fiscalizar as informações que eram veiculadas aos cidadãos. O interesse pelo controle da informação era encarado como necessário “para preservar a imagem do regime, num exercício de ocultação que passa, inclusive, pela negação de visibilidade, ao leitor, de suas próprias condições de vida”. Ainda de acordo com Aquino, “Esse formidável instrumental repressivo objetivava o exercício de uma vigilância cerrada sobre todos os setores da sociedade, visando detectar e punir toda e qualquer tentativa explícita ou implícita de “subversão” à ordem instaurada” (AQUINO, 1999, p.15).

Durante o regime militar, a censura foi essencial para a sobrevivência dos militares no poder, tanto que em 1974 o governo inaugurou mais uma novidade no seu expediente censório, isto é, materializou a Lei nº 5.536/68, que permitiu a realização do primeiro concurso para angariar pessoas ao cargo público de censores. “Esses concursos, segundo os dados da ANP, ocorreram nos anos de 1974, 1975, 1977, 1979, 1980 e 1985 – este último em plena Nova República – e ofereceram aos quadros do DCDP um total de trezentos censores em todo o país”. (AQUINO, 1999, p.184).

Outros investimentos pesados do governo militar giraram em torno de cursos de aprimoramento para os censores. Aquino (1999) explica que “preocupado com o bom desempenho dos censores, o general Cupertino enfatizava que todos eram reciclados periodicamente em cursos de aperfeiçoamento e especialização na Academia Nacional de Polícia (ANP)”. O uso dessa prática foi instaurado pelo chefe do SCDP (Serviço de Censura e Diversões Públicas), Antônio Romero Lago, “segundo as normas das portarias nº 123, de 10/10/1966, e existiu por quase vinte anos, sendo executados também pelos últimos técnicos de Censura concursados, já na Nova República” (AQUINO, 1999, p.177). Para ministrar esses cursos eram convidados jornalistas, ministros, professores, ou seja, qualquer pessoa que tivesse a competência de adestrar a equipe censória e ajudá-los a terem maior eficiência em sua função controladora.

Portanto, a censura esteve presente em diferentes meios de comunicação; tanto nos alternativos como nos convencionais. Todavia, cada meio, ao longo da amarga experiência de cortes e cerceamentos, agiu de forma individual. Essa pode ser uma característica que permite a distinção entre a imprensa alternativa e a grande imprensa. Cada uma criou seus próprios mecanismos para enfrentar esse período turbulento da história do Brasil. Além disso, preocupados com a manutenção do poder, os militares fizeram uso dos mais diferentes aparatos para calar a oposição. Para isso, investiram muitos recursos e, mesmo não destruindo por completo os combatentes do regime, conseguiram prejudicá-los.

Depois de apresentar as contextualizações históricas sobre o jornalismo e suas técnicas de produção, finalmente, no próximo capítulo, entra-se propriamente no objeto de pesquisa desta dissertação, o jornal alternativo *O Sol*. Para começar, será traçada uma contextualização histórica sobre esse jornal alternativo que circulou no Rio de Janeiro na década de 1960.

4 – O SOL

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou

O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou

Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot

O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não

Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou

Eu tomo uma Coca-Cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil

Ela nem sabe até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou

Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou

Por que não, por que não?
Por que não, por que não?
Alegria, Alegria, Caetano Veloso (1967)¹⁵

¹⁵ Canção que ficou com o quarto lugar no III Festival da Música Popular Brasileira realizado pela Rede Record em 1967.

Neste capítulo propõe-se a discutir, em diferentes pontos de vista, o jornal *O Sol*, objeto de estudo desta dissertação. De acordo com Bernardo Kucinski (2001), existiram pelo menos sete gerações distintas de jornais alternativos. Dentro dessa separação, *O Sol*, juntamente com *Poder Jovem* e *Amanhã*, estava localizado na segunda geração. Esses periódicos, fundados a partir de 1967, eram parte de “um novo imaginário oriundo da revolução cubana, da proposta de uma guerrilha continental, da teoria dos focos de Régis Debray” (KUCINSKI, 2001, p.18).

Eternizado nos versos da canção *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso, *O Sol* foi idealizado pelo poeta, escritor e jornalista Reynaldo Jardim¹⁶. Fundamentado em um projeto gráfico e editorial diferente dos padrões convencionais da época, a primeira edição do jornal chegou às bancas de revista, encartado no *Jornal dos Sports*, em 21 de setembro de 1967. Produzido no Rio de Janeiro (figura 1), *O Sol* representou uma exceção no segmento da imprensa alternativa, pois, diferente dos demais que tinham publicações semanais, mensais ou semestrais, ele circulava diariamente.



Figura 1: Primeira edição do jornal *O Sol* publicada em 21 de setembro de 1967

¹⁶ Reynaldo Jardim nasceu em São Paulo em 13 de dezembro de 1926. Teve um papel significativo na história do jornalismo brasileiro. Nos anos 50, participou da reforma do *Jornal do Brasil*, onde criou e editou o *Suplemento Dominical* do *Jornal do Brasil*, o *Caderno de Domingo* e o *Caderno B*. Dirigiu o *Correio da Manhã* entre 1967 e 1972, além de trabalhar em vários meios de comunicação: impressos, televisivos e rádios. Dentro da produção gráfica, realizou reformas em vários jornais brasileiros, como *A Crítica* (Manaus, Amazonas), *O Liberal* (Belém, Pará), *Gazeta do Povo* (Curitiba, Paraná), *Jornal de Brasília* (Brasília, DF) e *Diário da Manhã*. Além de jornalista, Jardim foi um grande poeta e escritor. Ele faleceu em Brasília, no dia 01 de fevereiro de 2011, vítima de um problema cardíaco fulminante.

Inicialmente com circulação restrita à cidade carioca, *O Sol* tinha uma configuração estrutural e linguística diferente da maioria dos veículos impressos da época. As experimentações nos campos gráficos e linguísticos foram um dos fatores responsáveis por chamar a atenção e aumentar o número de leitores do periódico.

Apesar de produzido no Rio de Janeiro, a circulação do jornal não ficou restrita ao território carioca, pelo contrário, ele chegou a ter visibilidade em outros estados brasileiros, fato comentado pela equipe do jornal no editorial publicado em 06 de outubro de 1967: “De Fortaleza onde, no encontro nacional de estudantes de jornalismo, O Sol foi vedeta e de Porto Alegre chegam pedidos de mais jornais. A Universidade de Brasília quer uma coleção. O Sol não brilha apenas no Rio”.¹⁷

O Sol, assim como o *Jornal do Brasil* e o *Diário Carioca*, é visto por pessoas que acompanharam de perto a experiência como um veículo idealizado em prol de uma nova forma de fazer jornalismo. Desse modo, o periódico buscava uma diferenciação em relação aos jornais da imprensa tradicional, caracterizados pela produção jornalística padronizada. Para Fernando Gabeira, *O Sol* contribuiu, em seu tempo, com um avanço no campo linguístico do jornalismo impresso que estava em processo de desenvolvimento no Brasil desde a década de 1950:

Eu acho que o *Jornal do Brasil* em 1958/59, junto com o *Diário Carioca*, representaram um avanço da linguagem. Mas, aquele avanço já estava ficando um pouco cristalizado. Era preciso dar outro salto e esse salto foi dado pelo *O Sol*. Em termo de reverência, em termo de descontração. Movimento que só foi retomado com outras características adiante pelo *Pasquim*.¹⁸

Nesse sentido, a equipe do jornal não fazia uso de regras como o lide e a pirâmide. O repúdio às técnicas tradicionais é uma das referências que traz evidência da possível influência do movimento de contracultura *n’O Sol*, no caso o *New Journalism*. Assim, como lembra Kucinski (2001), o periódico “alcançou grande impacto no meio jornalístico, especialmente pela audácia de sua diagramação, ora concretista, ora psicodélica, pela sua linha editorial, de crítica ao janguismo pela esquerda” (KUCINSKI, 2001, p.39).

Como se vê no editorial publicado em 06 de outubro de 1967, as mudanças gráficas e linguísticas apresentadas pela equipe d’*O Sol* não surtiram impactos apenas na imprensa, mas também serviram de inspirações a outros jornais da época.

¹⁷ Trecho do editorial d’*O Sol* publicado em 06 de outubro de 1967.

¹⁸ Depoimento de Fernando Gabeira encontrado nos arquivos extras do DVD do documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

É o fato de outros jornais já estarem disfarçadamente experimentando a nossa forma de dar os títulos, ou até muitas características de nossa diagramação tão peculiar, não nos chateia. [...] Muito nos orgulha a cópia. Só que não esperávamos que começasse tão cedo.¹⁹

Apesar d'*O Sol* ter conquistado a atenção tanto dos cidadãos brasileiros quanto da imprensa do período, o investimento em uma nova forma de produção e, principalmente, a tentativa da equipe do periódico de trazer à tona assuntos proibidos pelos militares inviabilizou que a produção do jornal fosse possível por mais de quatro meses. Assim, em 05 de janeiro de 1968, chegou às bancas a última edição do periódico. Não se sabe ao certo quantas edições o jornal teve ao todo, pois nem todas foram encontradas durante a pesquisa. Entretanto, tem-se conhecimento de que, entre 21 de setembro de 1967 e 26 de novembro de 1967, período em que o periódico circulou encartado no *Jornal dos Sports*, foram produzidas 57 edições.

O Sol consistiu em uma das primeiras experiências no campo alternativo preocupada em desenvolver um periódico que se diferenciasse dos demais veículos da grande imprensa e, ao mesmo tempo, representasse uma resistência ao regime militar. As mudanças linguísticas e gráficas seriam retomadas, mais tarde, por outros jornais alternativos, como é o caso do *Pasquim*. É nesse sentido que Ziraldo vê *O Sol* como o início da imprensa alternativa. Zuenir Ventura e Fernando Gabeira vão além: acreditam que *O Sol*, seja, por exemplo, o precursor do *Pasquim*. Assim, quando se analisa a história das folhas, é possível encontrar relações entre elas. Uma primeira semelhança está relacionada com as equipes dos periódicos, pois muitas pessoas que participaram d'*O Sol*, posteriormente também ajudaram no desenvolvimento do *Pasquim*, como Henfil, Ziraldo, Chico Buarque, Martha Alencar, entre outros. Além disso, ambas as equipes dos jornais se propuseram a desenvolver experimentações tanto no campo linguístico como no gráfico, ficando conhecidos por suas inovações. Dessa forma, de acordo com Ventura:

O Sol surge, nesse momento, como correspondência da inquietação, do repúdio, do inconformismo. Ele anuncia o *Pasquim*. Acho que, dois anos antes, ele é o precursor do *Pasquim*. Eu acho que ele está para o *Pasquim*, assim como, por exemplo, o *Diário Carioca*, da *Tribuna da Imprensa*, da *Última Hora*, estava para a reforma do *Jornal do Brasil* de 56, 57. A grande reforma que muda toda a imprensa, modernizando a imprensa carioca brasileira.²⁰

¹⁹ Trecho do editorial d'*O Sol* publicado em 06 de outubro de 1967.

²⁰ Depoimento de Zuenir Ventura no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

Levando em conta essas primeiras considerações, este capítulo é dedicado justamente a conhecer as principais características, particularidades e importâncias desse jornal alternativo, que, embora pouco estudado, teve um espaço relevante na história da imprensa alternativa brasileira.

4.1 Jornal-escola

A ideia da criação do jornal alternativo *O Sol* nasceu, particularmente, da insatisfação de Reynaldo Jardim com as faculdades de Jornalismo existentes na década de 1960. Como lembra Faro (1999), no livro *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*, os cursos superiores de Jornalismo começaram a nascer no Brasil, nos anos 40. Sugerindo mudanças à carreira jornalística, os primeiros cursos universitários foram concebidos dentro de uma polêmica que envolvia a formação filosófica e a formação técnica. Para Jardim, o ensino superior tinha várias deficiências que dificultavam a aprendizagem e, principalmente, a formação profissional dos estudantes de Jornalismo. Diante disso, desde o início, Jardim tinha o intuito de criar um jornal que, além de transmitir informação, fosse uma escola. Como lembra Ana Arruda Callado,

A ideia d'*O Sol* era inverter essa coisa de ter curso de Jornalismo, que inventava um jornalzinho de mentira, para os alunos praticarem um jornalzinho de mentira. O Reynaldo disse: “Não, deve ser o contrário. Deve ter um jornal que tenha uma escola”. Então, *O Sol* seria um jornal-escola.²¹

Nesse sentido, desde o princípio, Reynaldo Jardim idealizou, por meio d'*O Sol*, a fundação de uma faculdade de Jornalismo. Entretanto, a ideia de desenvolver um centro superior de ensino acabou se tornando inviável devido à indisponibilidade de recursos financeiros. Apesar da instituição física não ter se concretizado, há um consenso entre as pessoas que fizeram parte do veículo que a redação d'*O Sol* funcionou como uma escola de jornalismo, tanto que, como observou Ana Arruda, ele ficou conhecido como sendo um jornal-escola.

As primeiras referências d'*O Sol* como um jornal-escola precederam a publicação da primeira edição do periódico. Como a redação do jornal era basicamente formada por estagiários - estudantes de diferentes cursos e faculdades - antes de iniciar a produção do

²¹ Depoimento de Ana Arruda Callado no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

jornal, cursos e seminários para preparar os repórteres foram realizados. Ana Arruda destaca que essas atividades eram pensadas para manter os estudantes mais informados.

Era um jornal-escola e nós não só fizemos um seminário, dois dias na casa do Reynaldo Jardim em Friburgo. Todos os editores e os estudantes, que iriam ser os repórteres discutindo o jornal, fazendo a linha do jornal. E antes de sair o primeiro número teve um curso, que o Carpeaux dava aula, o Zuenir dava aula, o Reynaldo dava aula, eu dava aula. A gente fez um curso para os alunos ficarem mais informados.²²

Como lembra Martha Alencar,

O curso selecionou um grupo de alunos para fazer um jornal-escola. O projeto era fazer um jornal-escola que funcionasse mesmo como um jornal: com uma saída diária e que seria produzida por esses editores profissionais, que éramos nós e pelos alunos que, à medida que eles produziam esse jornal, que nós éramos capacitados a produzir, que nós sabíamos e podíamos produzir, a massa da redação, da reportagem, seria desses alunos que estariam produzindo o jornal e aprendendo a fazer. Era essa a ideia: era um jornal-escola para ser distribuído direto na rua.²³

Entretanto, a formação pedagógica, que remonta à pré-produção do primeiro jornal, não foi um momento único na história d'*O Sol*. O comprometimento com o ensino tornou-se uma prática constante, tanto que todo o processo de produção do jornal era acompanhado de perto pelos jornalistas responsáveis pelas editorias. Assim, logo que recebiam as pautas, o primeiro contato dos repórteres não era com as fontes, mas com os editores do jornal, profissionais encarregados de tirar todas as dúvidas dos estagiários e, em alguns casos, responsáveis por ministrar aulas completas sobre os assuntos pautados.

Além dos editores, a equipe d'*O Sol* contava com dois consultores: Otto Maria Carpeaux e Sérgio Lemes. Estes ficavam, na redação, à disposição dos estagiários para auxiliá-los na produção do jornal. De acordo com Ana Arruda,

Eles iam para o lado e davam uma aula sobre o assunto de pauta a algum estudante. Isso não existia em jornal nenhum. Então, já era aquele sentido de faculdade e de “adestrar” as pessoas, aquela contextualização que eu falava desde o início. Você não pode falar em um assunto, por exemplo, sobre a fixação dos juros sem entender o que vem a ser juro, o porquê da fixação dos juros. Então, eles davam aula sobre qualquer coisa. O forte do Carpeaux era política internacional.²⁴

²² Depoimento de Ana Arruda Callado no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

²³ Trecho da entrevista realizada com Martha Alencar em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

²⁴ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

Contudo, as orientações não ficavam contidas apenas na pré-produção da matéria, isto é, todo o período de elaboração até a finalização das reportagens era acompanhado de perto por pelo menos um dos editores. Apesar de os editores acompanharem de perto a produção dos estagiários, Ana Arruda Callado argumenta que os repórteres d’*O Sol* tinham liberdade na hora de desenvolver as reportagens. No livro *Como se faz um jornal comunitário*, Callado e Estrada (1985) caracterizam a figura do editor como um agente de ordem técnica, responsável por “ler todas as matérias e se assegurar de que elas não contêm impropriedade” (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.60). N’*O Sol*, os editores eram como se fossem professores encarregados de tirar dúvidas ou auxiliar os estagiários na apuração dos fatos e na construção dos textos. De acordo com Artur Pedreira,

Era mais ou menos como se fosse uma escola. A gente escrevia, mostrava aquilo para a Ana Arruda, no meu caso que a minha editoria era com ela. Mostrava para a Ana Arruda. Ela dizia se gostava ou não, dizia como tinha de fazer, que a gente não tinha apurado bem a matéria, que tinha de ouvir o outro lado – essas coisas aí do jornalismo. Nós fazíamos isso: era aprender e fazer ao mesmo tempo. Nós fazíamos o que achava que tinha de fazer e eles iam corrigindo.²⁵

A orientação dada pelos editores aos estagiários era considerada pela equipe como uma das formas de aprendizagem empregadas dentro da redação d’*O Sol*. Além disso, os estagiários tiveram também a oportunidade de aprender, por exemplo, os princípios éticos do jornalismo. De acordo com Anna Arruda Callado, apesar dos conselhos e dos ensinamentos estarem alicerçados no comprometimento e na responsabilidade da profissão, as aprendizagens nem sempre vieram das conversas informais entre editores e estagiários, pelo contrário, houve momentos em que elas foram assimiladas por meio de práticas inconsequentes.

Um desses episódios de desvio de conduta foi protagonizado pelo jornalista e professor universitário José Ribamar Bessa. Em uma crônica denominada *O Sol nas bancas de revista – a entrevista inventada*, produzida em 2000, Bessa relata a experiência constrangedora que vivenciou na redação d’*O Sol*. De acordo com o jornalista, em um daqueles dias com notícias escassas, chegou à redação a informação de que o diretor da Associação Comercial de Recife propunha que as lojas fossem abertas aos domingos sem pagar hora extra aos empregados.

²⁵ Trecho da entrevista realizada com Artur Pedreira em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

Diante dessa notícia, Bessa ficou encarregado de fazer uma reportagem em que tivesse a opinião tanto da direita quanto da esquerda sobre essa problemática social. A poucos minutos do *deadline*, o estagiário não tinha conseguido entrevistar o economista Eugênio Gudin, na época ex-ministro da Fazenda, escolhido para responder pela direita. Gudin estava dormindo e não poderia ser incomodado. Nesse contexto, Bessa achou que poderia forjar a informação e, assim, inventou a declaração do economista. Entretanto, o estagiário não esperava que Carpeaux fosse sugerir uma inversão na notícia, sugerindo que a declaração polêmica viesse logo no título da matéria. Preocupado com as consequências que a mentira poderia acarretar, Bessa acabou por confessá-la. O resultado da infração não agradou Carpeaux, que repreendeu a atitude do estagiário, fato que, segundo Bessa, marcou a sua vida e contribuiu com a sua formação profissional.

Em toda redação devia haver um Carpeaux. Todo jornalista devia trazer, dentro de si, um Carpeaux, questionando, dia e noite, permanentemente, sua conduta ética, lembrando-nos que inventar ou aceitar provas forjadas mesmo contra o pior crápula não é jornalismo. É delinquência.²⁶

Outro episódio de aprendizagem durante a produção d’*O Sol* e lembrado por todos os entrevistados (Ana Arruda, Martha Alencar, Tetê Moraes, Artur Pedreira e José Ribamar Bessa) foi protagonizado por um dos estagiários do jornal, em que representou literalmente um “filho da pauta”.

Teve uma história interessante de um estagiário que estava na editoria de Educação, esse que o Adolfo era editor. Ele foi mandado ir lá no prédio do MEC para pegar o resultado do vestibular, pegar algumas coisas e levar rapidamente para a redação. E assim ele fez. Aí, depois, estava lá e aconteceu que veio a notícia de que tinha caído um avião Teco-Teco no centro da cidade. Aí, a Ana Arruda excitada disse: “Quem que vai? Fotógrafo? Aí o rapaz disse: “Notícia velha. Passei por ali quando estava voltando do MEC e o avião já estava lá”. E a Ana: “E você não falou nada?”. Ele foi buscar a lista do vestibular e desconsiderou o fato que tinha um avião ali. A Ana ficou histérica.²⁷

Apesar de alguns comportamentos questionáveis, como o protagonizado por Bessa, Ana Arruda argumenta que, durante todo o período de existência d’*O Sol*, os princípios éticos

²⁶ Trecho da crônica de José Ribamar Bessa publicada em seu blog, em 01 de novembro de 2000.

²⁷ Trecho da entrevista realizada com Tetê Moraes em setembro de 2015, no Rio de Janeiro

do jornalismo foram sempre ensinados e preservados, até mesmo quando a questão era a censura.

Nós éramos ousados, mas não malucos. Então, quando nós sabíamos que uma matéria não tinha sido bem apurada, ela não era publicada. Cuidado sim, mas não autocensura. Nós publicávamos tudo que era fato e que nós apurávamos que era verdade. Até porque era uma escola, então tinha que ensinar que o jornalista não pode ser leviano, jornalista tem de apurar. A palavra para qualquer jornalista é apuração, nada de leviandade.²⁸

Diante desse comprometimento com a formação dos estudantes, a jornalista Maria José Lourenço reconhece no jornal o grande responsável pela sua formação profissional e, ao mesmo tempo, pessoal: “Eu não aprendi só a escrever com o Zuenir Ventura. Eu não aprendi só a entender o que acontecia no país com Otto Maria Carpeaux, eu aprendi, sei lá, a ser gente”.²⁹

Além de Lourenço, Rosiska Darcy também dedica a *O Sol* a sua formação e experiência no Jornalismo. De acordo com a jornalista, todos os seus trabalhos posteriores tiveram, direta ou indiretamente, reflexão dos ensinamentos adquiridos n’ *O Sol*.

Eu fiquei muitos anos exilada, acusada, e era verdade, de ter difundido, na Europa, notícias sobre as torturas no Brasil, denunciando essas torturas. Eu considero que esse foi o melhor trabalho jornalístico. Foi o melhor trabalho que eu fiz. E eu dedico esse trabalho a *O Sol*. Foi n’ *O Sol* que eu aprendi esse jornalismo, que é o jornalismo da verdade.³⁰

O Sol formou dezenas de jornalistas que atuaram na profissão durante a ditadura. Martha Alencar lembra que,

A galera jovem que saiu d’ *O Sol* formou uma geração. Estava todo mundo bombando, estava todo mundo superafiado. Então, os outros jornais, revista e tal foram pegando as pessoas. Então, para a gente, ao sair d’ *O Sol*, todo mundo teve emprego, quem quis continuar no jornalismo naquela época, continuou, porque eram pessoas que estavam dispostas a fazer qualquer coisa para conseguir a informação. Eles tinham uma formação de viradores. Eles saíam em campo, escreviam bem, não tinham vergonha de pedir, de implorar por uma informação. Repórteres farejadores. Formavam uma geração de jornalistas.³¹

²⁸ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

²⁹ Depoimento de Maria José Lourenço no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*

³⁰ Depoimento de Rosiska Darcy de Oliveira no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

³¹ Trecho da entrevista realizada com Martha Alencar em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que *O Sol* não foi apenas uma escola para os estagiários do jornal. Além deles, os leitores também foram beneficiados com o conhecimento difundido pelo periódico. Uma das principais fontes de informação e ensino esteve presente nas páginas da editoria de Educação, local reservado para a discussão de temas relevantes à sociedade. Como ressaltado no capítulo 1, esse papel pedagógico dos jornais é lembrado por Sousa (2001) no texto *Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia*, pois, segundo o autor, além de informar, os periódicos também apresentam uma função lúdica e outra pedagógica na sociedade. Assim, levando em conta as informações aqui apresentadas, há indícios que permitem dizer que *O Sol* foi um jornal-escola.

4.2 *Jornal dos Sports e O Sol*

Antes de dar continuidade à história d’*O Sol*, é relevante rememorar alguns traços da história do *Jornal dos Sports* (Figura 2), cujo dono foi o responsável por viabilizar a experiência jornalística idealizada pelo poeta Reynaldo Jardim.

Foi na década de 1930, com o objetivo de alavancar a divulgação de notícias esportivas, que o jornalista e importante administrador de jornais Argemiro Bulcão idealizou, no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports (JS)*. Nesse contexto, a fundação do *JS* tornou-se possível por meio da parceria entre Bulcão e Ozéas Mota, proprietário da gráfica onde os jornais eram impressos. Com a aliança consolidada, em 13 de março de 1931, “o *Jornal dos Sports* foi fundado com um ativo de seis contos de réis [que corresponderia hoje a aproximadamente 738 mil reais]” (COUTO, 2010, p.3).



Figura 2: Capa do *Jornal dos Sports* publicada em 21 de setembro de 1967

Idealizado em um período de constantes transformações da sociedade brasileira, o *JS* foi pensado para ser um jornal diário, responsável por noticiar e trazer comentários relacionados ao mundo do esporte. De acordo com Couto (2010), o jornal era

Para conquistar um público leitor e interessado nos esportes, cuja própria vida nos grandes centros urbanos passara por transformações de ritmos; agora mais acelerado e pulsante como a prática desportiva, surgia um jornal, cujo objetivo era se consolidar no mercado editorial e que pudesse dar conta de um imaginário urbano (e suburbano) centrado no esporte. Desta forma, o *Jornal dos Sports* se tornaria um jornal esportivo, um veículo diário de comunicação, e, principalmente, um ávido defensor da prática dos esportes entre a população carioca. (COUTO, 2010, p.2)

Diferente da maioria dos meios de comunicação que priorizavam apenas a divulgação de informações sobre o futebol ou os esportes nacionais, os donos do *JS*

trouxeram uma inovação ao jornal: resolveram dar espaço de noticiabilidade para todos os tipos de modalidades esportivas. Assim, no *JS*, virou rotina encontrar nas páginas do jornal notícias relacionadas a lançamentos de disco e de peso, ao tênis, ao golfe, à natação, ao remo, à corrida (atletismo), ao boxe e ao hipismo. Segundo Couto (2010):

Desta forma, o jornal anunciava seu objetivo: o de privilegiar qualquer prática que se identificasse com o esporte e com o corpo, mesmo que não houvesse ainda uma identificação com a cultura nacional, como o golfe, por exemplo. Outros esportes também não cabiam nesta classificação, mas eram olímpicos, e mereciam destaque numa publicação que pretendia ser a voz dos esportes. (COUTO, 2010, p.4)

Além das novidades próprias ao campo informacional, em 23 de março de 1936, Bulcão trouxe uma inovação estrutural ao *Jornal dos Sports*. Inspirado no jornal francês *L'Auto*, o *JS* chegou às bancas de revistas em páginas cor-de-rosa. Entretanto, como lembra Tetê Moraes e Artur Pedreira, não só as páginas do jornal esportivo eram cor-de-rosa, mas também a fachada do seu prédio. Aqui vale ressaltar que o jornal esportivo não foi o primeiro jornal carioca a circular com as folhas coloridas. Em 17 de setembro de 1894, o jornalista Manuel Jorge de Oliveira Rocha idealizou o periódico *A Notícia* (vespertino), veículo também idealizado para circular com páginas rosadas (BAHIA, 1990).

Buscando empreender e desenvolver novas experiências no campo da imprensa esportiva, Bulcão permaneceu como proprietário do *Jornal dos Sports* por aproximadamente cinco anos. Assim, em outubro de 1936, o jornal foi comprado pelo jornalista Mário Rodrigues Filho – irmão do cronista Nelson Rodrigues – por meio de uma ajuda financeira de Roberto Marinho, Arnaldo Guinle e José Bastos Padilha.

O novo proprietário do *Jornal do Sports* ficou conhecido por ser responsável por trazer novas “técnicas de cobertura jornalística do esporte, além de importante agente de mudanças no campo da profissionalização esportiva e da promoção da inserção do esporte social e economicamente na sociedade brasileira” (GURGEL, 2009, p.199). Fascinado pelo esporte, Mário Filho teve influência não apenas na imprensa esportiva, isto é, o jornalista contribuiu com a campanha que possibilitou a construção do estádio municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã.

Depois de trinta anos na direção do *Jornal dos Sports*, Mário Filho sofreu um infarto e faleceu em 1966. O comando do jornal ficou sob a responsabilidade de Célia Rodrigues, que assumiu a presidência do *JS* e deu continuidade ao empreendimento iniciado pelo marido. Para manter a estabilidade do periódico, a viúva contou com o apoio do filho Mário Júlio

Rodrigues. Dona Célia permaneceu por pouco tempo na chefia do *Jornal dos Sports*; isso porque, em dezembro de 1967, ela também faleceu. Mário Júlio assumiu a chefia do *JS* e ficou encarregado de dar continuidade ao jornal adquirido pela família na década de 1930.

Ao assumir o cargo de diretor dentro do *Jornal dos Sports*, Mário Júlio se inspirou na atuação do pai para manter a estabilidade alcançada pelo jornal. Nesse sentido, o herdeiro se prontificou a trazer outras novidades ao jornal esportivo. Uma das principais alterações esteve relacionada aos campos do conteúdo e da informação que tiveram influência direta do *Jornal do Brasil (JB)*. Desse momento em diante, a linguagem e a técnica do jornalismo literário foram incorporadas à produção textual do *Jornal dos Sports*. Essa nova forma de reportar a notícia, importada no Brasil na década de 1960 pelo *JB* e pela revista *Realidade*, ficou conhecido como *New Journalism* (desenvolvido por jornalistas e escritores norte-americanos).

Além da transformação linguística e do conteúdo, em 1967, Mário Júlio retomou a uma experiência desenvolvida pelo pai, que era a incorporação de suplementos com outros tipos de informação ao jornal especializado em notícias esportivas. O primeiro encarte do *Jornal dos Sports* foi criado em 1956 e ficou conhecido como *Suplemento Dominical*. No entanto, essa experiência não parou por aí, em 1960, dois novos suplementos foram incorporados ao *JS*: o *Caderno B* (idealizado por Reynaldo Jardim), que priorizava assuntos relacionados ao teatro e ao cinema, e o *Caderno C*, um encarte específico para classificados.

A experiência dos suplementos acabou sendo retomada em 1967 devido a uma crise financeira do *Jornal dos Sports*. Diante desse problema, a alternativa usada por Mário Júlio para tentar reverter as dificuldades econômicas consistiu em investir em novos encartes, que trouxessem novos assuntos ao jornal especializado em notícias esportivas, com um único objetivo: atrair mais leitores ao *JS*. Assim, o investimento em novos suplementos era parte de duas estratégias do diretor: “Por um lado, continuava a incitar a paixão dos torcedores por seus times” e, por outro, havia a implementação “de novos padrões jornalísticos de redação, com a contratação de profissionais de alto gabarito e com o lançamento de encartes que chamariam a atenção do meio artístico nacional” (HOLLANDA, 2008, p. 164). De acordo com Bernardo Buarque de Hollanda (2008),

A inflexão na política editorial do *Jornal dos Sports* seguiria tal tendência, mas não se daria sem dificuldades, com a passagem por graves dificuldades financeiras, que ao longo do tempo tentariam ser sanadas por Mário Júlio Rodrigues. A alternativa inicial à delicada situação em que se encontrava o periódico consistia na diversificação do público-alvo do *Jornal dos Sports* e na ampliação do escopo temático de suas reportagens. Se o noticiário esportivo continuava sendo a pedra angular do jornal, logo ele passava a conviver com outra ordem de assuntos, que incluíam o jornalismo estudantil e o jornalismo cultural. Embora Mário Filho já

tivesse desenvolvido com maestria a união entre o futebol e a música popular desde a década de 1930, os esportes passavam agora a ser integrados em um contexto mais amplo, que abrangia também temas relativos à cultura, à educação e à juventude. (HOLLANDA, 2008, p. 161 e 162)

Dessa forma, além de uma enciclopédia conhecida como *Anuário de Cultura*, os principais suplementos que passaram a circular junto com o *Jornal dos Sports*, em 1967, foram o *Cultura JS*, o *Juventude JS*, o *Cartum JS*, o *JS Escolar*. Diante desse cenário, Hollanda (2008) argumenta que,

A estratégia comercial do periódico voltava-se para o investimento em um denominador comum aos diversos estratos sociais e às expressivas frações etárias que o tinham como objeto de leitura cotidiana: os jovens. Se o esporte constituía uma atividade profissional e recreativa em que a condição juvenil afigurava-se como requisito indispensável, o balizamento em torno de interesses procedentes dos meios estudantis e universitários apoiava-se nesse mesmo público-alvo, constitutivo da faixa etária intermediária entre a infância e a vida adulta, então majoritária na estrutura demográfica piramidal da sociedade brasileira. (HOLLANDA, 2008, p. 170)

Além dos suplementos já apresentados, houve outro tipo de experiência dentro desse seguimento: em setembro de 1967, o diretor do *Jornal dos Sports* passou a financiar o jornal alternativo *O Sol*. A proposta para criação d'*O Sol* chegou até Mário Júlio por meio de Reynaldo Jardim justamente no momento em que o *JS* enfrentava uma crise financeira. Dito isso, como argumenta Kucinski (2001), o novo periódico veio para salvar o *JS* da crise econômica instalada na redação do jornal no final da década de 1960.

A edição de número um d'*O Sol* circulou junto com o *Jornal dos Sports* em 21 de setembro de 1967, porém dias antes da primeira publicação, a equipe do *JS* já vinha preparando os leitores para receber *O Sol*. Dessa forma, para divulgar o periódico alternativo, foram desenvolvidos sete anúncios personalizados, cada qual apresentando uma peculiaridade do novo encarte do jornal esportivo. O primeiro anúncio personalizado estampou as páginas do *Jornal dos Sports* em 06 de setembro de 1967, mas aquele que destacou a relação entre o *JS* e *O Sol* só circulou em 08 de setembro, como pode ser visto na figura 3.

sempre que você comprar o
Jornal dos Sports

levará também para casa o
SOL

sempre que você comprar o
SOL

levará também para casa o
Jornal dos Sports

**PAGUE POR UM E LEVE PARA CASA
DOIS GRANDES JORNAIS**
Jornal dos Sports E SOL

Figura 3: Anúncio publicado no *Jornal dos Sports*, em 06 de setembro de 1967

Após uma série de anúncios, em 21 de setembro de 1967, *O Sol* chegou às bancas de revista encartado no *Jornal dos Sports*. Diferente dos outros suplementos, o novo encarte era um jornal completo, isto é, não abordava apenas um tipo de assunto, priorizava vários, como política, economia, cultura, internacional, exceto notícias de esportes, de competência do *JS*. Por meio do editorial do jornal esportivo, é possível perceber que *O Sol* tinha sido incorporado ao *JS* com o objetivo de incluir ao jornal especializado em esporte outras informações do cotidiano e do mundo.

Todos os que acompanham o apaixonante movimento esportivo e se acostumaram a procurar no JORNAL DOS SPORTS a fonte principal de conhecimento nesse destacado setor, encontrarão também, desde hoje, o acréscimo indispensável de tudo aquilo que compõe o dia-a-dia do cidadão da sociedade do País e do mundo. Enquanto que “O SOL”, voltado para o complexo da vida brasileira e internacional em todas as suas latitudes, fornecerá como ilustração simultânea o mais expressivo órgão jornalístico dedicado ao esporte. [...] Pertencente à empresa JORNAL DOS SPORTS S.A., “O SOL” representa, como dissemos, uma realização sem precedentes na imprensa nacional. É o resultado de longas pesquisas tendências a estabelecer uma fórmula perfeita: o máximo para o leitor dentro de princípios próprios aos dois órgãos, ambos utilizando modernos meios de comunicação e

expressão. [...] Na primavera, que tão eloquentemente se identifica com o JORNAL DOS SPORTS, surge “O SOL”. Seguirão lado a lado nesta Cidade que ama o esporte e se destaca pela profundidade do conhecimento.³²

Dentre os jornais da imprensa alternativa, *O Sol* teve um diferencial: ser o único até então conhecido a circular encartado em um jornal comercial. Este casamento culminou com a ideia do Reynaldo Jardim de criar um jornal novo e diferente da imprensa convencional. A experiência desse novo periódico tornou-se viável devido ao financiamento do *Jornal dos Sports*. Levando isso em conta, a direção do *JS* não era apenas encarregada de imprimir o jornal alternativo, ou seja, a empresa jornalística também tinha como responsabilidade remunerar tanto os jornalistas quanto os estagiários incumbidos de produzir as matérias publicadas n’*O Sol*.

Na década de 1960, os periódicos esportivos tinham um público reduzido. A limitação de leitores aos jornais da área estava diretamente relacionada a um preconceito que persistia há anos em torno dos exemplares voltados à divulgação de assuntos esportivos. De acordo com Hollanda (2008), os veículos direcionados ao esporte ficavam restritos ao consumo de pessoas com menor poder aquisitivo, isso porque boa parte da intelectualidade da época se recusava a consumir veículos de entretenimento, que, segundo ela, “não constituía índice satisfatório de refinamento, de conscientização ou o envolvimento com os problemas de sua sociedade” (HOLLANDA, 2008, p. 168).

Ciente do preconceito direcionado aos veículos esportivos e preocupado em expandir o público-alvo do jornal, o dono do *Jornal dos Sports* começou a pensar em ações estratégicas para conseguir mais leitores e, em contrapartida, tentar superar uma crise financeira que vinha atrapalhando o desenvolvimento do periódico. Assim, a equipe do *JS* passou a incluir no veículo uma série de suplementos, principalmente culturais, a fim de conquistar um novo público, isto é, chamar a atenção, sobretudo, da intelectualidade da época. Como foi visto, muitos dos encartes do *JS* foram criados em 1967.

Entre os suplementos, *O Sol* foi o mais peculiar, pois era a proposta de um jornal alternativo completo, que incluía assuntos políticos, econômicos e culturais, sendo eles nacionais e internacionais. Financiado pelo *JS*, o periódico alternativo acabou tendo duas fases: em um primeiro momento, ele circulou encartado no *JS* e, em um segundo, passou a ter uma circulação autônoma. Ao se conhecer a experiência d’*O Sol*, tem-se a impressão de que a folha foi pensada por Reynaldo Jardim para ser uma produção diferenciada dos jornais

³² Trechos do editorial publicado no *Jornal dos Sports*, em 21 de setembro de 1967.

convencionais da época. Além das mudanças gráficas e linguísticas, a resistência ao regime militar caracterizou uma das principais finalidades da equipe d' *O Sol*.

Por pertencer aos jornais da grande imprensa, é de se estranhar o fato do dono do *JS* se propor a financiar uma produção alternativa, como *O Sol*. O preconceito com os jornais esportivos e a tentativa de ampliar o público-alvo – apontados por Hollanda (2008) – ajudam a explicar o motivo que possa ter influenciado o diretor do *JS* a aceitar a proposta de Reynaldo Jardim para financiar uma folha alternativa e de oposição ao regime militar. Diante da crise financeira, a equipe do *JS*, possivelmente, percebeu que *O Sol* poderia ser um meio propício para angariar novos leitores ao jornal esportivo, até porque Jardim tinha influência de ideias que vinham adquirindo destaque na sociedade da época, como a valorização da juventude, público que a indústria cultural buscou absorver. Como o tempo, a equipe do *JS* passou a tentar uma aproximação com a juventude do período, contribuindo até com a formação de torcidas jovens organizadas (HOLLANDA, 2008), o que ajuda a explicar também a intenção do financiamento.

Como uma produção independente, *O Sol* permaneceu sendo financiado pelo dono do *Jornal dos Sports*, porém, quando a experiência passou a trazer prejuízos para a folha esportiva, sobretudo depois que os militares passaram a questionar a produção do jornal alternativo, o dono do *JS* decidiu se reunir com a equipe d' *O Sol* para anunciar o fim da ajuda financeira, fator que levou ao término da experiência. Assim, tudo indica que *O Sol* foi um projeto idealizado pelo Reynaldo Jardim, só financiado pelo *JS*, porque representou um potencial mercadológico interessante. Entretanto, isso não quer dizer que o periódico tenha sido fundado com a finalidade de ser um produto comercial, até porque essa prática era condenada pela equipe d' *O Sol*.

A primeira edição da folha carioca chegou às bancas de revista em 21 de setembro de 1967. Apesar de, com o tempo, os leitores do *Jornal dos Sports* se acostumarem com *O Sol*, em um primeiro momento ele foi visto com desconfiança - tanto que as primeiras cartas destinadas à equipe do novo jornal mostram estranhamento dos leitores que, de certa forma, tinham medo que *O Sol* viesse a substituir o famoso jornal esportivo.

Somos leitores do JORNAL DOS SPORTS há muitos anos, todos nós aqui em casa (cinco irmãos). Agora, estamos preocupados com essa história de novo jornal, O SOL. Desejava saber se nós, que gostamos do esporte (ou Sport, como nosso velho jornal), vamos ficar na mão. Esse SOL vem mesmo iluminar ou bagunçar nosso coreto? Não queremos perder a folha cor-de-rosa.³³

³³ Carta enviada por Cláudio José de Abreu Silva a' *O Sol* e publicada na primeira edição do periódico.

Em pouco tempo os leitores do *Jornal dos Sports* foram se habituando a *O Sol*, e ele passou a adquirir relevância na folha esportiva. Assim, com exceção das segundas-feiras, quando *O Sol* não circulava, nos demais dias da semana, os leitores tinham a possibilidade de acompanhar as notícias publicadas pelos repórteres do jornal alternativo. De acordo com Hollanda,

A eclética variedade das edições de *O Sol* que circularam no *Jornal dos Sports* poderia ser ainda ilustrada com uma miscelânea de reportagens, com um pot-pourri de informações que incluíam a presença dos ciganos no Brasil; o trabalho do artista plástico Rubens Gerchman; o uso de drogas como a maconha; a atuação do cientista Noel Nutels; a perseguição ao líder revolucionário latino-americano Che Guevara, então escondido nas selvas da Bolívia, que viria a ser assassinado um mês depois, a 08 de outubro de 1967; o sucesso dos Beatles e a internacionalização da sua música; a inédita concessão de um prêmio Nobel de Literatura ao guatemalteco Miguel Angel Astúrias, outorgado pela vetusta academia sueca; a publicação de um estudo de Erza Pound dedicado a Henry James; o show de Maria Bethânia, “Comigo me desavim”, com referências literário-poéticas a Sá de Miranda, Capinam, Brecht, Caetano Veloso, Rainer Maria Rilke e Fernando Pessoa; a parceria do jornal com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna, o MAM, com a organização de uma retrospectiva em homenagem ao cineasta francês Robert Bresson; os filmes de arte da Geração Paissandu (1966-1968), como *Made in USA*, de Jean-Luc Godard; a inusitada visita do compositor Geraldo Vandré à casa do ministro João Lyra Filho; a divulgação dos poemas de Manuel Bandeira e dos folhetins de Carlos Heitor Cony; ou a cobertura da posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, com a transcrição de boa parte de seu discurso, que seria seguido poucos dias depois pelo anúncio de seu falecimento (HOLLANDA, 2008, p.167).

Embora *O Sol* tenha sido planejado para circular encartado no *JS*, em alguns momentos, eles acabaram circulando individualmente. A primeira separação aconteceu no dia após o feriado de finados. Assim, em 03 de novembro de 1967, o jornal *O Sol* circulou pela primeira vez sozinho. De acordo com a equipe do *Jornal dos Sports*, a falta de notícias esportivas no feriado contribuiu para a publicação individual d’*O Sol*. Poucos dias depois, em 16 de novembro de 1967, os jornais voltaram a se separar, porém, desta vez, foi o *JS* quem circulou sem o periódico alternativo.

O JORNAL DOS SPORTS circula hoje sem O SOL, quem acompanha normalmente, face ao feriado de ontem, data em que se comemora a Proclamação da República. O SOL voltará normalmente às bancas amanhã em companhia do JORNAL DOS SPORTS.³⁴

Dois meses depois do seu nascimento, a equipe d’*O Sol* começou a pensar na possibilidade de transformar o periódico em uma circulação independente. Os repórteres do

³⁴ Informe do *Jornal dos Sports* ao leitor, publicado em 16 de novembro de 1967.

periódico entraram em contato com o dono do *Jornal dos Sports* e eles tiveram a permissão de mudar a folha alternativa para um exemplar único. Assim, em 26 de novembro de 1967, a equipe d'*O Sol* anunciou, na primeira página, a separação. A partir de 27 de novembro de 1967, passou a circular na cidade carioca sozinho.

Saindo sozinho, e vespertino, o Sol a partir de terça-feira terá 14 páginas. O setor estudantil ganha mais uma página, com ampliação do noticiário para a área secundária e primária; “Prá-frente” é uma página da juventude iê-iê-iê; uma nova coluna de Carlos Heitor Cony; Jeremias, o Bom; e mais arte, moda e espetáculo, sob o comando de Martha Alencar.³⁵

Aqui vale ressaltar que apesar da separação entre os periódicos, *O Sol* continuou sendo financiado pelo *Jornal dos Sports*:

Não, o jornal estava fadado a não dar certo pela época. Era a ditadura, um projeto libertário como aquele não podia ir adiante e a questão econômica foi fundamental, porque quem nos sustentava era o *Jornal dos Sports*. Na realidade, embora depois tenha separado a venda, ficado independente por poucos meses. Mas o *Jornal dos Sports* era quem pagava os salários e o jornal não tinha anúncios suficientes, porque era um jornal desafiador, diferente.³⁶

Dessa forma, o periódico permaneceu independente pouco mais de um mês e, assim, em 05 janeiro de 1968, diante de um acordo entre os diretores dos jornais, chegou ao fim mais uma das dezenas de experiências de periódico da imprensa alternativa, criadas no período da ditadura civil-militar brasileira.

4.3 Linguagem

O Sol foi criação do Reynaldo Jardim, que, apesar de poeta, jornalista e escritor, ficou conhecido como um criador. No jornalismo, ele ajudou, por exemplo, na reformulação gráfica do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã*. Seguindo a tradição, Jardim pensou o periódico alternativo para ser um veículo diferente. Assim, propôs mudanças que iam desde a estruturação gráfica e linguística até a linha editorial da folha.

Idealizado em um período agitado da política nacional, *O Sol* foi criado para ser um jornal essencialmente novo. As inovações estiveram presentes tanto no projeto gráfico quanto editorial do periódico. Um dos principais destaques d'*O Sol* consistiu no investimento em uma linguagem raramente encontrada na imprensa convencional da época. Apesar de a leitura

³⁵ Informe da equipe d'*O Sol* ao leitor, publicado em 26 de novembro de 1967.

³⁶ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

das reportagens evidenciar as inovações linguísticas, o primeiro editorial do jornal deixa claro essa preocupação com a necessidade de revolucionar a produção escrita da imprensa.

O SOL – com toda carga simbólica que a palavra carrega desde que o primeiro homem olhou para o céu – surge agora para contrariar o velho Salomão. Algo de novo surge. Surge e vai buscar seu nome na estrela que julgara já ter visto tudo. Aqui está um jornal que altera fundamentalmente os conceitos tradicionais de imprensa escrita. Não se trata de uma renovação gratuita. Ela é a conclusão de demorados estudos sobre a função da imprensa e sua eficiência nos dias de hoje, quando não se pode desconhecer o significado da informação pela imagem direta e imediata que a TV proporciona.³⁷

Para Lima (2004), os primeiros meios de comunicação brasileiros a utilizarem as técnicas literárias na produção jornalística foram a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*. Como argumenta Hollanda (2008), outro jornal também influenciado pelo Novo Jornalismo foi o *Jornal dos Sports*. Da mesma forma que o *JS*, o jornal alternativo *O Sol* teve influência da fusão entre o jornalismo e a literatura.

Em relação à linguagem, nós estudamos muito até que fizemos um seminário que os estudantes dividiram com a gente esse seminário: é o estudo de tratar cada matéria do jornal, como uma estrutura de quase uma história em quadrinhos, quer dizer, nós substituímos o modelo tradicional de jornalismo, que era título, lide, sublide e texto. A estrutura de linguagem e de matéria que nós aplicamos ao jornal, que nós discutimos é uma estrutura de história em quadrinho: um antetítulo – antes do título tinha uma abertura. Essa abertura terminava e emendava direto com o título e do título já emendava no corpo da matéria. Essa era a estrutura básica da matéria que subvertia totalmente o conceito tradicional das matérias de jornal.³⁸

Uma das mudanças linguísticas d'*O Sol* foi a ruptura com a técnicas do lide e da pirâmide invertida, substituídas por técnicas usadas nas histórias em quadrinhos, como o apelo. Assim, ao invés de um parágrafo para responder as perguntas do lide (Quando? Como? Onde? Porquê? O quê? E quem?), n'*O Sol* era diferente: o assunto era introduzido de acordo com a intenção do repórter, geralmente com um jogo de palavras no final e com as últimas palavras em destaque, como é possível perceber no começo da reportagem abaixo na figura 4.

³⁷ Trecho do editorial d'*O Sol* publicado no editorial da primeira edição, em 21 de setembro de 1967.

³⁸ Trecho da entrevista realizada com Martha Alencar em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.



Figura 4: Reportagem publicada na primeira edição do jornal, em 21 de setembro de 1967

Além disso, *O Sol* passou a ser valorizado pelos métodos de produção usados por jornalistas e escritores, como Truman Capote, Tom Wolf e Gay Talese. Assim, a objetividade e o distanciamento dos fatos presentes na grande imprensa foram substituídos pela subjetividade, pela valorização da humanização e pela imersão na realidade dos fatos. Nesse sentido, a equipe do jornal dizia que a linguagem de *O Sol* tinha sido pensada para ser viva, dinâmica e não regida por técnicas padronizadas e estanques, como se lê no trecho de um dos editoriais da folha:

A imprensa, de maneira geral, tem contribuído para estagnar a linguagem. Nossa linguagem será a palavra viva do homem da Rua, do estudante. Para maior clareza do que a dizer não temeremos o uso do vernáculo mais purista, nem teremos o papo legal hipercalibrado da juventude.³⁹

Um dos grandes responsáveis pela estruturação da linguagem de *O Sol* foi Zuenir Ventura. De acordo com Ana Arruda Callado, a princípio, Zuenir seria o editor-chefe do jornal, porém o escritor resolveu não aceitar o cargo. Ele teve uma contribuição importante na formação gráfica e linguística do jornal, caracterizada pelas configurações linguísticas e gráficas do periódico: “O Zuenir foi fundamental, quando a gente fez a estruturação dos textos, mas não ficou. Não ficou por quê? Porque ele viu que era uma aventura, que não ia durar e que não era um grande emprego, e saiu”.⁴⁰

De acordo com Ana Arruda Callado, além da estrutura linguística, a equipe de *O Sol* tinha cuidado na hora de produzir as notícias. No editorial de inauguração da folha, a equipe anunciou aos leitores de *O Sol* o caminho que teria a produção informacional do periódico:

³⁹ Trecho do editorial publicado na primeira edição do jornal, em 21 de setembro de 1967.

⁴⁰ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

Este é um jornal atento aos fatos do dia, mas jamais desatento às correções que os fatos do dia têm com o contexto geral dos acontecimentos. [...] A integração dos fatos nos preocupa, pois sabemos que todos os grandes acontecimentos são gerados pela soma de pequenos fatos isolados, e que os pequenos fatos isolados resultam, por sua vez, dos grandes acontecimentos.⁴¹

Apesar de todas as reportagens d’*O Sol* apresentarem uma linguagem diferenciada, seja por meio da valorização de diferentes personagens, pela descrição dos ambientes noticiados ou pela análise crítica da sociedade e do mundo, a editoria de *Polícia* foi a mais influenciada pelas mudanças. As matérias ou notas de casos policiais eram reportadas de uma forma bem literária. De acordo com Ana Arruda, a linguagem utilizada pelos repórteres de *Polícia* encontrou espaço no jornal por meio do escritor Carlos Heitor Cony, que procurava dar aos assuntos reais uma aparência mais leve e aparentemente fictícia.

O Cony era o editor de polícia. E ele era maravilhoso, porque ele ensinava mesmo os alunos a escreverem irônico. As seções dele eram verdadeiros folhetins, com apurações sérias de notícia, mesmo. [...] Quando eu falo em folhetim, é porque a própria notícia dava para fazer uma coisa mais dramática.⁴²

Os tratamentos linguísticos iam além das reportagens, todos os assuntos policiais recebiam cuidado especial, nem mesmo as notas ficavam de fora. Duas notas que evidenciam a mudança proposta pela equipe estamparam as páginas d’*O Sol* em 24 de setembro e exemplificam muito bem como os textos dessa editoria eram produzidos. A primeira relata a indignação de uma mulher que, cansada de apanhar, resolve denunciar o marido. Já a segunda, fala sobre a prisão de um jovem preso por ser encontrado com maconha. Ambas as notas são iniciadas de forma incomum e com recursos literários do uso de fala dos “personagens”: (figura 5)

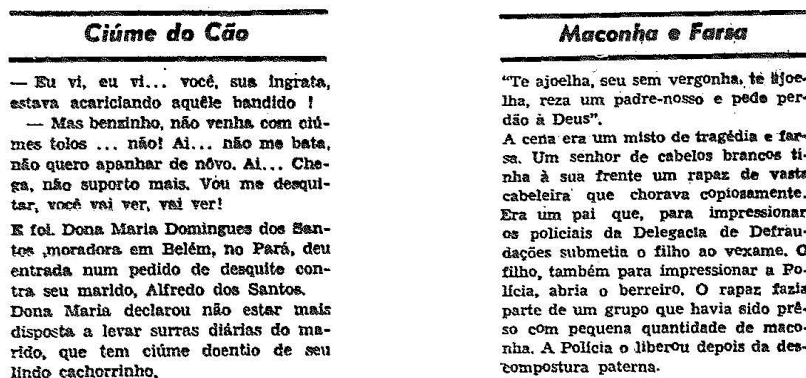


Figura 5: Trechos de duas notas publicadas na edição do jornal *O Sol* em 23 de setembro de 1967

⁴¹ Trecho do editorial publicado na primeira edição do jornal, em 21 de setembro de 1967.

⁴² Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

Outra peculiaridade da editoria de *Polícia* e que tinha uma característica incomum era a publicação não apenas dos fatos sobre os casos policiais, mas também as descrições físicas e, muitas vezes, o endereço completo tanto das vítimas quanto dos acusados. Como é possível ver no texto (figura 6).

Amélia

Noite escura, alta madrugada. Elsa voltava para casa. Quem estava com o rôlo de macarrão atrás da porta, era o marido. A mulher boêmia entrou no tapa, e no tapa feio. Elsa Correia da Silva (brasileira, casada, 27 anos, funcionária estadual, Rua Helena, 87, casa 7, Realengo), porque apanhou do marido, tentou o suicídio, ingerindo grande quantidade de analgésicos. Pedro Rodrigues (brasileiro, casado, feirante, 32 anos), o marido coruja, foi preso pelo guarda Bira, e autuado na 35.ª DD. Diz o médico do Hospital Rocha Faria, que "Amélia" escapa, para retornar ao rôlo de Pedro.

Figura 6: Trecho de nota publicada na edição do jornal *O Sol* em 24 de setembro de 1967

Enfim, por meio d'*O Sol*, os cariocas de 1967 puderam conhecer uma estrutura jornalística diferenciada da qual estavam habituados a ver nos jornais impressos da época. O investimento em uma linguagem mais literária e informal levou ao rompimento com a linguagem padronizada e mecanicista da imprensa tradicional, incorporada à produção jornalística a partir do século XIX. Assim, a equipe d'*O Sol* buscou construir as suas próprias formas de reportar os assuntos noticiados.

4.4 Conteúdo

Dividido em oito editorias, o conteúdo d'*O Sol* era diversificado - tratava desde assuntos relacionados à política e à economia como também à educação e à moda. As editorias não se diferenciavam muito das encontradas nos jornais tradicionais. Entretanto, a equipe do jornal buscou uma nova forma de denominá-las. Assim, elas ficaram conhecidas, como *Arte e Espetáculo*, *Cidade*, *Economia*, *Internacional*, *Polícia*, *Problemas Brasileiros*, *Educação* e *Features*. Apesar de todas as editorias, havia uma valorização significativa dos assuntos relacionados à cultura. Segundo Zuenir Ventura: "*O Sol* não caiu do céu. Não foi o astro rei que abaixou de repente sem mais nem menos. Ele faz parte de um contexto. Ele vem

em um momento em que o país vivia uma grande efervescência cultural”.⁴³ Como enfatiza Ana Arruda:

Nós valorizávamos muito a questão das artes, do teatro, por isso a editoria da Martha tinha uma importância grande. Porque ela tinha uma equipe boa e era uma editora que a gente privilegiava. Literatura, cinema, teatro e música, pois era um momento de grande efervescência brasileira. Então, tinha matéria à beça. Sá era estagiário lá, então todos os assuntos de movimento era assunto importante n’*O Sol*. A efervescência cultural dos anos 60. Até moda, tudo, nós não tínhamos preconceito com assunto nenhum.⁴⁴

Dentro de cada editoria, além das reportagens características, existiam algumas seções ou colunas. Na editoria de *Polícia*, uma experiência que teve início na França foi retomada, os chamados folhetins. De acordo com Antônio Hohlfeldt (2003), como influência francesa, o folhetim é incorporado no Brasil em 1938. O primeiro romance publicado em jornal circulou no Rio de Janeiro, no *Jornal do Comércio*. N’*O Sol*, o folhetim era publicado na editoria de *Polícia* pelo escritor Carlos Heitor Cony. A temática das histórias que estampavam as páginas do periódico, diariamente, era o romance policial. Assim, com toda a habilidade que tinha com a escrita, Cony publicava aos leitores histórias irônicas, humorísticas e de suspense. A primeira história acompanhada pelos leitores d’*O Sol* nasceu junto com o periódico, em 21 de setembro de 1967. Ela teve como título: *O Crime mais que perfeito* (figura 7).

⁴³ Depoimento de Zuenir Ventura no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

⁴⁴ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

FOLHETIM DE CARLOS HEITOR CONY

CRIME MAIS QUE PERFEITO



CAPÍTULO UM

A SOTAÍNA ENSANGÜENTADA

Dom Rodolfo de Aguiar Dias chegou ao portão do palacete da Rua dos Araújos, uma rua tradicional da antiga aristocracia tijuca, empoeirada agora, e mais triste que todas as demais ruas da Tijuca, do Rio e do mundo. Antes de tocar a campainha, meteu a mão no bô'so da batina e apanhou o telegrama que recebera dias antes, e cujo texto já sabia de cor: "Sou senhora rica, nascida em Valença, antes de morrer quero deixar todos os meus bens para a sua diocese. Traga valise para levar o dinheiro e as apólices. Dona Eugênia do Carmo, Rua dos Araújos, 47 — Rio".

Era ali mesmo. Rua dos Araújos, 47. Apertou a campainha do portão e esperou. Ia apertar outra vez quando notou que o portão estava apenas encostado. Entrou num velho jardim de decadentes samambaias e estorricados tinhorões. Atravessou o caminho de cimento e subiu os três degraus da residência. A porta principal também estava apenas encostada, como se alguém tivesse esquecido de fechá-la, ou por ela tivesse saído apressadamente e há pouco.

Empurrou a porta e penetrou numa espécie de vestibulo, escuro e abafado como uma sacristia baiana. Não havia viva alma, nem mordomo há, morto ou vivo não havia nenhum nem viva alma. Por um instante suspeitou que caíra numa cilada, uma brincadeira de comunistas interessados em desmoralizar a Igreja. Mas havia um salão à esquerda e para lá o bispo de Valença se encaminhou. Para logo parar, estupefato e sofrido. Caído no centro da sala, olhos esbugalhados, a vasta e rodada saia deixando a mostra as multicoloridas varizes da perna. Lá estava a velha, que pela postura e

pelas varizes parecia ser a milionária caridosa que se lembrara de auxiliar a diocese valenciana.

— Per Dominum Nostrum Jesum Christum! — murmurou o bispo persignando-se. Acho que mataram a velha!

Aproximou-se do corpo estendido na sala e viu o punhal cravado nas costas da multimilionária. Como não soubesse o que deveria fazer, fez o que não devia: apanhou o punhal e retirou-o das costas da velha. Um jato de sangue pulou daquele corpo ainda quente e salpicou a batina do bispo.

— Estou perdido! — pensou o bispo. Os jornais comunistas dirão que assassinei uma velha para arrancar-lhe dinheiro!

Com o punhal na mão, lembrou-se que devia encomendar a alma da velha, tão generosa alma arrancada brutalmente do corpo na hora mesma de uma caridade extrema!

— Parte, oh alma cristã... — mas a oração ficou embrulhada em seus lábios lívidos. A sotaína, a negra sotaína que tanto honrara toda a vida, salpicada estava do sangue de uma justa. Suas mãos, castas mãos de bênção e de penitências, agarrava com força um punhal assassino.

— Vou chamar a polícia. Não tenho nada a temer. Sou inocente do sangue desta justa!

Foi o que disse ao comissário Jardim do 18.º Distrito Policial que meia hora depois apareceu no palacete da Rua dos Araújos. Mas o comissário Jardim era um dialético. Colgando as barbas louras e encaracoladas, o policial murmurou, olhando pesadamente a sotaína ensanguentada do bispo:

— É o que veremos, e o que veremos...

Figura 7: Primeiro capítulo do folhetim escrito por Carlos Heitor Cony n' *O Sol* e publicado em 21 de setembro de 1967

A editoria de *Educação* era a com mais seções, mas quatro delas merecem destaque: *Bastidores*, *Calendário*, *Correspondência* e *Divergência* (figura 8). A primeira era formada por pequenas notas sobre eventos ou assuntos relacionados à educação, como balanço e informações de greves ou o desfecho de palestras e encontros. Em analogia ao nome, a seção era um espaço reservado para divulgar informações de bastidores dos fatos sobre educação. Se em *Bastidores* eram publicados os desfechos dos eventos educacionais, *Calendário* era usada para a divulgação dos eventos.

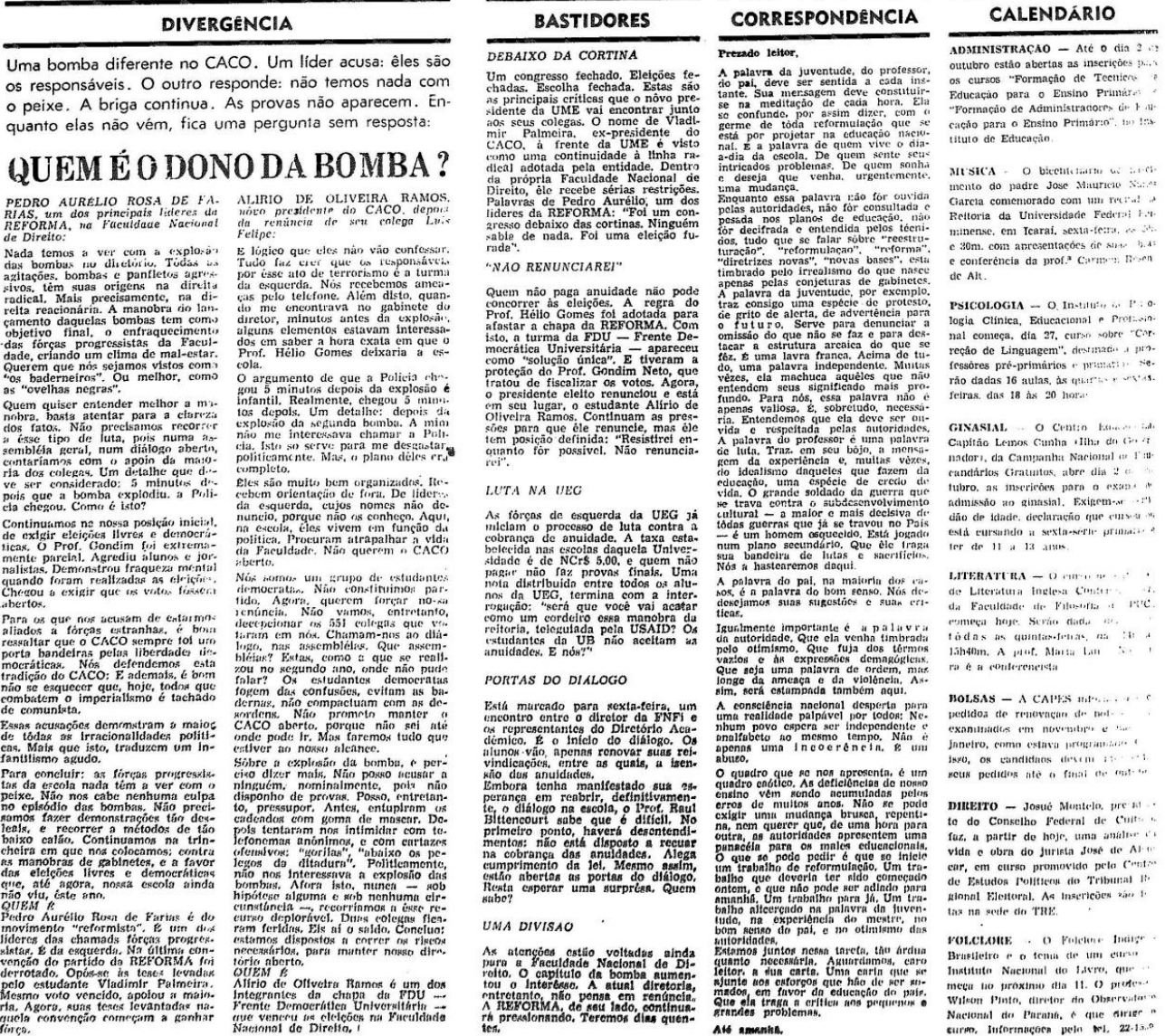


Figura 8: *Divergência*, *Bastidores*, *Correspondência* e *Calendário* publicados em 21 de setembro de 1967

Já *Correspondência* era composta por recados de elogios, perguntas dos leitores e pedidos de ajuda – tudo isso tinha uma relação direta com a editoria de *Educação*. Por fim, *Divergência* era um espaço do jornal destinado a apresentar a opinião de pessoas sobre um determinado assunto. O diferencial dessa seção consistia em apresentar pontos de vistas contrastantes de um fato. Assim, dois pensamentos divergentes eram colocados lado a lado. A impressão que se tem é de que as opiniões apresentadas seriam para que o leitor formasse sua própria opinião (como será apresentado adiante, essa seção tinha influência da revista *Realidade*). Na quarta edição do jornal, a carta de um leitor mostra que a seção era bem vista.

Colocar lado a lado as opiniões, achei uma ideia realmente interessante. Refiro-me à reportagem sobre o FMI, em que publicaram a interpretação que circulou pelas faculdades e a versão oficiosa de “O Globo”. Isso, que pode parecer política de PSD mineiro, é, na minha opinião, bom para que o leitor forme o seu julgamento, tendo duas opiniões divergentes. Além disso, há a coluna fixa de “Divergência” sobre assuntos educacionais, que me pareceu interessante. Luís Carlos Ferreira

R: Realmente, concordamos que havendo argumentos contrários, a solução pode ser a que foi adotada nos casos acima.⁴⁵

Além dessas seções, na editoria de *Educação*, era comum encontrar séries de assuntos de interesse social, como a discriminação, preconceito, racismo, revolução no ensino, prostituição, entre outros. As discussões em torno dessas temáticas não se esgotavam em apenas uma reportagem, cada dia tinha um texto novo, abordando algum ponto de vista sobre o assunto escolhido. Alguns temas ficavam dias sendo discutidos. Outra peculiaridade da editoria de *Educação* era a publicação de provas resolvidas em período de vestibular. Assim, a equipe do jornal divulgava a prova com as respostas de cada exercício.

Outras colunas interessantes poderiam ser encontradas na editoria de *Arte e Espetáculo*. Três delas merecem destaque: *A pedida é*, *Historinha infantil* e *Conversa de Mister Eco*. A primeira (figura 9) era um espaço reservado no jornal para divulgar peças de teatros, eventos musicais e filmes que estivessem em cartaz.

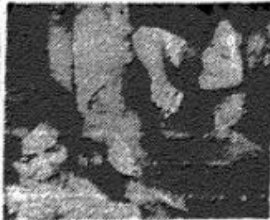
⁴⁵ Carta do leitor Luís Carlos Ferreira publicada na quarta edição d’*O Sol*, em 24 de setembro de 1967.

A perdida é



A CONDESSA

— Chaplin volta à cena. Desta vez não é o protagonista principal, faz apenas uma pequena ponta. O filme é arrasado pela crítica inglesa. "A Condessa de Hong Kong" entretanto não é seu pior filme. Não possui a alta carga lacrimogénica de "Luzes da Ribalta", mas em compensação não tem o espírito crítico de "Um Rei em Nova Torque", filme incomprensido, mas um ótimo trabalho. As gags de Chaplin é que não



QUEM SAMBA FICA

— Teatro de Bóiso — direção de Antônio Carlos Fontoura, com Odete Lara, Sidney Miller e o quarteto vocal As Meninas. Direção musical de Carlos Castilho Sidney, Odete e As Meninas, acompanhados de um quarteto (violão, bateria, baixo e flauta) dão um chá de boa música. No dia faltava ainda o violoncelo, que deveria encher mais o show. O espetáculo não tem complicações, de marcação simples e bonita, não parecendo que existe tanta gente em

GALERIA SANTA ROSA
RUA VICENTE DE FRAGA, 22
PARRÓQUIA
RIO DE JANEIRO - 08
20-77

GRASSMANN

ALPHAVILLE

Jean Luc Godard no science fiction. Um dos mais geniais e o mais atual diretor cinematográfico se transporta ao futuro dando sua visão de nosso mundo em alguns anos. Um mundo mecanizado, onde o homem não passa de uma peça que impulsiona esse mecanismo. Uma sociedade acomodada a sua condição de máquina e que obedece sem pestanejar. E preciso que chegue o homem para acabar com Alphaville e

evoluiram. Continuam as correrias e os constantes abre e fecha das portas que já envelheceram no cinema. A situação é a mais banal possível, nunca surpreende ninguém. Os atores não rendem muito nas mãos de Chaplin, continuidade é coisa que absolutamente não existe no filme. O resultado final consegue ser simpático, e isto é muito pouco para Charles Chaplin, "the living legend". É a continuação da queda iniciada em "Luzes da Ribalta", que foi interrompida com "Um Rei em Nova Torque".

encerrar o reinado de Alpha 80. O mesmo espírito que revolucionou o cinema em 1950 com "Acossado" volta com a mesma violência e agressividade. Godard evoluiu. Seu cinema é bem mais estruturado e mais prático a uma idéia inicial. Depois de "Alphaville" viria "Pierrot le Fou", Michel seria revivido em Ferdinand, o filme seria um novo impacto. Agora só resta esperar por "Made in USA" que já tem lançamento marcado para os próximos meses.



IRMÃ GEÓRGIA

Quase comédia de Frank Marcus. O autor aborda o problema do homossexualismo sem intenção de chocar. Dos quatro personagens da peça três são lésbicas, e o tratamento que o autor dá a estes personagens é natural, como a pessoas normais, não levando em conta sua relação sexual patológica, para indicar ao público qualquer tipo de moral. A "Irmã Geórgia" é um personagem de novela que durante seis anos é in-

terpretado por Lucy Buck. Com a queda de audiência do programa, a solução dos dirigentes para a recuperação da novela é acabar com a "Irmã Geórgia". Para Lucy Buck isto significará o seu fim, tamanha era a identidade que ela adquirira com a personagem que representava. Com diálogos vivos e irreverentes, Frank Marcus faz uma sátira humorística, não só da tevê, como de seus próprios personagens, envolvidos e bestificados por ela. Com esta sua segunda peça, Marcus ganhou dois prêmios em Londres.

cena. O principal é o bom gosto na escolha do repertório, e este show tem um dos melhores dos últimos tempos. Odete saiu-se muito bem principalmente nos sambas. Sidney está bem mais desinibida, e canta suas melhores produções (Maré de Ol. Meu Violão, Menina da Agulha e muitas outras). O quarteto As Meninas resseente-se um pouco da pressão dos ensaios de um repertório estranho a ele, mas não compromete e dá uma boa amostra do que pode vir a ser. A direção musical de Castilho é boa no tocante ao repertório.



MARCELO GRASSMAN

— Está novamente de volta Grassmann e seus monstros medievais. Atualmente em exposição na galeria Santa Rosa, teremos até o dia 30 de setembro para apreciar a obra do importante gravador nacional. Premiado pela primeira vez em 1950, no Salão Nacional, Grassmann obteve ainda, entre outros, o Prêmio Especial de Arte Sacra do Biennial de Veneza e o Prêmio de Desenho da Primeira Biennial de Paris. Preparase agora para apresentar suas obras,

Hors-Concours, na Biennial de São Paulo. As gravuras de Grassmann, todas de grande qualidade técnica, apresentam-nos um mundo fantástico, povoado de monstros e cavaleiros medievais. Na atual mostra, vemos ainda algumas virgens envoltas num ar de mistério e pesadelo característico da obra de Grassmann, mas que já não se manifesta com mesma violência que em suas obras anteriores. O Grassmann fantástico e agressivo, vai aos poucos cedendo lugar a um artista mais lírico.

Figura 9: A perdida é publicado em 22 de setembro de 1967

Os textos da coluna tinham, no máximo, dois parágrafos e, geralmente, eram curtos, mas isso não impossibilitava que produtos culturais fossem comentados. Assim, ao ler cada nota, tinha-se a impressão de estar diante de pequenas resenhas críticas. Com a apresentação do evento ou produto cultural, os leitores ficavam convidados a conhecê-lo.

A *Historinha infantil* (figura 10), escrita por Nelson Rodrigues, representava n' *O Sol* mais um folhetim. No entanto, esse se diferenciava do folhetim escrito por Carlos Heitor Cony: enquanto nas narrativas policiais priorizavam assuntos relacionados a crimes e a

assassinatos, as temáticas de Rodrigues eram mais brandas e fantasiosas, típicas das ficções infantis. Para dar um tom mais infantil, as histórias sempre vinham acompanhadas de uma ilustração. Com textos muito bem escritos e, muitas vezes, com jogo de palavras e frases no sentido figurado, os textos provavelmente não interessavam apenas às crianças, mas também aos jovens e aos adultos. As produções ficcionais estampavam as páginas do jornal diariamente e, para situar o leitor, o primeiro parágrafo procurava retomar o assunto anterior, numa tentativa de lembrar o leitor sobre o último capítulo. Assim, como o folhetim de Cony, a primeira publicação de Nélson Rodrigues teve início na inauguração do periódico.



Primeira historinha infantil de Nélson Rodrigues.

1

Fazia muito calor no céu. Um anjo de cor, que os colegas chamavam de "o bom crioulo", abanava Nosso Senhor com a "Revista do Rádio". Múscas vadias viravam cambalhotas. E S. Francisco de Assis, na varanda, cataba pulgas num vira-latas, recentemente falecido. Santos, jogavam uma pelada, com querubins servindo de gandulas.

2

E, de repente, o Cafuringa irrompe na paisagem, aos berros: — Papai do Céu! Papai do Céu! É o Próprio, por detrás das barras de Vitor Hugo:



— Fala, meu filho. Qual é o drama? Cafuringa, anjo dos mais subser-vientes, perfila-se como se Nosso

Senhor fôsse o Hino Nacional; e dá o seu recado:

— Patrão, é o seguinte: — tem uma menina chorando, lá na terra. Nosso Senhor ergue-se, patético:

— Como? Uma menina chorando? Isso é mais grave do que Vietnã. Mas chorando por quê? Dor de ouvido? Cafuringa não sabia. Ninguém sabia. A menina chorava, eis tudo. Nosso Senhor tropeja:

— Telefona, já, para o "Departamento de Pesquisa do Jornal do Brasil". Pergunta lá o que e que há com a menina. Chispa.

3

Parte o Cafuringa. E, por todo céu, de estrela em estrela, corre a notícia fatal: — uma criança chora na terra. Os jornais publicam edições extras. As manchetes solçam em oito colunas: — "Uma Menininha Terrena Sofre". Enquanto Cafuringa não voltava, Nosso Senhor falou na televisão celestial:

— A única coisa que ainda me apavora é a lágrima da criança. O resto é paisagem. Falei bem? S. Francisco de Assis aplaude, de pé:

— Bravíssimo! Bravíssimo! V. Exa. fala como um baiano. Tem mais eloquência que toda a família Mangabeira

4

Nisto, entra o Cafuringa. Telefona para o "Departamento de Pesquisas do Jornal do Brasil" e sabia coisas do arco da velha.

— A menina chama-se Lucí-nha, tem sete anos e mora em Irajá. Nossa Senhor faz espanto:

— Irajá? Que país é esse? Cafuringa deu uma aula de Geografia:

— Irajá fica no Brasil, Chefe. Papai do Céu exultou:

— Brasil? Ah, conheço, como não? Brasil, terra de Machado de Assis. Folheteinista de pulso. Promete, promete. Mas escuta, Cafuringa: — e a menina é pobre?

— Filha de um ex-mata-mos-quitos, entrevado.

— Ótimo, ótimo. Não gosto dos ricos, dos poderosos. Nunca fui com a cara do Válder Moreira Sales Continua. E a menina chora por quê?

Cafuringa disse a última palavra:

— Chora porque e fero. Os santos e anjos ali presentes, improvisaram um coro: — "Coitadinha! Coitadinha!" Nosso Senhor estende as duas mãos crispadas:

— Tens certeza que é feia?

— Ainda por cima, magricela. E o pior, V. Exa. não sabe. Todo santo dia, ela reza para ser bonita. Complexada.

S. Francisco de Assis pisca o olho:

— Freud explicaria isso. Nosso Senhor abria os braços para o céu:

— Todo dia, há uma inundação na China e morrem 100 mil chineses. Mas a morte de 100 mil chineses é até humorística e não vale a lágrima de uma criança

(Aqui, porém, termina o 1º ato. Continua amanhã)

Figura 10: *Historinha infantil* de Nélson Rodrigues publicado em 21 de setembro de 1967

A última das três seções da editoria de *Arte e Espetáculo*, *Conversa de Mister Eco*, era uma coluna assinada por Mister Eco (figura 11). Nela, o jornalista fazia comentários sobre assuntos relacionados, principalmente, à cultura. Ao longo das edições, temas como pobreza de espírito, idolatria de famosos e indústria do entretenimento foram discutidos. Os assuntos destacados, geralmente, tinham influência de fatos recentes, o que caracterizavam espécies de gancho para o desenvolvimento dos comentários.

Conversa de Mister Eco | *FIC tem mais fofocas*

Pressionado pelos próprios compromissos, o Sr. Carlos de Laet, Secretário de Turismo, está propenso a ceder à justíssima imposição de que sejam mantidas as quarenta músicas selecionadas pela comissão, excluindo as duas que, arbitrariamente, pretendeu ele incluir como semifinais do II Festival Internacional da Canção.

O Secretário de Turismo, segundo declarou, não tra, por isso, deixar o cargo. É ponto de vista, sem dúvida acomodaticio, mas que, de qualquer forma, vem dar novo alento ao certame. A atitude do Sr. Carlos de Laet, voltando a respeitar o regulamento do Festival, deveria ser assim: a pó-de-al em todas as fofocas. Mas não é.

O mais sério ainda está para acontecer e se prende à exclusividade da transmissão do Festival, dada, sem edital e sem concorrência pública, a uma emissora de televisão. Flávio Cavalcanti enviou carta, protocolada, à Secretaria de Turismo, pedindo autorização para, também, transmitir o Festival, ou, em caso negativo, desajando saber por que não poderá fazê-lo.

Essa carta foi encaminhada ao departamento jurídico da Secretaria de Turismo, para que o mesmo opinasse. E a carta foi simplesmente engavetada sem qualquer resposta. Flávio Cavalcanti insistiu. Remeteu uma segunda carta com o mesmo teor. E o destino também foi o mesmo: gaveta. Flávio vai agora partir para um mandado de segurança, cuja concessão, segundo abalizados pareceres jurídicos é líquida e certa.

E ve então a grande coincidência: enquanto não dava resposta às duas cartas de Flávio Cavalcanti, o Sr. Carlos de Laet incluía duas músicas entre as já selecionadas, uma das quais de co-autoria da irmã de conhecido homem de televisão. Flávio protestou imediatamente no seu programa "Um Instante Maestro". A irmã de Flávio, embora honrada com a distinção, afirmou, não aceitar de forma alguma, a inclusão de sua música de maneira como foi feita pelo Sr. Carlos de Laet, a quem só conhece de nome.

Ao que tudo faz crer, o Secretário de Turismo usou a técnica de amarramento, que não funciona. O mandado de segurança será impetrado.

NOTÍCIAS

O Bierklaus vai comemorar em grandes festas o seu segundo mês de existência. E se justifica. Depois que foi retirado aquele abacaxi que fez a ziquizra do Top Club, a coisa funcionou com faturamento seguro. * Anunciada para o dia três de outubro chegou ao Brasil do cantor norte-americano Johnny Rivers, do gênero piroqueto. Deverá apresentar-se no Caneção. * Outro quem vem em outubro é o mexicano Miguel Aceves Mejia, que dizem ser, em terras estecas um grande vendedor de discos. Vem a passeio. * O espetáculo "Rio Zé Pereira", ao contrário do que foi anunciado, também entrou no September Fashion Show. * Angelita, lady-crooner mudou-se do Drink para o Sarnu. * Na parte térrea do bote Fred's, Alfredo Inácio, o Alfredoão, vai instalar um restaurante-restaurantaria: Mincirio.



Verushka: muita testa e muito pé

VERUSHKA
Não é, propriamente, um pau de virar tripa, um espanador da lua, como se diz lá em Maragogipe. Essa Verushka, porém, condessa e maneira, chamada de a mulher do ano 2.000, não fez nada no September Fashion Show. Dou foi muito complexo no Jorginho Guinic. Vera Gotlich von Lendhorf é leia, testada, e se sustenta em alieceres muito grandes mesmo considerando-se a sua esguzga e altamente gabaritada anatomia. A porção do ano 2.000, positivamente, não estará bem servida.

TEATRAIS
Com a liberação da verba de NCr\$ 4.500,00, está garantida a presença do Brasil na exposição internacional de cenografia de Praga. Nosso representante: Flávio Império. * Cleo de Yvernia, que retornou de Paris, onde esteve por conta do Prêmio Molière, está ensaiando o papel de Jocasta ao lado de Paulo Edipo Rei Autran. * Miguel Carrano entrou em substituição a Nestor Montemor, no elenco de "Secretissimo". * Um casal de adolescentes e um casal de gatos (gatos mesmo) vivem sob o mesmo teto. Chega um casal em lua-de-mel e há a descoberta do amor. É o tema de "Verão", peça premiada de Romain Weingarten, que o grupo teatral "Poliedro" vai apresentar no Teatro Princesa Isabel, em novembro. Os polidieticos: Sérgio Viotti, Martin Gonçalves, Helena Inês, Dorival Carper, Heleno Prestes e Alvim Barbosa. * O empresário Gomes Leal está apresentando no Teatro Recreio um espetáculo intitulado "O Negócio Tá Subindo", Silva Filho, que não pode ficar atrás em matéria de indecência, apresenta no Teatro Carlos Gomes a revista "Cum Ebas Eu Fico Duro". E ninguém vai preso.

MUSICAIS
Sylvie Vartan, esposa de Johnny Halliday (ainda deve ser) gravou em francês a "Nameradinha de um Amigo Meu", de Roberto Carlos. * Bill Martin (compositor), Phil Coulter (letrista) e Georgie Fame (cantor) integram a delegação britânica ao II Festival Internacional da Canção. Bill e Phil são os autores de "Puppet on a Strings", canção vitoriosa em concurso da Eurovisão. * Depois de uma estréia acidentada, o musical "Quem Samba Fica" vai fazendo carreira no Teatro Carlos com destaque para as canções de Sidney Miller. * No programa "Um Instante Maestro" de sábado próximo, transmitido no vivo da V Feira Brasileira de Atlântico, será apresentado o samba "Barração é Sou", que Luis de França, o índio assustado, pegou como o seu passarinho, meteu na sua galão, e agora é de sua propriedade, pelo menos para usufruir os direitos autorais, que é o que interessa.

Figura 11: *Conversa de Mister Eco* publicado em 21 de setembro de 1967

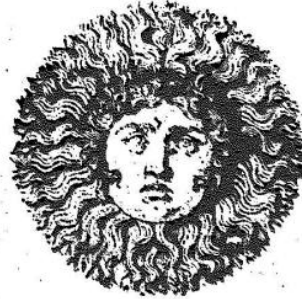
Além das seções comentadas, havia duas que não estavam em uma editoria específica, mas é importante destacar. A primeira era o editorial do jornal, denominado *Bilhete* (figura 12). Nas primeiras edições, os editoriais serviram para apresentar ao leitor o

jornal e comentar suas principais inovações. Assim, por meio do *Bilhete*, é possível conhecer muitas das intenções e das singularidades d'*O Sol*. Na mesma página e muito próximo ao editorial, tinha um espaço reservado a cartas dos leitores. A maioria das correspondências destinadas a *O Sol* ou era para elogiar ou para dar dicas e sugestões ao jornal. As cartas eram publicadas na página dois do periódico e respondidas pela equipe.

bilhete

Partir do marco zero é bem mais trabalhoso do que simplesmente dar seguimento ao que já está feito e definido. O novo conceito gráfico e de linguagem que este jornal lançou vai aos poucos se aprimorando até encontrar seu ponto ótimo. O leitor também acostumado com um tipo padronizado de imprensa deve estar entrando nas páginas do SOL como quem entra em casa nova. Conhecida a casa ela se torna familiar. Mais alguns dias de leitura e será fácil percorrer todas as dependências localizando mecanicamente onde está o assunto de interesse. Em nosso primeiro número quase ninguém entendia que diabo eram aqueles 2-B, 4-C, 8-A que aparecem na primeira página. Mas logo depois foi fácil, vendo no alto de cada página, perceber que aquela era apenas uma indicação de onde se encontrava o texto procurado. Se no primeiro quarto (A), se no segundo (B), se no terceiro (C) ou no quarto (D). O hábito também mostrará que os assuntos estão agrupados em páginas determinadas. Assim como se torna fácil localizar a matéria de interesse estamos procurando escrever numa linguagem sem os cacoes do jornalismo tradicional. Tudo indica que nosso sistema de trabalho está obtendo os resultados mais positivos. As cartas continuam chegando com palavras de entusiasmo, numa evidente demonstração de que nosso aparecimento havia se tornado uma necessidade, uma resposta a os que buscam na imprensa mais que o simples volume de informação, mas a informação interpretada, analisada, ponderada de tudo o que acontece de realmente importante. Mas, pra sair do sério, dê uma lida na historinha infantil de Nelson Rodrigues. Está uma graça.

SOL



CARTAS

Como estudante de artes gráficas, gostaria de parabenizar O SOL pela sua excelente apresentação, totalmente revolucionária. Essa ideia de dividir cada página em quatro partes é genial. Podendo dobrá-lo, facilita muito a leitura. Alaide Silva.

R. — Também diferente na paginação, O SOL agradece às referências, principalmente porque são vindas de uma estudante de artes gráficas.

Se O SOL pudesse definir, o mais objetivamente possível, o que é cinema novo brasileiro, o que ele representa para nós, quais os diretores e filmes mais significativos, gostaria muito porque, afinal, é uma renovação que precisa ser conceituada e debatida. Sérgio Tullio.

R. — Sugestão anotada e encaminhada a Martha Alencar, editora de "features".

Colocar lado a lado as opiniões, achei uma ideia realmente interessante. Refiro-me à reportagem sobre o FMI, em que publicaram a interpretação que circulou pelas faculdades e a versão oficial de "O Globo". Isso, que pode parecer política de PSD mineiro, é, na minha opinião, bom para que o leitor forme o seu julgamento, tendo duas opiniões divergentes. Além disso, há a coluna fixa de "Divergência" sobre assuntos educacionais, que me pareceu interessante. Luis Carlos Ferreira

R. — Realmente, concordamos que havendo argumentos contrários, a solução pode ser a que foi adotada nos casos acima.

De tudo que O SOL renovou, o que mais entusiasmo me causou foi a parte de polícia. Sempre discordo de tudo que se publicava, ou se deixava de publicar, sobre esse assunto. O criminoso nunca foi visto por um outro ângulo que não o de um indivíduo pernicioso à sociedade, quando ele é uma consequência de estruturas sociais. Essa abordagem, acho muito mais própria.

R. — Também, temos essa preocupação.

Deixando mais sucesso ainda a O SOL e a toda a sua equipe, envio um forte abraço à sua inovadora equipe. Aqui na PUC estamos à disposição. Um abraço, Sônia Meinberg.

R. — Você deve ter percebido, Sônia, a importância que estamos dando ao problema educacional. Nosso público é o jovem, e é nas universidades que pretendemos ter nosso melhor diálogo. A PUC será sempre alvo de especial carinho de nossa parte. Por isso, vamos importuná-la com frequência, pedindo notícias.

O SOL — propriedade do JORNAL DOS SPORTS S.A. — Rua Tenente Fossato, 15/25 — Rio de Janeiro — G.B. Telefone: 22-3111 / Presidente: Célia Rodrigues / Diretores: Mário João Rodrigues, Henrique Gigante, J.G. Bastos Padilha / Conselho de Redação: Reynaldo Jardim e José Guilherme Padilha / Consultoria: Otto Maria Carpeaux e Sérgio Lemos / Editor-Chefe: Ana Arruda — Editoria Internacional: Carlos Castilho (Editor), Daniel Weiman, Gakero de Freitas, James Rosenthal, Jorge Pinheiro, Rosana Ribeiro / Editoria de Problemas Brasileiros: Ronald de Carvalho (Editor), Aísa Lobo, Artur Pedreira, Celso Barata, José Ribamar, Maria José Lourenço, Raimundo Castelo / Editoria de Cidade: Estela Lachter (Editor), Francisco Dias Pinto, (Sub-editor), Cláudio Lúcio, Renato Santos, Humberto Meeiros, Eleonora Sienis, Solange Sena, Verônica Silva, Zélia Weiman, Mário César — Editoria de Polícia: Carlos Hottor Ony (Editor), João Rocoife do Prado, José Augusto Caldeira, Frederico Cunha, Manuel Fernandes, Sérgio Gramates / Editor de Economia: Pedro Paulo Lomha / Editoria de Features: Martha Alencar (Editor) Antônio Roberto Amorim, Gilberto Lopes, Luis Carlos Silva, Gedeão, Paulo Martins, Roberto Goulart / Editoria de Fotografia: Fernando Duarte (Editor), Carlos Barreto, Mirabeau Júnior, Sérgio Rocha, Enock Theodoro (laboratório), Lídia Trigueiro / Editoria de Educação: Adolfo Martins (Editor), Vitor Bacton, Sérgio Moreira, Silvio Júlio Rousido Oliveira / Pesquisa e Prospectiva: Olga Reis e Silva (Chefe), Ana Maria de Freitas, Iná Meireles, Mauro Santos, Laila Brasil / Diagramação: Anaíne Estrêla, Eva Paraguassu, Lia Grillo, Mônica Parreto, Teresa Jorge, Virginia Costa / Publicist: Joffre Rodrigues / Colaboradores Especiais: Nelson Rodrigues, Miter Bco, Fernando Lôbo, Isabel Câmara, Torquato Neto, Henfil / Departamento Comercial: Rua Senador Dantas, 20 — 10.*

Figura 12: *Bilhetinho* e cartas do leitor publicados em 24 de setembro de 1967

Ainda dentro do conteúdo d'O Sol, havia as charges e os cartuns. O principal chargista do jornal era Henfil, que desenvolvia charges humorísticas, irônicas e satíricas (figura 13). Os assuntos tratados variavam bastante, mas boa parte das charges publicadas no periódico tinha como temática os embates ideológicos presentes na década de 1960.

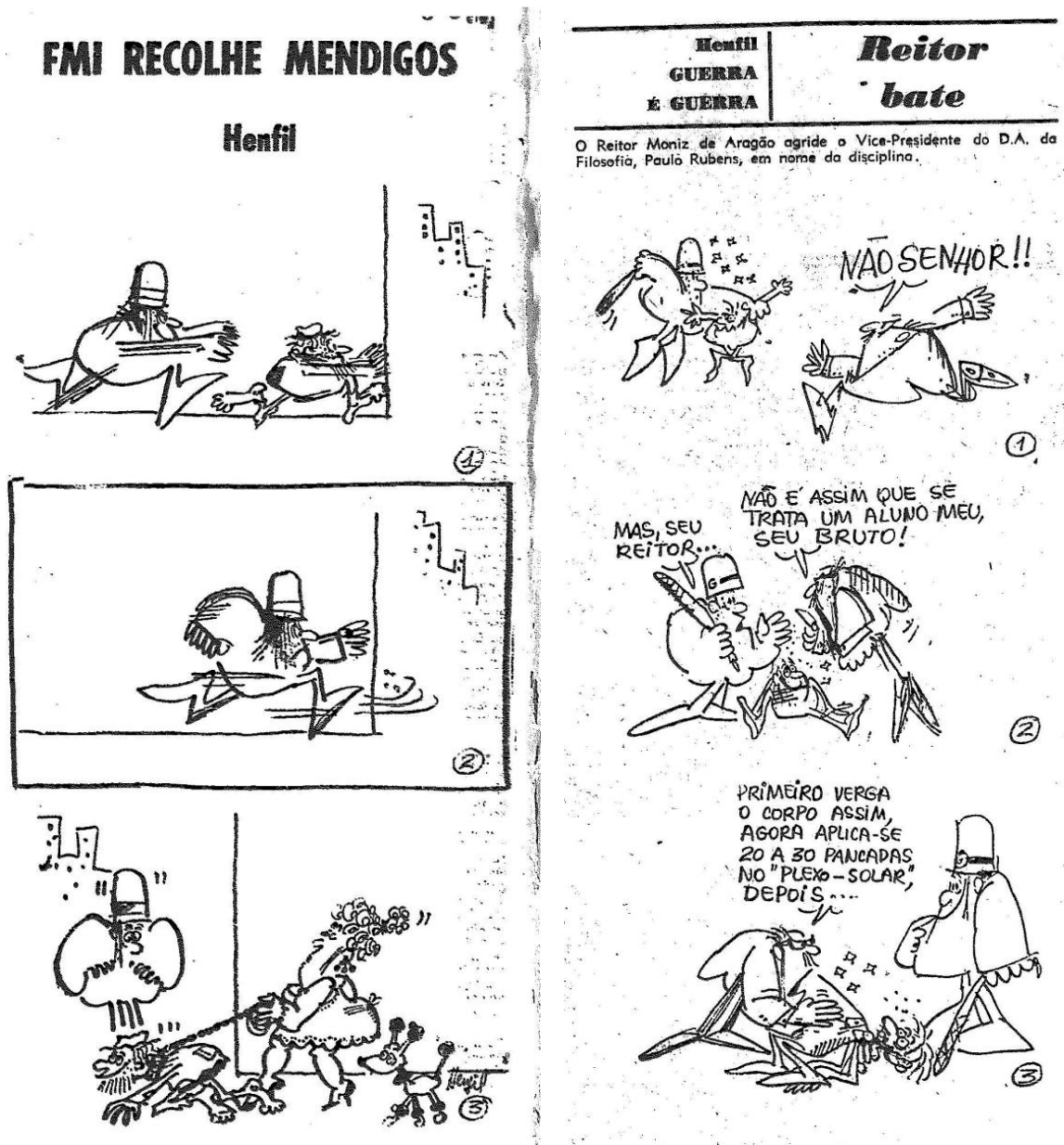


Figura 13: Exemplos de charges produzidas no jornal O Sol por Henfil

Entre os cartuns, podem-se destacar as histórias de Jeremias (figura 14), personagem criado por Ziraldo. A estreia do cartunista n' *O Sol* foi na edição de número 46, publicada em 12 de novembro de 1967. Os quadrinhos vinham distribuídos ao longo do jornal na parte superior (em cada página tinha uma parte da história).

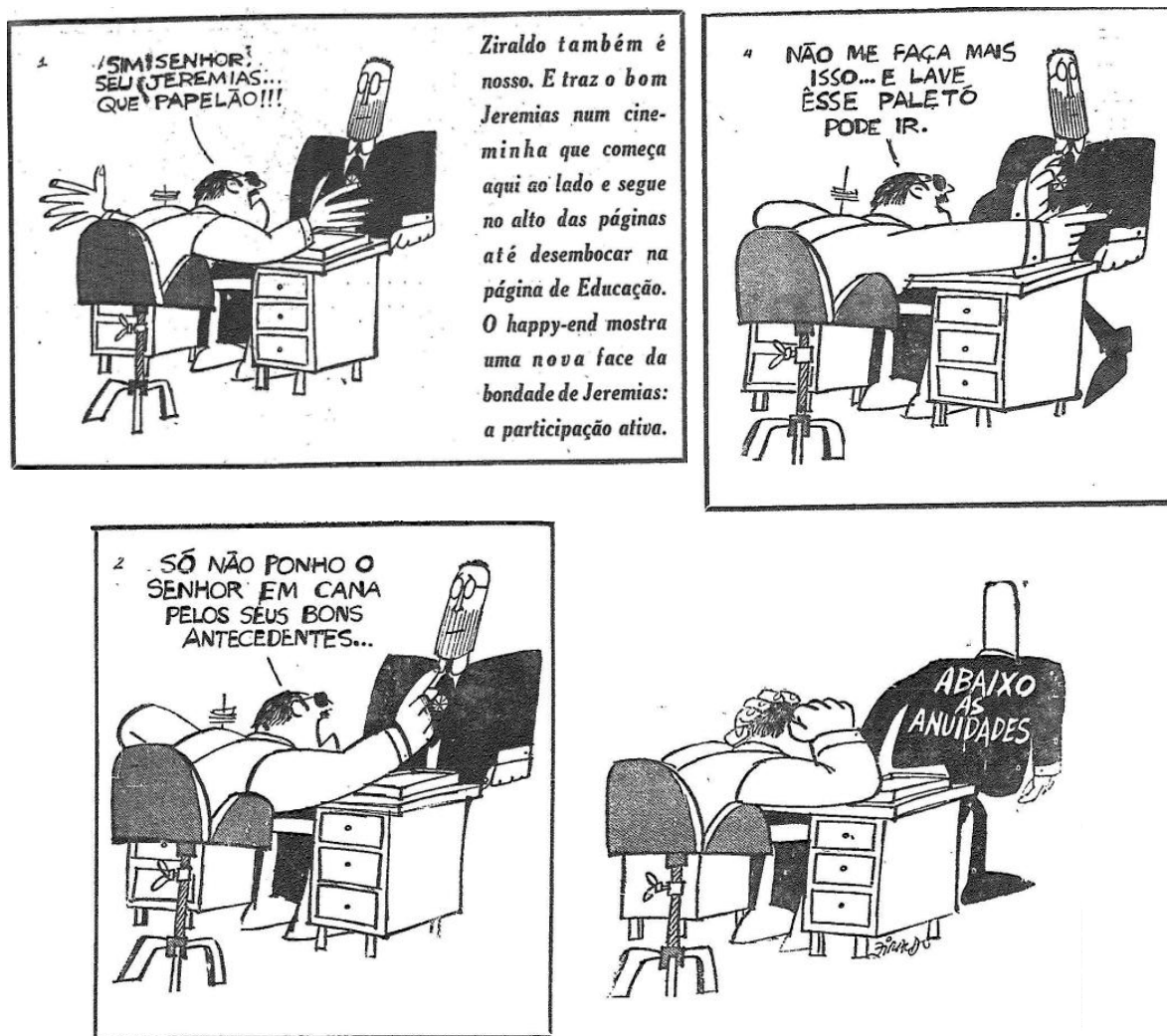


Figura 14: Cartum produzido no jornal *O Sol* por Ziraldo

Jeremias não era o único personagem presente n' *O Sol*; além dele, tinha o repórter Equinócio, que era nada mais nada menos do que o *Capitão Sol*. As histórias eram produzidas pelo cartunista Daniel Azulay e, de uma forma descontraída, narravam situações cotidianas de Equinócio, jornalista desajeitado e atrapalhado, que ora estava em apuros, ora em situações comprometedoras. Além de todos os defeitos, quando pronunciava a palavra *Achim*, Equinócio se transformava em *Capitão Sol* para defender os fracos e oprimidos, como dizia a

equipe do jornal. Assim, o *Capitão Sol* era visto como uma espécie de super-herói d’*O Sol* (figura 15).



Figura 15: História do *Capitão Sol* publicada por Daniel Azulay na edição 46 d’*O Sol*, publicada em 12 de novembro de 1967

Para a produção de um conteúdo diversificado, os assuntos eram definidos diariamente. Diferente dos jornais da grande imprensa, a equipe d’*O Sol* produzia suas próprias pautas que, de acordo com Martha Alencar, eram diferentes dos demais periódicos do Rio de Janeiro.

Uma coisa interessante d’*O Sol* é que ele não seguia as pautas dos outros jornais. Também não eram as pautas tradicionais. As prioridades não eram definidas, ela não seguia a prioridade dos outros jornais. Assim: “O ministro da fazenda falou não sei o que” e você ter de qualquer maneira dar um estrato disso, dar umas aspas daquelas falas do ministro da fazenda, aí se você não conseguia, ia e pegava no release. Ela seguia a atualidade, o dia a dia do país, mas as prioridades eram diferentes, eram para atingir aquele público nosso, que era um público jovem, era voltado para um público estudantil e tinha um senso crítico e de humor que o jornal diário não tinha. Então nós éramos capazes de dar uma manchete com três letras, três caracteres: Che era a manchete daquele quadrado. Che não morreu, a agente não queria noticiar para onde o corpo tinha sido levado. Nós fomos atrás de uma informação de que ele não teria morrido, que teria fugido. Então, a gente não seguia a pauta dos grandes jornais. Até falávamos sobre o FMI, que era assunto da época, Rockefeller no Brasil, os assuntos da época, mas eles dentro do nosso jornal. Lá eles tinham um peso que não eram o mesmo do jornalismo tradicional.⁴⁶

Como lembra Arthur Pedreira, além de únicas, as pautas d’*O Sol* eram definidas por todos, editores e estagiários, em uma reunião considerada pela equipe como democrática.

Tudo n’*O Sol* era diferente de hoje. Eu, por exemplo, quando fui trabalhar no correio da manhã, uma das coisas que eu fiz lá foi fazer a pauta do jornal. Naquela época, eu chegava ao jornal e só tinha o telex. Então, você recebia o jornal fisicamente, os

⁴⁶ Trecho da entrevista com Martha Alencar realizada em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

jornais chegavam, eram lidos e faziam as pautas. Essa pauta era feita assim. Quando o editor de Cidade, por exemplo, chegava lá ele olhava a pauta, poderia acrescentar alguma coisa ou cortar alguma coisa, porque às vezes aquilo que você tinha previsto não ia dá. Mas era uma pauta que o jornalista não escolhia. Ele pegava aquele negócio e ia para a rua. Já n' *O Sol* era diferente, lá era obrigatoriamente discutido. A Ana Arruda chegava e reunia todo mundo para saber o que a gente ia fazer. E todo mundo dando palpite naquilo. “Ontem eu fiz aquela matéria e tal, que hoje vai acontecer isso lá onde eu fui e tal”. Era assim. Era uma pauta muito discutida. Inclusive *O Sol* era uma coisa muito democrática, porque nessa época houve um episódio extremamente marcante lá n' *O Sol*: o dia que morreu Che Guevara. “E aí como vamos dar essa notícia?” Foi uma votação e *O Sol* foi o único que deu uma informação contrária aos outros jornais. Isso foi uma votação democrática.⁴⁷

Enfim, com pautas próprias, a equipe d' *O Sol* foi responsável por uma produção jornalística diversificada. Sobre o conteúdo do periódico, é importante lembrar que as seções destacadas aqui são apenas algumas das centenas estampadas nas páginas do periódico.

4.5 *O Sol* e revista *Realidade*

Um ano antes da experiência do jornal alternativo *O Sol*, em 1966, nasceu no Rio de Janeiro uma revista que se tornaria uma referência para a história do jornalismo brasileiro, a *Realidade*. Publicada pela Editora Abril, a revista circulou no país por dez anos, até janeiro de 1976. Apesar de uma década de duração, como argumenta Faro (1999) em seu livro *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*, o período mais importante da revista se deu entre 1966 e 1968, quando assuntos relevantes, muitos deles ligados aos movimentos de contracultura, eram colocados em discussão na sociedade. Além dos temas trabalhados, a forma de reportar também teve destaque na primeira fase da revista.

Resgata-se aqui um pouco da história da *Realidade*, pois existem evidências que a revista tenha servido de inspiração ao jornal alternativo *O Sol*. Como já foi relatado, existem possibilidades de que as influências do *New Journalism* tenham chegado à redação do periódico alternativo justamente por meio da *Realidade*, comparações entre formato de texto, temas abordados e colunas ajudam a supor a possível relação existente entre a revista e o jornal.

Uma primeira relação entre os veículos está intimamente relacionada à linguagem: ambos optaram pelo uso do jornalismo literário, em detrimento da linguagem tradicionalmente utilizada pela grande imprensa (como já foi relatado anteriormente). Quando comparamos os dois meios, percebe-se uma diferença quanto à utilização dos recursos literários, isso porque na revista os profissionais tinham mais espaço e tempo para a

⁴⁷ Trecho da entrevista com Artur Pedreira realizada em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

elaboração das notícias, diferente d'*O Sol* que era um jornal diário. Apesar disso, ambos os veículos não deixaram de explorar ao máximo os recursos literários.

Em *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Lima (2009) faz menção a um tipo de nota mais reduzida publicada na revista *Realidade* em 1967, que o autor chamou de texto condensado. Segundo Lima (2009), o recurso de condensação era frequentemente usado na revista, como uma forma de trazer uma revelação, isto é, “elaborar literalmente em dimensão infinitamente superior ao jornal convencional” (LIMA, 2009, p.233). Como em *Realidade*, n'*O Sol* era comum encontrar as notas condensadas, sobretudo na editoria de *Polícia*. A similaridade entre textos publicados nos dois veículos pode ser percebida nos trechos abaixo:

– João! Tou com a dor, João. É hoje.
João Pereira sentiu que era verdade. À meia noite e quinze, Manuel, o enfermeiro de bordo, ex-enfermeiro da FEB, entrou na terceira classe, olhou Luzia e levou-a para a enfermaria. Toda viagem acontece isso. Dá sorte nascer a bordo. À uma hora da manhã, nasceu, sem despensas de parto, o filho de João e Luzia, que se chamou Ivan Augusto, homenagem ao navio.⁴⁸

“Eu me mato, pois não suporto mais estas brigas fúteis com a minha família. É melhor eu me suicidar, porque, da próxima vez eu iria matar todos eles”.
Foi essa a justificativa que deu Edson Ferreira dos Santos, brasileiro, branco, casado, 22 anos, servente, morador na Rua B. Parque Cristóvão Colombo, Duque de Caxias, para o seu tresloucado gesto.
Suspeita-se que Edson seja um baiano incorrigível, haja vista a mistura “sul-geniris” de formicida com água de coco que ingeriu. O delegado de Duque de Caxias registrou a ocorrência.⁴⁹

Além da linguagem literária, outro diferencial da revista *Realidade* esteve ligado aos temas abordados. Como lembra Faro (1999), mesmo circulando em um período conturbado (ditadura civil-militar), a equipe da revista se concentrava em trazer à tona assuntos importantes de serem discutidos na sociedade, como as discriminações sociais, sejam das mulheres, dos negros ou dos mais pobres. “A publicação da Abril assumia mesmo, perante seu corpo de jornalista e perante seu público leitor, a imagem de um órgão para o qual não havia *tabus*, no sentido de que se discutia sobre assuntos a respeito dos quais se discutia timidamente” (FARO, 1999, p.107). N'*O Sol*, temáticas muito parecidas estamparam as páginas do periódico alternativo. Os assuntos trabalhados nos veículos mostram a função contracultural e de oposição protagonizadas por cada um deles durante o regime ditatorial.

⁴⁸ José Carlos Marão, “Estamos em pleno Rio”. *Realidade*, II, 15 (de 1967).

⁴⁹ “Suicida Baiano”: nota publicada na editoria de *Polícia*, n'*O Sol*, em 24 de setembro de 1967.

As relações entre *O Sol* e a revista *Realidade* vão além das similaridades linguísticas: compartilhavam também seções e estruturas gráficas parecidas. Como foi visto anteriormente, n’*O Sol* teve destaque uma seção que ficou conhecida como *Divergência*, em que duas pessoas com opiniões contrárias eram convidadas a apresentarem suas argumentações sobre um tema da época. Na *Realidade*, tinha uma coluna idêntica, porém denominada *Brasil Pergunta*. Na edição de junho de 1967, três meses antes da primeira edição d’*O Sol* chegar às bancas de revista, Reynaldo Jardim foi um dos convidados para dissertar sobre o tema: “Existe racismo no Brasil?” (figura 16). Assim, é bem provável que Jardim tenha idealizado *Divergência* inspirado em *Brasil Pergunta*, publicado desde fevereiro de 1967 pela *Realidade*, nas últimas páginas da revista.

Brasil pergunta

ESTA ÚLTIMA PÁGINA É DE DEBATE. AQUI, RESPONDENDO AOS LEITORES, PERSONALIDADES ENTRAM EM CHOQUE, DISCUTINDO PROBLEMAS NACIONAIS.

EXISTE RACISMO NO BRASIL?

SIM Você é bem capaz de encontrar um preto na Escola Naval, outro na piscina do Fluminense, outro no Ipanema. Eles serão apresentados como argumentos irrefutáveis de que essas instituições têm as portas abertas a qualquer elemento apio. Há de ser gentil o preto para vencer as barreiras impostas pela sociedade preconceituosa que é a nossa. Mas não nos podemos esquecer que há menos de 80 anos o preto no Brasil era escravo, isto é, animal de carga. Oitenta anos que não bastaram para dar ao negro a posição que lhe permita lutar com as mesmas armas na conquista de sua independência social e econômica. Talvez resíduos de gerações passadas mantenham, nos brancos, certo sentimento de superioridade; nos próprios negros um sentimento de inferioridade. No Brasil esse preconceito é apenas de cor, com motivação de classe social e de situação econômica. Pode desaparecer com a ascensão do negro na escala social, com a melhoria de suas condições de educação e instrução; mas também pode atingir ao grau de segregação existente nos Estados Unidos, se como nos Estados Unidos o negro passar a constituir concorrência aos empregos e a disputar a posição social dos brancos. Nas gerações jovens o preconceito quase não existe. Isto se nota principalmente no ambiente universitário, na jovem-guarda. E é de louvar a espontânea luta dos jovens contra toda espécie de preconceitos das gerações anteriores. É uma juventude que não compreende nenhuma superioridade de um ser humano sobre outro, por ser preto, judeu ou mulher. É isto não acontece nem na minha geração, 40 anos, e muito menos na geração de meus pais. Todos nós temos pelo menos uma tia ou um tio para quem o preto é gatinha, judeu é usurário e o lugar da mulher é de subserviência total ao homem. É pelo exemplo que se educa. E os governos que o Brasil tem tido (exceto o Jânio Quadros) nunca se lembraram de dar o bom exemplo no sentido de colocar um preto, ao menos, em postos de decisão. A marginalização do negro existe na direção das escolas, nas casas de família, onde é comum a influência dos pais no sentido de afastar dos filhos “esses segreiros peralticos”. Uma grande campanha educacional deveria ser feita para que se efetivasse uma grande união entre brancos e pretos. E a união mais perfeita que pode existir entre dois seres humanos é a comunhão sexual. Faço meu apelo ao marxista, ao surrealista: brancos e negros, negros e brancos de todo mundo, uni-vos. Só o amor acaba com os preconceitos. As leis não

bastam, e cito Drummond — os lírios não nascem das leis. O que falta da parte do homem branco em relação à mulher negra é o mesmo que faltava nos tempos de colonização ao português em relação às escravas: respeito humano. Ele via na negra apenas o instrumento da sua satisfação sexual. Falo com a maior seriedade e respeito, pois estou pensando na comunhão no sentido cristão e no sentido genético. Estou pensando em sexo, como um deísta pensaria em Deus, isto é, uma força harmonizadora, força que faz de todos os homens um ser único.

NAO No Brasil não há preconceito de raça. O que há, na verdade, é um preconceito de cor. Se um indivíduo for de origem negra mas isto não aparecer na cor de sua pele, ele não sofrerá nenhuma restrição. Mas mesmo esse preconceito — o de cor — não chega a ser problema de conjunto, por haver ausência absoluta de opressão. Pode-se lembrar aqui que as chamadas “pessoas de cor”, os negros brasileiros, por falta de recursos econômicos, até hoje não se apresentaram em quantidade e qualidade capazes de prejudicar os brancos na concorrência com eles. A Lei Afonso Arinos, votada pelo poder Legislativo e sancionada pelo poder Executivo, isto é, aceita por dois poderes que emanam do povo e traduzem a sensibilidade desse mesmo povo, confirma a existência de preconceito. No entanto, a conjuntura internacional que força o desaparecimento da discriminação racial no mundo, a constante repetição da idóia de que “o Brasil é um exemplo a seguir”, a aboção do negro através da miscigenação e a prescrição constitucional são fatores que concorrerão para que o preconceito de cor, no Brasil, não se agrave, nem chegue ao que já chegou em outros países. Ao contrário, a tendência é nos transformarmos num Estado onde a tolerância e a mútua compreensão permitam que todos os brasileiros tomem os esforços, em vez de dividi-los. É um exemplo objetivo de que o preconceito não impede que o negro consiga alcançar um lugar na sociedade democrática em que vivemos é o meu caso pessoal. Nenhum obstáculo houve, que impedisse o neto de uma escrava do Visconde de Taunay de frequentar o Colégio Pedro II, a Escola Militar de Realengo, alcançar todos os postos da hierarquia militar e chegasse ao generalato.



Jornalista
Reynaldo Jardim



Marçal
João Batista de Matos

Resposta à pergunta de leitor Jaime Camargo — São Paulo — Capital

Figura 16: *Brasil Pergunta*, publicada na revista *Realidade*, na edição de julho de 1967

Outra seção que também apresentava similaridade com uma existente n' *O Sol* era chamada *Panorama*. Segundo Faro (1999), nessa seção, a revista “reafirmava a intenção de resenhar a vida cultural do momento, com matérias sobre a crescente relação existente então entre a música popular brasileira e a temática política que assumia, nas composições, a classificação de ‘música de protesto’” (FARO, 1999, p.231). Como se teve a oportunidade de conhecer anteriormente, n' *O Sol* tinha uma seção com uma função muito parecida com *Panorama*, que ficou conhecida no periódico como *A pedida é*.

Estruturalmente, *O Sol* e a revista *Realidade* também apresentavam algumas características similares. Olhando ambos os veículos, vê-se a constante utilização de traços para separar títulos, colunas ou textos, bem como o uso muito parecido na hora de apresentar os intertítulos ao longo das reportagens. Além disso, encontrava-se neles uma característica bem interessante das matérias: uma abertura diferenciada, como é possível ver nos exemplos abaixo:



Figura 17: Trecho de reportagem publicada no jornal *O Sol* em 21 de setembro de 1967.

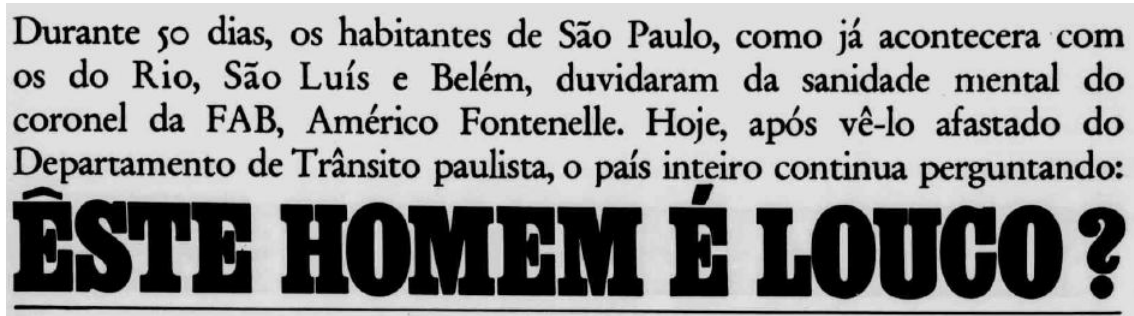


Figura 18: Trecho de reportagem publicada na revista *Realidade*, ano II, nº14, maio de 1967.

Como foi visto, existem similaridades entre a revista *Realidade* e o jornal alternativo *O Sol*. O fato da publicação da editora Abril ter começado a circular no Rio de Janeiro um ano antes da idealização do periódico permite afirmar que *O Sol* sofreu influência direta da *Realidade* tanto na forma de reportar as notícias como na estrutura do jornal. Desse modo, é possível intuir também que uma das portas para a equipe do periódico ter contato com o *New Journalism* seja por meio da revista *Realidade*.

4.6 Diagramação

Ao falar do processo de diagramação no livro *Jornalismo: matérias de primeira página*, Amaral (1986) cita Ricardo Parpagnoli, responsável pela revolução gráfica operada na imprensa brasileira na década de 1950, a fim de destacar os três principais objetivos ao se sentar à mesa para diagramar a edição de um jornal, que são:

1. Traduzir graficamente a intenção do diretor do jornal, isto é, dizer, com formas, o que ele pretende (e como pretende) *dizer* ao leitor com o material que põe à disposição.
2. Dizer tudo de forma fácil, agradável, buscando o máximo de visibilidade e legibilidade possíveis para facilitar a tarefa do público. O leitor deve apreender, do golpe, o que lhe estamos contando. Se não consegue, a culpa é nossa.
3. Apresentar todo o material de maneira artística, com beleza e harmonia, porque diagramação é criação e arte. (AMARAL, 1986, p.69 e70).

Segundo Ribeiro (2007),

A escolha do formato é o primeiro problema de caráter artístico que se apresenta ao diagramador ao iniciar a elaboração de um trabalho gráfico. Para cada tipo de problema deve ser encontrado um formato adequado. Nas escolhas do formato influem fatores de praticidade e comodidade, além de fatos estéticos e de interpretação. (RIBEIRO, 2007, p.155).

Como já foi possível perceber, a equipe d' *O Sol* procurou desenvolver um jornal que fosse gráfico e linguisticamente diferente dos jornais da grande imprensa. A linguagem objetiva e baseada na fórmula do lide e da pirâmide invertida, por exemplo, cedeu espaço a produções livres e de cunho literário. Apesar de presente n' *O Sol*, a preocupação com uma linguagem diferenciada vinha sendo proposta também por outros jornais e revistas, como a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*. Se linguisticamente o periódico sofreu influência de outros meios de comunicação, o diferencial do jornal esteve relacionado ao projeto gráfico, isto é, na diagramação.

O que me emocionou n’*O Sol* é que foi o primeiro jornal que eu vi ser feito por poetas que foram capazes de incorporar ao grafismo do jornal e ao texto do jornal o que eles tinham de mais poeta e espontâneo.⁵⁰

Conhecido como um grande inventor e também excelente diagramador, Reynaldo Jardim desenvolveu, ao lado de Zuenir Ventura, a estruturação gráfica d’*O Sol*. Juntos, os dois pensaram em todos os detalhes do jornal: paginação, titulação, tipografia e, em cima disso, produziram o projeto gráfico, que se tornou um diferencial d’*O Sol*.

Publicado junto com o *Jornal dos Sports*, *O Sol* era impresso no formato *Standard*, caracterizado pelas páginas longas e pouco maleáveis, que dificultavam a leitura dos jornais. Diante desses aspectos, Reynaldo Jardim desenvolveu uma diagramação quadrática para *O Sol*.

Isso aqui é porque o Reynaldo Jardim bolou para ser lido na lotação. Todas as matérias deviam se esgotar aqui nos seus quadrados. Porque a gente sentava na lotação, dobrava ele em quatro e ia desdobrando e lendo. Era a teoria do Reynaldo Jardim.⁵¹

De acordo com Reynaldo Jardim,

João Gilberto dizia que não lia jornal, porque ele era grande e mole. Então, os jornais antigamente eram muito largos. Para facilitar a leitura em ônibus, eu fiz uma diagramação quadrangular. Quatro blocos estanques. O que poderia dobrar, ler e a matéria ficava contida toda em um quadrado.⁵²

A diagramação quadrática foi uma exclusividade d’*O Sol* e era uma das estratégias da equipe do jornal para que ele fosse realmente lido e não apenas folheado. No livro *Como fazer um jornal comunitário*, Callado e Estrada (1985) argumentam que um dos critérios gerais para a diagramação “é que ela visa, em primeiro lugar, facilitar a leitura. Para isso, o texto deve ser oferecido de forma que atenda ao movimento natural dos olhos na leitura” (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.55). Dessa forma, não foi por acaso que a equipe d’*O Sol* pensou para ele uma diagramação quadrática.

Nossa diagramação em quartos de página é outra prova de que pretendemos realmente nos comunicar. O SOL é um jornal para ser lido, não folheado. Ninguém terá dificuldade em ler uma reportagem aqui até o fim, mesmo num ônibus lotado.⁵³

⁵⁰ Depoimento de Hugo Carvana no documentário *O Sol- caminhando contra o vento*.

⁵¹ Depoimento de Martha Alencar no documentário *O SOL – caminhando contra o vento*.

⁵² Depoimento de Reynaldo Jardim no documentário *O SOL – caminhando contra o vento*.

⁵³ Trecho do editorial d’*O Sol* na primeira edição, publicada em 21 de setembro de 1967.

Apesar de a diagramação quadrática ter sido a forma que Jardim encontrou para deixar um jornal *standard* mais agradável de ler nos transportes públicos, já no começo do século XX havia essa preocupação em tentar facilitar a leitura das matérias nos periódicos. Como enfatiza Amaral (1986), nasceu nos Estados Unidos o tabloide: formato pequeno que muitas pessoas liam na mesma condição – ônibus, trens, bondes, metrô. (AMARAL, 1986, p181).

Assim, n’*O Sol*, por meio da experimentação gráfica, Reynaldo Jardim tentou alcançar o objetivo essencial de toda a diagramação: ser agradável aos olhos e instigar a leitura. Como argumenta Milton Ribeiro (2007), “uma boa paginação aumenta o interesse do leitor, que passará mais tempo na leitura do jornal com maior interesse pelo texto” (RIBEIRO, 2007, p. 433). Um dos anúncios publicados no *Jornal dos Sports* para divulgar *O Sol* ilustra muito bem o que representava a diagramação do periódico (Figura 19).



Figura 19: Anúncio publicado no *Jornal dos Sports*, em 06 de setembro de 1967

Nesse sentido, todas as páginas do jornal encontravam-se divididas em quatro partes e, para facilitar a localização das matérias no interior do periódico, Reynaldo Jardim desenvolveu uma solução: ele nomeou cada quarto de página com uma letra do alfabeto, isto

é, a primeira parte A, a segunda B, a terceira C e a quarta D. Assim, todas as chamadas de matérias da capa eram acompanhadas tanto pelo número da página quanto da parte em que ela estava localizada. Desse modo, para encontrar uma matéria que tinha com índice 5-C, o leitor deveria abrir o jornal na página 5 e procurar a reportagem na parte C.

O método de divisão causou certo estranhamento dos leitores. De acordo com um editorial publicado em 24 de setembro, nem todos os leitores de *O Sol* conseguiram, no primeiro contato com o jornal, entender o que significava aquelas chamadas. Entretanto, a equipe gostava de dizer que o hábito era uma dos caminhos para o leitor se familiarizar com as mudanças do jornal.

Conhecida a casa ela se torna familiar. Mais alguns dias de leitura e será fácil percorrer todas as dependências localizando mecanicamente onde está o assunto de interesse. Em nosso primeiro número quase ninguém entendia que diabo eram aqueles 2-B, 4-C, 8-A que aparecem na primeira página. Mas logo depois foi fácil, vendo no alto de cada página, perceber que aquela era apenas uma indicação de onde se encontrava o texto procurado. Se no primeiro quarto (A), se no segundo (B), se no terceiro (C) ou no quarto (D). O hábito também mostrará que os assuntos estão agrupados em páginas determinadas.⁵⁴

Como é possível ver, por meio da carta de um leitor de *O Sol*, a diagramação do jornal chamou a atenção da sociedade carioca.

Como estudante de artes gráficas, gostaria de parabenizar O SOL pela sua excelente apresentação, totalmente revolucionária. Essa ideia de dividir cada página em quatro partes é genial. Podendo dobrá-lo, facilita muito a leitura.⁵⁵

Além da diagramação quadrática, tinham outros aspectos que identificava *O Sol*: um deles era o logotipo do jornal. Como lembra Callado e Estrada (1985), a representação gráfica do nome do jornal deve ser uma escolha cuidadosa, pois é a marca do periódico, “o que o identificará na banca ou onde ele estiver exposto, e deverá acompanhá-lo por muito tempo. Havendo possibilidade, o melhor é que se tenha ajuda de um profissional de programação visual. Evitar desenhos fantasiosos e enfeites é uma boa norma” (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.25).

N’*O Sol*, localizado na parte superior do periódico e dentro do primeiro quarto de página, o nome do jornal era escrito com uma fonte serifada da família Egípciana Inglesa,

⁵⁴ Editorial do jornal publicado em 24 de setembro de 1967.

⁵⁵ Carta enviada por Alaide Silva, publicada em 24 de setembro de 1967.

caracterizada pelo “arredondamento inferior dos ângulos das serifas” (RIBEIRO, 2007, p.60). O logotipo era simples, com apenas o nome do jornal, um dos detalhes era que ao invés de apenas uma vogal “o”, tinham duas: uma sobreposta a outra, como é possível ver na figura 20.

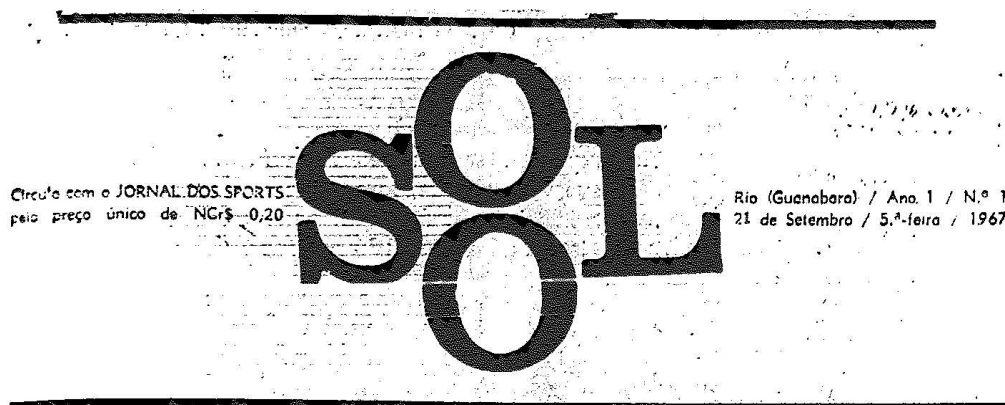


Figura 20: Logotipo do jornal *O Sol*

Outros traços característicos da capa do jornal eram as titulações e os textos de chamadas. Ambos poderiam ter diferentes fontes e tamanhos e, em algumas edições, ainda poderiam aparecer tanto em negrito quanto em itálico. Além disso, exclusivamente os títulos poderiam ter uma configuração pouco usual: ora apareciam incorporados dentro de círculos, ora dentro de quadrados. De acordo com Ana Arruda Callado, ela ficava encarregada de fazer os títulos da capa e, muitas vezes, era desafiada pela equipe de diagramação para ver se conseguia criar títulos criativos e inovadores.

Eu fazia a primeira página e cada editor fazia os títulos das suas páginas e as diagramadoras gostavam de brincar comigo. Elas inventavam uma diagramação bem esdrúxula, para ver se eu acertava fazer a manchete dentro daquilo. Tinham algumas que eram redondas, então tinha de ser uma palavra maior, depois uma menor, depois outra maior. E naquele tempo eu fiquei imbatível para fazer título, pois era uma brincadeira diária entre eu e as diagramadoras.⁵⁶

Diferente da capa, nas páginas internas, os títulos e os textos seguiam um padrão. Dessa forma, as reportagens e as notas eram distribuídas de uma forma em que as páginas ficassem equilibradas e homogêneas. Apesar de algumas matérias serem acompanhadas de fotos ou ilustrações, os textos predominavam nas edições d’*O Sol*. De acordo com Amaral (1986), essa padronização apresentada no periódico é essencial em qualquer jornal, pois, como lembra o autor, “todo jornal tem seu estilo próprio, que não deve ser alterado sem

⁵⁶ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

maiores justificativas. Cabe ao diagramador parte importante na tarefa de manter essa personalidade” (AMARAL, 1986, p.68). Segundo Lage (2006),

No projeto gráfico, a diferença se sobrepõe à semelhança e a novidade se integra à identidade. Ele deve ser capaz de preservar a individualidade do veículo; fazê-lo reconhecido pelo consumidor mesmo quando este não lê o título – e ainda que a disposição dos elementos varie a cada dia. Guarda relação com a realidade social, tanto que, em cada sociedade, podemos presumir a que grupo de leitores se destina. E contém uma infinidade de informação, desde “isso é um jornal” até “tal grupo de letras é mais importante do que aquele outro”. (LAGE, 2006, p.12).

Pode-se dizer que, Reynaldo Jardim conseguiu criar a identidade visual d’*O Sol*. De acordo com Ribeiro (2007) e Strunck (1989), a identificação de empresas e de instituições está presente em suas características próprias. Nos meios de comunicação, isso não é diferente, os jornais ou as revistas, por exemplo, são diferenciadas por seus projetos gráficos, que determinam as suas identidades próprias. Amaral enfatiza que “cada jornal tem seu estilo próprio – digamos, sua personalidade – formado pelo tamanho, qualidade do papel, família de tipos empregados nos títulos e textos, pela força de impressão, tamanho e qualidade de fotografia e pela diagramação” (AMARAL, 1986, p. 67). Assim, a configuração da página, a disposição dos textos, o logotipo são detalhes que tornam cada produção única e identificável. Isso tudo Reynaldo tentou alcançar por meio das estruturações gráficas do jornal.

4.7 Equipe

Como qualquer outro meio de comunicação da época, a redação d’*O Sol* era composta basicamente por jornalistas, escritores e estagiários, porém com alguns diferenciais: ao invés dos profissionais experientes serem os protagonistas nas produções jornalísticas, elas ficavam sob a responsabilidade dos estagiários, isso porque, como já foi comentado, o periódico tinha como o objetivo de ser um jornal-escola. Além disso, outro aspecto distinto do periódico era a decoração da redação, que, diferente das tradicionais, escuras e apagadas, n’*O Sol* era amarela com detalhes brancos, dando, segundo Tetê Moraes, uma cara especial à sala de produção.

Desenvolvido ao longo de meses, a formação da equipe d’*O Sol* ocorreu por meio de um processo lento e exigiu esforços tanto de Reynaldo Jardim, idealizador do jornal, quanto da editora-chefe Ana Arruda Callado⁵⁷. O primeiro passo consistiu em convidar jornalistas e

⁵⁷ Ana Arruda Callado nasceu no Recife em 19 de maio de 1937. Formada em jornalismo pela Universidade Nacional de Filosofia (atual UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1957, trabalhou no *Jornal do*

também escritores que trabalhariam como editores do jornal, auxiliando os estagiários na produção do jornal. Diante do quadro de profissionais disponíveis na cidade carioca, Callado e Jardim convidaram para fazer parte do periódico aqueles que tinham mais afinidades com a linha editorial do periódico. Após recusas e adesões, os cargos de editores foram preenchidos. Assim, Carlos Castilho tornou-se editor de *Assuntos Internacionais*, Ronald Carvalho de *Problemas Brasileiros*, Estela Lachter de *Cidade*, Carlos Heitor Cony de *Polícia*, Martha Alencar de *Features*, Adolfo Martins de *Educação* e Pedro Paulo Lomba de *Economia*.

Diferente do processo de formação da equipe de editores, a escolha dos estagiários demandou mais tempo. Como a intenção era recrutar estudantes de graduação independentemente do curso, o convite para participar d'*O Sol* chegou até ao espectador por meio de um anúncio feito na *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro. Diante do elevado número de interessados, a equipe precisou realizar um processo seletivo para, só assim, ser possível formar a equipe de estagiários que atuariam no jornal. De acordo com José Ribamar Bessa, o processo de seleção teve duas etapas: a primeira, uma prova escrita; e a segunda, uma entrevista.

As duas figuras importantes d'*O Sol*, Reynaldo Jardim e Ana Arruda Callado, fizeram um curso e, no final, eles fizeram uma prova e depois teve uma entrevista. Eu me lembro da entrevista: estava o Reynaldo, Cony e Otto Maria Carpeaux. Aí, depois da entrevista eles chamaram cinquenta pessoas. Eu estava entre esses cinquenta.⁵⁸

Ana Arruda Callado,

A seleção foi um negócio formidável. O diretor da *Rádio Nacional* era amigo nosso no momento. Aí nós fizemos nas dependências da *Rádio Nacional* a seleção dos que estavam interessados. A seleção era muito engraçada: eu e o Reynaldo Jardim. As perguntas do Reynaldo Jardim eram assim: chegou uma menina, a Mônica que queria por que queria entrar no jornal. O Reynaldo perguntou: “O que você faz?”. Ela: “Não, eu estudo Artes, eu sou coisa e tal”. Então, ela ficou muito surpresa, pois o Reynaldo perguntou: “então, você leu o tio Patinhas?”. Ela disse: “Uê, eu gosto”. O Reynaldo: “está aprovada”. Não adiantava dizer que entendia só de arte, tinha de ser uma pessoa de mente aberta: ler história em quadrinhos... Então, nós fazíamos estas pegadinhas, como se diz hoje; principalmente, Reynaldo. Eu era mais séria,

Brasil, no Diário Carioca, n'O Sol, entre outros meios de comunicação. Em 1966, assumiu o cargo de chefe de reportagem do *Diário Carioca*, tornando-se a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe dentro de uma redação brasileira. Foi também a primeira jornalista a ganhar o Prêmio Esso. Em 1967, participou da criação d'*O Sol*, onde ocupou a função de editora-chefe. Além de jornalista é escritora e educadora. Na área acadêmica, já trabalhou como docente da Escola de Comunicação da UFRJ, bem como da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Viúva desde 1997 do escritor Antônio Callado, ela vive no Rio de Janeiro.

⁵⁸ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

fazia mais perguntas objetivas: “por que queria, o que entendia como jornalismo”. Assim, nós selecionamos.⁵⁹

Artur Pedreira lembra-se de um dos critérios usados por Reynaldo Jardim na escolha dos estagiários.

Uma das coisas mais importantes de Reynaldo Jardim era que só poderia participar desse projeto quem nunca tivesse sido jornalista, porque ele queria subverter todas as regras do jornalismo. Então, ele achava que as pessoas que já tinham sido jornalistas, elas estariam viciadas, entre aspas, com isso. Para dar um exemplo bem evidente do que Reynaldo fez, podemos pegar a diagramação. Toda diagramação tinha sido feita por homens, não tinha mulheres fazendo diagramação. Então, todas as diagramadoras eram mulheres, nunca tinham diagramado na vida. Reynaldo foi quem ensinou as coisas básicas da diagramação e elas passaram a fazer e *O Sol* era um jornal muito bonito.⁶⁰

No final do processo seletivo, cinquenta estagiários foram escolhidos. Sendo eles principalmente estudantes dos cursos de Jornalismo, História, Ciências Sociais, Sociologia, Filosofia, Economia e Letras. Entre os estagiários estavam: José Ribamar Bessa, Sérgio Gramático, o compositor Luiz Carlos Sá, Dedé Gadelha, a pintora Mônica Barreto, a cineasta Tetê Moraes, a designer Eva Paraguasse, a enfermeira Virginia Novaes, o cartunista Daniel Azulay, a escritora Rosiska Darcy de Oliveira, os jornalistas Maria José Lourenço, Vera Sastre, Claudio Lysias, Pedro Malan, Celso Barata, João da Silva, Analuce Estrella, Nelson Hoineff, entre outros.

Dentro da redação do jornal, alguns estudantes desempenharam a função de repórteres e outros assumiram o cargo de diagramadores. Reynaldo Jardim, o chefe de diagramação, ficou encarregado de escolher a equipe responsável por organizar as matérias nas páginas do jornal. Como um diferencial da época, a equipe de diagramação, com exceção de Jardim, era formada apenas por mulheres.

Eu era diagramadora. Eu era da equipe direta do Reynaldo, porque o Reynaldo tinha uma equipe só de moças lindas, como ele falava. E todas éramos lindas. E só trabalhava com ele meninas inteligentes e lindas. Éramos cinco, então ele nos ensinou e nos formou para ser diagramadoras do jornal. E outra coisa, não entrava nenhum rapaz na equipe dele.⁶¹

Aqui vale ressaltar que, assim como em várias profissões ao longo da história, as mulheres foram excluídas e, muitas vezes, sofreram preconceito por se interessarem pelo

⁵⁹ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

⁶⁰ Trecho da entrevista realizada com Artur Pedreira em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

⁶¹ Trecho da entrevista com Tetê Moraes realizada em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

jornalismo (considerado por muito tempo como sendo trabalho masculino). Em *Jornalismo: matérias de primeira página*, Amaral (1986) relata essa discriminação sofrida pela mulher, que ainda tinha muitos resquícios em 1967. Em uma entrevista para o autor, Ana Arruda Callado relatou que, por muito tempo, se convencionou que a mulher só poderia trabalhar em seções ditas femininas, escrevendo apenas sobre cozinha, moda e cuidados de bebê. Isso com o tempo passou por transformação. N’*O Sol*, as mulheres tinham oportunidade e eram incentivadas a assumir na redação o cargo de interesse, tanto que muitas delas ocuparam funções importantes, seja como repórteres, editoras ou diagramadoras. Naquela época, era raro ver mulheres ocupando cargo de editora-chefe e n’*O Sol*, Ana Arruda desempenhou essa função durante o período em que o jornal circulou no Rio de Janeiro.

A partir do momento em que os estudantes foram selecionados, eles assumiram tanto o papel de alunos quanto de estagiários.

A gente chama de estagiários os alunos, digamos assim. Os estagiários, eles recebiam um dinheiro, porque muita gente dizia: “é exploração do trabalho”. Não, todos recebiam o que os estagiários recebiam nos grandes jornais. Eu faço questão de dizer isso, pois houve muito dessa acusação. O que era importante nessa formação, digamos assim: era o de qualquer jornalista – era técnica de apuração, era a redação.⁶²

Além dos estagiários e dos editores, ao longo dos quatro meses de existência, a equipe d’*O Sol* contou com a ajuda de alguns colaboradores especiais nas produções diárias das edições do jornal. Dentre eles, pode-se destacar o jornalista Ruy Castro, o cantor Chico Buarque, o poeta e compositor Torquato Neto, o escritor Nelson Rodrigues, Fernando Lobo, Isabela Câmara, o chargista Henfil, o cartunista Ziraldo, o escritor Zuenir Ventura, entre outros.

Nascido em Ribeirão das Neves e criado na periferia de Belo Horizonte, Henrique de Souza Filho, o Henfil, era hemofílico. Considerado um chargista importante, contribuiu com vários jornais tanto da grande imprensa quanto da alternativa. Diante de todos os anos de produção, criou personagens que até hoje são lembrados, como *Graúna*, os *Fradinhos* e o *Capitão Zeferino*. Na década de 1970, precisou ir para os Estados Unidos para cuidar da sua doença, momentos que relata em seu livro *O Diário de um Cucaracha*. No entanto, mesmo fora do país continuou produzindo materiais para os jornais brasileiros. Após vários anos de tratamento, Henfil contraiu o vírus da Aids devido a uma transfusão de sangue, isso e mais uma complicação na sua doença sanguínea resultou na morte do chargista em 1988.

⁶² Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

Entre os colaboradores d'*O Sol*, alguns tiveram uma passagem curta e, outros, mais longa. O mineiro Henfil, por exemplo, que acompanhou toda a história do jornal, estreou com a produção de charges no Rio de Janeiro por meio d'*O Sol*. Em chamada do dia 21 de setembro de 1967, a equipe do *Jornal dos Sports* apresentou esse fato aos leitores: “Com O SOL, o JS lança, também, o seu mais novo chargista, o mineiro Henfil, que dará alegria em forma de notícia aos seus leitores”. Em seu livro *O Diário de um Cucaracha*, Henfil destacou que se mudou de Minas Gerais para o Rio de Janeiro para trabalhar n'*O Sol*.

Diferente de Henfil, o cantor Chico Buarque teve apenas algumas participações. Uma delas ocorreu por meio da confecção de um cartum denominado *A Margarida*, em analogia a música *Onde está a Margarida*. Em depoimento no filme *O Sol - caminhando contra o vento*, Buarque conta que, ao longo da vida, produziu este e mais um cartum: “Eu fiz dois cartuns na vida, este e outro para o *Pasquim*. Mas o Jaguar me desestimulou: disse que a ideia era boa, mas os meus traços eram uma porcaria”.

Diferente de todos, a colaboração de Zuenir Ventura foi precedente à produção do jornal. De acordo com Ana Arruda Callado, a princípio o editor-chefe d' *O Sol* era para ser Ventura, porém devido à impossibilidade do escritor assumir a função, Callado foi convidada e tornou-se a chefe da redação do jornal. Apesar disso, Ventura teve uma importância significativa nas estruturações linguística e gráfica do periódico. Ao lado de Callado e Jardim, o escritor ajudou na criação tanto do projeto editorial quanto do projeto gráfico.

Outros foram convidados e nem chegaram a participar do jornal, como o escritor Fernando Gabeira. Para Ana Arruda Callado, Gabeira só não se tornou jornalista d'*O Sol*, porque, provavelmente, já estava planejando o sequestro do embaixador americano. Ela explica, relativizando as nuances da memória:

Eu acho que foi, eu não me lembro o tempo, porque a memória engana muito, mas foi muito pouco tempo antes do sequestro do embaixador; quer dizer, o Gabeira já estava planejando o sequestro quando me disse que queria sossego e ia para Minas para viver boa vida, pois não queria aventuras. Então, Gabeira deixou de ser d'*O Sol* porque estava planejando o sequestro do embaixador.⁶³

Tão importante quanto os profissionais responsáveis pela produção d'*O Sol*, tiveram aqueles que participaram do periódico de outras formas: ora como personagens nas reportagens do jornal ora como incentivadores e inspiradores das produções. De acordo com Ana Arruda, não foram poucos as vezes que Caetano Veloso, Maria Bethânia e Chico Buarque transformaram a redação d'*O Sol* em espaço musical por meio de *shows* particulares

⁶³ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

feitos pelos cantores que frequentavam a redação do jornal. Essa relação de proximidade entre os artistas e a equipe do periódico, marcada desde o início da produção do jornal, formou-se já na festa de comemoração do lançamento d’*O Sol*.

Artistas e jornalistas, encabeçados por Maria Betânia, Odete Lara e Ziraldo, festejaram *O Sol*. A chopada foi no ‘Garota do Papai’, mais conhecido como ‘o bar do Pepe’. Um violão assegurou quatro horas de show. Todos os presentes transformaram-se em cantores⁶⁴

Como é possível perceber no trecho anterior, a equipe d’*O Sol* já usava os bares da cidade carioca para se encontrar e discutir a produção e o andamento do jornal. Dois anos mais tarde (1969), essa mesma prática (reuniões em bares) tornou-se comum entre os produtores do *Pasquim*. De acordo com Ana Arruda, o bar do Pepe, localizado na Lapa, tornou-se uma segunda redação para *O Sol*.

A gente ia almoçar no botequim da esquina. Teve um dia que eu percebi que havia três meses que eu comia frango assado, pois era a única coisa que eu gostava no botequim. E a gente ia lá para continuar a conversa, para bater papo. Bater papo furado e sobre o trabalho que estava sendo feito. Ali nós resolvíamos muitas coisas como, por exemplo, a pauta - “isso é mais importante do que aquilo, fulano deve fazer esta matéria”, isso a gente discutia no almoço. Martha e o Galeno não faltavam a esse almoço, o Cony nunca foi.⁶⁵

Enfim, estudantes, escritores, jornalistas e artistas, direta ou indiretamente, contribuíram e fizeram com que a criação do jornal fosse possível. É importante lembrar que muitos desses colaboradores não encerraram sua relação com a imprensa alternativa n’*O Sol*, uma vez que, dois anos mais tarde (1969), vários deles participaram da produção do jornal alternativo *Pasquim*, como Henfil, Martha Alencar, Ziraldo e muitos outros.

4.8 *O Sol* e a juventude

Outra referência importante sobre *O Sol* era a valorização da juventude brasileira. Como foi visto anteriormente, praticamente todas as matérias do periódico eram elaboradas por jovens universitários, que desempenhavam a função de estagiários do jornal. Desde o princípio, o periódico foi idealizado para ser uma ferramenta para a juventude trabalhar e informar a sociedade sobre assuntos da época. Segundo Pedreira, Jardim acreditava que

⁶⁴ Chamada d’*O Sol* em 24 de setembro de 1967.

⁶⁵ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

apenas os jovens seriam capazes de produzir um jornal de forte oposição dentro de um regime autoritário.

Para entender um pouco dessa confiança dos jornalistas d'*O Sol* em relação à juventude, pode-se destacar os movimentos de contracultura iniciado nos Estados Unidos e que depois se propagou para outras partes do mundo. Em meados da década de 1960, fruto do descontentamento com uma sociedade racista, moralista, consumista e tecnocrata, uma parte da juventude norte-americana desenvolveu uma nova mentalidade, caracterizada pelo repúdio de todos os valores tradicionais da época. Esse movimento de repúdio aos padrões vigentes da época ficou conhecido como “contracultura”.

De acordo com Brandão e Duarte (1990), o posicionamento crítico da juventude frente aos padrões estabelecidos nas sociedades mundiais, tal como a postura reflexiva defendida das estruturas sociais, favoreceu a criação do que Faro (1999) considerou uma mitologia “em torno dos padrões de comportamento da juventude” (FARO, 1999, p.139). Assim, os jovens eram vistos como a única categoria social capaz de se rebelar contra o sistema e propor mudanças efetivas na sociedade, pois eles, diferentes dos adultos considerados, na época, conformados às normas e aos valores sociais, não tinham receio de, diante da necessidade, se revoltar contra o sistema. (BRANDÃO; DUARTE, 1990).

Brandão e Duarte (1990) afirmam que durante e após a Segunda Guerra Mundial, após um incentivo ao crescimento vegetativo, ocorreu nos Estados Unidos uma explosão demográfica. Isso acarretou um aumento significativo da população jovem na sociedade norte-americana. Assim, na década de 1950, os Estados Unidos iniciaram o desenvolvimento de uma indústria cultural para atender os interesses dessa nova população em eclosão, ao passo que, ao mesmo tempo, colocavam em prática a almejada expansão capitalista. Segundo os autores, é neste contexto que nasce, no território norte-americano, a cultura jovem.

Neste primeiro momento, a indústria norte-americana foi orientada a atender o interesse dessa juventude. Com isso, um amplo mercado especializado em produtos, como pranchas de surf, radinhos de pilha, revistas, filmes e, principalmente, discos de música, foi criado a fim de atender os anseios desse novo mercado consumidor em ascensão. Diante desse desenvolvimento industrial, os jovens passaram a assimilar e consumir todos os produtos voltados para atender as suas vontades. Aqui nasce, por exemplo, o interesse e a paixão em torno do *rock'n'roll*, estilo musical que, nos discos, se tornaria uma das principais mercadorias de grandes gravadoras da década de 1950 (BRANDÃO; DUARTE, 1990).

Como comentam Brandão e Duarte (1990), alguns anos transcorreram em que a juventude desempenhou, basicamente, o papel de meros consumidores de produtos

propagados pelas indústrias norte-americanas. Entretanto, em meados da década de 1960, fruto, por exemplo, do descontentamento com uma sociedade racista, moralista, consumista e tecnocrata, uma parte da juventude norte-americana desenvolveu uma nova mentalidade, caracterizada pelo repúdio de todos os valores tradicionais da época. De acordo com os autores, não foi coincidência o território norte-americano ser o precursor do novo movimento:

(...) não é estranho que a contracultura tenha surgido no seio da sociedade norte-americana, pois é justamente aí que a tecnocracia – sociedade gerenciada por especialistas técnicos e seus modelos científicos – atingiu o auge de seu desenvolvimento, obrigando o jovem a adaptar-se rapidamente a uma realidade mecânica, árida e desprovida de qualquer impulso criativo. Com isso, a contracultura se tornou a forma de expressão mais importante dessa parcela de jovens que procuravam “cair fora” (filosofia do “drop out”) dos padrões estabelecidos por essa sociedade, para construir um mundo alternativo com uma “cultura” própria (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p.50).

Com um posicionamento crítico em relação aos padrões de regras e normas considerados repressivos e fontes de manutenção da ordem social, a juventude desenvolveu os seus princípios de vida considerados alternativos, à medida que repudiava princípios moralistas, racistas, consumistas e tecnocratas. Desenvolvendo no território norte-americano o que os autores denominaram uma “guerrilha cultural dentro do próprio sistema” (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p.51).

Embora os movimentos de formação da cultura jovem da década de 1950 e a contracultura de 1960 tenham originado nos Estados Unidos, eles não ficaram confinados apenas no território norte-americano. Como argumenta Brandão e Duarte (1990), em pouco tempo, esses movimentos foram ultrapassando fronteiras e encontrando espaço em outros países. No Brasil, o movimento da juventude encontrou importância n’*O Sol*.

Cabe ressaltar que, em vários momentos, seja em um editorial ou em datas especiais do jornal, se frisava que *O Sol* era produzido pelo poder jovem. Assim, para o idealizador do periódico, a mudança só poderia vir da juventude e, como vimos, a valorização da potencialidade jovem estava em evidência, não só no exterior, mas também no Brasil, devido ao movimento de contracultura iniciado em meados da década de 1960.

De acordo com Pedreira, antes da década de 1960, a juventude tinha uma participação reduzida dentro da sociedade brasileira. Desse modo, até mesmo dentro de casa, salvo algumas exceções, os jovens não tinham espaço para dar a sua opinião. Reynaldo Jardim foi quem percebeu o anseio da juventude de ser ouvida e compartilhar as suas ideias, dando a eles essa oportunidade através do novo periódico alternativo. Em uma chamada

publicada na edição de 26 de novembro de 1967, vê-se essa valorização depositada ao jovem dentro do jornal *O Sol*: GENTE JOVEM FAZ *O SOL* PARA MOSTRAR QUE IDADE É DOCUMENTO E O PODER JÁ É DOS 20 ANOS⁶⁶. Na figura 21 a seguir, percebe-se a mesma valorização destinada aos jovens estagiários do jornal.

Esta é a equipe que há mais de dois meses vem fazendo O SOL. Depois de algum ensino teórico, esses universitários provam, dia a dia, na qualidade de seu trabalho, que uma mentalidade jovem pode valer por anos de experiência. A idade média, entre repórteres, redatores e editores, é de 23 anos. Pouca idade e muita gana de realizar.



Figura 21: Imagem publicada n' *O Sol*, na edição 57, em 26 de novembro de 1967

Como lembra Pedreira:

O Reynaldo Jardim, nesta mesma época, lançou um movimento que a ideia original não era dele, chamada Poder Jovem, se eu não me engano era uma expressão americana, ele se apropriou desse negócio aqui no Brasil, ou seja, traduziu como Poder Jovem. Naquela época era a rebeldia que foi dar na rebeldia de 68, que foi depois de *O Sol*. Mas nós já éramos os personagens que iriam protagonizar aquela rebeldia. E o Reynaldo já tinha, como grande poeta, imaginado isso, por isso ele chamava de Poder Jovem, dizendo que o poder estava com os jovens e foi o que aconteceu em 68, no mundo inteiro uma explosão com os jovens. (...) *O Sol* foi possível devido a esse anseio que os jovens tinham de ter uma opinião e, como eu falei, nós ficamos nos achando pessoas muito importantes, pois éramos ouvidos e ainda podíamos dar a nossa opinião.⁶⁷

As bases para a confiança dada à juventude carioca pela equipe d' *O Sol* estavam intimamente relacionadas a esse posicionamento crítico que os jovens vinham protagonizando na década de 1960. Dessa forma, o periódico ficou conhecido como o jornal do Poder Jovem, como é apresentado na capa do dia 26 de novembro de 1967 (figura 22). Vale ressaltar que o

⁶⁶ Trecho encontrado n' *O Sol*, na edição 57, em 26 de novembro de 1967.

⁶⁷ Trecho da entrevista realizada com Artur Pedreira em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

jornal sempre frisava essa condição d’*O Sol* ser um meio de comunicação feito pelos jovens e dedicado à juventude brasileira.



Figura 22 Figura 4: *O Sol*, edição 57, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967

Como forma de dar visibilidade e valorizar a juventude, em alguns momentos, a equipe d’*O Sol* realizou até mesmo concursos para eleger os chamados Jovens de Ouro (figura 23).

UM MÊS DE SOL

Em apenas um mês o SOL tornou-se o veículo do pensamento jovem brasileiro.

Afirmando com coragem, defendendo os interesses nacionais, analisando os problemas com independência e isenção, a jovem equipe de universitários conduzidos por experientes jornalistas fez do SOL um novo padrão de jornalismo moderno.

E agora, em homenagem aos jovens que contribuem para levar o Brasil prá-frente, o SOL elegerá os

7 JOVENS DE OURO

aquêles que mais se destacaram nos campos:

***Universitário Empresarial Técnico
Científico Artístico Econômico Político***

SOL

uma visão jovem do mundo

Figura 23: Concurso anunciado n' *O Sol*, na edição 28, em 22 de outubro de 1967.

Enfim, além das mudanças linguísticas e gráficas, *O Sol* foi pensado por Reynaldo Jardim para ser um jornal desenvolvido pela juventude da época. O periódico tinha leitores de todas as idades, mas era, exclusivamente, dedicado às pessoas que tivessem, segundo a

equipe, uma alma jovem. A valorização dada à juventude pelos jornalistas d'*O Sol* encontrava respaldo no contexto histórico da época, no qual os jovens recebiam reconhecimento devido ao fato de protagonizar vários movimentos de contracultura.

4.9 *O Sol* e a ditadura⁶⁸

Apesar das intensificações do regime militar após o AI-5, o autoritarismo já tinha invadido as redações dos jornais alternativos nos primeiros anos da ditadura civil-militar brasileira. O jornal satírico e humorístico *Pif-Paf*, fundado por Millôr Fernandes, por exemplo, nasceu em 1964 e teve um curto período de duração devido, principalmente, às ações inconstitucionais protagonizadas pelos militares.

Durante a ditadura civil-militar brasileira, *O Sol* foi outro jornal do segmento alternativo que teve o fechamento influenciado pelos militares. Iniciado em 21 de setembro de 1967, o periódico durou pouco tempo, isto é, permaneceu em circulação no Rio de Janeiro por quase quatro meses. Em 05 janeiro de 1968, a experiência do jornal laboratório chegou ao fim.

Por ser financiado e circular juntamente com um jornal da grande imprensa (*Jornal dos Sports*), demorou para que *O Sol* chamasse a atenção dos militares e fosse visto como uma ameaça ao regime governamental da época. Os sinais de alerta dos militares não demoraram a surtir efeito e passaram a ser acionados à medida que uma nova edição do periódico chegava às bancas de revistas, isso porque os assuntos que incomodavam os militares passaram a estampar as páginas do jornal.

Diferentemente de muitos jornais da imprensa tradicional, a equipe d'*O Sol* passou a retratar casos de censura, prisões, torturas e, até mesmo, as estratégias golpistas dos militares. Uma das primeiras referências aos casos de censura foi publicada na terceira edição do jornal. Em um pequeno texto, o jornal dava a entender que não só casos de censura estavam acontecendo no Brasil, mas que o país vivia uma ditadura, fato muitas vezes negado durante o regime militar. Assim, dizia: “Prisão e Censura – O vice-líder do governo diz que é mentira. Mas a oposição prova que o Brasil não é democracia e sim ditadura”⁶⁹.

⁶⁸ Alguns trechos deste tópico fazem parte do artigo *Jornal O Sol: um estudo da imprensa alternativa na primeira fase do regime militar*, publicado no Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado no São Paulo, em 2016.

⁶⁹ Trecho de texto publicado em 23 de setembro de 1967, no jornal *O Sol*.

Outra notícia que evidencia, em uma única nota, caso de tortura, de perseguição e de assassinato foi publicada na segunda edição do jornal, em 22 de setembro de 1967, e relata o caso do ex-prefeito de Natal encontrado misteriosamente morto. As aspas usadas em “encontrado morto” e “surpresa” mostra um tom de ironia e de denúncia, pois essa pontuação deixa implícito envolvimento das autoridades na morte. Como pode ser lido na figura 24.

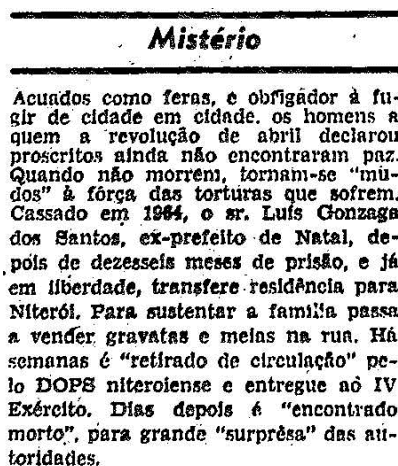


Figura 24: Nota publicada na edição do jornal *O Sol*, em 22 de setembro de 1967.

Em 24 de setembro de 1967, na editoria de *Polícia*, uma reportagem mais longa chegou às páginas do jornal com a história de um assassino mirim de São Paulo, o conhecido “portuguesinho”. Apesar do assunto não agradar os militares, a equipe de *O Sol* não apenas reportou o fato, como já no parágrafo de apresentação da matéria deixou claro que a revista *Fatos & Fotos* havia sido apreendida por retratar este fato.

Com apenas treze anos de idade, portuguesinho transforma-se no maior criminoso em atividade no País. A revista FATOS & FOTOS publicou uma reportagem sobre o garoto, mas a sua edição foi apreendida. Agora, em primeira mão, a equipe policial de O SOL apresenta os fatos e a foto que ocasionaram aquela apreensão. Todos ficarão sabendo que, vivo ou morto, ele deve ser encontrado, porque o garoto tem os seus motivos e não para de matar.⁷⁰

Na sexta edição do jornal, uma nova reportagem denunciativa voltou a estampar as páginas de *O Sol*. Nesta, o jornalista do periódico retratou um fato de repressão policial que resultou na prisão da repórter de *O Sol*. De acordo com a matéria, no momento em que o presidente Arthur da Costa e Silva abria a 24ª Reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI), um grupo de estudantes planejava um encontro para discutir a reunião do fundo. Infiltrados no movimento e com a missão de reprimir a ação dos estudantes, agentes do

⁷⁰ Trecho de uma matéria publicada no jornal *O Sol*, em 24 de setembro de 1967.

Dops (Departamento de Ordem Política e Social) deram voz de prisão ao líder do encontro. Nesta reportagem, ficou muito evidente as repressões autorizadas e encomendadas pelos militares, como pode ver em um trecho da matéria.

A repórter do Sol, ao ver o incidente, aproxima-se do agente policial para conseguir detalhes sobre a prisão do estudante. Ao começar as indagações, o policial reage de maneira violenta e lhe aplica um pontapé na coxa esquerda. Zélia reage dizendo que é jornalista no exercício da função exibindo sua credencial. Mas tem sua carteira apreendida e é detida sob a alegação de “desacato à autoridade”.⁷¹

Além do abuso e da pressão policial, na mesma edição, a equipe d'*O Sol* voltou a comentar a censura. Desta vez, em uma pequena nota, noticiando que o filme *La Guerre est Finie*, de Alain Resnais, produção com grande potencial para ser interdita, havia sido liberada pelos censores. Apesar de comentar sobre censura, a importância da nota foi destacada no último parágrafo, com uma pergunta irônica com relação ao trabalho dos censores, que assim dizia: “Será que a censura aprendeu o que realmente é arte, e resolveu deixar que os brasileiros pudessem vê-la?”⁷². Ao lado dessa nota, o jornal também trazia mais uma reportagem comentando a censura e, como pode ser lido no trecho, apresentava pitadas de ironia.

“Férias no Sul” é a mais recente proibição que sofre o cinema brasileiro. “Terra em Transe”, “O Padre e a Moça”, “O Desafio” são outros que também tiveram problemas na Censura. A briga entre artistas e censores cada dia se torna mais violenta e sem possibilidade de capitulação. O crescente aumento da produção artística brasileira que espera sua vez de ser censurada vai deixar a tesoura desvairada.⁷³

Embora as matérias de denúncias fossem assuntos das mais variadas editoriais do jornal, havia um espaço em que a censura e, principalmente, a repressão e as prisões eram noticiadas. Em *Bastidores*, frequentemente apareciam notícias sobre a repressão de greve e de movimentos estudantis. Publicada em 6 de outubro de 1967, uma nota mostra como a equipe divulgava as ações antidemocráticas financiadas pelo regime militar.

A prisão de um estudante de jornalismo, em Minas, pelo DOPS, vai levar seus colegas de faculdade à Justiça, hoje. Jurandir Persichini Cunha, preso na cidade de Ipatinga, quando vendia o jornal “Liberdade”, do diretório acadêmico da sua escola,

⁷¹ Trecho de uma nota publicada no jornal *O Sol*, em 24 de setembro de 1967.

⁷² Trecho de uma nota publicada no jornal *O Sol*, em 26 de setembro de 1967.

⁷³ Trecho de uma matéria publicada no jornal *O Sol*, em 26 de setembro de 1967.

está na cadeia e o delegado do DOPS ainda não resolveu sua situação. Amanhã os estudantes se reúnem em assembleia geral para denunciar terrorismo na cultura.⁷⁴

Apesar de tudo o que foi apresentado, o assunto mais curioso destacado n’*O Sol* estampou as páginas do jornal no dia 10 de novembro de 1967. Entre uma das capas vinha a seguinte chamada: “Deputado Herculano Alves denunciou articulação de um GOLPE PARA FECHAR O CONGRESSO”⁷⁵. Em pequena nota publicada na página cinco do jornal, a equipe destacou um golpe que estava programado para ocorrer em meados de 1968. Tendo em vista que o AI-5 foi instituído em dezembro de 1968, é possível desconfiar que a notícia d’*O Sol* evidenciava que o novo golpe estava sendo planejado há pelo menos um ano antes de sua deflagração. Como é possível ver no trecho:

O deputado Hermano Alves anunciou na reunião da Bancada do MDB, que está em andamento no País um golpe visando o fechamento do Congresso e que deve ser desfechado até meados do próximo ano. A informação, segundo afirmou, foi-lhe transmitida por fontes altamente responsáveis. Mário Covas, líder do MDB na Câmara, diante da denúncia do parlamentar carioca, convocou uma reunião secreta da Bancada para os elementos que dispõe explique o golpe em gestação.⁷⁶

De acordo com Ana Arruda Callado, se a princípio *O Sol* não chamava a atenção dos militares, a partir do momento em que as notícias com teores mais críticos e denunciatórios foram tornando-se mais frequentes, o jornal não só despertou a atenção dos militares, mas também sinalizou que alguma coisa era preciso ser feita para impedir que o periódico trouxesse problemas futuros ao regime militar.

Diferente dos jornais alternativos pós-AI-5, que em um primeiro momento tiveram de lidar com os censores dentro da redação e depois com as censuras realizadas em Brasília, as proibições chegaram à redação d’*O Sol* não por meio dos censores, mas pela própria equipe do *Jornal dos Sports*. De acordo com Ana Arruda Callado, como *O Sol* era financiado pelo *Jornal dos Sports*, quando uma notícia era impedida de ser publicada, os militares entravam em contato com a direção do *JS* e não diretamente com *O Sol*.

Nunca tivemos censores dentro, porque essa coisa de censores dentro jornal foi só depois. Antes havia aquela censura velada: “Não pode isso, não pode aquilo”, algum telefonema. Isso chegava através do Padilha que avisava que tal assunto não podia. Mas era uma censura, eu não diria branda, porque não existia nada branda naquele tempo, mas era uma censura meio velada, nunca houve um censor lá dentro, nunca houve relação com os censores.⁷⁷

⁷⁴ Trecho de uma nota publicada no jornal *O Sol*, em 06 de outubro de 1967.

⁷⁵ Destaque, em caixa alta, foi feita pela equipe do jornal.

⁷⁶ Trecho de uma nota no jornal, publicada em 10 de outubro de 1967.

⁷⁷ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

Apesar de tudo, ainda de acordo com Ana Arruda, a partir do momento em que *O Sol* passou a circular sozinho, ele começou a chamar mais a atenção dos militares, afinal de contas o periódico estava crescendo e ganhando notoriedade.

Enquanto *O Sol* foi encartado, a censura não dava importância ao jornal. Depois, começou a dar um pouco e começou a pressionar a direção do *Jornal dos Sports*, por isso a pressão aumentou muito quando ele ficou independente. Os censores não iriam censurar o *Jornal dos Sports*. A censura tinha um lado inteligentíssimo, porque eles sabiam censurar, dizer que eles eram burros, era bobagem. Mas tinha um lado burro e eles pensavam: “pra que censurar o *Jornal dos Sports*”. E foi pouco tempo, se nós tivéssemos ficado anos talvez eles teriam colocado o olho lá. Eles só prestaram atenção no conteúdo d’*O Sol* quando ele ficou independente. Eles estavam mais interessados nas pessoas, pois sabiam que estavam ligados ao movimento.⁷⁸

Embora a relação da equipe d’*O Sol* nunca precisasse lidar com os censores, de acordo com Ana Arruda Callado, dentro da redação do jornal houve um espião, que possivelmente tenha sido um dos motivos pelo fim do jornal.

Quando eu estava no Doi-Codi, uma das pessoas que passaram rindo era um fotógrafo, que não era d’*O Sol*, era do *Jornal dos Sports*, que o *Jornal dos Sports* emprestou a’*O Sol*. E esse fotógrafo eu demiti, mas por mau comportamento. As meninas diziam: “Ana, por favor, este homem é nojento. Ele fica fazendo isso, aquilo e tudo mais, na nossa frente”. Eu chamei ele e disse: “Este é um jornal jovem e você não se adaptou ao jornal”. E quando eu estava presa ele passava por mim, ele dava risinhos, ele participava do Codi. Ele tinha uma aparência muito estranha, é impossível você confundir ele com outra pessoa. Um dia eu disse a Graça, em que eu confio muito, que eu não aguentava ver este homem frequentando a ABI, pois a última vez que eu vi esse homem foi dentro do Doi-Codi, eu contei. Ela disse: “Não é possível e riu”, lá todos ridicularizavam ele. Evidentemente, ele era um homem recalcado, furioso. Mas que ele servia ao Doi-Codi, ele servia. Quer dizer, ele estava n’*O Sol* para vigiar. Mas ele era um fotógrafo do *Jornal dos Sports* e esse eu tinha certeza que era agente, porque eu vi, ele lá dentro. Ele ficou bastante tempo n’*O Sol*, tempo suficiente para xeretar tudo.⁷⁹

As tentativas dos militares para ter informações sobre *O Sol* não foram cessadas com a introdução de um espião dentro da redação do jornal. Ana Arruda conta que, na busca por mais informações com relação ao jornal e, ao mesmo tempo, para alertar que o periódico vinha sendo observado, ela foi chamada para comparecer ao Dops para dar esclarecimentos.

Eu tive quando estava n’*O Sol* um chamado ao Dops. Aí Reynaldo disse: “Você não vai sozinha, eu vou com você”. Ele foi comigo. Foi amargo. Foi uma conversa mesmo, nem me lembro o que eles queriam, mas eles queriam me amedrontar, porque o cara chegou e colocou na minha frente uma pasta e tinha assim “Dossiê Ana Arruda” embaixo “terrorista infiltrada na imprensa”. Ele não colocou na frente

⁷⁸ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

⁷⁹ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

por engano, era para eu ver. Foi uma chamada para assustar só. Ele só queria mostrar que tinha um dossiê meu lá e que estava prestando atenção no jornal. Eu contei toda a verdade sobre o jornal. Foi um interrogatório tranquilo, frio, só para me assustar. Foi um aviso: “Comporte-se, pois nós estamos de olho em você”.⁸⁰

Além de tudo isso, de acordo com Callado, a demissão do editor Otto Maria Carpeaux, em 26 de outubro de 1967, representou uma das principais medidas dos militares para desestruturar *O Sol*. Carpeaux pode ser considerado ensaísta, crítico literário e jornalista, com ideias libertárias e com participação ativa em movimentos contra a ditadura. Sendo assim, a inserção dele dentro de um jornal alternativo era uma ameaça ao regime. De acordo com Ana Arruda, a princípio, a equipe d’*O Sol* questionou o pedido do *Jornal dos Sports* de demissão de Carpeaux, mas o próprio jornalista entendeu que deveria sair para propiciar a continuidade do novo projeto.

Após a demissão de Carpeaux, os militares continuaram pressionando o *Jornal dos Sports* devido à produção d’*O Sol*. Dessa forma, em janeiro de 1968, a direção do *JS* sentou para conversar com Ana Arruda e com Reynaldo Jardim. Em reunião, a direção do *JS* anunciou que não tinha mais condições de continuar financiando o periódico alternativo, pois isso poderia trazer complicações ao jornal esportivo.

Nós fomos avisados antes. É claro que foi melancólico, foi meio enterro. Fazer o último jornal sabendo que era o último era terrível. Nós avisamos o leitor que estava acabando. E foi muito triste mesmo. Todo mundo sentiu. Foi um fim melancólico, mas avisado, preparado. A redação do *Jornal dos Sports* foi corretíssima conosco, porque eu entendo que eles não aguentavam mais. Estava pegando e estava ficando perigoso para eles. Então, não poderia uma empresa de quase cem anos ficar ameaçada por causa de um bando de malucos. Reynaldo disse para mim que a Dona Célia disse que não estava dando mais. Aí, Reynaldo e eu fomos conversar exatamente para fixar o prazo. Comunicamos e cada um começou a seguir seu rumo. Enfim, nós sabíamos que não dava desde a saída do Carpeaux. A saída do Carpeaux foi exatamente aquele sinal amarelo, não dava mais era muito desaforo.⁸¹

Para Ana Arruda, um projeto como *O Sol* não poderia durar por muito tempo no contexto da ditadura militar.

Não, o jornal estava fadado a não dar certo pela época. Era a ditadura, um projeto libertário como aquele não podia ir adiante. A questão econômica foi fundamental, porque quem nos sustentava era o *Jornal dos Sports*. Na realidade, embora depois tenha separado a venda, ficado independente por poucos meses. Mas o *Jornal dos Sports* era quem pagava os salários e o jornal não tinha anúncios suficientes, porque era um jornal desafiador, diferente. O jornal fazia títulos desafiadores. Então era um jornal que agradava muito as pessoas que queriam novidade, mas não agradava nada

⁸⁰ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

⁸¹ Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

aos empresários, que eram os anunciantes. Então, a diretoria do *Jornal dos Sports* comentou que iria à bancarrota se continuasse a bancar *O Sol*. E ao mesmo tempo os militares começaram a apertar, porque nós acabamos um pouco antes do AI-5. Em 67 a coisa estava na corda bamba, foi exatamente o ano d'*O Sol*. Então, foram dois fatores ao mesmo tempo: o econômico e o político. Agora, o político querendo fechar o econômico, porque foi a mesma tática que os militares utilizaram no *Correio da Manhã*. O *Correio da Manhã* morreu por quê? Porque perdeu todos os anunciantes. O governo não deixava anunciar no *Correio da Manhã*, quando o *Correio* passou a denunciar a ditadura e a tortura.⁸²

Enfim, depois de quase quatro meses de duração, a produção d'*O Sol* foi interrompida. E, assim, chegou ao fim mais uma importante experiência de jornal alternativo durante o regime militar. Como foi possível perceber, *O Sol* teve uma importância significativa no período, seja por meio das experimentações gráficas e linguísticas seja pelas denúncias de censura, de prisões e de opressões cometidas pelos militares.

4.10 Documentário *O Sol*

Durante o período da ditadura civil-militar brasileira, dezenas de jornais e revistas pertencentes à imprensa alternativa foram criadas e fechadas. Diante da sua importância, pessoas que fizeram parte desses grupos ou se identificaram com essa nova forma de produção jornalística produziram, ao longo de anos, livros e documentários para reavivar essas experiências e desenvolver um registro histórico sobre a época. Dentro desse segmento, Martha Alencar e Tetê Moraes dirigiram uma produção sobre o jornal alternativo, o documentário *O Sol: caminhando contra o vento*, lançado em 2006.

Eu tive essa ideia, pois achava que iria ser legal fazer um documentário sobre a nossa geração, d'*O Sol* que foi uma experiência que marcou todo mundo que passou por lá. Eu achava que a quantidade de recordações era muito grande. Então, quando eu acabei de lançar outro longa, anterior, que era sobre Sem Terra. Aí, eu queria fazer uma coisa diferente mais ligada à minha história. Eu queria fazer alguma coisa da minha geração, da geração de 1968, foi aí que lembrei d'*O Sol*. Convidei a Martha e começamos a mexer com a produção d'*O Sol*. Aí todo mundo que eu ia falando achava uma boa ideia. Fiz o projeto, fui procurar recurso. Até que saiu a primeira graninha e decidimos fazer.⁸³

Diante do dilema de quase quarenta anos depois, entrevistar pessoas que fizeram parte da produção d'*O Sol*, Tetê teve a ideia de fazer uma festa filmagem, que, além de promover um encontro das pessoas que fizeram parte d'*O Sol*, facilitasse a coleta dos

⁸² Trecho da entrevista realizada com Ana Arruda Callado em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro.

⁸³ Trecho da entrevista realizada com Tetê Moraes em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

depoimentos. “Eu pensei: vai ser uma produção complicada, mas vai ser o núcleo do filme”⁸⁴. De acordo com Tetê Moraes, a produção da confraternização também tinha um significado simbólico.

Conversando com a Martha, tentamos criar no filme um clima parecido do que era o do jornal. Um clima de informalidade, de conversa, de encontro, de trocas, de afeto e de alegria, por isso “que tal a gente tentar”. Espero ter conseguido fazer com que o filme não seja nostálgico. Nós não queríamos falar de uma coisa tão alegre, tão enriquecedor para todo mundo que participou e ficar choramingando. Até porque, quase todas as pessoas que estão no filme hoje em dia estão fazendo coisas. São pessoas que não ficaram no passado. Com isso, trazer um recorte do passado como uma experiência. Por isso, uma montagem muito ágil, com muita música, com muitas pesquisas de imagem. Era como um corte de uma maneira leve, alegre e informal, uma história de um período duro e difícil da realidade do país.⁸⁵

Com o objetivo de aproximar a festa da experiência vivida na redação d’*O Sol*, as diretoras não só convidaram as pessoas que trabalharam no periódico; artistas que, direta ou indiretamente, fizeram parte do jornal, também tiveram presença na confraternização.

A gente colocou nessa festa também pessoas que eram assunto do jornal pelo menos na área de cultura. Eram pessoas que a gente estava sempre falando com elas, sempre entrevistando, sempre cobrindo. Então, foi a Bete Faria, por exemplo, que era uma atriz na época, estava em várias peças que estavam acontecendo com muita intensidade. Chamamos vários atores, atrizes e cantores.⁸⁶

Apesar do núcleo do documentário ter sido a “festa filmagem”⁸⁷, Tetê e Martha tiveram de coletar outros depoimentos de pessoas que não puderam comparecer à confraternização, como Dedé Gadelha, Caetano Veloso, Gilberto Braga, Arnaldo Jabor, Carlos Heitor Cony, Fernando Duarte, entre outros. Assim, fundamentado em depoimentos de diferentes personagens vítimas do regime militar, as diretoras procuraram documentar histórias com base nas experiências subjetivas das pessoas que fizeram parte da geração de 1960.

Ele entra em uma diversidade de linguagem. Então o que ele propõe não é nada extraordinariamente novo. Talvez seja apenas novo no sentido de tentar combinar uma experiência subjetiva. Não só minha, mas de todas aquelas pessoas que estão ali e esse afeto. Essa ação entre amigos, digamos. Com o recorte de um período histórico, com arquivo, com informação. Tentamos dar essa informação sempre através da experiência pessoal. Como o Chico viveu o golpe, a Martha, a Vanda? O

⁸⁴ Trecho da entrevista realizada com Tetê Moraes em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

⁸⁵ Depoimento de Tetê Moraes nos extras do documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

⁸⁶ Trecho da entrevista realizada com Martha Alencar em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

⁸⁷ Tetê usa o termo festa filmagem para se referir à festa de reencontro da equipe d’*O Sol*, que aconteceu no Rio de Janeiro e é o ponto de partida do filme.

que aconteceu nos sentimentos deles quando eles souberam do AI-5? E sempre através do subjetivo, do sentimento e da emoção por isso talvez. A gente tinha tentado, desejado, de certa maneira, fazer um filme que é um filme que passa emoção além de informação: uma memória afetiva.⁸⁸

Levando em consideração essa iniciativa de trabalhar com as memórias pessoais, o documentário pode ser considerado um importante documento historiográfico não só da ditadura civil-militar, mas principalmente do jornal *O Sol*. É importante ter os jornais do período ou ter livros que retratam a época, já que, com eles, é possível conhecer um momento. Entretanto, além disso, é preciso relatar como as pessoas viveram ou o que elas têm a dizer sobre a história de um momento que ajudaram a construir, que foi mais ou menos o que Martha e Tetê se propuseram a fazer e fizeram. Se o filme não tivesse sido feito, muitas informações importantes sobre o jornal talvez tivessem sido perdidas com a morte de pessoas importantes, como Reynaldo Jardim e Hugo Carvana.

E você vê que no filme era exatamente esse negócio que a gente estava conversando: não tinha nada a não ser a memória das pessoas, porque documentalmente tem alguns jornais que nem são todos. Não tem fotografia de grupo, porque nessa época já existia uma repressão muito grande, tanto que muita gente desapareceu, apanhava daqui, chamava o cara de comunista. Então, a gente, por precaução, tinha esse negócio de não tirar fotografia, porque você poderia ser apanhado. Por causa disso, restou apenas a memória desse pessoal sobre a produção d'*O Sol*.⁸⁹

Nesse sentido, por meio do documentário, cada entrevistado tem a oportunidade de destacar suas percepções do golpe, do AI-5, das manifestações políticas e culturais. Tem-se uma ideia também de como os estudantes, os jornalistas e os artistas conheceram e ingressaram na produção d'*O Sol*. Além disso, é um documento que procura retratar a importância que *O Sol* teve não só no período, mas também na vida de cada colaborador do periódico. Assim, diante das memórias e dos depoimentos, o documentário pode ser considerado um documento de reflexão sobre a época.

Nesse tempo, ainda estava na cabeça da gente a possibilidade de uma revolução profunda no Brasil. Quer dizer, de rumo, de destino, principalmente de consciência. Eu acho que era a gente descobrindo o Brasil. Era uma tal alegria pela descoberta do país da gente, né? Gente, quantas possibilidades esse país tem. Meu Deus do céu, vamos nos juntar.⁹⁰

⁸⁸ Trecho da entrevista realizada com Tetê Moraes em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

⁸⁹ Trecho da entrevista realizada com Artur Pedreira em setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

⁹⁰ Depoimento de Ziraldo no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

Entretanto, mais do que simplesmente a reflexão de uma época, o documentário pode ser considerado um registro histórico das vozes de uma geração, que “pode ser conceituada como um grupo da sociedade civil, com uma determinação demográfica, que ‘adquire uma existência autônoma e uma identidade’ a partir de um fato inaugurador” (BUZALAF, 2009, p.18). Como afirma Palmeira, a Geração de 60 teve um marco e características próprias.

De forma que somos uma geração mais aberta em todos os sentidos. Na vida pessoal, era impossível comparar a nossa geração com a geração anterior. Quando eu entrei na escola ainda, a moça que saía com um rapaz era chamada de galinha, certo? Era a moça com quem você não queria casar: “Aquilo é uma galinha e tal”. Dois anos depois, 66 a moça que afirmasse que era virgem era tratada como caso de museu.⁹¹

É importante lembrar que, embora o ponto de partida tenha sido o jornal *O Sol*, o documentário também pode ser considerado um documento histórico sobre a ditadura civil-militar brasileira, pois abrange outros temas marcantes do período, como o golpe militar, a morte do estudante Edson Luís, a imposição do Ato institucional de número 5, os festivais de música e as grandes passeatas, a censura, a tortura, entre outros. Tudo isso, com base na memória de pessoas que viveram o período e acompanharam de perto todas as transformações de uma geração.

Enfim, o documentário *O Sol: caminhando contra o vento*, assim como outras produções cinematográficas sobre a época, é um documento histórico relevante, tanto que foi uma das bases para o desenvolvimento deste trabalho e o conhecimento de um jornal que, salvo poucas citações, encontra-se esquecido.

Depois de conhecer um pouco sobre a história e as particularidades de jornal alternativo *O Sol*, caminha-se para o último capítulo desta dissertação, onde será realizada a análise das edições do periódico, a fim de conhecer um pouco mais desse jornal que teve grande importância na história da imprensa brasileira durante a ditadura civil-militar.

⁹¹ Depoimento de Vladimir Palmeira no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*.

5 – METODOLOGIA E ANÁLISE

A partir das contextualizações históricas sobre o jornalismo e a imprensa alternativa, da caracterização do objeto de pesquisa desta dissertação e das conceituações teóricas, das definições de termos técnicos e práticos da profissão jornalística, apresentadas nos capítulos anteriores deste trabalho, inicia-se aqui a apresentação da metodologia e dos resultados da pesquisa obtidos por meio da análise do conteúdo do jornal alternativo *O Sol*.

Este capítulo visa à apresentação dos procedimentos metodológicos usados na pesquisa, trazendo uma contextualização dos métodos, bem como os critérios levados em consideração na hora de definir os materiais que ajudaram na obtenção dos resultados deste estudo. No espaço reservado à introdução da metodologia, são destacados também os materiais utilizados nesta dissertação, os problemas de pesquisa que nortearam o estudo e as categorizações que se mostraram pertinentes para o desenvolvimento da análise e da obtenção dos resultados.

Exposta a metodologia, inicia-se a apresentação dos resultados obtidos por meio da exploração do jornal *O Sol*, onde são discutidas as formas de produção e os princípios defendidos nas páginas do periódico: posicionamento político, linha editorial, linguagem, critérios de noticiabilidade e concepções práticas e técnicas.

5.1 Metodologia

A fim de alcançar os objetivos propostos nesta dissertação, o desenvolvimento da pesquisa do jornal alternativo *O Sol* se fundamentou em três procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica, a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo, conforme exposição da autora francesa Laurence Bardin (2009).

A pesquisa bibliográfica é um planejamento inicial de todos os trabalhos científicos. Por meio dele, o pesquisador identifica, localiza e obtém os fundamentos teóricos que vão influenciar todo o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo na fase analítica do objeto. Para Amaral (2007), por meio desse método, o pesquisador faz o levantamento, a seleção, o fichamento e o arquivamento de todas as informações pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa. Ainda de acordo com o autor, a pesquisa bibliográfica objetiva: 1) fazer um histórico do tema; 2) atualizar-se sobre o tema escolhido; 3) encontrar respostas aos problemas formulados; 4) levantar contradições sobre o tema; e 5) evitar repetição de trabalhos já realizados.

A entrevista consiste em um método no qual o pesquisador obtém informações por meio de conversas orais, sejam elas individuais ou em grupo. De acordo com GIL (2008), a entrevista é uma forma de interação social “bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, vem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (GIL, 2008, p.109). Dessa forma, ela pode ser encarada como uma técnica de investigação social (GIL, 2008). Especificamente, nesta dissertação, utilizou-se como metodologia a entrevista semiestruturada – nesse tipo em especial há a elaboração de um roteiro prévio, mas o pesquisador tem liberdade de fazer perguntas complementares ao longo da conversa, não ficando preso apenas no que foi roteirizado anteriormente.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, cinco pessoas que fizeram parte da equipe do *d’O Sol* foram entrevistadas. As informações obtidas por meio das conversas tiveram uma importância significativa, pois ajudaram na obtenção das informações relevantes para se conhecer um pouco mais da experiência desenvolvida pela equipe do jornal carioca. As entrevistas foram realizadas em dois momentos diferentes: as primeiras ocorreram em dezembro de 2014, no Rio de Janeiro, com a editora-chefe do jornal Ana Arruda Callado e o estagiário *d’O Sol* José Ribamar Bessa e as segundas também foram feitas no Rio, mas em setembro de 2015, momento em que se coletou o depoimento dos estagiários do jornal Tetê Moraes e Artur Pedreira e da editora de *Feature* (uma das editorias do periódico) Martha Alencar.

A análise de conteúdo é, em sua essência, um conjunto de instrumentos metodológicos que pode ser utilizado nos mais diferentes campos de conhecimento, como na sociologia, na psicologia, na literatura, na política e também na comunicação de massa. Essa metodologia se encontra “em constante aperfeiçoamento, vem sendo utilizado, pelo menos, desde o século XVIII” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 280). Durante muito tempo, no século XX, ela se desenvolveu nos Estados Unidos, época em que o método obteve destaque por causa do seu rigor científico na análise de propaganda subversiva dos meios de comunicação de massa, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Devido à herança positivista, a análise do conteúdo ficou sendo conhecida, por muito tempo, como uma técnica de investigação que tinha apenas “por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 2009, p. 20), tanto que o método sofreu muitas críticas por causa do seu caráter meramente descritivo e cientificista, características que segundo alguns pesquisadores “não permitiria uma aproximação crítica-ideológica suficiente dos meios de comunicação de massa”

(FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 281). Entretanto, como argumenta Bardin (2009), “a análise do conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance *descritivo* (cf os inventários dos jornais do princípio do século), pelo contrário, toma-se consciência de que a sua função ou seu objectivo é a *inferência*” (BARDIN, 2009, p.23).

De acordo com Bardin (2009), a inferência (dedução lógica) é um dos momentos mais férteis da análise de conteúdo, uma vez que, por meio dela, o pesquisador faz uso de operações lógicas a fim de obter conhecimentos que estão implícitos nas mensagens analisadas. Fonseca Júnior (2006) define muito bem a inferência quando a considera uma “operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada” (FONSECA JUNIOR, 2006, p.284). Nas palavras de Bardin (2009), “a intenção da análise do conteúdo é a *inferência de conhecimento relativo às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)*” (BARDIN, 2009, p.40). Levando em conta o processo descritivo e inferencial, a análise do conteúdo reside basicamente em duas articulações: a da superfície dos textos (parte descritiva da análise, em que levanta as características de análise) e os fatores que determinam as características, feito por meio da dedução lógica.

A análise de conteúdo se ancora em três procedimentos: a descrição, a inferência (crítica) e a interpretação. Diante desses procedimentos, a análise do conteúdo tem como objetivo a superação da incerteza (comprovar se os dados extraídos da mensagem estão contidos nela, podendo ser comprovados por outros) e o enriquecimento da leitura (parte do princípio de que uma leitura atenta dos materiais aumenta a produtividade e a pertinência do estudo). Além disso, Bardin (2009) atribui a ela duas funções: a heurística e de administração da prova. Sendo que a primeira se desenvolve no “para ver o que dá”, já que a “análise do conteúdo enriquece a tentativa exploratória”, aumentando a proporção para a descoberta. Enquanto o segundo ancora-se no “para servir de prova”, isto é, “hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias”, que servirão de diretrizes e “apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação” (Bardin, 2009, p. 31).

De uma forma resumida, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2009, p. 44).

O objetivo da pesquisa consistiu em analisar o conteúdo jornalístico do jornal alternativo *O Sol* durante o período em que o periódico circulou encartado no *Jornal dos Sports* (de 21 de setembro a 26 de novembro de 1967), procurando identificar a linha editorial, os principais assuntos que eram publicados no jornal (considerando o contexto de produção do periódico), a concepção prática e técnica usadas na sala de elaboração, bem como as principais especificidades do jornal, além das possíveis alterações e permanências narrativas ao longo da produção do periódico no tempo delimitado.

A pesquisa desenvolveu-se por meio da análise de quatorze edições de *O Sol*, sendo as cinco primeiras edições (01, 02, 03, 04 e 05) publicadas em setembro de 1967; de outubro, os exemplares de número 14, 17, 28 e 32 e, de novembro, os números 36, 44, 46, 52 e 57. Os jornais foram comprados em 2014, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, instituição portadora de uma parte do acervo do periódico. A escolha dos periódicos deu-se basicamente por meio de dois caminhos: optou-se por escolher as cinco primeiras edições em sequência e os demais exemplares foram escolhidos com base no critério de relevância.

Para a obtenção da amostra que serviu de base para a elaboração desta dissertação, todas as edições passaram pelo processo de exploração. Fundamentado na leitura das produções textuais e imagéticas, formulou-se algumas temáticas, separadas em categorias, que ajudassem a elucidar as perguntas deste estudo. A partir disso, os materiais que poderiam servir de base para o desenvolvimento da interpretação e da inferência da pesquisa foram separados e trabalhados na exposição dos resultados.

Levando em conta que se pretende fazer uma análise qualitativa⁹², já que a própria autora considera que a análise do conteúdo não necessariamente precisa ser uma pesquisa quantitativa, foi usada a técnica de codificação, que permitiu ao pesquisador definir as unidades de registro e a unidade de contexto a fim de identificar e separar os materiais que passaram pelo processo final da pesquisa (inferência e interpretação).

Os materiais que serviram de base para o desenvolvimento da análise foram: editoriais, cartas dos leitores, notas, notícias, reportagens, colunas, conteúdos literários e charges. A análise foi desenvolvida com base nas edições escolhidas do jornal e estudos bibliográficos. Assim, o levantamento de informações disponíveis nos periódicos analisados, bem como as leituras complementares sobre o período em que o jornal foi publicado, sobre a história da imprensa e da imprensa alternativa, ajudaram no processo de análise.

⁹² Pode se dizer que o que caracteriza a análise qualitativa é o facto de a “inferência – sempre que realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual” (Bardin, 2009, p.142).

Após a definição das unidades de registro e de contexto, elas foram divididas em categorias por meio de uma investigação de temas. A categorização “funciona por desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo agrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização encontra-se a análise temática, bastante rápida e eficaz” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 301). Para o estudo d’*O Sol* foram levadas em consideração as seguintes categorias: 1) *posicionamento político*; 2) *critério de noticiabilidade*; 3) *linguagem*; 4) *critérios de produção*.

- 1) *Posicionamento político*: levando em consideração os assuntos políticos de âmbitos nacional e internacional, essa categoria ajuda na identificação da visão política defendida e assumida pela equipe do jornal *O Sol*, sobretudo em relação aos fatos que tiveram destaques no ano de 1967.
- 2) *Critério de noticiabilidade*: relacionado diretamente aos assuntos retratados n’*O Sol*, essa categoria serve como parâmetro para identificar quais notícias tinham prioridade no periódico, quais temas eram pautados com mais frequência, bem como os possíveis critérios levados em consideração pela equipe na hora de definir os fatos estampados nas páginas diárias do jornal alternativo carioca.
- 3) *Linguagem*: tendo em mente que a linguagem é vista como qualquer sistema sógnico que permite aos seres humanos exporem as suas ideias e se comunicarem com outras pessoas por meio de códigos verbais ou não verbais, essa categoria se faz importante na medida em que ajuda a analisar as produções textuais e imagéticas d’*O Sol* a fim de identificar o tipo de jornalismo praticado pela equipe do jornal, bem como a linha editorial do periódico.
- 4) *Critérios de Produção*: reúne os elementos necessários que ajudaram a perceber as técnicas jornalísticas presentes ou ausentes n’*O Sol*, como, por exemplo, a questão do lide e da pirâmide invertida. Auxilia também na identificação de novas técnicas jornalísticas criadas e usadas pela equipe do periódico na hora de reportar a notícia. Desse modo, a categoria serve como suporte para identificar as técnicas usadas no jornal, assim como os conteúdos e as estruturas que sofreram alterações ou permaneceram nas páginas do diário, no período estudado.

As categorias aqui descritas tiveram papel fundamental, pois auxiliaram o pesquisador na hora de responder os problemas de pesquisa desta dissertação: *Qual a linha editorial do jornal alternativo O Sol? Quais são as principais especificidades desse jornal alternativo? Quais as características que tornam O Sol um jornal único e diferente dos demais da imprensa alternativa? Que tipo de jornalismo era produzido por esse jornal alternativo? Quais os principais assuntos eram pautados diariamente no periódico?*

Enfim, os resultados obtidos nesta dissertação foram alcançados por meio da combinação de três procedimentos metodológicos (análise do conteúdo, entrevista e pesquisa bibliográfica) que juntos ajudaram no desenvolvimento das inferências e interpretações viáveis em relação ao objeto de pesquisa aqui analisado. Dito isso, a partir do tópico a seguir, é possível conhecer os resultados da análise realizada em torno do jornal alternativo *O Sol*.

5.2 Posicionamento político e linha editorial

A linha editorial de um meio de comunicação tem relação direta com o tipo de jornalismo defendido pela equipe do veículo. Os jornais desenvolvidos dentro de uma lógica de mercado são completamente diferentes daqueles com aspectos mais populares, no qual os interesses sociais se sobressaem em relação aos econômicos (TRAQUINA, 2005). Analisar as matérias divulgadas em um periódico e os seus espaços opinativos, a fim de perceber o enfoque apresentado pela notícia e pela opinião, pode ser uma das maneiras para se conhecer o perfil editorial de um veículo de comunicação (VENANCIO, 2009). Para se ter uma noção do estilo de jornalismo desenvolvido pelos profissionais d'*O Sol*, serão levadas em consideração aqui as reportagens, as notas, as colunas e as charges publicadas diariamente no jornal.

Em síntese, o jornal alternativo *O Sol* era um periódico voltado essencialmente, de um lado, aos interesses do cidadão e, de outro, ao progresso e desenvolvimento da nação e dos demais países subdesenvolvidos do mundo. Entretanto, para obter um conhecimento mais aprofundado em relação ao posicionamento político e à linha editorial do veículo, um caminho interessante seria analisar algumas editorias individualmente, isso porque cada uma delas apresenta particularidades entre si. Assim, a fim de identificar a função social desempenhada pelo periódico, cinco editorias serão levadas em consideração neste tópico: *Cidade, Polícia, Educação, Problemas Brasileiros e Internacional*.

Para a editoria de *Cidade*, a equipe d'*O Sol* destinava de duas a três páginas diariamente – o número de folhas dependia da edição. Essa parte do jornal era reservada para os assuntos locais do Rio de Janeiro, sobretudo do estado de Guanabara⁹³. Preenchidas por notas, reportagens e seções fixas, *Cidade* voltava-se exclusivamente a discutir fatos relevantes aos cidadãos cariocas: criticar descasos das autoridades governamentais, denunciar problemas estruturais e sociais, defender os interesses comuns da sociedade, informar a população sobre serviços públicos, divulgar e incentivar eventos beneficentes, manter os trabalhadores informados em relação aos assuntos sindicais e ainda sugerir mudanças estruturais e sociais em prol de melhorias e do desenvolvimento da cidade. Assim, as notícias mais frequentes estavam relacionadas a questões de moradia, de educação, de saúde, de transporte público, de trânsito, de infraestrutura de bairros e de ruas, bem como informações trabalhistas (salário, reajuste salarial, assembleias sindicais, entre outros) e de conscientização social.

Ao analisar o conteúdo d'*O Sol*, percebe-se que a equipe do periódico apresentava um apoio significativo aos cidadãos cariocas, sobretudo às classes sociais mais discriminadas e marginalizadas da sociedade. Comumente, encontravam-se nas páginas de *Cidade* notícias em defesa de moradores de rua, de favelas e de comunidades mais carentes. Além disso, a editoria retratava também o descaso das autoridades governamentais em relação às políticas de assistência pública nas regiões mais pobres do Rio de Janeiro. Um assunto frequentemente noticiado no periódico, entre os meses de setembro e de novembro de 1967, esteve relacionado à desapropriação de regiões de favelas e de bairros com infraestrutura precária em prol de projetos ambiciosos de desenvolvimento e de modernização urbanística defendida pelo governo do Estado. Nessas matérias, identifica-se que, por meio das notícias, os jornalistas d'*O Sol* colocava-se a disposição dos cidadãos ameaçados de despejo para defendê-los e ainda cobrar das autoridades atuações mais honestas e humanizadas. Matérias nessa linha já aparecem na primeira edição, mas uma primeira que convém destacar estampou a editoria na segunda edição do jornal, publicada em 22 de setembro de 1967. Intitulada

⁹³ Em 1822, logo após a Independência do Brasil, o Rio de Janeiro passou a ser administrado pela Ilustríssima Câmara Municipal, que detinha os poderes Executivo e Legislativo, destacando-se o papel de seu presidente na governança. Em 1834, a cidade foi transformada em Município Neutro, sede do Império, mas continuou a ser administrada pela Câmara Municipal. Com a Proclamação da República, a cidade passou a ser Distrito Federal, capital da recém-concretizada República, administrada pelo presidente do Conselho de Intendência, que substituíra a Câmara Municipal. Com a criação da Prefeitura, três anos depois, em 1892, o Distrito Federal passou a ser governado pelos prefeitos. Em 1960, com a transferência da capital do país para Brasília, o Rio de Janeiro foi transformado em estado da Guanabara, passando a ser gerido pelos governadores. Em 1975, ocorreu nova mudança, com a fusão dos estados do Rio de Janeiro e do estado da Guanabara, voltando a então cidade-estado a ser um município, governado pelos prefeitos. Site: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/governantes-do-rio-de-janeiro>.

*Favela Nova Brasília vai acabar*⁹⁴, a reportagem relata um projeto de urbanização iniciado na região da favela Nova Brasília. O empreendimento propunha a construção de um viaduto no local. Para isso, a população deveria deixar os seus barracos. Entretanto, os moradores se recusavam a deixar suas casas e se propunham a lutar, pois o governo não apresentava medidas favoráveis de indenização das famílias que moravam no local. O repórter d’*O Sol* até enfatiza em seu texto que “a evolução do problema da favela pode ser vista de vários ângulos”⁹⁵. Ele escolhe a perspectiva dos moradores, trazendo a história de vida de d. Isaltina e suas críticas ao descaso governamental com os moradores.

(...) d. Isaltina ficou muito espantada com a apatia da Associação diante do problema. Foi ver o que acontecia de anormal, e passou a assistir às reuniões da Associação. Em pouco tempo foi nomeada diretora social. Já sabia que o defeito não era propriamente da Associação, mas de seu presidente, que não queria se envolver no problema. Em uma reunião em que o presidente não estava presente, o vice-presidente, que se mostrava interessado no problema, nomeou uma comissão para tratar da ameaça de remoção. Aí começou a luta. De início, a luta foi bastante desordenada. Foram ao governador, ao presidente, à mulher do presidente, à Secretaria de Serviços Sociais, etc. Só há pouco tempo que descobriram a FAFEG (Federação do Estado da Guanabara), cuja existência foi escondida ao máximo pelo presidente da Associação. Depois de marchas e contramarchas e de várias deliberações, a FAFEG começou a orientar a luta dos favelados, que começou a tomar um sentimento mais objetivo.⁹⁶

A história de outros moradores ameaçados de despejo sem a devida assistência do governo foi noticiada na quarta edição d’*O Sol*, em 24 de setembro de 1967. Dessa vez, a área do Catumbi encontrava-se ameaçada pelo projeto de urbanização da prefeitura. No local, a CEPE-1 (Primeira Comissão de Execução de Planejamento Específico), em parceria com o BNH (Banco Nacional de Habitação), previa a construção de um núcleo residencial. No entanto, para o desenvolvimento do empreendimento, trinta famílias precisavam sair de suas casas. A matéria relatava a mobilização dos moradores de Catumbi em defesa dos seus direitos. Como destaca um trecho da notícia: “o novo plano do Governo para urbanização do Catumbi não inclui as favelas”⁹⁷. Assim, as famílias ameaçadas não poupavam esforços para cobrar das autoridades uma política justa, que priorizasse não apenas a urbanização, mas também as pessoas mais pobres da cidade.

Os dilemas vividos pelas famílias do Catumbi frequentemente voltam a receber importância nas folhas do periódico. Dentre as reportagens, a publicada em 10 de outubro de

⁹⁴ *Favela Nova Brasília vai acabar. O Sol. 22/09/1967.*

⁹⁵ Trecho da reportagem *Favela Nova Brasília vai acabar. O Sol. 22/09/1967.*

⁹⁶ Trecho da reportagem *Favela Nova Brasília vai acabar. O Sol. 22/09/1967.*

⁹⁷ Trecho da reportagem *Urbanização do Catumbi. O Sol. 24/09/1967.*

1967 vale a pena ser destacada devido à sua profundidade. O impasse continua sendo o mesmo: o despejo de moradores da região para a construção de um núcleo residencial. Como é possível ler na matéria (figura 25), a equipe d'*O Sol* propôs-se a discutir a raiz do problema, as consequências da desapropriação, bem como o descaso das autoridades governamentais em relação ao fato.

Despejo no Catumbi

D. Irene Soares Lima vai ser despejada. Seu marido é funcionário público aposentado e ganha NCr\$ 200,00 por mês. Se fôr despejado não vai ter onde dormir e está decidida: "O caminhão que buscar minha mobília vai me levar. D. Elza mora em Catumbi há 11 anos. Paga NCr\$ 11,00 de aluguel e ganha NCr\$ 74,00. Não sabe o que vai fazer se fôr despejada.

30 famílias que moram na área chamada "Ferro de Engomar" têm um mês para deixar suas casas. A Comissão Executiva de Projetos Específicos vai começar a construção da "Cidade Nova".

UMA HISTÓRIA LONGA. Em março de 1966, a CEPE aprovou o projeto de construção da "Cidade Nova", estabelecendo como áreas prioritárias o Catumbi e a zona da Bandeira. "Cidade Nova" quer dizer demolição e despejo. O convênio CEPE-BNH ia construir um conjunto de 5.500 unidades e piscinas, parques de estacionamento, etc.: "uma construção faraônica".

A transformação de uma "área deteriorada": Catumbi e seus 30 mil moradores. Era preciso sanear aquela área. Despejar, destruir, lotear e vender "às entidades públicas e particulares".

Catumbi é um bairro com vida própria. 5 mil pessoas trabalham lá. Comércio, indústria e escolas, 80% dos moradores são inquilinos. E o plano não oferecia novas condições de habitação. Diz o Padre Mário Trigo, da Igreja N. S.ª de Salette: "Aqui nasceram e viveram muitas famílias. São tradicionais. Estão enraizados. Catumbi é uma comunidade integrada". Mas vai ser destruído para dar lugar ao projeto da CEPE-1, "Cidade Nova".

Os moradores ficaram alarmados e procuraram se reunir. O lugar era a Igreja. Não acreditavam que o Governo os desalojasse, mas existia uma lei de desapropriação que indenizava os moradores e pronto. "Isso é uma lei fascista: onde está o bem do povo? Tudo se resume nos interesses do Governo numa pretensa utilidade pública?".

A reunião no Salão Paroquial em janeiro de 67 tinha mais de 500 pessoas. Foram escolhidos representantes de cada rua e uma comissão coordenadora.

"Quando o Catumbi era só lama, nós podíamos ficar. Agora, onde vamos morar?" As 4 mil famílias que moram em Catumbi, já são famosas pela campanha que fizeram no começo do ano. É que o Governo pretende demolir tudo e construir prédios novos. Os moradores, na maioria inquilinos, promovem campanha contra. Agora organizam uma cooperativa e vão ter onde morar dentro de 18 meses. D. Irene reclama: "Despejo antes disso, não. Senão

DURMO NO CAMINHÃO!



"Tivemos uma reunião com a CEPE e não conseguimos nada. Havia uma lei por trás deles". Parecer da comissão: "Não adianta lutar contra a Justiça. Há uma lei que é injusta. Nossa única arma é a união dos moradores".

A GUERRA DAS FAIXAS. Os moradores de Catumbi resolveram denunciar o aspecto desumano da lei de desapropriação. Era a mobilização de todo o bairro. Os engenheiros da CEPE já estavam medindo a região, sondando as condições para as obras. De madrugada, os moradores saíram às ruas e Catumbi amanheceu inundado de cartazes. "Catumbi em 'pé-de-guerra'. Logo veio o temporal de janeiro com as catástrofes. As atenções foram desviadas. Catumbi não sofreu com as inundações porque tem um canal pluvial subterrâneo, construído no governo passado. "Durante as inundações, a Secretaria de Governo dizia que Catumbi vai de qualquer jeito". A Comissão Coordenadora precisava "atingir a consciência das autoridades".

Depois das chuvas, nova campanha de cartazes e faixas. Guardas entram na Igreja à procura do Padre Mário. Os moradores querem saber quem está perturbando a paz do bairro. Os guardas e os funcionários

da CEPE, que estavam retirando as faixas da rua, saem "com medo das reações do povo".

Um dos cartazes dizia: "CEPE: Campanha de Espoliação Pelo Estado". "Construir sim, Destruir, não!". Onde vamos morar, Governador?".

"Tivemos uma audiência com o Governador. Provamos que não há nenhuma 'ideologia estranha' nisso. Queremos apenas nossa casa própria. Prometeram estudar o caso. Ninguém se iluiu com essas promessas. Outro cartaz diz: "Quem só conhece palácios, não dá valor a ter uma casa só".

PRIMEIRA VITÓRIA. O BNH ofereceu uma solução: criar uma cooperativa onde participaria representantes do BNH, da CEPE e dos moradores. "A ideia foi bem aceita por todos. Era a primeira vitória". Em 29 de setembro foi criada a primeira cooperativa, com a participação de 90 famílias da área chamada "Ferro de Engomar". Serão construídos prédios que abrigarão todas as famílias. Prazo de entrega: 18 meses. O BNH vai financiar 92% do preço e os moradores podem pagar em 20 anos. Parecia ser a solução para o problema: "Mesmo assim, é ver para crer".

UM PROBLEMA. Mas o BNH quer começar a obra já. A zona escolhida foram duas garagens no "ferro de engomar". Mas vão despejar 30 famílias. Até agora, só foram oferecidos 6 apartamentos pela CEPE, na Rua Miguel de Frias. D. Irene, uma das possíveis despejadas, diz: "Precisamos reunir as 30 famílias e decidir o que vamos fazer. Não vamos ser despejadas".

Na Assembléia Legislativa houve uma concentração de moradores para pedir a revisão da lei de desapropriação. Queriam que fosse incluído mais um item: a garantia de habitação para os inquilinos. "Indenização só não chega". O Deputado Alberto Rajão entrou com o projeto de Lei 93 que pedia a inclusão do item. A lei foi aprovada em vésperas de recesso, ninguém leu e foi aceita por unanimidade. Em seguida o projeto de emenda foi enviado para a Comissão de Justiça para aprovação. Isso foi em maio.

Figura 25: Despejo no Catumbi, reportagem publicada no O Sol em 10 de outubro de 1967

A reportagem *Inquilinos têm garantia por Lei e Estado ganha Secretaria do Trabalho*⁹⁸ adquiriu espaço n' *O Sol* na 44ª edição. Nela, a equipe do periódico apresentou um resultado positivo da luta dos moradores do Catumbi contra o projeto de despejo encabeçado pelo Estado: “O governo não pode mais desapropriar os inquilinos para execução de planos urbanísticos sem garantir uma nova casa para o desalojado. (...) O Estado agora tem que facilitar aos inquilinos a aquisição da casa própria com área correspondente à que ocupava antes”⁹⁹, dizia a notícia. A divulgação da vitória obtida pelas famílias do Catumbi mostra como os jornalistas d' *O Sol* procuravam publicar notícias que beneficiassem as populações mais necessitadas, acompanhando e oferecendo aos leitores informações sobre todo o processo de luta, desde o início do problema até a sua solução.

Não só a situação dos moradores afetados pelo projeto de urbanização em curso no Rio de Janeiro chegava à editoria de *Cidade*, os descasos com a infraestrutura das regiões mais pobres e outros problemas enfrentados por famílias moradoras de favelas eram retratadas n' *O Sol*. Publicada em 10 de outubro, a matéria *Morro da Favela: desabrigados não podem reconstruir barracos*¹⁰⁰ mostrava o dilema da população do Morro da Favela, região devastada por um incêndio que destruiu dezenas de barracos, deixando inúmeros desabrigados. No jornal, a equipe colocou em evidência a ânsia dos moradores por permanecer no local, porém impedidos de reconstruir barracos devido ao incidente, e a incerteza e a expectativa quando a possibilidade de eles obterem nova moradia. Mais relacionado à falta de investimento em lugares mais carentes da cidade, pode-se trazer como exemplo a notícia publicada no periódico em 10 de novembro de 1967. Nela (figura 26), o repórter denuncia os problemas estruturais do bairro Guadalupe, bem como os perigos enfrentados pela população da região devido à falta de manutenção por parte das autoridades governamentais.

⁹⁸ *Inquilinos têm garantia por Lei e Estado ganha Secretaria do Trabalho. O Sol. 10/11/1967.*

⁹⁹ Trecho da reportagem *Inquilinos têm garantia por Lei e Estado ganha Secretaria do Trabalho. O Sol. 10/11/1967.*

¹⁰⁰ *Morro da Favela: desabrigados não podem reconstruir barracos. O Sol. 10/10/1967.*

BAIRRO DE GUADALUPE

Bairro populoso, com esgôto entupido, mosquito, buraco na rua, poça d'água, ratos, rio infecto, pede ao governador solução de problemas. Crianças brincando na água suja não vêem o perigo. Os moradores vão ao governador e mostram

o grande problema



Os moradores de Guadalupe vão ao governador e pedem obras. Desde 1962 existe a "Associação Pró-Melhoramentos de Guadalupe". Lutam há muito pela melhoria das condições higiênicas e sociais do bairro que tem 17 ruas calçadas e 50 por calçar, muito mosquito, poças de água, lixo acumulado e buracos. O bairro precisa de obras urgentes. Os moradores estão satisfeitos com as promessas do governador e esperam as melhorias.

FEDIDO — A comissão de moradores pede ao Governador Negrão de Lima a continuação da barragem do Rio Acari ou Sapupema, reparo nas galerias do Serviço de Águas e Esgotos, a construção de um viaduto no cruzamento das Ruas Luis Coutinho Cavalcanti, Marques de Macedo e Avenida Brasil, o asfaltamento da Rua Aurélio Valpôrto e a substituição da SERFAU por um órgão do Estado. O Presidente da Associação, Sr. Antônio Gonçalves Teles, diz que acredita que as obras vão sair. O governador promete que em janeiro de 68 vai dar maior atenção à Guadalupe. "Nós acreditamos no governador, e desta vez as obras saem. Temos esperanças de que tudo vai melhorar. Lutamos há muito tempo para melhorar. O bairro cresceu. Agora Guadalupe engloba os bairros de Rosário, São José, Vila Eugênio, Morro de Santo Antônio, Cambotá, parte de Honório Gurgel, Leocádio Figueiredo, Fundação e outros pedaços" — diz o Presidente da Associação.

GUADALUPE — Um bairro novo, nas-

cido da Fundação da Casa Popular. Oitenta mil pessoas, ruas esburacadas, muito mosquito, crianças brincando em poças de água permanente, um rio infecto, esgotos danificados, lixo nas ruas, sem ônibus e com muitos outros pequenos problemas. Até agora Guadalupe não sabia se fazia parte de Guanabara ou era território isolado. A SERFAU, substituiu a Fundação da Casa Popular e ficou com uma parte do bairro, onde está localizado o conjunto residencial. Não faz obras por falta de verbas. Os funcionários dizem que o que cada morador paga de condomínio — NCr\$ 0,11 — e de prestações pelo apartamento — NCr\$ 1,42 — não dá para fazer obras daquele lado. Acusam os moradores de danificar o prédio, e de atrair lixo pelas janelas. O conjunto residencial tem 2.532 apartamentos. Mil cento e setenta sob o controle da SERFAU. Os outros pertencem ao Exército. Joaquim Gomes da Silva, mora no conjunto, tem 5 filhos. Diz que o governo devia dar maior atenção, mas "existe falta de cuidados por parte dos moradores". Cada apartamento em 1956 foi vendido por NCr\$ 72,00, em 240 prestações.

O Governo do Estado diz que não faz obras no local porque o bairro está no âmbito federal. Assim, a Associação pede ao governador a substituição do órgão por um estadual. Os mosquitos vêm do rio, a falta de calçamento faz com que os coletivos não passem por centro de Guadalupe; quem quiser apanhar ônibus tem que ir até a Avenida Brasil. Um dos maiores problemas do bairro é o entupimento das galerias de esgoto que causa um retorno aos sanitários. O entupimento evita a saída das águas.

ENCONTRO — "Nós marcamos uma audiência com o governador por telegrama. Recebemos resposta oito dias depois. Fomos à ele. Prometeu solucionar os problemas. Foi claro conosco, disse que não podia construir o viaduto. Gostamos da sua posição, e acreditamos na solução de nossos problemas". A comissão entregou ao governador uma relação de tudo que há blemas". A comissão entregou ao governador interessou-se pelos problemas. O presidente diz que se esqueceu de falar nos ratos. A SERFAU matou alguns, mas ainda existem milhares pelo bairro. Pediram ao governador a regularização da coleta de lixo. O caminhão do DLU passa ao bairro dia sim, dia não. A favela do Muquica, bem no centro de Guadalupe, precisa de urbanização. Abaixo do Rio Acari, crianças brincam nas águas sujas. Os mosquitos nascem e proliferam ali. Em cada rua uma poça de água; Guadalupe foi esquecida.

3-C

Figura 26: Bairro de Guadalupe, reportagem publicada n'O Sol em 10 de novembro de 1967

As denúncias em relação à falta de incentivo e principalmente ao descaso do governo referente à cultura, ao lazer, à educação, ao patrimônio público e cultural e aos próprios cidadãos cariocas também estampavam com frequência as páginas de *Cidade d'O Sol*. Em *Mendigos recolhidos pelo governo*¹⁰¹, matéria publicada na primeira edição do periódico, acompanha-se uma notícia relacionada a uma iniciativa das autoridades em remover os mendigos das ruas, confinando-os em abrigos. A política de higienização defendida tinha caráter temporário, uma vez que previa apenas afastar os desabrigados do centro da cidade, no período em que a convenção do FMI estivesse ocorrendo no Rio de Janeiro: “A Secretaria de Serviços Sociais faz batidas pela cidade. Leva os mendigos. A ordem é limpar a cidade para os visitantes, mas alojamento, que é bom, não tem”¹⁰².

A reportagem, bem contextualizada e com investigação profunda, foi desenvolvida em tom de denúncia pelo repórter do jornal. As críticas eram muitas, passando pela ação inconsequente do Estado, pela falta de abrigo, estendendo-se à ineficiência de políticas públicas do governo em benefício da população de rua, como se vê no trecho em destaque:

Há dezenas de Abrigos no Rio, mas a Secretaria de Serviços Sociais acha poucos e pretende fazer mais. Nenhum dos existentes está em boas condições. Não se sabe por que, o Governo emprega a verba em construções, deixando os que existem, sem meios de sobrevivência. E ele alega que não há verbas. Não adota nenhuma medida. O máximo que faz, é esconder os farrapos da visita. Quando ela for embora, vai tudo para rua de novo. “Roupa suja se lava em casa”. É a moral.¹⁰³

Na quarta edição d'*O Sol*, a equipe do periódico publicou na editoria de *Cidade* uma reportagem que retratava a ausência de incentivo à cultura. Intitulada *Mulher-macaco em Copacabana*¹⁰⁴, a notícia inicia-se relatando um espetáculo inusitado em programação no Rio de Janeiro: atração circense que prometia a transformação de uma mulher em um macaco. A encenação ilusionista, responsável por chamar a atenção e aguçar a curiosidade dos cariocas, fazia parte de um show beneficente realizado a fim de arrecadar fundos para a manutenção da Casa dos Artistas, entidade do Rio de Janeiro encarregada de abrigar ex-artistas, a maioria aposentados devido à velhice. Como denunciava *O Sol*, a iniciativa encabeçada pelos artistas mais jovens visava reparar a falta de fomento por parte do governo em prol dos artistas: “O

¹⁰¹ *Mendigos recolhidos pelo Governo. O Sol. 21/09/1967.*

¹⁰² Trecho da reportagem *Mendigos recolhidos pelo Governo. O Sol. 21/09/1967.*

¹⁰³ Trecho da reportagem *Mendigos recolhidos pelo Governo. O Sol. 21/09/1967.*

¹⁰⁴ *Mulher-macaco em Copacabana. O Sol. 24/09/1967.*

governo não ajuda de modo algum. A verba oficial foi cortada desde 64. Atualmente, os que lá estão vivem da ajuda de colegas e do rendimento de promoções como essa”¹⁰⁵.

Em outubro, as denúncias de descaso das autoridades continuaram sendo noticiadas n’*O Sol*. Uma das reportagens que chama a atenção estampou a editoria de *Cidade* na décima quarta edição, com o título *As crianças do Clube do Otimismo não serão despejadas hoje*¹⁰⁶. Nela, o jornalista apresentava o dilema vivido pelo Clube do Otimismo, que poderia perder o prédio de funcionamento devido a um pedido de desapropriação proferido por um coronel da Polícia Militar. A entidade funcionava como um abrigo para crianças abandonadas, muitas delas portadoras de necessidades especiais. Além de asilo, o clube também oferecia, aos órfãos, lazer, estudos e tratamento médico. Como pode ser lido na notícia, o desfecho do possível despejo foi acompanhado com apreensão pela sociedade: “Hoje todos estão nervosos. Uma pergunta é geral. ‘Será que esse crime será consumado?’”¹⁰⁷. Como pode ser visto, a pergunta mostrava o posicionamento do jornal sobre o despejo e mostra a defesa da equipe do periódico em relação aos grupos mais vulneráveis, como nesse caso as crianças do Clube do Otimismo. Apesar do retardamento da medida, a unidade permaneceu em ameaça, mas o presidente do clube Sr. Robson Sampaio de Almeida prometia lutar em benefício das crianças:

Durante 10 anos com a contribuição dos sócios, doações de amigos e esporádicas subvenções federais, nos mantivemos aqui nesta casa. Hoje essas vinte e nove crianças estão ameaçadas de ficarem sem teto. Se tivéssemos num país onde se respeitasse os direitos humanos, ficaríamos em frente à casa para impedir o despejo. Mas caso nada seja resolvido, havendo o despejo, acompanharemos uma calçada até que seja arranjado um local adequado para alojar as crianças.¹⁰⁸

Ainda em outubro, merece destaque a notícia *A Polícia despeja o anexo do Museu da Imagem e do Som: perigo um patrimônio da cidade*¹⁰⁹. Como o título já adianta, a equipe d’*O Sol* denunciava mais um despejo planejado pelas autoridades do Rio de Janeiro: “Está em perigo um patrimônio artístico cultural: o prédio anexo ao Museu da Imagem e do Som, onde está guardado o arquivo de Almirante, e onde o MIS instalou duas salas de aula, que é a base de sua manutenção, porque o museu vive da renda dos cursos que promove”¹¹⁰, diz a notícia.

¹⁰⁵ *Mulher-macaco em Copacabana. O Sol. 24/09/1967.*

¹⁰⁶ *As crianças do Clube do Otimismo não serão despejadas hoje. O Sol. 06/10/1967.*

¹⁰⁷ Trecho da reportagem *As crianças do Clube do Otimismo não serão despejadas hoje. O Sol. 06/10/1967.*

¹⁰⁸ Trecho da reportagem *As crianças do Clube do Otimismo não serão despejadas hoje. O Sol. 06/10/1967.*

¹⁰⁹ *A Polícia despeja o anexo do Museu da Imagem e do Som: perigo um patrimônio da cidade. O Sol. 27/10/1967.*

¹¹⁰ Trecho da reportagem *A Polícia despeja o anexo do Museu da Imagem e do Som: perigo um patrimônio da cidade. O Sol. 27/10/1967.*

O destino do prédio já havia sido traçado: ser transformado em um Departamento de Segurança Pública. Diante da ameaça ao patrimônio cultural, a matéria representava uma última tentativa para defender o museu, uma instituição pública de valor histórico. Como apelo, ficava um único pedido: que as autoridades não deixassem o Museu acabar, e ainda alertavam: “Caso o acervo seja despejado, os funcionários vão arrumar os arquivos do meio da rua. É um protesto”¹¹¹.

As críticas estendiam-se também ao campo da educação do Rio de Janeiro. Na edição publicada em 10 de novembro, a matéria *Projeto de Jamil Haddad concede NCr\$ 40 milhões para ensino primário*¹¹² chegou a editoria de *Cidade* para alertar sobre a ineficiência do sistema público do ensino carioca: “São, hoje, cerca de 237 mil alunos abrigados em 297 escolas, recebendo uma formação inadequada, que não lhes permite o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Fácil é compreender o que isto significa, em termos de dificuldade para o futuro dessas crianças da Guanabara”¹¹³, dizia a notícia. A princípio, a reportagem destacava o encaminhamento de um projeto feito por um deputado a fim de obter verbas para melhorar o ensino nas escolas da cidade. Entretanto, a falta de investimento em educação pelo governo se transformou no tema central do texto.

Nas páginas de *Cidade*, eram frequentes também as orientações dos cidadãos em relação a assuntos relacionados à saúde pública. Em torno dessa temática, as notícias variavam bastante. Havia informações sobre campanhas de vacinação e prevenção de doenças, como em *Hospital Sales Neto*¹¹⁴ e *Desidratação cresce no verão mas doença é mais séria no inverno*¹¹⁵, com dicas e alertas sobre o problema de desidratação, ou *Paralisia infantil*¹¹⁶ e *BCG importada*¹¹⁷, que alertavam sobre a necessidade de imunização contra a paralisia infantil e a tuberculose, respectivamente. Além disso, servia também como espaço para discutir comportamentos que poderiam afetar a saúde da população¹¹⁸, informação sobre novos investimentos no sistema público¹¹⁹, criticar a falta de assistência do Estado¹²⁰ e

¹¹¹ Trecho da reportagem *A Polícia despeja o anexo do Museu da Imagem e do Som: perigo um patrimônio da cidade*. *O Sol*. 27/10/1967.

¹¹² *Projeto de Jamil Haddad concede NCr\$ 40 milhões para ensino primário*. *O Sol*. 10/11/1967

¹¹³ Trecho da reportagem *Projeto de Jamil Haddad concede NCr\$ 40 milhões para ensino primário*. *O Sol*. 10/11/1967

¹¹⁴ *Hospital Sales Neto*. *O Sol*. 21/09/1967.

¹¹⁵ *Desidratação cresce no verão mas doença é mais séria no inverno*. *O Sol*. 10/10/1967.

¹¹⁶ *Paralisia infantil*. *O Sol*. 22/10/1967.

¹¹⁷ *BCG importada*. *O Sol*. 06/10/1967.

¹¹⁸ Alguns exemplos: *Luz negra de Boate*. *O Sol*. 21/09/1967; *Luz de boate provoca discussões*. *O Sol*. 26/09/1967.

¹¹⁹ *Luz na lagoa*. *O Sol*. 23/09/1967; *Enfim, Arte*. *O Sol*. 23/09/1967; *Obras do DER-GB*. *O Sol*. 24/09/1967; *Restauração*. *O Sol*. 24/09/1967; *Novo hospital*. *O Sol*. 05/10/1967; *Inauguração*. *O Sol*. 10/10/1967; *Novos trens*. *O Sol*. 01/11/1967; *Zoneamento*. *O Sol*, 01/11/1967; *Túnel da Praia Vermelha*. *O Sol*. 12/11/1967; *Cidade*

conscientizava também a sociedade para o uso consciente do serviço público de saúde, como na matéria *Pronto socorro*¹²¹, alertando sobre os prejuízos resultantes da ação inconsequente de trotes aos serviços de emergência.

A editoria de *Cidade* era também um espaço dedicado à orientação dos trabalhadores em relação aos seus direitos. Em setembro, merece destaque a matéria *Situação do guarda-vida*¹²², retratando a precarização do trabalho de salva-vidas no Rio de Janeiro. Encontrava-se, no mês de outubro, reportagens relatando a luta de sindicatos em prol de melhorias salariais, sobretudo contra o arrocho salarial¹²³. Já em novembro, uma notícia apresentava uma conquista aos cidadãos cariocas, a aprovação de um projeto para criação de uma “Secretaria de Trabalho para dar assistência ao trabalhador da Guanabara”¹²⁴. Além das reportagens, existia no periódico uma seção reservada exclusivamente aos assuntos de interesse do trabalhador. Assinada por Fernando Mattos, *Roteiro Sindical* estava presente diariamente n’*O Sol*. Nele, o responsável divulgava conquistas, assembleias e reivindicações sindicais, bem como informações sobre salário, leis trabalhistas e outras orientações pertinentes ao empregado. A coluna trazia várias notas com assuntos relacionados aos mais diferentes setores de trabalho, como pode ser visto na figura 27.

Roteiro Sindical

Fernando Mattos

Não se sabe o porquê do legislador haver deixado à margem da lei, o direito de percepção ao

SALARIO FAMILIA pelo seguro da Previdência Social que se afasta do emprego por “aposentadoria-invalidez”, só o concedendo àqueles que estão em gozo de “auxílio-doença”.

Ora, o auxílio-doença é concedido ao empregado que fica incapacitado para o trabalho por prazo superior a 15 dias. Se perdurar por mais de 12 meses, o benefício passará a se chamar “aposentadoria-invalidez”, ou o nome será o mesmo se a doença for de caráter con-

tagioso ou grave. Então por que razão perde, ou deixa de ter ele, o direito de receber o chamado “Salário-Família” que, quando em serviço vinha fazendo jus? Só por que o nome que é dado ao benefício é outro? (auxílio-doença).

É uma indagação que deixamos para quem de direito, reparando a injustiça da lei.

HOTELS — Os trabalhadores em hotéis e similares estarão votando, amanhã, desde às 8 e até às 20 horas, para a escolha dos novos dirigentes da entidade. O voto é obrigatório.

DESENHISTAS — Os desenhistas de Volta Redonda estão em grande atividade. Dia 19, o Vice-Presidente do Sindicato, Sr. Conceição Howard, presidiu concorrida assembleia, que estabeleceu o pedido de 26%, em-

bora o DNS haja fixado o percentual de 16%. O Sindicato sabe que corre o risco de só obter o aumento em juízo, como de praxe, mas não pode aceitar, para seus associados, um reajuste tão aquém da realidade econômica.

PROFESSORES — Terça-feira o Tribunal Trabalhista realizará, às 9 horas, a audiência de conciliação entre a Federação Interestadual dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino e a da classe patronal, para resolver a questão salarial dos mestres de todo o País, onde não exista representação sindical.

FRAGMENTOS — “O pagamento de horas extraordinárias só é decretado quando sua prestação ficar devidamente provada” — (TRT — RO n.º 1.109/61).

Figura 27: *Roteiro Sindical*, seção d’*O Sol* publicada em 24 de setembro de 1967

Nova. *O Sol*. 21/11/1967; Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico vê o contrato do metrô carioca: desta vez sai. *O Sol*. 21/11/1967.

¹²⁰ Curandeiros. *O Sol*. 22/10/1967; Médicos denunciam limitações. *O Sol*. 06/10/1967.

¹²¹ Pronto Socorro. *O Sol*. 24/09/1967.

¹²² Situação do Guarda-vida. *O Sol*. 23/09/1967.

¹²³ Federação e sindicatos dos bancários querem fim de arrocho. *O Sol*. 06/10/1967; Eleições no Ferroviário. *O Sol*. 10/10/1967; Empregados do GC tem trabalho demais e salário de menos. *O Sol*. 22/10/1967.

¹²⁴ Trecho da notícia Estado ganha Secretaria do Trabalho. *O Sol*. 10/11/1967

Por meio das reportagens, das notas e da seção, a equipe d'*O Sol* apresentava uma dedicação especial à defesa dos trabalhadores e dos seus direitos. O engajamento nas causas trabalhistas era tão significativo que presidentes dos sindicatos chegavam a enviar cartas para o jornal, elogiando a atuação dos jornalistas d'*O Sol* diante de assuntos pertinentes aos interesses dos trabalhadores. Uma correspondência que comprova essa afirmação chegou às páginas do periódico na 14ª edição, em 10 de outubro de 1967 e foi enviada por Luizans Mata Roma de Carvalho, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio do Estado da Guanabara. Como se pode ver, o teor da carta evidencia bem a importância d'*O Sol* em relação às questões trabalhistas.

É com imenso prazer que apresentamos a Vossa Senhoria os nossos melhores agradecimentos pela tônica publicada na edição desse conceituado matutino, do dia 4 corrente, a propósito da contenção dos salários dos trabalhadores, transcrevendo pronunciamento do presidente que subscreve esta mensagem.

Julgamos que a nossa luta e a desse jornal se idêntica pela defesa dos mesmos ideais e em favor do Bem-Comum, já pugnamos por objetivos altruísticos, pois a diretoria que administra esta entidade constituída pela Chapa Restauração, procura criar uma nova mentalidade sindical e do trabalho, alicerçada no respeito e dignidade para com seus associados, à classe e aos trabalhadores em geral. O surgimento de um jornal do quilate de O SOL, composto e dirigido por pessoal experiente e de alto sentido humano e democrático, é motivo de júbilo para os administradores do SEC, especialmente, para o dirigente que firma esta mensagem de reconhecimento e gratidão, que tem por ideal soerguer o sindicalismo pátrio aos mais altos píncaros, como sentimento cristão, trabalhar pelo bem-estar da classe e da entidade, pelo bem da coletividade, como sempre proclamamos em nossos reiterados pronunciamentos à generosa imprensa carioca.¹²⁵

O *Roteiro Sindical* não representava a única coluna da editoria de *Cidade*. Outra seção importante ficou conhecida como *GB-SOS*. Esta, diferente da primeira, chegou às páginas do jornal com o tempo. A análise propõe inferir que ela tenha sido pensada com o objetivo de organizar as variadas notas dedicadas a informações sociais sobre falta de energia e de água, de obras de trânsito, de interrupção do transporte público, bem como a cobrança das autoridades governamentais por melhoria de bairros, de ruas e outros serviços públicos. Além disso, o espaço era dedicado também às denúncias da população carioca. Na figura 28, é possível ter uma noção da função da *GB-SOS*.

¹²⁵ Trecho de carta, publicada n'*O Sol*. 06/10/1967.

BURACO PARA TODOS

Se não fôsse o vazamento, o buraco em frente à estação de Engenho Novo bem que poderia ser confundido com a passagem subterrânea próxima.

O trânsito é intenso e a cratera serve para receber os carros da 24 de Maio e da Barão de Bom Retiro. Trabalho perfeito em matéria de invenção para resolver o problema do estacionamento no bairro. Os moradores telefonam para o GB-SOS e apelam às autoridades. O apêlo aí vai. O GB-SOS é de todos. Basta telefonar para 22-2111 ou escrever para o SOL, Editoria de Cidade.

CHÁ DE CARIDADE

A Secretaria de Assistência Social está organizando um chá do Japão para dar Natal a 6 mil crianças internadas pelo Departamento de Assistência ao Menor. O chá é no dia 3, às 14 horas. Durante a festa vai haver um show organizado pela Embaixada do Japão e um desfile de modas, com a participação de 800 senhoras da sociedade carioca. Quem quiser ir é só comprar o convite no Ite Clube, na Secretaria ou em lojas do Centro. O preço: NCr\$ 5,00.

FALTA UM NA DESPEDIDA

Semana que vem, a despedida da Livraria São José. A casa ia fechar hoje, e ontem a despedida solene do "Mercador de Livros", Carlos Ribeiro — tudo adiado. Guimarães Rosa morre, e os escritores não vão à Livraria, mas a Academia Brasileira de Letras. Carlos Ribeiro triste por duas perdas: a casa e o grande amigo. Semana que vem a casa vai abitar — 37 anos de tradição. Despedida sem Guimarães Rosa. Está faltando um.

As com casas destruídas pelo incêndio em Nova Holanda serão reconstruídas. A verba liberada pela Assembléia é de NCr\$ 100 mil. Os favelados até hoje estão por aí, sem lar, sem lugar. O Secretário de Serviços Sociais vai reconstruir em tempo recorde. Negrão na madrugada do incêndio prometeu novas casas aos favelados e diz que vai cumprir. Existem outras favelas, mas o que "olho não vê coração não sente". O negócio é tocar fogo e chamar o governador. Pode ser que assim as favelas sejam urbanizadas.

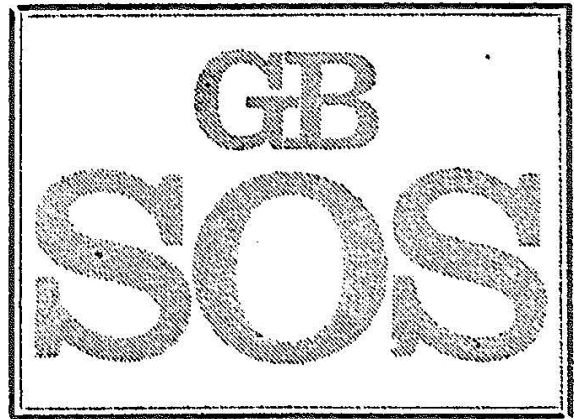
O JETÔ E ANDAR

Tem gente se perdendo na Leopoldina, porque as ruas transversais à estação de ferro começam de um lado da linha e aca-

bam do outro. Até aí nada, mas o caso é que não tem passagem para se atravessar de um lado para outro, e se o cara não tem sorte vai ter que andar pra burro até a estação mais próxima, o único lugar onde se pode atravessar a linha. Dá até pra inventar um joguinho: você combina ir à uma transversal à estrada de ferro, escolhe um número de casa qualquer e um lado da linha. Se o número fôr do lado escolhido, você ganha. Legal, né?

SEM GRAÇA

O bairro de Maria da Graça, na Região Administrativa do Méier, é um lugar típico do Rio. Um subúrbio largado, esquecido, cheio de buracos. As ruas são tôdas cercadas de mato. De vez em quando uma cratera rebenta carros, pessoas, todo mundo se arisca. Canos, esgôto na



rua e uma série de problemas comuns na cidade. Já disseram que, pelo menos quanto aos problemas, o bairro de Maria da Graça é um resumo do Rio. Os moradores também acham isso. Tipo do bairro sem graça.

COMEÇAR NO PEINCIPIO

O pedido é dos moradores da R. Cisne de Faria e dirige-se aos responsáveis pelo asfaltamento de ruas da GB. O fato é que aquela rua só foi asfaltada a partir do segundo quarteirão, deixando o primeiro com terra mesmo. Gente do lugar diz que a verba já saiu quatro vezes. Mas ninguém sabe o que aconteceu com o tutu. A única coisa certa é que o pessoal está esperando o asfaltamento até hoje.

NUNCA AOS DOMINGOS
Copacabana, no domingo à tarde, parecia a própria

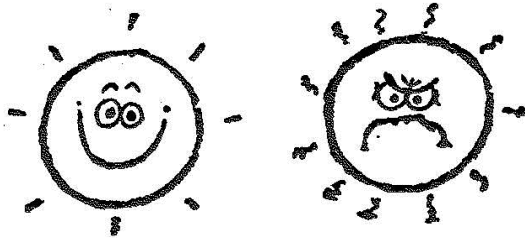
Sodoma. O engarrafamento de trânsito era total. Na esquina de Santa Clara com av. Copacabana o sinal estava quebrado e a confusão era geral e generalizada. Ninguém se entendia, os carros saíam de um lado para outro e, como sempre, o carioca vai se acostumando a ver, num dia, 10 guardas na mesma esquina, e no outro, nenhum em tô tôda a extensão da av. Copacabana.

DISFARÇAR, MAS NEM TANTO

Na chuva de chavões, há um que se destaca: "Asfaltar é a solução". Na verdade, ninguém disse isso, mas tudo que é governo quando quer tapear o povo toca asfalto nas ruas, para que um mês depois elas fiquem como dantes: inavergáveis. Tá certo, mas em Olaria engrossaram demais: picharam a rua Leopoldina Régio dizendo que era asfalto. O pessoal de Olaria tá danado da vida, e com razão: os buracos voltaram a florir, e os trilhos de bonde renascem milagrosamente debaixo do asfalto. Mas a turma tem uma solução: vão pichar o governo, e não é só no bate boca, não.

DEBAIXO DA PRAÇA

Já há uma solução para o problema do estacionamento: vão mandar todo mundo pra baixo da terra; não pelo modo clássico, mas pela construção de garagens subterrâneas nas praças da cidade. A SURSAN já até abriu concorrência pra saber quem vai construir. Cada garagem custa NCr\$ 1 milhão, e duas firmas já topam a parada: a Cceob, que já andou construindo garagem debaixo dos Campos Eliseos e a Shell. Ah, com as garagens subterrâneas, finalmente a nossa cidade começa a melhorar a fundo na realidade.



BARRA LIMPA

Para o Centro de Pesquisas Luisa Gomes de Lemos das Pioneiras Sociais que completa 10 anos. O Centro desenvolve um importante trabalho de prevenção ao câncer. Nossos parabéns ao Centro que mesmo com as verbas pela metade continua funcionando e bem. A festa é na Rua Visconde de Santa Isabel, 274, às 10h. Que continue trabalhando, é um bom exemplo.

BARRA PESADA

Para os telefones de Copacabana onde ninguém consegue falar. Se a gente quer jogar um fio pra alguém, é melhor ir "in loco", mais rápido, menos complicado. O processo de neurotização do carioca começa cedo, é só telefonar pra padaria de manhã, ou pedir pra cancelar o leite. Não se tem mais direito de usar o Graham Bell. Não é por nada, mas bem que eles podem colaborar. Afinal, são só aparelhos.

Com o tempo, não só a *GB-SOS* esteve sob a disposição dos cidadãos para denunciar irregularidades e cobrar atitudes mais coerentes do governo do Estado em relação à sociedade, a seção de cartas também passou a assumir essa função. Nas primeiras edições, o espaço se destinava a receber elogios de leitores fascinados com *O Sol* e as suas inovações gráficas, linguísticas e editoriais. A partir de outubro, a coluna se transformou em um local destinado às reivindicações dos cariocas. Dos jornais analisados, a insatisfação de um morador do bairro Santa Tereza diante dos problemas da região residencial¹²⁶, a sugestão de leitor para resolver o problema do cemitério público de Guanabara, sobre a falta de jazigo¹²⁷, o descontentamento dos cidadãos mais pobres diante do aumento do aluguel¹²⁸ e a denúncia de falta de segurança em obras públicas¹²⁹ foram alguns dos temas das cartas enviadas pelos leitores para a equipe d'*O Sol*. Era muito comum os cidadãos cariocas procurarem o periódico, principalmente quando eles não tinham sucesso ao recorrer a outros veículos de comunicação, como pode-se ver na carta publicada n'*O Sol*, em 27 de outubro de 1967 (figura 29).

cartas

Senhor redator-chefe,
Venho acompanhando de perto o sulco que este SOL anda abrindo nestas nossas terras já muito drenadas da imprensa diária. Não quero dizer, em absoluto, que não seja leitor dos outros jornais. Leio sim. Mas, para muitos deles, eu envie a mesma carta que agora lhe remeto e nada. Não deram a correspondência o destino que ela desejava: publicação. E o problema que abordo, como o senhor poderá ver, é sério, pois trata da infância. Dessa infância pra lá de abandonada, pois abandonado tem limite. Diariamente passo pelo Viaduto Ana Néri e ali estão crianças de bem pouca idade, esmolando. São os

meninos esmolambados, taminhos, catando coisas do chão para alimentar-se. Faço a carta por puro desincumbido de consciência. Não creio, mesmo, que umas poucas penas administrativas consigam modificar o panorama da criança abandonada nesta nossa Cidade Maravilhosa. Elas estão nos portões principais dos estádios, nas portas dos cinemas e teatros, representando um drama que não sabem quando começou, nem quando vai terminar, ou se vai terminar. Meto a mão no bolso, como muitos fazem, tiro umas cédulas, passo para as mãos pequeninas, que desaparecem. Sei que isso de nada adiantará para tornar menor ou menos sofrido o seu drama. Mas, por que não me sinto satisfeito em transitar por entre essa multidão de mendigos precoces, se é que assim posso di-

zer, é que escrevo esta carta. Que as autoridades interessadas no problema movimentem-se, caso assim o desejem. Mas, providência melhor, acredito, seria a construção de escolas, de hospitais, de creches, assim como se fazem frequentemente grandes e suntuosas obras, de pouco ou nenhum proveito para o povo. Não entro no mérito dessas obras, porque seria malhar em ferro frio. Mas quem se sentir prejudicado que bote a carapuça. As crianças estão famintas nas ruas porque seus pais andam pelo mesmo caminho.

As.) Hélio Tibiriçá

R. — Sr. Hélio Tibiriçá aqui divulgamos sua carta. Seu apelo, que é o mesmo de todos nós, brasileiros, continua ecoando.

Figura 29: *Cartas*, publicada n'*O Sol* em 27 de outubro de 1967

Diferente da editoria de *Cidade*, a de *Polícia* tinha apenas uma página por edição. Grande parte da folha era preenchida por notas, relatando assassinatos, suicídios, roubos, furtos entre outros tipos de crimes. Nela, encontrava-se com mais frequência notícias

¹²⁶ Carta. *O Sol*. 10/10/1967.

¹²⁷ Carta. *O Sol*. 12/10/1967.

¹²⁸ Carta. *O Sol*. 21/11/1967.

¹²⁹ Carta. *O Sol*. 26/11/1967.

relacionadas ao Rio de Janeiro, mas apareciam também assuntos policiais ocorridos em outros lugares do Brasil e até do mundo. Faz-se importante destacar essa editoria aqui, pois ela apresentava duas características interessantes que ajudam a comprovar a linha editorial do jornal.

Além das matérias informativas, escritas de forma literária, a equipe reservava uma parte da editoria para publicar textos de caráter problemático, tendo como função propor à população reflexão sobre assuntos de interesse público, muitos deles de denúncias sociais. Esses textos d'*O Sol* estavam de acordo com um dos princípios do jornalismo defendidos por Sousa (2001), pois, segundo o autor, todos os jornais deveriam ter espaço reservado para discutir os assuntos socialmente relevantes, que muitas vezes passam despercebidos pelos leitores. E era justamente essa a função das matérias da editoria de *Polícia*. Essas reportagens temáticas estampavam a folha de *Polícia* diariamente e tinham um espaço reservado para a sua publicação: o primeiro quarto da página do periódico. Dentre as edições analisadas, alguns assuntos foram trabalhados, como a corrupção de policiais¹³⁰, o tráfico e o contrabando no Rio de Janeiro¹³¹, discussões em relação às drogas¹³², críticas ao sistema penitenciário¹³³ e infraestrutura de delegacias¹³⁴, denúncia de opressão e de tortura policial¹³⁵ e outros assuntos pertinentes ao debate pela sociedade, como a questão da prostituição¹³⁶, a exploração de trabalho infantil¹³⁷ e a regulamentação de jogo de azar¹³⁸. Para se ter uma noção mais ampla desses textos e o seu papel social, vale a pena uma análise mais minuciosa de algumas dessas publicações d'*O Sol*.

De setembro de 1967, pode-se destacar a reportagem *Contrabando explora paraplégicos*¹³⁹. Como o título já sugeria, o texto apresentava um problema recorrente da época: o uso de cadeirantes por parte de criminosos para comercializar produtos contrabandeados (cigarros americanos, fumo para cachimbo, conhaque, uísque, pedra de isqueiro, entre outros). Apesar de focalizar um tema central, a matéria tem uma profundidade interessante, pois traz outras discussões relevantes diretamente relacionadas ao contrabando. Desse modo, retrata-se a falta de oportunidade aos deficientes no mercado de trabalho formal,

¹³⁰ *Invernada de Olari. O Sol. 26/09/1967; Crime de Meriti na Assembleia. O Sol. 01/11/1967.*

¹³¹ *Contrabando explora paraplégicos. O Sol. 21/09/1967; O bandido Mirim. O Sol. 24/09/1967.*

¹³² *Droga no mundo moderno II. O Sol. 27/10/1967.*

¹³³ *Para o Juiz de Menores ler III. O Sol. 10/11/1967.*

¹³⁴ *Subdelegacia de Xerém. O Sol. 21/11/1967.*

¹³⁵ *Quem mata quem na baixada X. O Sol. 22/10/1967.*

¹³⁶ *A prostituição na Guanabara (III). O Sol. 06/10/1967; Prostituição na Guanabara. O Sol. 12/11/1967.*

¹³⁷ *Menores da Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

¹³⁸ *Que bicho vai dar. O Sol. 23/09/1967.*

¹³⁹ *Contrabando explora paraplégicos. O Sol. 21/09/1967.*

a falta de fiscalização e a ineficiência do serviço de contenção ao contrabando, bem como a corrupção policial, que muitas vezes facilitava, protegia e alimentava a venda indiscriminada de produtos ilícitos, mostrando assim a complexidade do problema e, mais do que isso, a responsabilidade das autoridades governamentais em relação ao fato abordado.

Entretanto, não só os paraplégicos eram explorados por criminosos no Rio de Janeiro, no período em que *O Sol* circulou na cidade. Como mostra a reportagem *Menores da Guanabara*¹⁴⁰, publicada em outubro de 1967, a exploração se estendia também a crianças desamparadas tanto pela família quanto pelo Estado. A matéria foi iniciada com uma informação relevante à defesa legal de crianças:

As crianças deverão ser protegidas contra todas as formas de negligência, crueldade e exploração. De maneira nenhuma deverá ser encarregada de qualquer ocupação e emprego que possa prejudicar sua saúde ou educação ou interferir no seu desenvolvimento. A criança deverá receber uma educação que lhe dê cultura geral e a torne capaz de desenvolver as suas qualidades. Artigos 6 e 8 da Declaração dos direitos da Criança, criada pela ONU, para evitar a EXPLORAÇÃO.¹⁴¹

Na reportagem, a equipe d'*O Sol* retratava a sustentação do crime por meio do trabalho infantil. Segundo a matéria, crianças eram utilizadas por bandidos, de um lado, para mendigar e levantar dinheiro para os traficantes e, de outro, para entregar entorpecentes vendidos por meio do tráfico de drogas. Assim, como em *Contrabando explora paraplégicos*, *Menores na Guanabara* foi usada para discutir outros fatos importantes relacionados ao problema destacado. O repórter apresentou o desamparo das crianças em situação de rua, abandonadas tanto pelo Estado como pela sociedade. Além disso, o jornalista aproveitou para atribuir críticas ao sistema público de correção do Juizado de Menores que visava à prisão de crianças em lugares precários, que, ao invés de as reabilitarem e darem assistência, contribuía com a inserção delas, sem volta, ao mundo do crime: “A prisão do menor contribui em larga escala para o aumento da sua marginalização. Dentro dos ‘colégios de correção’ ou colônias de menores, em contato com pivetes mais vividos e mais experientes, ele duplica a sua periculosidade”¹⁴², dizia a notícia. Vale ressaltar que essa discussão não se esgotou nessa edição, pois, no fim da reportagem a equipe anunciou a continuação do debate em torno do problema, programada para o dia seguinte.

Em novembro de 1967, mais uma série de reportagens voltou a estampar as folhas de *Polícia*; dessa vez, o assunto abordado foram as irregularidades dentro de presídios, indo

¹⁴⁰ *Menores da Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

¹⁴¹ Trecho da reportagem *Menores da Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

¹⁴² *Menores da Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

desde a falta de estrutura física até a mistura de menores e adultos em uma única cela. O título do texto já era em si bem irônico: *Para o Juiz de Menores ler II*¹⁴³. Com um tom denunciativo, o repórter faz críticas à atuação das autoridades diante de irregularidade em penitenciárias do Rio de Janeiro, além do esforço feito por juízes de menores para impedir que a imprensa divulgasse à população a precarização do sistema carcerário. A leitura desse texto permite entender como a equipe d'*O Sol* publicava esse tipo de informação. (Figura 30).

¹⁴³ *Para o Juiz de Menores ler III. O Sol. 10/10/1967.*

Para o Juiz de Menores ler — II

Continuando com a nossa reportagem de ontem, mostramos hoje a hora da comida em uma cela onde existem menores ao lado de adultos. E descrevemos — na impossibilidade legal de publicá-la — a fotografia que conseguimos obter numa das celas do Estado do Rio. O Juiz de Menores, tão zeloso em fiscalizar a imprensa, bem poderia fiscalizar a Polícia.

De qualquer forma, cumprimos nossa obrigação ao denunciarmos a



corrupção do menor

Os panelões de comida haviam chegado. As marmitas são de um alumínio preto e encardido. A comida vista de longe, parece ser normal.

Mas ao chegarmos mais perto, vemos que não passa de uma ração infecta. Os presos comem com as mãos, pois o uso de uma colher, em um presídio, pode ser muito perigoso. A mistura do feijão ao arroz, ao enopados de não sel o quê, catados com a mão, dá um aspecto constrangedor. "Malandrinho" apanha o que lhe toca. Os outros menores que estão em sua companhia, também presos e misturados aos adultos, atiram-se às marmitas. É a fome. Ainda arrisco uma pergunta: Se "Malandrinho", vai deixar a vida.

"Eles não deixam. Também eu só sei ler um pouquinho de nada, e se quiser trabalhar vou ter que encarar um batente firme. E o meu corpo é só pra leveza. Pode ser que um dia eu firme o pé e dê um golpe que possa ficar parado para sempre. O negócio é ter prática. E eu não sei fazer outra coisa na vida. Mas eu sou limpeza, moço. O meu negócio nunca deu sangue e nem val dar. Eu tô é doído pra sair daqui e dar umas voltinhas. Há mais de quatro dias que estou guardado aqui."

A entrevista que tivemos com "Malandrinho" foi feita justamente na hora da refeição. Cremos que, se as autoridades policiais, presentes na Delegacia, soubessem o que havíamos conseguido ali, a coisa iria mu-

dar de figura para a equipe. Se eles soubessem que nós havíamos descoberto os menores presos em cubículos, junto com os adultos, a vida funcional de cada um seria prejudicada.

OS FATOS — Estes são os fatos. Não podemos publicar a fotografia que temos em nosso poder. Mas ela está à disposição dos interessados: tanto o Secretário de Segurança do Estado do Rio como o Juiz de Menores da Guanabara deverão ser os principais interessados em ver esta fotografia. O Secretário, para que tome conhecimento do que se passa nos cárceres sob a sua responsabilidade. Para que conheça a promiscuidade de menores, criminosos primários, com adultos de alta periculosidade. E o Juiz de Menores da Guanabara, que ameaça multar revistas e jornais, que já recolheu da circulação diversas publicações, bem poderia colocar-se em nosso lugar e perguntar o que devemos fazer com a fotografia.

O Juiz de Menores cuida do futuro das crianças. Não deseja que nenhum fato ou notícia prejudique uma possível regeneração dessas crianças. Mas o Juiz de Menores que tem autoridade para prender edi-

ções de jornais, parece não ter nenhuma em relação ao aparelho policial.

A FOTO — Para descrevermos a fotografia que temos em nosso poder, as palavras não bastam mas vá lá.

É o flagrante de um dos cárceres do Estado do Rio. As grades não são grossas, mas suficientes para impedir qualquer fuga. O tamanho da cela é exíguo: quase um quarto de empregada em um apartamento classe-média. Há uma janela — e que é a única coisa decente da foto. No cárcere estão seis pessoas. No primeiro plano, bem ao centro, Malandrinho chupa o dedo, apolado na grade. É branco, de boa aparência,

está razoavelmente vestido. A seu lado, com o rosto voltado para o interior da cela, outro menor se apoia nas grades: está seminú, suas roupas são um trapo. Compondo o primeiro plano da foto, há um adulto que olha de forma ambígua para o menor. A foto revela um homossexual óbvio.

E revela mais. Revela aquilo que o Juiz de Menores faz questão de não ver, ou de ver apenas uma metade — o que é a pior forma de se ver um fato.

Além dos textos temáticos, a editoria de *Polícia* também era usada em outro momento para discutir assuntos relevantes à sociedade e em defesa dos cidadãos brasileiros. Aos domingos, havia na página uma seção denominada *Semana do Sol*. Nela, a equipe do jornal fazia um balanço sobre as notícias da semana. Por meio de uma publicação crítica e muitas vezes irônica, a coluna se transformava em um espaço para denunciar a inoperância do Estado, cobrar as autoridades sobre a precarização e a falta de serviços públicos, além de fazer uma análise dos fatos publicados no periódico. Embora a seção esteja presente em *Polícia*, ela levava em consideração também notícias relatadas em outras editorias d'*O Sol*. O primeiro balanço do periódico chegou em 24 de setembro de 1967 (figura 31). No exemplo, percebe-se como a seção *Semana do Sol* funcionava.

<p style="text-align: center;">Semana do Sol</p> <hr/> <p>A equipe policial arrola os principais fatos nesta primeira semana de vida. Só houve um</p> <p style="text-align: center;">grande crime</p> <p>A semana policial transcorreu dentro da rotina — o que não deixa de ser agradável de registrar. Nenhum crime espetacular, nenhum roubo de monta, apenas os casos miúdos do dia-a-dia de uma cidade complicada e humana como a nossa. Houve um incêndio em Cascadura e num cinema, o que é grave. Por sorte, a casa estava vazia mas a explosão que causou o sinistro podia ter ocorrido durante uma sessão normal e então teríamos uma catástrofe de proporções insuspeitadas. A perícia sumária, feita no local, atribuiu a explosão a um defeito na casa de força, defeito esse ocasionado, por sua vez, pelas cons-</p>	<p>tantes interrupções de energia que a cidade de modo geral, e a Zona Norte de maneira particular, sofre constantemente. Como se vê, a responsabilidade das autoridades está sempre em choque, quando se trata de qualquer acidente: procura-se a culpa e, pelos mais tortuosos caminhos, chega-se sempre ao Poder Público. Por que o fornecimento de energia à cidade não está normal? Por que tantas interrupções, tantas alterações, tanta confusão? Onde o Poder Público também se omite é no policiamento geral da cidade. Com a reunião do FMI, parece que os policiais da Guanabara foram empregados em calar de branco os paralelepípedos de nossas ruas. A cidade está festiva, caiada como um sepulcro — velha imagem da hipocrisia. Mas os crimes mais absurdos acontecem: na quinta-feira, no espaço de meia hora, três cidadãos foram esfaqueados em pleno centro da cidade e até agora ninguém sabe quem esfaqueou nem por que esfaqueou.</p>	<p>Mas houve um grande crime nesta cidade e nesta semana: o sr. David Rockefeller declarou no Hotel Glória que o preço dos alimentos deve ser constantemente majorado, a fim de os lucros empresariais tornarem-se maiores. O sr. Rockefeller é presidente do The Chase Manhattan Bank e não foi preso e nem será preso por isso. Mas foi o crime da semana que a reportagem policial de <i>O SOL</i> considerou mais grave e mais difícil de punir.</p> <p>No mais, a perplexidade reinante nos meios do jogo do bicho, alarmados com a legalização prometida pela mulher do presidente da República. Dotada das melhores intenções deste mundo, Dona Iolanda Costa e Silva teve a coragem de emitir um perigoso palpite que, a esta altura, já está lhe dando alguma dor de cabeça.</p>
---	--	---

Figura 31: *Semana do Sol*, seção publicada n'*O Sol* em 24 de setembro de 1967

A editoria de *Educação*, assim como a de *Polícia*, apresentava apenas uma página. Nela, publicava-se diariamente reportagens, notas e algumas seções e colunas. As notícias divulgadas estavam relacionadas à educação. Os assuntos pautados, em sua maioria, tinham relação com fatos ocorridos no Rio de Janeiro, mas isso não impedia que matérias de outros Estados, bem como internacionais, fossem publicadas na folha. Na editoria, a equipe d'*O Sol* priorizava os assuntos diretamente favoráveis aos estudantes e aos professores, principais vítimas à época da falta de eficiência no sistema educacional e o descaso com o ensino público. Os temas mais frequentemente reportados em *Educação* apresentavam relação direta

com protestos e reivindicações de estudantes e de professores, repressão policial a manifestações, greves e censura de materiais de ensino, como livros e enciclopédias¹⁴⁴.

Similar à editoria de *Polícia*, a primeira das quatro partes da página de *Educação* no periódico era destinada a discutir temas relevantes sobre a educação no Brasil. A fim de abordar os assuntos sob diversos pontos de vista, comumente a equipe do periódico divulgava séries de reportagens, como foi o caso da série *A discriminação racial na escola*¹⁴⁵ publicada em três dias: 22, 23 e 24 de setembro de 1967. Essas matérias, escritas sob diferentes perspectivas, propunham o debate em torno da discriminação do negro dentro da sociedade, sobretudo nas escolas e nas universidades. Os três textos, com o posicionamento evidente do jornalista em relação ao assunto, discutiram várias temáticas, como a disparidade entre a oportunidade de branco e de negro em qualquer ambiente (escolar, trabalhista e social), a discriminação racial velada e a incoerência entre a lei (garantia direito iguais a todos) e realidade. Diante da discussão aprofundada, o repórter chegou a uma conclusão pertinente sobre o assunto: “Existe discriminação racial dentro da estrutura educacional brasileira? Legalmente, não. Pelos fatos de cada dia, sim”¹⁴⁶.

Dentre os temas debatidos no mês de outubro, pode-se destacar um, no qual a equipe do jornal discutiu os problemas do ensino primário da Guanabara. Intitulada *Ensino Primário na Guanabara*¹⁴⁷, a reportagem propôs uma reflexão importante em torno da política de alfabetização no Rio de Janeiro, que, à época, se encontrava comprometida devido à desvalorização de professores e de instituições por parte do Estado (“o baixo salário a professores primários, a falta de política adequada em relação a eles, a falta de aparelhamento das escolas, tudo isso desestimula o professor, gerando a procura por parte deles de um emprego que dê melhores condições”¹⁴⁸). A falta de incentivo somava-se a evasão nas escolas, sobretudo dos mais pobres, que ficavam impossibilitados de estudar por causa da ausência de assistência do governo. A esses problemas, a equipe do jornal via uma única solução: a atuação do Estado em benefício da sociedade.

MORAL – Com um pouco mais de esforço e compreensão por parte das autoridades, poderíamos fazer chegar todas as crianças à escola primária, na Guanabara, que não tem motivos para marginalizar uma boa parcela da população

¹⁴⁴ Alguns exemplos: *Prisão e Censura*. *O Sol*. 23/09/1967; *Che proibido*. *O Sol*. 27/10/1967; *Palavras proibidas na enciclopédia vão ser julgadas por comissão e padre memorial*. *O Sol*. 01/11/1967; *MEC concluiu que Enciclopédia não é subversiva*. *O Sol*. 10/11/1967.

¹⁴⁵ *Discriminação racial nas escolas (1)*. *O Sol*. 22/09/1967; *Discriminação racial nas escolas (2)*. *O Sol*. 22/09/1967; *Discriminação racial nas escolas (3)*. *O Sol*. 22/09/1967.

¹⁴⁶ Trecho da reportagem *Discriminação racial nas escolas (1)*, publicada n’*O Sol* em 22/09/1967.

¹⁴⁷ *Ensino Primário na Guanabara*. *O Sol*. 10/10/1967.

¹⁴⁸ Trecho da reportagem *Ensino Primário na Guanabara*, publicada n’*O Sol* em 10/10/1967.

do nível de ensino. Um programa mais amplo de assistência poderia manter crianças que se evadem da escola por motivos econômicos. E uma política salarial e pedagógica mais racional evitaria a saída de professores e melhoraria o nível do ensino.¹⁴⁹

A primeira parte do jornal não servia apenas para a equipe de *O Sol* discutir os problemas frequentes do sistema de ensino do Rio de Janeiro. O espaço também era comumente usado para apresentar proposta de melhoria das instituições de ensino. Uma matéria nesse sentido foi publicada no periódico em 01 de novembro de 1967. Com o título *Recursos Audiovisuais na Educação*¹⁵⁰, debateu-se a importância que os recursos audiovisuais poderiam desempenhar na formação dos estudantes, sugerindo ainda a necessidade de mais investimento por parte do governo em prol da educação. Além dessas, outras temáticas foram abordadas neste espaço, como protesto estudantil¹⁵¹, discussões sobre o sistema público de ensino¹⁵² e assuntos relacionados a concursos e a vestibulares¹⁵³. Essas matérias temáticas apresentavam uma discussão aprofundada sobre os assuntos propostos, buscando informar a sociedade em relação às carências do sistema de ensino do país, propor a necessidade de cobrar das autoridades soluções de problemas educacionais e divulgar informações relevantes sobre os processos seletivos importantes do país.

Em defesa das lutas sociais, os assuntos mais comumente retratados em *Educação* eram as greves e os protestos¹⁵⁴ – todas as edições analisadas traziam informações sobre esses

¹⁴⁹ Trecho da reportagem *Ensino Primário na Guanabara*, publicada n' *O Sol* em 10/10/1967.

¹⁵⁰ *Recursos Audiovisuais na Educação*. *O Sol*. 01/11/1967

¹⁵¹ *Protesto contra o FMI*. *O Sol*. 21/09/1967

¹⁵² Alguns exemplos: *Revolução do ensino (I)*. *O Sol*. 26/09/1967; *Estudantes de Economia*. *O Sol*. 06/10/1967; *Ensino Primário na Guanabara*. *O Sol*. 10/10/1967; *Biblioteca com nova mentalidade*. *O Sol*. 22/10/1967; (I) *Retrato do universitário*. *O Sol*. 27/10/1967; *Recursos Audiovisuais na Educação*. *O Sol*. 01/11/1967; *A Imagem do problema*. *O Sol*. 12/11/1967.

¹⁵³ *Admissão ao normal*. *O Sol*. 10/11/1967.

¹⁵⁴ Alguns exemplos: *Protesto contra o FMI*. *O Sol*. 21/09/1967; *Greve no Ceará*. *O Sol*. 21/09/1967; *O Pagamento*. *O Sol*. 21/09/1967; *Greve de Pedro II*. *O Sol*. 22/09/1967; *Greve na FNFi*. *O Sol*. 22/09/1967; *Greve em Vitória*. *O Sol*. 23/09/1967; *Diálogo Difícil*. *O Sol*. 23/09/1967; *Greve do Pedro II*. *O Sol*. 23/09/1967; *Protesto contra FMI*. *O Sol*. 23/09/1967; *Voz da Greve*. *O Sol*. 23/09/1967; *Procura-se o rapaz*. *O Sol*. 24/09/1967; *Greve do Pedro II*. *O Sol*. 24/09/1967; *Deputado apoia alunos do Pedro II – Externato e diz que diretos é “deficiente mental”*. *O Sol*. 26/09/1967; *Medicina em greve*. *O Sol*. 26/09/1967; *Pelotas*. *O Sol*. 06/10/1967; *Belo Horizonte*. *O Sol*. 06/10/1967; *Aracaju*. *O Sol*. 06/10/1967; *Diretor empurra estudante, chama a polícia: greve geral para vir*. *O Sol*. 06/10/1967; *Estudantes exigem preço de ônibus pela metade e não está disposto a recuar na luta*. *O Sol*. 10/10/1967; *A concentração*. *O Sol*. 10/10/1967; *A Denúncia*. *O Sol*. 10/10/1967; *Velho catedrático critica professor que ameaçam greve por falta de pagamento*. *O Sol*. 10/10/1967; *FNFi inicia semana com pedido de greve para exigir marcha-a-ré do seu diretor*. *O Sol*. 22/10/1967; *Concentração em frente à SURSAN pode vir: é protesto contra a sujeira no Calabouço*. *O Sol*. 22/10/1967; *Estudante consegue afastamento de diretor-geral e crise está superada na escola*. *O Sol*. 27/10/1967; *Repressão policial*. *O Sol*. 27/10/1967; *Vestibular da confusão está no banco dos réus e vestibulandos preparam memorial*. *O Sol*. 01/11/1967; *Alunos do FNFi continuam movimento grevista enquanto diretor não se definir*. *O Sol*. 10/11/1967; *Mais protesto de excedentes em Niterói: estudantes estão dormindo na beira da praia*. *O Sol*. 10/11/1967; *Estudante de Medicina acampam no Largo da Carioca em campanha pró-hospital*. *O Sol*. 10/11/1967; *a crise fica*. *O Sol*. 12/11/1967; *O apelo vem*. *O Sol*. 12/11/1967; *Vestibulandos podem ter e Epílogo*

fatos. Entre os meses de setembro e novembro, foram publicadas n' *O Sol* manifestações de estudantes contra a convenção do FMI realizada em 1967, no Rio de Janeiro ou em relação à repressão sofrida dentro das universidades por parte dos reitores e dos professores autoritários. As lutas dos docentes também chegaram às páginas do periódico e elas estavam diretamente relacionadas à falta de pagamento e de reajustes salariais¹⁵⁵.

Em relação às mobilizações estudantis, um assunto ganhou relevância dentro d' *O Sol* e foi acompanhado de perto pela equipe no período em que o periódico circulou encartado no *Jornal dos Sports*: o problema dos excedentes dos cursos de medicina. A primeira notícia referente ao assunto foi publicada na inauguração do jornal e a última chegou às páginas d' *O Sol* três meses depois em 21 de novembro de 1967, quando as autoridades apresentaram uma solução para o problema. Na primeira edição, em 21 de setembro de 1967, a equipe do jornal apresentou aos leitores o fato e os seus primeiros desdobramentos. De acordo com notícia, o número de aprovados no vestibular de medicina havia sido superior ao de vagas oferecidas pelas universidades. A desproporção entre as aprovações e o número de vagas estava diretamente relacionada à forma com que o processo seletivo era desenvolvido, em que bastava o candidato obter média quatro para ser aprovado. Assim, em 1967, o número de aprovados superou o de vagas e centenas de candidatos ficaram impossibilitadas de realizar a matrícula, formando assim um grupo de excedentes.

A equipe d' *O Sol* divulgou no jornal toda a luta dos estudantes por uma solução para o problema dos excedentes. Retratou-se as medidas judiciais mobilizadas pelos candidatos em parceria com um advogado¹⁵⁶, as manifestações dos excedentes, que contaram com protestos no pátio do MEC¹⁵⁷, a ocupação de lugares públicos¹⁵⁸ e até mesmo o apelo dos alunos à primeira dama, Iolanda Costa e Silva¹⁵⁹. Além disso, publicaram-se também manobras irregulares do MEC em relação ao caso, como a matrícula de onze excedentes feita de forma escondida pela instituição:

está disposto a receber os diretores. O Sol. 21/11/1967; Cem mil alunos estão ameaçados e Ministério não paga bolsas mas traz apelo urgente. O Sol. 21/11/1967.

¹⁵⁵Alguns exemplos: *O Pagamento. O Sol. 21/09/1967; Aracaju. O Sol. 06/10/1967; Velho catedrático critica professores que ameaçam greve por falta de pagamento. O Sol. 10/10/1967.*

¹⁵⁶Alguns exemplos: *Excedentes. O Sol. 21/09/1967; Excedentes. O Sol. 22/09/1967; Excedentes. O Sol. 23/09/1967; “Grupo dos onze” é escândalo dentro do MEC. O Sol. 26/09/1967;*

¹⁵⁷*Faixa das excedentes de medicina é apenas uma advertência para cobrar promessas. O Sol. 06/10/1967;*

¹⁵⁸Alguns exemplos: *Excedentes. O Sol. 24/09/1967; Mais protesto de excedentes em Niterói: estudantes estão dormindo na beira da praia. O Sol. 10/11/1967; Imagem do “problema”. O Sol. 12/11/1967;*

¹⁵⁹Alguns exemplos: *Promessa de Dona Iolanda é cumprida imediatamente: excedentes serão matriculados. O Sol. 01/11/1967; Conselho dá do contra a excedentes mas eles recebem mais uma promessa de Epílogo. O Sol. 10/11/1967.*

Tudo é feito de baixo da porta. Uma pequena turma é matriculada. Manobra silenciosa. Formam o grupo de onze. (...) Há ainda uma série de coisas a serem explicadas. Como saíram as matrículas desses onze alunos? Quem as autorizou, além do próprio Diretor do Ensino Superior? No seu diálogo, ontem, o Professor Epílogo explicou que o ministro Tarso Dutra está disposto a cumprir a determinação da justiça. De seu lado, o advogado Cândido de Oliveira Neto vai à justiça, segunda-feira, para processar o MEC. O Caso do “grupo de onze” pode motivar fatos novos.¹⁶⁰

Para abordar o problema dos excedentes, a equipe de jornal usou diferentes recursos. Mais comumente, o assunto era retratado por meio de reportagens e de notas. Entretanto, em alguns momentos, além dos textos escritos, o caso veio relatado por meio de charges produzidas por Henfil, com uma apresentação irônica, satírica e humorística. De acordo com Amaral (1986), o humor é uma arma eficiente de protesto e combate às irregularidades e, no jornalismo, pode ser usado como uma ótima ferramenta para informar a sociedade. Assim, duas charges foram publicadas n’*O Sol* sobre o fato. A primeira chegou à página de *Educação* em 10 de novembro de 1967 (figura 32). Já a segunda foi publicada na 52ª edição, em 21 de novembro de 1967 (figura 33).

¹⁶⁰ Trecho da matéria *Excedentes*. *O Sol*. 23/09/1967.

Henfil
GUERRA É
GUERRA

Vestibular confusão

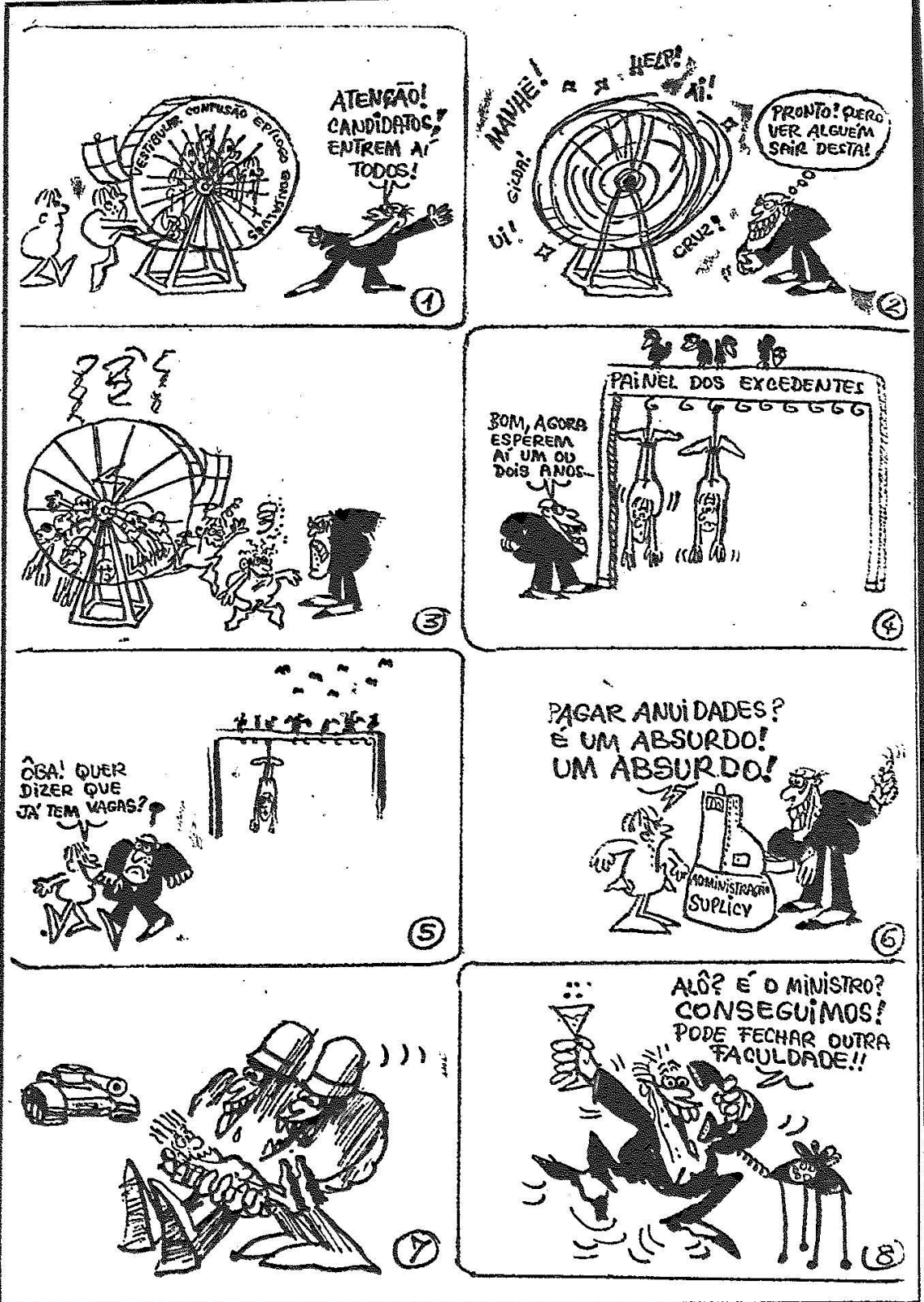


Figura 32: Charge publicada por Henfil n' O Sol, em 10 de novembro de 1967

**HENFIL
GUERRA**

**É
GUERRA**

Suplici queima provas dos vestibulares

O inesquecível Suplici propôs, como solução para o problema dos excedentes, que se queimem as provas, depois de corrigidas. Assim, não haverá recursos.

ISTO É UM ATENTADO
AO AMBIENTE CULTURAL
QUE DEVE EXISTIR NUMA
UNIVERSIDADE! A ÚLTIMA
PESSOA QUE QUEIMOU
CULTURA FOI...



①



②



③

Figura 33: Charge publicada por Henfil n' *O Sol*, em 21 de novembro de 1967

O grau de envolvimento da equipe do jornal em relação ao caso dos excedentes foi tão elevado que familiares dos candidatos chegaram a entrar em contato com o periódico, de um lado, para elogiar o esforço dos jornalistas por manter a população informada sobre o problema e cobrar das autoridades uma solução e, de outro, para saber a opinião da equipe em relação ao desfecho do caso, como é possível conferir na correspondência enviada pela leitora Antônia Joselia Araújo para *O Sol*, publicada na editoria de *Educação* em 10 de outubro de 1967:

Minha filha está entre os excedentes com média 4. Será que ela vai ser matriculada, mesmo? Há quase um ano ela está nessa luta e a gente já não sabe se pode confiar nas promessas. Qual a opinião dos srs.? Quero agradecer a campanha que estão fazendo pelos excedentes. Antônia Joselia Araújo
Trata-se de um problema simples dona Antônia: as matrículas devem sair por determinação da Justiça. Por isto, afirmamos que aproveitar esses excedentes não é favor nenhum, mas obrigação, simples e pura. Resta aguardar alguns dias.¹⁶¹

Depois de um longo período de luta, o problema dos excedentes teve uma solução. A notícia que relatou o desfecho do caso chegou à página de *Educação* na 52ª edição, em 21 de novembro de 1967, e foi recebida com louvor pelos estudantes, como pode ser vista na matéria (figura 34).

**DEPOIS DE MUITOS ALTOS E BAIXOS
EXCEDENTES CONQUISTAM A VITÓRIA**

A notícia é recebida com um verdadeiro Carnaval. Os alunos se abraçam e alguns choram. É o final vitorioso de uma batalha que dura mais de 9 meses. Os 127 excedentes de medicina do primeiro mandado de segurança, com média entre 4 e 5, já estão praticamente matriculados, e seu ano letivo deve começar no dia 1 de março. Para a concretização dessas matrículas, a Congregação da Escola de Medicina e Cirurgia autorizou o diretor Alberto Soares Meireles a assinar um convênio com a Diretoria do Ensino Superior. E o convênio já está assinado.

Quais as condições? Infelizmente, aquele órgão do MEC coloca à disposição imediata da escola a soma de NCr\$ 500.000,00 (quinhentos milhões antigos). Igualmente, se propõe a construir a lanchonete pedida pelos alunos, e aprova o plano de pagamento de diferença de salário dos professores. Além disto, o MEC vai se utilizar de alguns convênios com países europeus para equipar a escola.

EPÍLOGO — Para o prof. Epílogo Gonçalves, a matrícula desses excedentes mostra a preocupação da Diretoria do Ensino Superior em solucionar os problemas deixados pelo seu antecessor. Falando ao SOL, ele ressalta que "a primeira dama do País teve participação efetiva nessa vitória dos estudantes". E deixa uma palavra de esperança: "quaisquer outros excedentes que sejam reconhecidos pela Justiça, serão matriculados, desde que as escolas colaborem para isto."

ALBERTO — Enquanto isto, o diretor da Escola de Medicina e Cirurgia desfaz os rumores de que os vestibulandos serão prejudicados com o aproveitamento de tais excedentes: "Isto não vai prejudicar as vagas do nosso próximo vestibular", afirma. E depois critica a posição do diretório acadêmico que vem se opondo à matrícula dos excedentes.

DIRETÓRIO — Uma nota oficial, distribuída pelo Diretório Acadêmico, justifica a sua oposição. Salienta que não foi aprovada a proposta de um aumento supletivo na dotação orçamentária para 1968 de NCr\$ 2.200.000,00. Igualmente, ressaltou que os estudantes pediram um restaurante e foi aprovada a construção de uma lanchonete. E, finalmente, ressalta que a Congregação omitiu a aparelhagem do Hospital e da escola.

Figura 34: *Depois de Muitos Altos e Baixos*, matéria publicada n' *O Sol* em 21 de novembro de 1967

¹⁶¹ Correspondência da leitora Antônia Joselia Araújo a' *O Sol*, publicada em 10 de outubro de 1967.

O caso dos excedentes representou apenas uma das dezenas de lutas que a equipe d’*O Sol* acompanhou de perto e se envolveu na busca por solução para o problema. Outro exemplo nesse sentido foi em relação a uma mudança proposta pelo MEC de reformulação do vestibular¹⁶². De acordo com as notícias, a Diretoria do Ensino Superior apresentou uma nova proposta de processo seletivo para o ingresso de estudantes nas faculdades. Nela, era estabelecida uma data única para a realização dos vestibulares. A medida, que previa resolver o problema de vagas no ensino superior, não agradou os vestibulandos e foi vista, por ele, como uma forma de restringir as oportunidades. Os candidatos se mobilizaram e se reuniram para desenvolver um memorial para apresentar a Diretoria do Ensino Superior contra a mudança anunciada¹⁶³. Nesse caso específico, os jornalistas d’*O Sol* estiveram mais envolvidos na reivindicação dos futuros universitários, tanto que a redação do periódico serviu como espaço para a elaboração do documento de protesto, como mostra o trecho abaixo:

Hoje, às 11h, na redação do SOL, um grupo de vestibulandos se reúne para debater os termos do memorial a ser encaminhado ao Prof. Epílogo Gonçalves de Campos. Pretendem formalizar o descontentamento de seus colegas pela falta de planejamento dos exames vestibulares, e pela medida improvisada pela Diretoria do Ensino Superior. Argumentam que “não resolve nada” a portaria baixada pelo MEC, estabelecendo data única para os vestibulares. Ao contrário, temem que isto possa restringir as oportunidades dos candidatos.¹⁶⁴

A iniciativa da equipe d’*O Sol* de trazer à tona os problemas relacionados à educação e, em alguns momentos, de fazer sugestões de mudanças mostrava-se diariamente evidente e tinha uma finalidade: os jornalistas se viam na necessidade de contribuir de alguma forma com o desenvolvimento democrático e de qualidade do sistema de ensino do Rio de Janeiro, e, em contrapartida, do país também. Essa ânsia de cooperação era reafirmada com frequência pelos profissionais do periódico, sobretudo nas respostas às correspondências enviadas pelos leitores, como se pode ver em dois exemplos abaixo, que ajudam a entender a importância social desempenhada pela editoria de *Educação* n’*O Sol*:

¹⁶²Alguns exemplos: *Hora da reforma. O Sol. 26/9/1967; Vestibular-arrocho agora ganha novo nome: “Vestibular-confusão”. O Sol. 27/10/1967; Vestibular da confusão está no banco dos réus e vestibulandos preparam memorial. O Sol. 01/11/1967; “Vestibular-confusão”: vestibulandos sugerem que seja feita revogação do edital. O Sol. 10/11/1967; Vestibulandos estão no compasso de espera: palavra de Epílogo pode tranquilizar. O Sol. 12/11/1967; Opinião. O Sol. 12/11/1967; Vestibulandos podem ter resposta hoje e Epílogo está disposto a receber os diretores. O Sol. 21/11/1967; Opinião. O Sol. 21/11/1967.*

¹⁶³Alguns exemplos: *Vestibular-arrocho agora ganha novo nome: “Vestibular-confusão”. O Sol. 27/10/1967; Vestibular da confusão está no banco dos réus e vestibulandos preparam memorial. O Sol. 01/11/1967;*

¹⁶⁴Trecho da matéria *Vestibular da confusão está no banco dos réus e vestibulandos preparam memorial. O Sol. 01/11/1967.*

Estamos às ordens também. Franqueza é coisa muito característica da juventude. Otimismo também. Aqui, somos uma equipe jovem. Pode esperar as sugestões otimistas ou as críticas francas. De acordo com as necessidades. Um detalhe: estamos de acordo, quando se fala que a educação é uma responsabilidade de todos. Estamos dispostos a cobrir a nossa cota. E cobrar a cota dos outros. Temos muitas sugestões para o MEC. Pode aguardá-las. E algumas críticas também. Isto, entretanto, é coisa para outra ocasião. Muito obrigado pela mensagem de estímulo.¹⁶⁵

Realmente os erros acumulados e mantidos fazem da educação no Brasil um privilégio de poucos. De nossa parte, unidos, vamos fazendo o possível para denunciar o que achamos errado e contribuindo para o que pudermos melhorar.¹⁶⁶

Apesar da concentração de assuntos de protesto e de reivindicação, a página de *Educação* desempenhava outras funções importantes à sociedade, inclusive defendida por autores como Sousa (2001): a de serviço. A editoria reservava diariamente um espaço para a divulgação de inscrições de concursos e de vestibulares¹⁶⁷, resolução de provas de vestibular¹⁶⁸, congressos¹⁶⁹, festivais¹⁷⁰ e cursos. Para deixar a população informada sobre os cursos oferecidos pelas instituições de ensino do Rio de Janeiro, a folha de *Educação* tinha uma seção específica denominada *Calendário*. Outras seções importantes dessa página foram *Bastidores* e *Correspondência*. A primeira usada para discutir assuntos relacionados às instituições de ensino: escolas e faculdades. Já a segunda era um lugar reservado para a publicação de cartas enviadas pelos leitores para a equipe d' *O Sol*.

A editoria de *Educação*, assim como a de *Cidade*, tinha uma finalidade social dentro da sociedade. Ao propor discussões e reflexões, a página apresentava uma função didática no sentido de servir como uma ferramenta de formação, de conscientização e de ensino à população. Desse modo, *O Sol* assumia um dos papéis essenciais de qualquer meio de comunicação, o pedagógico – uma das funções essenciais do veículo de comunicação segundo Sousa (2001). Isso não é visível apenas na análise, os leitores da época já reconheciam esse aspecto importante do periódico:

¹⁶⁵ Resposta da equipe d' *O Sol* à correspondência enviada por leitores. *O Sol*. 22/09/1967.

¹⁶⁶ Resposta da equipe d' *O Sol* à correspondência enviada por leitores. *O Sol*. 26/09/1967.

¹⁶⁷ Alguns exemplos: *Admissão ao Pedro II*, *O Sol*. 21/09/1967; *Admissão ao ensino normal*. *O Sol*. 21/09/1967; *Matricula*. *O Sol*. 23/09/1967; *Vestibular*. *O Sol*. 23/09/1967; *Admissão a Pedro II*. *O Sol*. 24/09/1967; *Começa segunda-feira as inscrições para Admissão ao Normal*. *O Sol*. 06/10/1967; *Começa dia 8 a disputa dos 43 mil pelas 15 mil vagas dos ginásios do Estado*. *O Sol*. 01/11/1967; *Veja qual é a sua sala para a prova de história, hoje, no Instituto*. *O Sol*. 21/11/1967.

¹⁶⁸ *Admissão ao normal*. *O Sol*. 10/11/1967.

¹⁶⁹ Alguns exemplos: *Congresso*. *O Sol*. 22/09/1967; *Estudantes de jornalismo debatem problemas: Congresso Nacional*. *O Sol*. 26/09/1967; *Pedagogia ainda não tem vez no Brasil e faz encontro para reivindicar oportunidades*. *O Sol*. 27/10/1967;

¹⁷⁰ Alguns exemplos: *Flávio, o Premiado*. *O Sol*. 22/09/1967; *Comissão julgadora já escolheu as 35 músicas semifinalistas*. *O Sol*. 06/10/1967; *Festival estudantil entre no compasso de espera para a grande final do domingo*. *O Sol*. 10/10/1967

Considero o primeiro número do matutino O SOL como um verdadeiro trabalho de didática no campo jornalístico. Bem estruturado, com amplo noticiário, compreendendo todos os setores que a opinião pública deseja conhecer, ele não se esquece de garantir à educação um lugar de destaque, através de informações e comentários seguros, objetivos e muito bem redigidos. Esperamos que O SOL continue nessa trilha de seriedade e firmeza. Futuramente, a educação ficará em débito com o trabalho que deve ser executado, pacientemente, no dia-a-dia.¹⁷¹

Ao apresentar a ênfase dada pela equipe d'*O Sol* aos assuntos sociais e em prol do bom desenvolvimento da sociedade, muitas vezes se envolvendo diretamente nos fatos relatados, pode-se dizer que o periódico estava de acordo com os princípios de jornalismo defendidos por autores como Sousa (2001) e Traquina (2005). Para eles, a função da profissão dentro da sociedade consistiria justamente nessa iniciativa que os jornalistas d'*O Sol* empenharam de vigilância do poder público, protegendo os cidadãos dos eventuais abusos do governo, e de fonte de informação ao cidadão, capacitando-os para desempenhar a sua responsabilidade cívica, sobretudo em relação aos serviços públicos. Essas características não ajudam apenas a conhecer o perfil editorial do jornal *O Sol*, mas também outro aspecto relevante sobre ele: a sua condição de veículo pertencente à imprensa alternativa. Isso porque os veículos de comunicação alternativos têm funções específicas dentro da sociedade: de um lado, procuram dar visibilidade aos interesses da classe sociais marginalizadas na sociedade e, de outro, trazem à tona fatos ignorados e não reportados pela grande imprensa (KUCINSKI, 2001) – funções assumidas pelo *O Sol* durante a ditadura civil-militar no Brasil.

Entre as editorias, vale destacar também *Problemas Brasileiros*. Esta, com direito a duas páginas diariamente, era voltada para discutir os assuntos relacionados ao Brasil, com foco nas questões políticas e nas relações internacionais do país. Como nas anteriores, a página reservava espaço para a discussão de fatos de interesse social e de defesa dos cidadãos, nesse caso com ênfase em lugares que vão além do Rio de Janeiro, já que a editoria de *Cidade* abrangia todos os aspectos das notícias cariocas. Apesar disso, a equipe d'*O Sol* atribuía à folha uma função especial (característica própria dessa editoria): debater os problemas estruturais do país e defender o desenvolvimento, caminhos defendidos pela equipe do periódico como essencial para solucionar muitos problemas antigos de âmbito nacional, como a fome, a subnutrição, a mortalidade infantil, o analfabetismo, o subdesenvolvimento, entre outros.

A defesa do desenvolvimento em detrimento do subdesenvolvimento tinha espaço de destaque em *Problemas Brasileiros*. As notícias com esse enfoque apareciam de duas formas: ora apresentando os problemas estruturais do Brasil e incentivando as soluções em prol do

¹⁷¹ Correspondência enviada por leitor d'*O Sol*, publicada em 23/09/1967.

progresso e do desenvolvimento, ora defendendo a iniciativa do governo diante de casos que retratavam o investimento atribuído ao desenvolvimento do país. Nesse sentido, assuntos relacionados ao transporte, à energia e ao sistema de comunicação nacional (temas diretamente vinculados ao desenvolvimento) chegaram à página d'*O Sol*.

Nas primeiras edições de setembro, a discussão do desenvolvimento centrou-se em um assunto de repercussão internacional. Como forma de barrar a proliferação de armas nucleares, os Estados Unidos e a Rússia propuseram um tratado que previa a proibição de qualquer experiência atômica. A notícia surpreendeu e causou polêmica internacionalmente. N'*O Sol*, as reportagens publicadas tinham como enfoque a luta de autoridades brasileiras contra a medida, já que a restrição era vista como um empecilho para o desenvolvimento das nações subdesenvolvidas – as únicas prejudicadas pela proposta, sendo proibidas de usar produtos atômicos até mesmo para os fins pacíficos. Em uma das matérias, a equipe d'*O Sol* anunciava: “Como diz o próprio chanceler: ‘O problema atômico não se reflete apenas numa questão diplomática, mas possui um caráter prioritário: ele está ligado ao desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos’”¹⁷². Entre as edições analisadas, três textos foram encontrados sobre o assunto nos primeiros exemplares do periódico: o primeiro chegou ao jornal na inauguração¹⁷³; o segundo na segunda edição¹⁷⁴; e o terceiro na quinta¹⁷⁵. A ênfase das reportagens nesse início se concentrava em defesa do discurso contra a utilização de recursos atômicos. Esse enfoque sofre modificação quando o governo brasileiro voltou atrás em relação à decisão e acabou abrindo mão da luta contra a proibição. A mudança de opinião foi vista pela equipe do jornal como um retrocesso ao desenvolvimento do país:

Tudo leva a crer que o futuro será de maior enrijecimento das posições governamentais em relação a possíveis mudanças socioeconômicas. A política do átomo, do frete, dos transportes, da agricultura e do trabalho continuarão na base do arrocho. O que vale dizer, em outras palavras, que está se processando em recuo lento, mas sistemático, das teses nacionalistas defendidas com firmeza e perseverança pelo Governo. Saber exatamente até onde irá esse retrocesso é o desejo de toda a Nação.¹⁷⁶

¹⁷² Trecho da reportagem *Problemas atômicos na ONU*. *O Sol*. 21/09/1967.

¹⁷³ *Problema atômico na ONU*. *O Sol*. 21/09/1967.

¹⁷⁴ *Discurso de Magalhães na ONU*. *O Sol*. 22/09/1967.

¹⁷⁵ *Discurso de Costa e Silva no FMI*. *O Sol*. 26/09/1967.

¹⁷⁶ Trecho da reportagem *Governo: recuo de posição*. *O Sol*. 10/10/1967.

Como forma de se livrar do que a equipe *O Sol* comumente chamava de “trevas”, “fantasma do passado” ou “país do passado”, a campanha em defesa do desenvolvimento nacional não se esgotou no mês de setembro, estendeu-se também para os meses seguintes.

Em outubro, por exemplo, um espaço foi reservado para uma discussão em torno da energia nacional e do transporte ferroviário. Ambos eram vistos como essenciais para o desenvolvimento econômico da nação. A primeira, denominada *Energia Elétrica no Brasil*¹⁷⁷, o repórter apresentou e elogiou a iniciativa do Banco Mundial por ceder empréstimo ao programa energético do país, que buscava ampliar a fonte de energia do Brasil em prol do progresso da nação. “Merecemos o dinheiro. Nossas realizações, no campo do aproveitamento do potencial energético do território nacional, são importantes e sérias. O Banco sabe isso”, dizia a notícia. Já na segunda reportagem, intitulada *Estradas de ferro*¹⁷⁸, debatia-se o sucateamento do transporte ferroviário brasileiro, ao passo que defendia soluções dos problemas em benefício do desenvolvimento do país, como pode ser visto no trecho abaixo:

As estradas de ferro brasileiras atravessam dificuldades cujas causas se perdem no baú fechado do século XIX, e as consequências dificultam a vida contemporânea, entretendo a boa circulação de pessoas e de mercadorias através do País. O Ministro Andreazza está lutando para implantar diversas melhorias no material e na administração ferroviária nacional, e com o dinamismo que o caracteriza tenta afugentar os FANTASMAS DO PASSADO. (...) É certo que não é possível transformar da noite para o dia uma situação que se encontra minada há vários decênios mas, é certo também, que todo o brasileiro tem a obrigação de trabalhar com afinco, direta ou indiretamente, para a execução de tarefa de tamanha envergadura.¹⁷⁹

Em novembro, a questão energética volta às páginas d’*O Sol* ao lado de um debate em torno do investimento em novas tecnologias e do incentivo à pesquisa. A discussão sobre a energia no Brasil adquiriu importância no jornal, devido à insuficiência dos recursos energéticos para o desenvolvimento do país. Segundo a equipe do jornal, a solução para o problema energético poderia ser resolvida por meio do investimento em energia nuclear. “Lenha, petróleo, carvão e cachoeiras são as fontes de energia do Brasil. Mas, em plena era atômica, elas já estão ultrapassadas. Nossas indústrias, em regime de expansão, carecem de uma fonte mais segura e menos onerosa. Agora já é evidente Átomo é a solução”¹⁸⁰, dizia a notícia.

¹⁷⁷ *Energia Elétrica no Brasil. O Sol. 06/10/1967.*

¹⁷⁸ *Estrada de Ferro. O Sol. 27/10/1967.*

¹⁷⁹ Trecho da reportagem *Estrada de Ferro. O Sol. 27/10/1967.*

¹⁸⁰ Trecho da reportagem *Energia no Brasil. O Sol. 10/11/1967.*

Em relação aos novos investimentos, duas matérias foram publicadas: ambas relacionadas ao sistema de comunicação do Brasil. Com o título *Comunicação no Brasil*¹⁸¹, a primeira retratava os precários recursos comunicacionais (correios, telefonia e veículos de comunicação) do país, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. A ineficiência do serviço deixava as regiões isoladas, visto com um empecilho ao progresso e ao desenvolvimento da nação, além de ameaça ao território nacional, já que estrangeiros estavam de olho em terras brasileiras. Na matéria, a equipe, além de apresentar o problema, incentivava a solução para o bem da nação. Já na segunda, denominada *Intelsat no Brasil*¹⁸², elogiava-se o investimento planejado pelo país em torno de sistema de satélite, capaz de proporcionar a comunicação entre pessoas de diferentes pontos do globo. “O Brasil não quer ficar para trás e já se prepara para ingressar na era das comunicações sem fronteiras”¹⁸³, dizia a notícia.

Outra reportagem produzida n’ *O Sol* que lembrou a defesa da equipe em relação ao progresso e ao desenvolvimento do Brasil foi *BNDE aplica recursos para o futuro*¹⁸⁴. Nela, o repórter elogiou um recurso emprestado pelo BNDE para investir em pesquisas técnico-científicas. De acordo com a matéria:

A decisão do BNDE de ampliar os orçamentos do Fundo de Desenvolvimento Técnico-Científico (FUNDTEC) e os campos de aplicação desses importantíssimos recursos pronuncia uma mudança de mentalidade, cujos resultados benéficos se refletirão, a longo prazo, sobre boa parte da economia do País. Trata-se de uma medida realmente significativa para a formação técnica-científica e a pesquisa tecnológica brasileira dentro de um produto de Governo.¹⁸⁵

Se de um lado a equipe d’ *O Sol* debatia e incentivava o progresso e o desenvolvimento do Brasil para que, assim, a nação superasse o subdesenvolvimento, de outro, ela buscava defender os interesses do país por meio das notícias publicadas. Comumente, discutia-se a influência da nação no mercado internacional, sempre defendendo os produtos nacionais¹⁸⁶. O nacionalismo dos jornalistas do periódico tomava maiores

¹⁸¹ *Comunicação no Brasil. O Sol. 01/11/1967.*

¹⁸² *Intelsat no Brasil. O Sol. 21/11/1967.*

¹⁸³ Trecho da reportagem *Intelsat no Brasil. O Sol. 21/11/1967.*

¹⁸⁴ *BNDE aplica recursos para o futuro. O Sol. 01/11/1967.*

¹⁸⁵ Trecho da reportagem *BNDE aplica recursos para o futuro. O Sol. 01/11/1967.*

¹⁸⁶ Alguns exemplos: *Carne vem aí. O Sol. 24/09/1967; Borracha livre. O Sol. 26/09/1967; Guerra de Frente: Brasil X Noruega. O Sol. 06/10/1967; Fim da categoria especial de importação é fruto de ingenuidade subdesenvolvida. O Sol. 06/10/1967; Norte-americanos exploram sal brasileiro e ainda fazem exigências ao governo. O Sol. 10/10/1967; Açúcar. O Sol. 10/10/1967; Locomotiva iugoslavas financiadas afetam comércio Brasil-USA. O Sol. 22/10/1967; Brasil deseja um lugar ao sol no mercado internacional do açúcar. O Sol. 10/11/1967; Petróleo no mar. O Sol. 10/11/1967; Cimento soviético não tem condição de concorrer com nacional. O Sol. 21/11/1967; Problema do Café Solúvel. O Sol. 21/11/1967; Petrobrás firma contrato com*

proporções quando o assunto envolvia a segurança do território nacional. Nesse sentido, várias matérias de denúncia contra possíveis invasões de regiões brasileiras foram estampadas na editoria de *Problemas Brasileiros*. Na época, a principal preocupação girava em torno do Norte e Nordeste do país, sobretudo a Amazônia, que chamava constantemente a atenção dos estrangeiros devido às riquezas da região¹⁸⁷. Esse assunto tinha tanta importância dentro do jornal que, além das reportagens e das notas, ele chegou também à folha na forma de charge, desenvolvida por Henfil (figura 35).

empresa americana para expansão de atividade. O Sol. 21/11/1967; Ministro promete prioridade ao Nordeste trazendo ajuda técnica húngara e espanhola. O Sol. 21/11/1967; Encontros nacionais e internacionais para discutir produtos brasileiros. O Sol. 21/11/1967.

¹⁸⁷ Alguns exemplos: *Represa no Rio Amazonas. O Sol. 21/09/1967; Amazônia. O Sol. 22/09/1967; Estudo da Amazônia. O Sol. 24/09/1967; Terra é nossa. O Sol. 06/10/1967; Alto comando vê candidatos civil, frente, átomo e invasão de terra. O Sol. 06/10/1967; Declaração da Amazônia: mais brasileiros na região para explorar recursos naturais. O Sol. 10/10/1967; CIA mantém agentes nos sindicatos brasileiros através de federação internacional. O Sol. 22/10/1967; Brasileiro vende terras a americanos e foge com US\$ 300 mil. O Sol. 21/11/1967.*

Henfil
GUERRA É
GUERRA

Invasão de terras

O Ministro Jarbas Passarinho declarou que uma área do tamanho do Estado de Sergipe está nas mãos de estrangeiros.

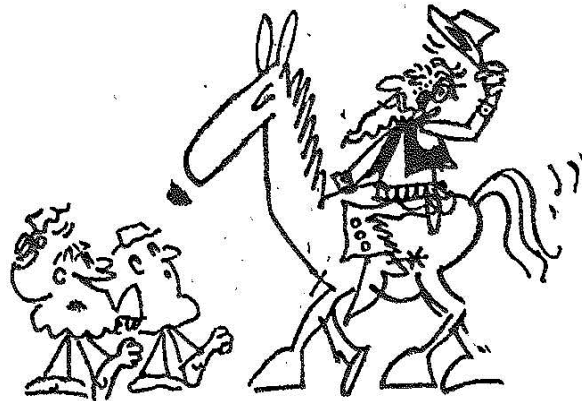
A rodovia Pres. Dutra estará bloqueada dia 15 para a festa de inauguração da nova pista

O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem informa que, em razão das solenidades marcadas para o próximo dia 15, ao longo da Rodovia Presidente Dutra, cuja segunda pista será inaugurada na oportunidade, naquele dia serão procedidas transformações no trânsito, em horários e trechos seguintes:

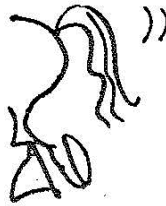
A pista que dará passagem no sentido de Rio Janeiro até São Paulo terá mão dupla a outra ficará livre para as autoridades, a partir de seis horas da manhã, entre a Ponte das Bandeiras e São José dos Campos. Desta cidade até Cachoeira Paulista ocorrerá o mesmo, desde as 7 horas.

De Cachoeira a Resende, a mão única entrará em vigor a partir de 11 horas; de Resende até Caiçaras, a partir de meio-dia; de Caiçaras até o Belvedere Viúva Graça, a partir de 13 horas; de Belvedere até Parada de Lucas, na Guanabara, a partir das 14 horas.

A outra pista, no sentido do Rio para São Paulo, será, também, bloqueada, a partir de 10h30m, no trecho entre Guatatinguetá e Roselras. O término do bloqueio será feito parceladamente à medida que a comitiva se deslocar, mediante ordem transmitida pelo comando geral da Polícia Rodoviária Federal.



①



②

**BUFALO
BILL...**



③

Figura 35: Charge publicada por Henfil n' *O Sol*, em 27 de novembro de 1967

As notícias relacionadas à política nacional também tinham relevância nas páginas de *Problemas Brasileiros*. Nelas, publicavam-se textos sobre cassação de políticos afastados da função injustamente, com base no Ato institucional de nº 2¹⁸⁸; casos de censura e corrupção governamental¹⁸⁹ e, como já foi apresentado no capítulo anterior, uma oposição ao regime militar. Entretanto, as críticas e as oposições ao governo se acentuavam quando as políticas governamentais prejudicavam o cidadão brasileiro (trabalhadores assalariados, índios, estudantes), sobretudo diante do descaso com os interesses públicos, aumentos desordenados de impostos, falta de assistência à população brasileira, entre outros¹⁹⁰. Uma das críticas mais constantes da equipe do jornal foi reservada para a política de arrocho salarial empregada pelas autoridades à época¹⁹¹. Para os jornalistas d'*O Sol*, a medida, além de prejudicial aos brasileiros, representava um empecilho para o desenvolvimento do país. A reportagem *Luta contra o arrocho*¹⁹² ilustra bem como era o teor dessas notícias publicadas pelo *O Sol* em repúdio ao arrocho salarial.

Vinte sindicatos se reúnem. Uma comissão é criada para defender os interesses dos trabalhadores contra a “injusta e desumana” lei do arrocho imposta pelo Governo. Manifestos são tirados. Os servidores civis enviam um ao presidente. As representações da classe operária fazem ouvir A PALAVRA DE ORDEM.

A luta contra o arrocho salarial atinge agora uma fase mais intensa. Os sindicatos começam a se reunir para buscar as fórmulas capazes de lhes garantir a vitória contra a intransigência do governo. A necessidade de maiores salários para garantir um mínimo de subsistência, vem lhes dando uma coragem que surpreende muita gente. Os servidores públicos civis do Brasil enviaram ao presidente um manifesto,

¹⁸⁸ Alguns exemplos: *Novas cassações*. *O Sol*. 21/09/1967; *Nova crise política*. *O Sol*. 22/09/1967; *Nilo Coelho quer afastar prefeito do Recife com base no AI-2*. *O Sol*. 06/10/1967; *Abandono*. *O Sol*. 27/10/1967.

¹⁸⁹ Alguns exemplos: *Lucena inseguro*. *O Sol*. 26/09/1967; *Cinquenta mil comem em banquete monstro, prometendo dos votos ao Prefeito de Goiânia*. *O Sol*. 01/11/1967; *Autores cinematográficos pedem extinção da censura prévia no cinema nacional*. *O Sol*. 01/11/1967 36ª; *Golpe*. *O Sol*. 10/11/1967; *O listão*. *O Sol*. 12/09/1967.

¹⁹⁰ Alguns exemplos: *Tapa buraco*. *O Sol*. 21/09/1967; *Fundos de Garantia e Sindicatos*. *O Sol*. 22/09/1967; *2 Pesos, 2 Medidas*. *O Sol*. 22/09/1967; *Marcelo Alencar e os estudantes*. *O Sol*. 26/09/1967; *Vida sobe*. *O Sol*. 06/10/1967; *Governo: recua de posição*. *O Sol*. 10/10/1967; *Subnutrição, problema nacional*. *O Sol*. 22/10/1967; *COBAL diz que preço não sobe e reina tranquilidade, mas arroz já chegou a NCr\$ 0,80 kg*. *O Sol*. 22/10/1967; *Governo entrevistou nos sindicatos paulistas por causa da greve dos metalúrgicos*. *O Sol*. 22/10/1967; *Fome, um problema mundial*. *O Sol*. 27/10/1967; *Hospitais do INPS não garantem qualquer assistência aos seus assegurados*. *O Sol*. 27/10/1967; *Concentração no MEC é para denunciar falta de verba das Escolas*. *O Sol*. 10/11/1967; *Nota oficial Idos alunos Interpretam visita de Epilogo: “pressão e coação à escola”*. *O Sol*. 10/11/1967; *Nova Iguaçú*. *O Sol*. 21/11/1967.

¹⁹¹ *Projetos pedem aumento do salário-mínimo e luta contra política de arrocho*. *O Sol*. 26/09/1967; *Carvalho Pinto pode ser enquadrado se insistir no fim do arrocho*. *O Sol*. 10/10/1967; *Presidente da ACADE: arrocho salarial e tributos excessivos aumentam crise*. *O Sol*. 27/10/1967; *Costa em BH: virtude não prospera na pobreza. Trabalhadores: exigimos salário novo*. *O Sol*. 27/10/1967; *25% é homenagem*. *O Sol*. 27/10/1967; *Luta contra o arrocho*. *O Sol*. 27/10/1967; *Operários farão novas reivindicações após o encontro intersindical*. *O Sol*. 01/11/1967.

¹⁹² *Luta contra o arrocho*. *O Sol*. 27/10/1967.

os metalúrgicos marcaram para novembro um movimento de greve, os bancários garantem que não desistirão, os petrolistas e químicos entram na briga. Mais de vinte sindicatos se reúnem e criam uma diretoria inter-sindical, representando milhares de trabalhadores. Em todos os Estados os operários começam a se movimentar. O Sr. Edmilson Jorge de Oliveira, presidente da ASPCB, afirma que a situação dos funcionários públicos piora dia a dia. Direitos não estão sendo respeitados, as promoções estão paralisadas há vários anos. O sacrifício que o governo exige dos assalariados perdura há mais de dez anos.

No Manifesto pedem os servidores: recomposição salarial a partir de 1º de Novembro deste ano, paridade na gratificação quinquenal com os poderes legislativo e judiciário, concessão de auxílio e de 13º salário e reajustamento do salário-família. O CUSTO DE VIDA subiu aceleradamente, mas as estatísticas oficiais não revelam essa realidade. De acordo com o Departamento Nacional de Salário a distribuição do orçamento familiar deveria ser a seguinte para um salário de NC\$ 105,00

Alimentação	50% do SM NCr\$ 52,50
Fabricação	18% do SM NCr\$ 16,90
Vestuário	8% do SM NCr\$ 8,40
Higiene	12% do SM NCr\$ 12,60
Transporte	10% do SM NCr\$ 10,50
Luz e gás	2% do SM NCr\$ 2,10

O quadro dispensa comentários à vista irreal valor do salário. Essa baixa remuneração determina um infra consumo de alimentação, a proliferação da favela e mocambos sub-humanos nas periferias das cidades, a crise nos leitos dos hospitais, o elevado número de analfabetos, alta taxa de mortalidade infantil. O manifesto lembra as promessas do presidente ao remeter ao Congresso Nacional a proposta Orçamentária para o exercício de 1968: “a política social e de distribuição da renda deverá assegurar a participação de todos nos frutos do desenvolvimento. Serão coibidos abuso de poder econômico e o benefício excessivo de determinadas classes”, afirmando que se não houver a Recomposição Salarial os assalariados ficarão sem direito que têm de melhorar de vida, em benefício de determinadas classes.

O AUXÍLIO-MORADIA já é concedido aos servidores militares e se destina a subvencionar os reajustes dos aluguéis. Os servidores civis também sofrem os problemas de habitação e é justo que “o Estado forneça tratamento igual aos seus funcionários”.

O Manifesto mostra ainda ao presidente, através de estatísticas, a situação desesperadora em que se encontram os trabalhadores solicitando ao presidente que não esqueça aquilo que prometeu no início do seu governo.

A COMISSÃO INTERSINDICAL envia aos assalariados de todo o Estado uma nota oficial reafirmando a intenção de continuar lutando contra o arrocho salarial. “A política de confisco salarial imposta aos trabalhadores após abril de 1964, além de Justa e desumana, vem provocando a queda do poder aquisitivo da população, tornando ainda mais precárias as suas condições de vida”, diz a nota. Todos os sindicatos estão convocados para o encontro dos dirigentes nos dias 6 e 7 com uma única ordem do dia: Política Salarial.

OS METALÚRGICOS também protestam: “Não estamos fazendo agitação, estamos lutando contra uma política desumana e inconcebível. Como pode um chefe da família viver com salário que varia entre 105 e 200 cruzeiros novos? Aos patrões o Governo deu crédito de 408 bilhões em 1966, os lucros são cada vez maiores, enquanto os que trabalham continuam cada vez mais miseráveis”. A Comissão Organizadora do Encontro Inter Salarial da Guanabara, visando dissipar interpretações errôneas, tira uma nota oficial explicando seus objetivos: “O movimento dos Sindicatos, em torno da lei que legisla sobre salário, não objetiva agitação nem tem fim político, firmando-se porém no princípio de que, se as leis chamadas de arrocho salarial tornaram-se intoleráveis, cabe aos sindicatos propor

modificações e buscar alternativas, sem o que trairiam os líderes seus mandatos, além de deixarem desesperados seus associados”.¹⁹³

Ainda em relação à discussão política na editoria de *Problemas Brasileiros*, o debate em torno da Frente Ampla¹⁹⁴ ganhou destaque no periódico. Diariamente, a equipe apresentava ao leitor os desdobramentos do movimento, a adesão de novos políticos à Frente, a reação do governo militar diante do surgimento da oposição, a discussão dos partidos MDB e ARENA sobre o assunto. A maioria dos textos não deixava evidente o posicionamento do jornal sobre a formação da Frente Ampla (FA)¹⁹⁵. As reportagens eram escritas mais para levar informação ao leitor referente ao assunto, até porque, como ficou evidente nas notícias, a viabilidade em torno da concretização da Frente era muito incerta. Entre as matérias analisadas (integração de João Goulart e JK movimento ou de reação do regime militar), encontrou-se apenas uma em que a equipe do periódico mostrou-se favorável à Frente Ampla. Além disso, foi publicado n’*O Sol*, na íntegra, o Manifesto de apresentação dos anseios da FA. Vale lembrar que com o tempo criou-se em *Problemas Brasileiros* uma seção conhecida como *Política Nacional*. Nela, a equipe trazia um panorama sobre a política brasileira. Os debates em torno da Frente Ampla se sobressaíram na coluna.

Por fim, a editoria de *Internacional* tinha diariamente uma página. Nela, publicavam-se textos de agência, porém o mais comum era encontrar matérias interpretativas – opta-se por este termo, pois ficou evidente por meio da análise que a equipe do jornal se baseava em notícias de agências, mas desenvolvia o seu próprio texto com interpretações próprias em relação aos assuntos internacionais, não restringindo apenas a transcrever as informações vindas de fora, tanto que raramente se encontrava referência às agências nas reportagens. Além das agências, os jornalistas d’*O Sol* levavam em consideração as matérias publicadas por veículos de comunicação de outros países – as fontes de consulta eram informadas nos textos.

¹⁹³ *Luta contra o arrocho. O Sol. 27/10/1967.*

¹⁹⁴ Frente Ampla (FA) foi um movimento de oposição ao regime militar. Criado em 1966, a FA, liderada por Carlos Lacerda, com o apoio dos ex-presidentes exilados Juscelino Kubitschek e João Goulart, tinha como objetivo restaurar a democracia no Brasil.

¹⁹⁵ *Frente Ampla: crise na Oposição. O Sol. 21/09/1967; Paradoxo. O Sol. 22/09/1967; Exclusiva de Hélio ao Sol. O Sol. 23/09/1967; MDB: Hélio e Negrão. O Sol. 23/09/1967; Jânio desiste da Frente e se oferece ao governo Costa e Silva para combatê-lo. O Sol. 26/09/1967; Pacto de Lacerda e Jango no Uruguai. O Sol. 26/09/1967; Reunião da Arena com Costa e Silva. O Sol. 06/10/1967; Governo e Frente Ampla. O Sol. 10/10/1967; JK tranquilo e CL candidato: muitas frentes tem a polícia nacional. O Sol. 22/10/1967; Política Nacional. O Sol. 10/11/1967; Política Nacional. O Sol. 12/11/1967; Política Nacional. O Sol. 21/11/1967.*

Se dentro do Brasil a equipe d'*O Sol* dava destaque aos assuntos de interesses sociais e de desenvolvimento da nação, internacionalmente procurava defender os interesses dos países subdesenvolvidos em detrimento dos desenvolvidos ou criticar as políticas opressoras dos países mais ricos, com destaque para os Estados Unidos. Para se ter uma noção de como eram os textos publicados nessa editoria, pode-se destacar dois exemplos: um primeiro relatando a defesa do jornal aos países subdesenvolvidos (Figura 36) e um segundo falando sobre o Che Guevara, diante da notícia de sua morte – destaca-se essa reportagem, pois é ainda hoje a mais lembrada pela equipe (Figura 37).

Pequenos e os átomos na ONU

O Chanceler Magalhães Pinto, falando ao plenário da Assembleia Geral da ONU redefiniu a atual conjuntura mundial, frisando que no momento em que a guerra fria vai sendo superada por um crescente entendimento entre a União Soviética e os Estados Unidos, traça-se uma nova linha divisória para o mundo — aquela que separa os países altamente industrializados dos subdesenvolvidos. O ministro louvou a intenção americano-soviética de deter a proliferação das armas nucleares através de um tratado mundial, mas deixou claro sua opinião de que a renúncia ao armamento nuclear não deve implicar numa limitação ao total aproveitamento da energia nuclear para fins pacíficos. Os observadores presentes à reunião da ONU após escutarem o discurso do chanceler brasileiro deixaram transparecer sua opinião de que o tema da não proliferação ainda dará margem a muitos debates na atual sessão plenária. As discussões terão como fundamento principal o tratado russo-americano apresentado há um mês em Genebra e que somente será submetido à ONU em novembro próximo quando as potências signatárias já esperam ter chegado a um acordo completo sobre as questões ainda pendentes. Estas referem-se ao artigo terceiro, o das salvaguardas e garantias, mantido até agora em branco por não haver acordo. Os especialistas em energia atômica consideram o tratado em pauta da maior importância mundial uma vez que ele está diretamente relacionado com a segurança e desenvolvimento econômico dos países não nucleares, que ao discuti-lo estarão jogando todo o seu futuro político e econômico.

DOIS ARTIGOS E UMA RENÚNCIA

— A engenhosa combinação dos artigos I e II do Tratado russo-americano sugere que os países nucleares boicotem o acesso dos não nucleares, não só às armas, como também aos artefatos nucleares com finalidade pacífica, com o pretexto de evitar o agravamento das tensões internacionais. No que se refere às armas, os países não nucleares, imbuídos de propósitos pacifistas, não têm porque discordar. Contudo, a renúncia que farão, não se pode revestir de um caráter unilateral nem tampouco gratuito. Aos países nucleares caberia, em compensação, a adoção de medidas efe-

Abrindo os debates na Assembleia da ONU, o Brasil tenta ganhar o apoio dos Países subdesenvolvidos na luta contra o monopólio atômico das grandes potências, por enquanto ainda não se sabe as posições de outros Países, mas é quase certo que a Índia e Nigéria manifestem-se da mesma maneira. Para muitos, esta é uma das últimas oportunidades em que os não-nucleares terão possibilidade de lutar pelo seu

DIREITO DE CRESCER

tivas que visassem ao desarmamento, medidas essas que incluem o congelamento progressivo de seus arsenais, processo que culminaria na destruição do armamento restante. No entanto, o texto do tratado omite esse ponto e trata apenas de desarmar os desarmados, deixando a salvo aqueles que já estão comprometidos numa corrida armamentista.

Agora o Departamento de Estado norte-americano anuncia que o país empregará 5 bilhões de dólares numa cortina anti-missel. Esse algarismo espetacular dá bem a idéia dos recursos que o desarmamento poderia liberar para projetos de ajuda ao mundo subdesenvolvido mas não libera...

Do ponto de vista da Segurança Nacional, o mínimo que se poderia exigir seriam garantias de proteção dos países não nucleares contra ameaças de ataque nuclear. Como o Tratado não faz qualquer menção a esse tipo de proteção, os países não nucleares, ao assiná-lo, expõem-se a todos os tipos de chantagem atômica, o que é uma posição por demais incômoda para ser assumida de graça.

Outro aspecto lamentável do texto é a tentativa de incluir num esforço de desarmamento o boicote ao emprego de artefatos nucleares explosivos, utilizados para fins pacíficos. Esses artefatos que serão amanhã os grandes motores do progresso, única força capaz de realizar as obras gigantescas de engenharia geográfica, indispensáveis ao desenvolvimento, estariam monopolizados em mãos das superpotências a quem precisariam recorrer os não nucleares para levar a cabo suas obras de vulto. A aceitação desse aspecto do Tratado equivaleria à sujeição ao colonato nuclear.

ESPIONAGEM INDUSTRIAL — O artigo terceiro referente à fiscalização ficou em branco, segundo consta em virtude de discordâncias formais entre os Estados Unidos e a União Soviética. Mas em um ponto, ponto crucial, as potências estão de acordo. O sistema de fiscalização da Agência Internacional de Energia Atômica ou outro qualquer sistema que a agência aprove, incidirá exclusivamente sobre as atividades pacíficas dos não nuclea-

res, deixando a salvo de qualquer inspeção, as pesquisas e experiências das super-potências. O que, além de unilateral, dá oportunidades para espionagem industrial.

O JOGO DO MORDE E SOPRA — No artigo quarto, as potências estendem-se em divagações em torno do direito inalienável dos não-nucleares à utilização, produção e pesquisa de energia nuclear para fins pacíficos, desde que em conformidade com os artigos I e II. Esse direito exclui a possibilidade de explosões que são a grande utilização pacífica de energia. Por isso, falar em utilização pacífica e excluir as explosões não passa de uma tentativa de encobrir a castração a que se quer submeter os países não-nucleares.

A CHINA E A FRANÇA — Que pensa a China de tudo isso? "Mais um conduto entre imperialistas norte-americanos e revisionistas soviéticos". A China saiu da jogada.

E a França? — O General De Gaulle distribui nota oficial, quando da apresentação do Tratado, colocando a França fora dos compromissos de não-proliferação.

Bastaria a ausência dessas duas potências nucleares para que se puzesse em dúvida a validade e realidade do tratado. E mais: a proposta americano-soviética, que prevê vida eterna para o tratado, não exige universalidade para o compromisso, o que prepara o campo para o seguinte espetáculo: um certo número de países, assinará o documento, encolhidos em sua humildade tecnológica, enquanto os outros países do mundo, tendo sabido defender seu futuro, tratarão de desenvolver-se. Repete-se, no campo da política internacional, aquilo que já está no Evangelho: quem tem, terá mais, e quem não tem, não terá nada. As superpotências nucleares ficarão mais poderosas e os outros ficarão mais fracos. Ou não? A única saída é o terceiro caminho.

**Ernesto
Che
Guevara**

Pelas selvas da Bolívia desliza uma sombra. Seguem-na o medo dos governantes transformado em exércitos. Assim nasce a lenda. Assim vive um homem. Dez vezes noticiada sua morte, dez vezes desmentida. O cerco aperta-se em torno da sombra. Um general anuncia que exporá ao público o corpo da sombra. Os dados concretos chegam: pingados, o comunicado oficial diz que há 90% de possibilidade do cadáver ser de "Che". Restam 10%. Fica o

DESAFIO

Ernesto "Che" Guevara, numa palavra, é o homem que desafiou a ordem estabelecida em escala mundial. O fascínio que exerce sobre os povos do Terceiro Mundo emana de sua capacidade de realizar a síntese teoria-prática. Falou fazendo. A partir do momento em que tomou consciência da surda violência que há na ordem estabelecida — a morte devastando impunemente milhares de crianças da América Latina, a inanição estrangulando o "camapesino", a doença liquidando os restos da civilização indígena — não hesitou em recorrer ao simétrico antídoto da violência: a própria violência. Ao perceber a impotência da medicina individual — de que adiantava salvar uma vida, enquanto milhares morriam da mesma causa? — decidiu-se a passar para a cirurgia do social.

A prescrição é a guerrilha. A profilaxia dolorosa mas necessária na sua visão do mundo.

O MUNDO DIVIDIDO gerou uma personalidade nova; Ernesto "Che" Guevara. As grandes potências em Yalta, no quente de uma terrível guerra, fizeram a divisão da (Me-dá-cá, toma-lá.) A América Latina permanecia consignada à dependência do mundo capitalista. Os pequenos desajustes ocorridos desde esta época até nossos dias foram de novo objetos de

acôrdo em Glassboro. Mas uma pequena brecha neste sólido edifício tinha-se operado. Guevara com pedras na mão tinha desafiado e vencido um inimigo que possuiu armas atômicas. Cuba, tornou-se uma República Socialista.

Durante seis anos trabalhou para concretizar o socialismo na ilha. Radical, quis liquidar todos os resquícios da mentalidade capitalista em Cuba, e mesmo nas relações entre países socialistas quando disse: "as ligações comerciais e econômicas entre as nações socialistas devem prescindir das imposições de mercado". Quando achou que as coisas na ilha estavam bem encaminhadas, deixou tudo: amizades, a glória de ser ministro, as honrarias. ("As honrarias, isto me enche...")

Voltava de novo ao campo de guerrilha. Continuava, de peito aberto, o desafio à ordem mundial estabelecida. Falar fazendo. Reconhecia-se um aventureiro, um aventureiro diferente. Sabia que a morte o espreitava a cada passo. Pouco importava; o que queria era dar o exemplo. Abdicar das delícias da civilização do século XX, penetrar nas selvas, exige de um homem uma fé maior do que a comum na justiça da luta. E do desafio. Vivo, virou fantasma. Era visto simultaneamente em vários lugares. A cabeça a

prêmio: 5 mil dólares. Vivo ou morto.

Mas a morte, para ele, era irrelevante. Sabe que fica o desafio. Tentou mostrar que o desafio tinha condições de viabilidade. O raciocínio baseia-se num paradoxo: a bomba atômica devido a seu excesso de poder de destruição é impotente para acabar com a guerrilha. O problema para ele era conseguir reunir um punhado de homens decididos. A luta ensinaria a teoria. "O dever de todo revolucionário é fazer a revolução", era o desafio que encimava a tribuna do Teatro Chaplin, de Havana, onde homens de toda a América Latina se reuniam para estudar o método de transformar o mundo. Metodologicamente, "Che" havia ganhado. Sua prescrição de violência estava transformada em tese. A carta justificava a atitude: era preciso manifestar de forma efetiva a solidariedade ao principal foco de desafio a ordem estabelecida — o Vietnam. Morreu? Pouco importa, diria ele.

A chama acesa na Bolívia ainda não foi extinta. Numa guerrilha, diz o manual que escreveu, o importante é começar. Depois do começo, a própria necessidade de lutar vai ensinando o caminho, o conhecimento teórico apriorístico é válido, está escrito em "Guerra de Guerrilha", mas não essencial. Falar fazendo. Morrer fazendo.

Entre setembro e novembro de 1967, uma variedade de assuntos internacionais chegou às páginas d'*O Sol*. Em relação a alguns deles, a equipe do jornal tinha um posicionamento categórico. O primeiro caso que se pode destacar estava diretamente relacionado com acordos discutidos entre os países pertencentes à Organização dos Estados Americanos (OEA)¹⁹⁶. Um deles defendia um bloqueio total a Cuba devido a seu tipo de governo e aproximação com a União Soviética. Países da América Latina, como a Venezuela e a Bolívia, colocavam-se favoráveis à medida punitiva contra a ilha cubana, em consonância com os interesses dos Estados Unidos. Os profissionais d'*O Sol* posicionavam-se contra a medida e se colocavam em defesa de Cuba e da liberdade americana, como pode ser visto no trecho de uma das matérias:

A posição adotada pela OEA e o desejo da Venezuela e da Bolívia, de eliminarem as possibilidades econômicas da nação cubana, demonstra muito bem a incapacidade que tem esses países de encararem frontalmente o desejo de liberdade existentes em toda a América Central e Latina¹⁹⁷

Ainda sobre a América Latina e Central, um tema muito discutido foi a disseminação de armas nucleares. Internacionalmente, países desenvolvidos, como os Estados Unidos, viam com desconfiança a política armamentista e buscava meios de impedir a proliferação de armas nucleares¹⁹⁸. A equipe d'*O Sol* mostrava-se contra as medidas restritivas e colocava-se favorável aos países subdesenvolvidos usarem recursos nucleares, inclusive para fins pacíficos. No trecho de uma das reportagens sobre o assunto, é possível depreender o posicionamento do jornal em relação à política atômica: “Cada dia que passa, a ilha de Cuba abandona ‘sua posição de insignificante sardinha no cardume dos países latino-americanos para afrontar diretamente ao tubarão que sempre amedrontou a América Latina – os Estados Unidos’. Nasce assim mais um país nuclear na América”¹⁹⁹.

¹⁹⁶ *OEA X Cuba. O Sol. 21/09/1967; Conferência da OEA. O Sol. 22/09/1967; OEA ainda indecisa sobre Cuba. O Sol. 23/09/1967; Conferência da OEA. O Sol. 21/09/1967.*

¹⁹⁷ *OEA X Cuba. O Sol. 21/09/1967*

¹⁹⁸ *Pequenos e os átomos na ONU. O Sol. 22/09/1967; Armamento. O Sol. 23/09/1967; Corrida Armamentista na América Latina. O Sol. 06/10/1967; Militarismo e subversão na AL. O Sol. 10/10/1967; URSS faz provas nucleares subterrâneas e Cuba caminha para o átomo. O Sol. 22/10/1967; Corrida armamentista na AL esbarra no Tratado de Proscrição. O Sol. 27/10/1967; Estados Unidos e cinco países do MCE assinam acordo para controlar armas nucleares. O Sol. 01/11/1967; Grupo cívico americano opõe-se à construção de um sistema anti-missil. O Sol. 26/11/1967.*

¹⁹⁹ *URSS faz provas nucleares subterrânea e Cuba caminha para o átomo. O Sol. 22/10/1967*

A equipe d'*O Sol* estava atenta aos acontecimentos da América Latina²⁰⁰, sobretudo em torno das crises vivenciadas por países do continente, como greves. O Uruguai, em alguns momentos, ganhou destaque em edições do periódico. Nessas reportagens, os jornalistas não se preocupavam apenas em retratar as crises dos países, mas traçavam também reflexões e fazia interpretações, mostrando que as manifestações populares em busca de melhorias poderiam ter um preço: interferências externas. Na primeira edição do jornal, ao retratar uma greve no Uruguai, o repórter denunciou uma manobra política defendida na América, principalmente pelos EUA, para impedir a propagação de movimento de esquerda em países americanos em crise: os golpes de Estado.

A existência dessas liberdades democráticas tem inquietado setores do Departamento de Estado norte-americanos, e veladas restrições ao governo no uruguaio são feitas através de órgãos oficiosos. (...) E como todo dirigente eleito pelo povo nesta América Latina, corre o risco de ser deposto. Gestido tem seu mandato ameaçado por uma crise insolúvel a curto prazo e pelo enriquecimento das forças de pressão exteriores.²⁰¹

As críticas aos países desenvolvidos não restringiam as discussões em torno do continente Americano. N'*O Sol*, a equipe do jornal retratou também uma guerra civil na Nigéria. As notícias relatavam os conflitos no continente africano que levou a independência de um novo estado, Benin. A nova República durou apenas 10 horas, isso porque o exército, ajudado por países ricos, como Inglaterra e EUA, conseguiram reverter a conquista. Os jornalistas d'*O Sol* não apresentavam um posicionamento em relação à guerra civil, mas uma coisa não hesitavam em afirmar: os países desenvolvidos não estavam preocupados em ajudar a resolver o conflito da região, pelo contrário: estavam de olho na riqueza do local. Desse modo, traçavam críticas aos países desenvolvidos, como é possível ver nos trechos abaixo:

²⁰⁰ *Greve no Uruguai. O Sol. 21/09/1967; Equador. O Sol. 21/09/1967; Venezuela Vota. O Sol. 23/09/1967; Uruguai. O Sol. 23/09/1967; Frei a preta. O Sol. 23/09/1967; Bolívia. O Sol. 24/09/1967; Esquerda cresce. O Sol. 24/09/1967; Argentina. O Sol. 24/09/1967; Sem garantias. O Sol. 24/09/1967; No Uruguai termina uma greve, mas outra está para estourar. A situação falcões. O Sol. 26/09/1967; Cuba diz que americano cria caso. O Sol. 26/09/1967; Tratado sobre novo canal do Panamá provoca críticas da oposição. O Sol. 06/10/1967; Presidente da Colômbia denuncia corrupção das classes ricas. O Sol. 06/10/1967; Venezuela. O Sol. 06/10/1967; Terrorismo. O Sol. 06/10/1967; Oposição argentina manobra para ter presidente civil no país em substituição ao militar Onganía. O Sol. 10/10/1967; Defesa fala no julgamento de Debray e Bolívia ameaça invadir Cuba. O Sol. 22/10/1967; Encontrado grande arsenal de armas dos guerrilheiros venezuelanos, perto de Caracas. O Sol. 22/10/1967; Eduardo Frei combate aumento salarial e diz que a situação econômica de Chile é má. O Sol. 22/10/1967; Uruguai sob ameaça de novas greves: estado de sítio é promessa de Gestido. O Sol. 27/10/1967; Cisão da Ação Democrática pode levar o partido à derrota nas eleições venezuelanas. O Sol. 27/11/1967; EUA e América Latina. O Sol. 01/11/1967; Tribunal de Honra vê se melindro de Gestido justifica duelo. O Sol. 01/11/1967; Venezuela: continua a crise do AD e as guerrilhas também. O Sol. 01/11/1967; Presidente do Banco Nacional do Uruguai está em Washington a procura de dinheiro. O Sol. 10/11/1967; Gestido afirma que sua condenação foi simbólica: o que se condenou foi a guerrilha. O Sol. 21/11/1967*

²⁰¹ *Greve no Uruguai. O Sol. 21/09/1967.*

Contudo, se olhando mais profundamente, ver-se-á o petróleo e o interesse das grandes potências por trás de cada movimento “popular” nigeriano. Os atuais estados separatistas da Nigéria. E o mais importante de tudo, é que as grandes jazidas petrolíferas se encontram localizadas no território rebelde, sendo que Benin produz a terça parte de todo o petróleo nigeriano. (...) Podemos compreender o valor existente para a Inglaterra e os Estados Unidos o apoio que estão dando aos rebeldes nigerianos e, para a União Soviética, em auxiliar o governo federal à não perder as suas províncias petrolíferas. Contudo, tanto a Inglaterra quanto a União Soviética trabalham o mais ocultamente possível para não comprometerem-se pois, ninguém sabe qual dos lados nigerianos ganhará a guerra civil.²⁰²

Como a maioria dos países africanos há poucos independentes, a Nigéria vive um regime neo-colonialista, sofrendo as pressões constantes dos Estados Unidos e da Inglaterra e tendo os olhos da União Soviética bastante interessada em suas riquezas naturais. O país possui grandes jazidas de manganês, prata, petróleo, além de produzir uma quantidade enorme de frutas tropicais. Contudo, sua renda interna é de apenas 700 milhões de dólares anuais e seu povo continua ainda na mais negra miséria, tanto tecnológica quanto social. Na verdade, a Nigéria sofre de uma hemorragia crônica que devia para o exterior todas as suas produções econômicas.²⁰³

Um assunto internacional que ganhou destaque nas páginas d’*O Sol* foi a Guerra do Vietnã²⁰⁴, conduzida pelos Estados Unidos. Entre setembro e novembro de 1967, às folhas do periódico chegaram notícias informando sobre os conflitos no Vietnã, os saldos de mortos, o reflexo da guerra tanto dentro dos Estados Unidos como internacionalmente, as manifestações no mundo todo em repúdio ao envolvimento dos EUA no conflito e o apelo por acordo de paz na região. Permanentemente muito crítica em relação às políticas arbitrárias norte-americanas, a equipe d’*O Sol* se posicionava contrária à Guerra no Vietnã que, além de ocasionar muitas mortes, era vista como fonte de lucro para os países por meio da venda de armamentos. Quanto a esse assunto, a opinião dos jornalistas do periódico nem sempre ficava explícita, mas, às vezes, aparecia nas entrelinhas – os trechos de matérias publicadas no jornal sobre as manifestações contrárias ao conflito evidenciam o posicionamento do jornal:

A poderosa classe média americana, geralmente indiferente às manifestações políticas, sai da apatia para protestar contra a guerra que lhe destrói os mais aptos membros. Enfrentam a Política e o perigo da agressão para tornar claro o repúdio à política de seu país. A desobediência civil assume proporções assustadoras e o

²⁰² Trecho da reportagem *O conflito na Nigéria*. *O Sol*. 22/09/1967.

²⁰³ Trecho da reportagem *Nigéria domina capital separatista e caminha para vitória final*. *O Sol*. 06/10/1967.

²⁰⁴ *Vietnam*. *O Sol*. 21/09/1967; *Ataque Americano*. *O Sol*. 22/09/1967; *Ajuda ao Vietnam*. *O Sol*. 24/09/1967; *O comandante americano crê na vitória e mantém sobre o Vietnam a chuva de fogo*. *O Sol*. 26/09/1967; *O conflito no Vietnam e no Mundo*. *O Sol*. 06/10/1967; *O conflito no Vietnã e no Mundo*. *O Sol*. 22/10/1967; *América/América*. *O Sol*. 22/10/1967; *Posse de Ngujen Van Thieu provoca explosão no Palácio da Independência*. *O Sol*. 01/11/1967; *Conflitos no Vietnam*. *O Sol*. 10/10/1967; *O conflito do Vietnã*. *O Sol*. 12/11/1967; *Dak to é um círculo de fogo, com 18 dias de tremenda violência*. *O Sol*. 21/11/1967.

governo se mune de legislação para reprimi-lo. De todos os pontos do mundo, vozes se levantam: “Faça o amor, não a guerra” é o grito de Protesto da Humanidade.²⁰⁵

A Marcha pela Paz, realizada em várias capitais, demonstra que a Humanidade já se fartou desta “guerra suja”, e exige de ambos os lados as concessões necessárias para as conversações. (...) Mas enquanto a razão se expressa em passeata pelo mundo inteiro a não razão continua a ser traduzida pelas bombas e pela voz do canhão que fala feroz no “front” de guerra quente.²⁰⁶

Apesar de se desenvolver dentro de um regime autoritário, a equipe de *O Sol* procurou manter a sociedade informada em relação a tudo o que acontecia no país. Traquina (2005) é um dos autores que só vê sentido em falar de jornalismo em um sistema democrático, pois considera praticamente impossível desenvolver a profissão em um ambiente ditatorial. Entretanto, através da experiência de *O Sol*, é possível afirmar que pode também haver veículo de comunicação de qualidade em ambientes desfavoráveis, como em uma ditadura. É claro que o trabalho se torna mais difícil, mas isso não impede o nascimento de meios comprometidos com o cidadão e com o interesse comum. Durante os poucos meses em que *O Sol* circulou no Rio de Janeiro, ele desempenhou a função de jornalismo defendida por Traquina (2005), o de um serviço público destinado ao esclarecimento dos cidadãos – princípio identificado na análise anterior.

Diante do que foi retratado, é possível inferir que *O Sol* era um jornal preocupado com os interesses dos cidadãos marginalizados socialmente tanto no cenário nacional como internacional. No âmbito local, colocava-se ao lado da população carioca para mostrar os descasos governamentais, denunciar os problemas sociais e estruturais e cobrar das autoridades atuações mais coerentes. Nacionalmente, defendia os interesses do Brasil em torno de um discurso desenvolvimentista, visando, de um lado, o progresso da nação e, de outro, a solução de problemas crônicos do país, como o analfabetismo, o desemprego, a pobreza, as desigualdades entre outros. Já internacionalmente, posicionava-se a favor dos países mais pobres, ditos subdesenvolvidos, muitas vezes prejudicados pelas políticas intervencionistas dos países mais ricos, desenvolvidos, preocupados apenas com interesses próprios.

Ao fim de tudo, *O Sol* estava de acordo não só com os preceitos da imprensa alternativa, mas também com os princípios de jornalismo defendidos por autores como Traquina (2005) e Sousa (2001), que dizem que a função dos meios de comunicação se restringe, em primeiro lugar, à defesa dos interesses dos cidadãos comuns, buscando mantê-

²⁰⁵ Trecho da reportagem *O Conflito no Vietnã e no Mundo*. *O Sol*. 22/10/1967.

²⁰⁶ Trecho da reportagem *América/América*. *O Sol*. 22/10/1967.

los permanentemente informados sobre tudo que acontece no mundo, relegando ao segundo plano os interesses econômicos. *O Sol*, assim como outros jornais alternativos do período da ditadura civil-militar brasileira, travou luta não só contra o regime militar, mas também contra as desigualdades, as discriminações e as injustiças sociais.

Definida a linha editorial d'*O Sol*, a seguir busca-se responder a mais uma pergunta que permeia o estudo dessa dissertação: Quais eram os critérios de noticiabilidade levados em conta pela equipe na hora de escolher os assuntos reportados no periódico? Assim, será analisado o conteúdo do jornal a fim de identificar os valores-notícia priorizados n'*O Sol*.

5.3 Critérios de noticiabilidade

Diariamente, os jornalistas têm a sua frente uma enorme quantidade de assuntos possíveis de serem transformados em notícia, com a finalidade de manter os cidadãos informados. Na impossibilidade de publicar todos os fatos do dia, os profissionais responsáveis pela produção dos jornais precisam escolher, dentre tantos acontecimentos, aqueles que serão reportados no periódico. Segundo Traquina (2005b), nem sempre a equipe de um meio de comunicação sabe dizer quais são os critérios usados na hora de escolher os assuntos noticiáveis, mas eles existem e são compartilhados entre os repórteres, formando o que o autor chama de tribo ou cultura jornalística. Aqui, pretende-se conhecer, por meio das matérias publicadas n'*O Sol*, quais eram os critérios de noticiabilidade usados pela equipe do periódico alternativo, para isso os diferentes valores-notícia identificados por Traquina (2005b) ao longo de vários estudos desenvolvidos pelo pesquisador serão levados em consideração e servirão de suporte para a obtenção dos resultados desta parte da análise.

De acordo com as pesquisas desenvolvidas por Traquina (2005b), a observação de conteúdos jornalísticos de veículos de comunicação ao longo de séculos permite inferir que os critérios de noticiabilidade não são imutáveis, mas muitos deles permanecem mesmo com o passar dos anos, devido a tal cultura jornalística compartilhada pelos profissionais da área. N'*O Sol* não era diferente. Apesar de ser um periódico da década de 1960 e pertencente à imprensa alternativa, muitos dos valores-notícia usados pela equipe do jornal estavam relacionados aos valores utilizados por jornalistas de outras épocas ou, até mesmo, pelos meios de comunicação do mesmo período, no caso os da grande imprensa. Entretanto, por ser um jornal alternativo, a folha carioca tinha uma pauta diferenciada dos demais veículos da época e alguns assuntos acabavam tendo mais importância do que outros. Assim, percebe-se

que os repórteres d'*O Sol* faziam constantemente o uso de muitos critérios identificados por Traquina (2005), o que mudava eram os enfoques dados às notícias.

Como qualquer jornal diário do período da ditadura civil-militar ou de outras épocas, *O Sol* tinha como prioridade os assuntos que apresentavam algum tipo de novidade – primeiro critério de noticiabilidade identificado ao longo da leitura do conteúdo do periódico. A equipe da folha dava um enfoque diferenciado ao da imprensa tradicional e buscava noticiar os fatos ignorados pelos demais meios de comunicação. No entanto, a maioria dos fatos retratados n'*O Sol* exibia algum aspecto novo. Assim, as reportagens com temáticas políticas, econômicas, culturais e internacionais estavam fundamentadas em um fator recente ou inovador, seja um conflito social, uma mudança de lei, um evento ou até mesmo um acontecimento inesperado.

O valor-notícia da novidade era tão presente n'*O Sol* que até mesmo os assuntos já discutidos e que, posteriormente, voltavam a ser estampados nas páginas do periódico tinham algum elemento novo. Um exemplo disso pode ser claramente percebido em um projeto de lei discutido no Estado em torno da regulação das feiras de rua no Rio de Janeiro. A primeira matéria, intitulada *Negrão vai sancionar lei que divide a Cidade em quatro zonas de abastecimento*²⁰⁷, chegou a *O Sol* em 06 de outubro de 1967. Nela, a equipe reportava a aprovação do projeto que previa a divisão da cidade em quatro zonas de abastecimento (sul, centro, norte e rural) com a finalidade de garantir o funcionamento da Feira-Livre. Quatro dias depois, a temática retornou à folha por meio da reportagem *Gama Lima não acredita que Negrão vete o projeto*²⁰⁸. Nessa segunda, discutia-se a probabilidade do governador do Estado vir a sancionar o projeto aprovado de forma unânime em assembleia. A questão reapareceu n'*O Sol*, pois existiam pressões externas vindas de moradores da cidade e de donos de mercados que desejavam a extinção das feiras. A última matéria sobre o tema foi publicada no veículo em 01 de novembro de 1967. Com o título *Feira-Livre na Guanabara*²⁰⁹, o jornalista trazia mais uma novidade sobre o fato: a decisão do governador Negrão de Lima em relação ao projeto. Segundo a notícia, Lima praticamente acabava com as Feiras-Livres ao vetar parcialmente o projeto de lei apresentado e fixava normas restritivas que dificultavam a atuação dos feirantes, como a necessidade de um abaixo-assinado de grande parte dos moradores em aceitação da feira e a proibição de comercialização de vários produtos característicos desse comércio de rua. Como foi visto, todas as matérias tratavam do mesmo

²⁰⁷ *Negrão vai sancionar lei que divide a Cidade em quatro zonas de abastecimento. O Sol. 06/10/1967.*

²⁰⁸ *Gama Lima não acredita que Negrão vete o projeto. O Sol. 10/10/1967.*

²⁰⁹ *Feira-Livre na Guanabara. O Sol. 01/11/1967*

assunto, mas cada uma delas tinha uma característica nova ao ser colocada em evidência novamente.

A novidade era um dos critérios de noticiabilidade encontrados com frequência em todas as editorias do periódico. Embora grande parte das matérias pudesse ser enquadrada dentro desse critério, isso não inviabilizava a publicação de reportagens sem a existência de aspectos novos no periódico. Geralmente, as matérias dedicadas às reflexões sociais²¹⁰, como aquelas utilizadas para discutir as discriminações, as desigualdades e as explorações na sociedade, nem sempre apresentavam elementos recentes, isso porque, nesses casos, a intenção da equipe do jornal se restringia em traçar uma reflexão junto à população a fim de sinalizar problemas recorrentes e socialmente prejudiciais. Esses assuntos não estavam relacionados ao critério de novidade, mas também se enquadrava dentro de um dos valores-notícia usados por jornalistas na hora de escolher as notícias, nesses exemplos, o da relevância.

Relacionado com o valor-notícia da novidade, o critério de noticiabilidade tempo também encontrava relevância entre os jornalistas d'*O Sol*. No periódico, a equipe usava esse método de seleção na publicação de matérias diretamente ligadas a datas comemorativas, ou seja, um momento importante do passado servia como gancho para se justificar a produção da notícia. Dentre as publicações analisadas, algumas reportagens guiadas por esse valor-notícia foram identificadas ao longo da circulação do jornal carioca. Uma delas, intitulada *Ecumenismo e reforma luterana*²¹¹, chegou à página da folha em 27 de outubro de 1967. Nela, o repórter falava sobre os 450 anos passados desde a iniciação da Reforma Protestante no século XVI, como pode ser visto em um trecho do texto:

Em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou na porta de uma igreja suas 95 teses, que iriam tornar-se o embrião de uma nova religião: o protestantismo. A Igreja Católica a excomunga. Amanhã, 450 anos depois, os católicos, juntamente com protestantes de várias seitas, iniciam as comemorações do aniversário da Reforma. No dia 31, será fincado o Centro de Ecumenismo do Rio de Janeiro. Protestantes e católicos falarão, juntos, sobre a REVOLUÇÃO PROTESTANTE.²¹²

²¹⁰ Alguns exemplos: *A discriminação racial nas escolas (1)*. *O Sol*. 22/09/1967; *Discriminação racial na escola (2)*. *O Sol*. 23/09/1967; *Discriminação racial na escola (3)*. *O Sol*. 24/09/1967; *Revolução no ensino*. *O Sol*. 26/09/1967; *A prostituição na Guanabara (III)*. *O Sol*. 06/10/1967; *Estudante de Economia*. *O Sol*. 06/10/1967; *Menores da Guanabara*. *O Sol*. 10/10/1967; *Fome*. *O Sol*. 22/10/1967; *Subnutrição, problema nacional*. *O Sol*. 22/10/1967; *Drogas no mundo moderno II*. *O Sol*. 27/10/1967; *Fome, um problema mundial*. *O Sol*. 27/10/1967; *(I) O retrato do universitário*. *O Sol*. 27/10/1967; *Comunicação no Brasil*. *O Sol*. 01/11/1967; *Prostituição na Guanabara*. *O Sol*. 12/11/1967.

²¹¹ *Ecumenismo e reforma luterana*. *O Sol*. 27/10/1967.

²¹² Trecho da reportagem *Ecumenismo e reforma luterana*. *O Sol*. 27/10/1967.

Entre os exemplares analisados, a equipe d'*O Sol* fez mais uso do critério tempo em novembro. Na primeira edição do mês, duas matérias com esse valor-notícia são encontradas: uma falando sobre o Dia de Todos os Santos e Finados²¹³ – datas especiais com certo apelo religioso – e outra em comemoração aos 60 anos do hospital Sousa Aguiar da Guanabara²¹⁴, na qual o jornalista aproveitou para fazer uma discussão em torno da infraestrutura da unidade considerada, à época, uma das melhores em relação às outras 33 existentes de saúde do Rio de Janeiro. Das publicações de homenagem produzidas n'*O Sol*, uma merece destaque e vale a pena compartilhar aqui. Intitulada *O poder da Esperança*²¹⁵, ela chegou às páginas do periódico em 12 de novembro de 1967 e relatava o que o jornalista chamou de o triste aniversário de 2000 dias sem Kennedy, presidente dos Estados Unidos, assassinado em 1963 (figura 38).

²¹³ *Dia de Todos os Santos. O Sol. 01/11/1967.*

²¹⁴ *Sousa Aguiar aos 60 anos, tem a melhor infraestrutura da GB. O Sol. 01/11/1967.*

²¹⁵ *O poder da Esperança. O Sol. 12/11/1967.*

O poder

da

Esperança

No dia de sua posse na Presidência dos Estados Unidos, o Presidente — John Fitzgerald Kennedy proferiu um discurso-síntese de seu pensamento.

Festejamos, hoje, não uma vitória partidária, mas a celebração da liberdade — que simboliza um fim e um princípio, que significa uma renovação e uma mudança. Pois, preslei ante vós e ante Deus Todo Poderoso o mesmo juramento solene que nossos antepassados prescreveram há quase um século e três quartos.

Hoje, o mundo é muito diferente. Porque o homem retém em suas mãos mortais o poder de abolir toda forma de vida humana. Contudo, continuam ainda em litígio em todos os cantos do globo as mesmas crenças revolucionárias pelas quais lutaram nossos antepassados — a crença de que os direitos do homem não emanam da generosidade dos Estados, mas das mãos de Deus. Abordou difíceis problemas da política externa dos Estados Unidos no mundo subdesenvolvido, e em especial, na América Latina.

Aos que vivem em choças e aldeias, em metade do globo, lutando por romper as cadeias da miséria, prometemos nosso melhor esforço para ajudá-los a se ajudarem, durante o tempo que for necessário, não porque os comunistas o estão fazendo, não porque queremos seus votos, mas porque é justo. Se a sociedade livre não puder ajudar os muitos que são pobres, não poderá jamais salvar os poucos que são ricos. As repúblicas

Do Presidente Kennedy, assassinado em Dallas, a 12 de novembro de 1963, ficaram discursos, leis, iniciativas no campo político, econômico e social. Pouca coisa, em verdade, para dizer de sua importância no mundo moderno. Ele trazia no coração o poder mágico da bondade, que dá esperança ao indivíduo, pequeno e impotente, no seio da massa. Sua morte deixou órfã toda uma geração. Triste aniversário, o dêsse

2.000 DIAS SEM KENNEDY

irmãs ao-sul de nossas fronteiras fazemos uma promessa particular — de transformar nossas boas palavras em atos bons, numa nova aliança para o progresso; de ajudar os homens e governos livres a se libertarem das cadeias da miséria. Entretanto, esta pacífica revolução da esperança não se pode tornar uma presa das potências hostis. Que saibam todos os nossos vizinhos que nos uniremos a eles na oposição e à subversão, em qualquer parte das Américas. E que saiba toda outra potência que este hemisfério pretende continuar dono de sua própria casa. Novamente, surge a esperança, em suas palavras. A guerra e a paz são vistos por olhos humanos, do estadista que procura um caminho seguro para conduzir os povos e que sente pesar a responsabilidade sobre a sorte de todos os seres humanos. Assim, pois, comecemos de novo, recordando ambas as partes antagonicas, que a cortesia não é sinal de debilidade e que a sinceridade está sempre sujeita à prova. Não negociemos nunca por temor, porém jamais tenhamos temor de negociar. Exploreemos ambos os problemas que nos unem, em vez de abater-nos pensando nos problemas que nos dividem. Formulemos, ambos, propostas sérias e precisas para inspeção e controle dos armamentos e coloquemos o poder absoluto de destruir outras nações sob o controle absoluto de todas as nações.

O Presidente Kennedy tinha o sonho de reconstruir a sociedade contemporânea, com base no progresso efetivo e da segurança que isso proporcionaria a vida de todos, no mundo.

Unamo-nos para invocar as maravilhas da ciência, em vez de seus terrores. Exploreemos juntos as estrelas, conquistemos os desertos, erradiquemos as enfermidades, toquemos as profundezas do oceano e estimulemos as artes e o comércio. Unamo-nos para escutar em todos os recantos da Terra o mandado de Isaias "Desfazei os pesados fardos da opressão e deixai livres os oprimidos".

A idéia da união e da fraternidade era uma constante, quando Kennedy falava. Conclamava — eis o seu grande segredo — sempre o povo em seu auxílio, descobrindo, ele, o homem mais poderoso do mundo, sua humildade pessoal, sua limitação humana.

Em vossas mãos, meus concidadãos, mais do que nas minhas, estará o êxito ou fracasso de nossa senda. Desde que este país foi fundado, cada geração foi chamada a dar testemunho de sua lealdade nacional. Os túmulos de jovens norte-americanos que atenderam a esse chamamento pontilham o globo. Soa, agora, o clarim chamando-nos de novo — não um chamado para pegar em armas, embora delas necessitemos; não um chamado para a batalha, embora estejamos em pé de guerra; porém um chamado para suportar o encargo de um longo crepúsculo de luta, ano após ano. "regozijando-nos com a esperança, pacientes na tribulação" — uma luta contra os inimigos comuns do homem: a tirania, a pobreza, a doença e a própria guerra. Poderemos forjar contra esses inimigos uma aliança grandiosa e global, Norte e Sul, Leste e Oeste, que possa asse-

gurar uma vida mais frutífera para toda a humanidade?

E trazia sempre a idéia da ciência, e seus discursos, acenando com uma revisão das condições da vida entre os povos.

A energia, a fé e a devoção que empregamos nessa empresa iluminarão o nosso país e a todos que o servem — e o resplendor dessa luz pode certamente iluminar o mundo.

John Fitzgerald Kennedy era, sobretudo, um homem terreno, e trazia o que poderíamos chamar de a mística do esforço dos homens. Tudo isso não poderá ser realizado nos primeiros cem dias, nem nos primeiros mil dias, nem mesmo durante este governo — nem, talvez, durante nossa existência neste planeta. Contudo, vamos meter mãos à obra. Finalmente, sejais cidadãos norte-americanos ou cidadãos do mundo, esperai de nós o mesmo alto nível de força e sacrifício que esperamos de vós. Com a consciência tranquila como única recompensa, com a história como juiz final de nossos atos, marchemos avante para guiar a terra que amamos, implorando a bênção e a ajuda de Deus, porém sabendo que aqui na Terra o trabalho de Deus deve ser na realidade, o nosso próprio trabalho.

Foram longos e árduos, esses dois mil dias de sua ausência das manchetes, do cinema, das radiofotos — mas a decisão do Presidente Johnson Johnson de procurar o diálogo com Ho-Chi-Min, para por fim a guerra no Vietnã, deixou entrever novamente o brilho e o resplendor da luz que John F. Kennedy irradiava — essa esperança de um mundo jovem e pacífico.

Figura 38: *O poder da Esperança, reportagem publicada n'O Sol, em 12 de novembro de 1967*

Além das matérias destacadas, ainda em relação ao critério de noticiabilidade tempo, vale apresentar uma série especial produzida e publicada durante dias pela equipe d'O Sol em rememoração aos 50 anos da Revolução Russa, desenvolvida em 1917. Nela, por meio de uma história ilustrada, os jornalistas do periódico se propuseram a desenvolver uma retrospectiva histórica, começando com a história de Lênin — um dos principais líderes

responsáveis pela transformação política ocorrida no território russo – e vai contando até chegar ao evento da revolução que teve reflexo mundialmente. Aqui, pode-se concluir que foi utilizado o valor-notícia tempo, pois se não fosse uma data comemorativa, provavelmente o assunto não teria sido levado em consideração, muito menos receberia tratamento diferenciado, como é possível conferir nas figuras 39, 40 e 41 – estas são apenas as encontradas nas edições analisadas.

A revolução russa - 6

1887 — EXPULSO DA UNIVERSIDADE COM DEZESSETE ANOS, LENIN COMEÇA A SE AUTO-EDUCAR, ERA UM EXCELENTE ALUNO MAS, UM PROFESSOR, CERTA VEZ, JÁ DISSERA QUE ELE TINHA UMA EXCESSIVA TENDÊNCIA AO ISOLAMENTO E RESERVA. SEU PAI MORREU SUBITAMENTE E O JOVEM LENIN COMEÇOU A VIDA ADULTA SOBRECARREGADO DE RESPONSABILIDADES.



GRAÇAS A UM PEDIDO DE SUA MÃE AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, LENIN FOI AUTORIZADO A PRESTAR EXAMES DE DIREITO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PETERSBURGO, EM 1890.



PRIMEIRO EM UMA TURMA DE CENTO E VINTE E QUATRO ALUNOS, LENIN TORNA-SE ADVOGADO. MAS SEU INTERESSE REAL ERA A POLÍTICA, QUE O ABSORVIA INTEIRAMENTE.

SUAS ASPIRAÇÕES REVOLUCIONARIAS LEVARAM-NO A LIGAR-SE A UM GRUPO CLANDESTINO DE ESTUDANTES MARXISTAS FREQUENTEMENTE PERSEGUIDO POR ESPÍOES DA POLÍCIA. ELE ERA OBCECADO PELAS CLASSES INDUSTRIAIS.



DEVORA A LITERATURA MARXISTA INCLUSIVE O "CATECISMO REVOLUCIONÁRIO DE NECHAEVS, UM MANUAL DE TERRORISMO E SUBVERSÃO. ESSA LEITURA AGRAYA SUA HOSTILIDADE AO ESTADO TZARISTA.

Figura 39: *Revolução Russa – 6*, publicada n' *O Sol*, em 10 de novembro de 1967.

A revolução russa - 8



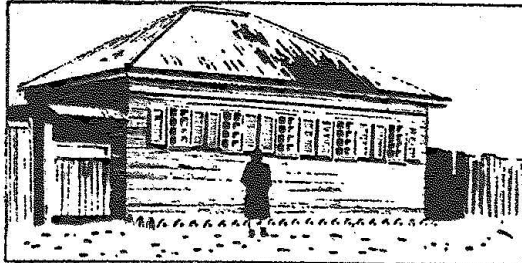
SÃO PETERSBURGO, 1893. LENIN, AINDA NA FAIXA DOS VINTE ANOS, TORNA-SE O PRINCIPAL ALVO DAS BATIDAS POLICIAIS. ENGAJADO NA PUBLICAÇÃO DE PANFLETOS E LIVROS REVOLUCIONÁRIOS — ENTRE ELES O "A CAUSA OPERÁRIA" — FOI PRESO EM DEZEMBRO E ENCARCERADO.

NA PRISÃO PERMITIRAM-LHE ESCREVER E LER LIVROS À SUA ESCOLHA. USANDO CÓDIGOS SECRETOS E TINTA INVISÍVEL, ELE CONTINUAVA, ATRAVÉS DE CARTAS, A TROCAR IDEIAS COM SEUS AMIGOS. APESAR DE PRESO SENTIA-SE À VONTADE.



IMPONDO-SE UMA AUTODISCIPLINA. PLANEJANDO EXERCÍCIOS FÍSICOS DIÁRIOS, ELE TROCAVA PIADAS COM OS GUARDAS, CONSERVAVA ASSIM SUA ENERGIA PARA ESTUDAR E PENSAR.

1897 — LENIN É EXILADO NA SIBÉRIA POR TRÊS ANOS. A RUSSIA TIZARISTA USOU O EXÍLIO COMO UMA SOLUÇÃO EXTREMA PARA DETER A AGITAÇÃO POLÍTICA. PARA LENIN O EXÍLIO TORNOU-SE SUA PRÓPRIA CASA, E AO CONTRÁRIO DE UMA PUNIÇÃO, FOI UMA ESPÉCIE DE TEMPO DE MEDITAÇÃO E ESTUDO.

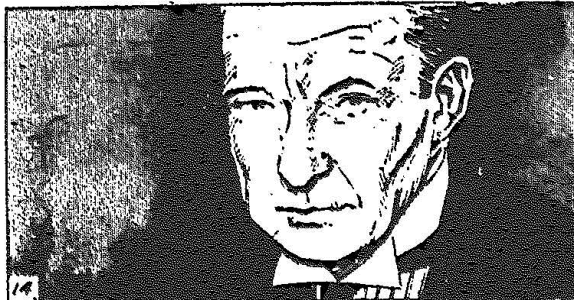


OS EXILADOS VIVIAM EM CIDADES FECHADAS, SOB O CONTROLE DA POLÍCIA LOCAL. DESLOCADOS DOS CENTROS DE PODER, APARENTEMENTE NEUTRALIZADOS, MUITOS ESCOLHERAM O SUICÍDIO. LENIN NÃO PENSOU NISSO.

Figura 40: *Revolução Russa – 8*, publicada n' *O Sol*, em 12 de novembro de 1967.

A revolução russa - 13

MARÇO DE 1917 — O GOVERNO PROVISÓRIO DE LYON TENTAVA RESTA-
BEZER A ORDEM E PRESERVAR A MONARQUIA... E TALVEZ O PRÓPRIO
TZAR NICOLAU II. KERENSKY SERVIA A AMBOS, A LYON E AOS SOVIET...



KERENSKY ERA UM SOCIALISTA MODERADO E TORNOU-SE UM ELEMENTO DE
LIGAÇÃO ENTRE AS DUAS FORÇAS NO PODER, EXPLORANDO AMBAS.

NO SOVIET, APENAS A MINORIA BOLCHEVIQUE OPUNHA-SE AO NOVO
GOVERNO, APOIADO NOS MODERADOS. O SOVIET SUBMETIA-SE A PRES-
SÕES ENQUANTO O POVO RECLAMAVA "TODO O PODER PARA O SOVIET"...



A RUSSIA APRENDERIA MUITO COM A REVOLUÇÃO DE PETROGRADO —
ESPONTANEAMENTE OS "SOVIETS" FORAM-SE ESPALHANDO POR TODO O
PAÍS.

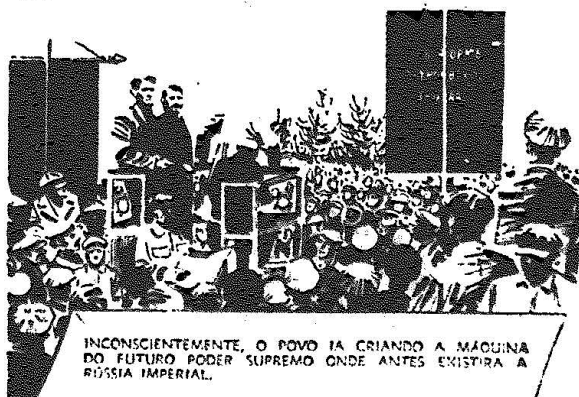


Figura 41: *Revolução Russa – 13*, publicada n' *O Sol*, em 21 de novembro de 1967.

Ao longo da análise, ficou evidente que os critérios de noticiabilidade nem sempre apareciam de forma homogênea em todas as editoriais d’*O Sol*, alguns acabavam se concentrando em partes específicas do jornal. Apesar disso, dentre todos os valores-notícia usados pela equipe, o de relevância, além de ser um dos mais frequentes, estava diariamente representado em todas as páginas do periódico. Por meio dele, a equipe d’*O Sol* mostrava a preocupação de informar o público sobre acontecimentos importantes e de impacto na vida de pessoas, de países e de nações. Como foi possível perceber no tópico anterior (5.2), os jornalistas do periódico alternativo davam prioridade às notícias de relevância social, trabalhando todos os dias em defesa dos interesses locais, nacionais e internacionais. Em *Cidade*, por exemplo, as matérias importantes e relevantes aos cidadãos – em específico aos cariocas nessa editoria – tinham prioridades na folha. O mesmo se identificava nas editoriais de *Problemas Brasileiros* e *Internacional*, onde se discutia os assuntos pertinentes ao desenvolvimento da nação brasileira e de outros países mais pobres ao redor do globo, vítimas das políticas intervencionistas dos mais ricos. As reportagens retratando descasos governamentais, conquistas sociais e informações públicas evidenciam bem a importância atribuída ao critério relevância²¹⁶ quando os repórteres se reuniam para decidir os assuntos a serem noticiados.

²¹⁶ Alguns exemplos: *Hospital Sales Neto*. *O Sol*. 21/09/1967; *CAMDE nas Escolas*. *O Sol*. 21/09/1967; *COCEA no Méier*. *O Sol*. 21/09/1967; *Merenda livre*. *O Sol*. 21/09/1967; *Favela Nova Brasília vai acabar*. *O Sol*. 22/09/1967; *A discriminação racial nas escolas*. *O Sol*. 22/09/1967; *2 pesos, 2 medidas*. *O Sol*. 22/09/1967; *Pequenos e os átomos na ONU*. *O Sol*. 22/09/1967; *Racismo*. *O Sol*. 23/09/1967; *Assembleia geral dos bancários*. *O Sol*. 23/09/1967; *Reforma Agrária*. *O Sol*. 23/09/1967; *TV Educativa*. *O Sol*. 23/09/1967; *Urbanização do Catumbi*. *O Sol*. 24/09/1967; *Analfabetismo*. *O Sol*. 24/09/1967; *Leilão para a Casa das Palmeiras*. *O Sol*. 26/09/1967; *O BIRD e o 3º Mundo*. *O Sol*. 26/09/1967; *Projetos pedem aumento do salário-mínimo e lutam contra política de arrocho*. *O Sol*. 26/09/1967; *Médicos denunciam limitações*. *O Sol*. 06/10/1967; *As crianças de Clube do Otimismo não serão despejadas hoje*. *O Sol*. 06/10/1967; *Novo hospital*. *O Sol*. 06/10/1967; *A prostituição na Guanabara (III)*. *O Sol*. 06/10/1967; *Federação e Sindicatos dos Bancários querem fim do arrocho*. *O Sol*. 06/10/1967; *Aumento*. *O Sol*. 06/10/1967; *Estudantes exigem preço do ônibus pela metade do preço*. *O Sol*. 10/10/1967; *Progresso no Brasil*. *O Sol*. 06/10/1967; *Energia elétrica no Brasil*. *O Sol*. 06/10/1967; *Menores da Guanabara*. *O Sol*. 10/10/1967; *Ensino na Guanabara*. *O Sol*. 10/10/1967; *Eduardo Frei combate aumento salarial e diz que a situação econômica de Chile é má*. *O Sol*. 22/10/1967; *Fome*. *O Sol*. 22/10/1967; *Curandeiro na Guanabara*. *O Sol*. 22/10/1967; *Fome, um problema mundial*. *O Sol*. 27/10/1967; *Luta contra o arrocho*. *O Sol*. 27/10/1967; *Drogas no mundo moderno II*. *O Sol*. 27/10/1967; *BNDE aplica recursos para o futuro*. *O Sol*. 27/10/1967; *Estados Unidos e cinco países de MCE assinam acordo para controlar armas nucleares*. *O Sol*. 01/11/1967; *Novos trens*. *O Sol*. 01/11/1967; *Quem chega por último no Calabouço está arriscado de comer apenas feijão com laranja*. *O Sol*. 01/11/1967; *Operários farão novas reivindicações após o encontro intersindical*. *O Sol*. 01/11/1967; *Autores cinematográficos pedem extinção da censura prévia no cinema nacional*. *O Sol*. 01/11/1967; *Manual do procurador de emprego*. *O Sol*. 10/11/1967; *Incentivo ao turismo no Rio pode trazer investimentos para todo o Brasil*. *O Sol*. 10/11/1967; *Projeto de Jamil Haddad concede NCr\$ 40 milhões para ensino primário carioca*. *O Sol*. 10/11/1967; *Saúde*. *O Sol*. 12/11/1967; *A imagem do problema*. *O Sol*. 12/11/1967; *Prostituição na Guanabara*. *O Sol*. 12/11/1967; *Economista*

A proximidade era outro critério de noticiabilidade levado em consideração pela equipe d'*O Sol* na hora de selecionar as notícias diárias. O uso desse valor-notícia fica mais evidente quando se analisa o conteúdo de algumas editorias em específico, como *Polícia*, *Educação* e *Internacional*. A primeira, dedicada a publicações relacionadas a crimes e a assassinatos, reportava diariamente assuntos tanto nacionais quanto internacionais. Entretanto, quando comparada à presença de notícias internas e externas, percebe-se uma supervalorização dos acontecimentos ocorridos dentro da nação brasileira e, para ser mais específico, aqueles que tinham ligação direta com o Rio de Janeiro. Além disso, em torno dos assuntos locais, a página policial muitas vezes apresentava aos leitores o endereço completo de pessoas envolvidas nos casos noticiados (exemplos, figura 42). O fato d'*O Sol* ser um jornal carioca explica a ênfase dada aos assuntos do Rio de Janeiro, ou seja, os mais próximos da equipe do periódico. O mesmo se identifica na segunda editoria que retratava diariamente informações sobre a educação nos diferentes Estados do Brasil, porém priorizando as demandas da cidade onde o periódico era produzido. Dessa forma, os assuntos de outras regiões brasileiras ou de outros países chegavam a essas páginas, mas nunca representavam a maioria e ainda, algumas vezes, nem apareciam nessas duas editorias.

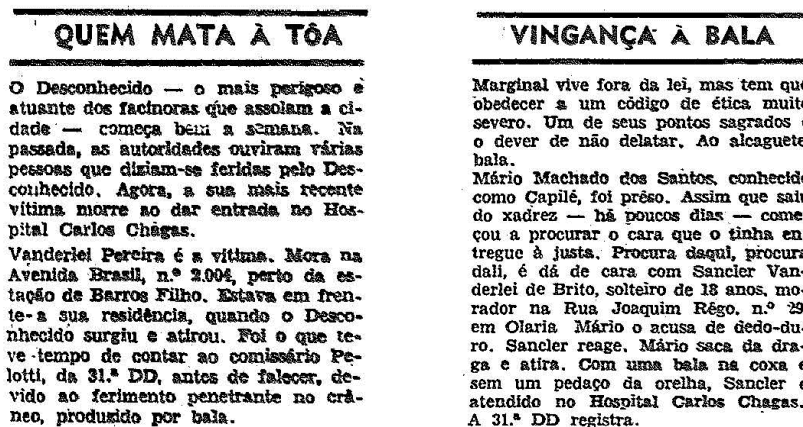


Figura 42: Notas publicadas n'*O Sol*, em 10 de outubro de 1967

Quando se analisa a editoria de *Internacional*, também se percebe a influência da proximidade no momento da escolha das notícias a serem publicadas. Nesse caso, por ser uma parte reservada a fatos do mundo inteiro, era comum encontrar assuntos relacionados aos diferentes continentes, principalmente América²¹⁷, África²¹⁸, Ásia²¹⁹ e Europa²²⁰. No entanto, a

peruano defende integração de seu país com a Colômbia visando o mercado. *O Sol*. 21/11/1967; Rio terá universidade do trabalho para ampliar ensino superior. *O Sol*. 21/11/1967.

²¹⁷ Alguns exemplos: *Ataque Americano*. *O Sol*. 22/09/1967; *Esquerda cresce*. *O Sol*. 24/09/1967; *Eleições nos EUA*. *O Sol*. 24/09/1967; *Ernesto Che Guevara*. *O Sol*. 10/10/1967; *Homem-Revolução*. *O Sol*. 10/10/1967; *América/América*. *O Sol*. 22/10/1967; *Visita de Diaz Ordaz aos Estados Unidos*. *O Sol*. 27/10/1967; *EUA e*

equipe d' *O Sol* geralmente priorizava os acontecimentos diretamente relacionados aos países do continente americano, com uma dedicação especial à América Latina. Assim, frequentemente encontrava-se, nessa parte do jornal, reportagens relatando as crises econômicas, políticas e sociais de nações latino-americanas²²¹, as discussões travadas pelos países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA)²²², bem como as constantes tentativas de aplicar sanções severas a Cuba²²³ e ainda o acirramento dos debates em torno do desenvolvimento de políticas armamentistas em toda a América²²⁴. Aqui vale ressaltar também que muitos assuntos reportados, apesar de serem de regiões mais distantes do Brasil,

América Latina. O Sol. 01/11/1967; *Os Estados Unidos possuem uma população de 200 milhões, tendo mais mulheres do que homens. O Sol.* 21/11/1967

²¹⁸ Alguns exemplos: *Nigéria dividida. O Sol.* 21/09/1967; *O conflito da Nigéria. O Sol.* 22/09/1967; *Nigéria. O Sol.* 26/09/1967; *Nigéria domina capital separatista e caminha para vitória final. O Sol.* 06/10/1967; *Zâmbia. O Sol.* 12/11/1967.

²¹⁹ Alguns exemplos: *Hong-Kong. O Sol.* 21/09/1967; *China. O Sol.* 24/09/1967; *Perigo chinês* 24/09/1967; *China sofre uma inspeção de seu líder máximo nos EUA intelectuais pedem Mao na ONU. O Sol.* 26/09/1967; *URSS faz provas nucleares e cuba caminha para o átomo. O Sol.* 22/10/1967; *Indonésia e China já romperam relações: diplomatas embarcam para seus países. O Sol.* 01/11/1967; *União Soviética comemora revolução com anistia para criminosos. O Sol.* 01/11/1967; *Russos aumentam os esforços para convocar conferência de PCs para condenar China. O Sol.* 10/11/1967.

²²⁰ Alguns exemplos: *Sínodo pede revisão teológica e governo italiano separação da Igreja. O Sol.* 06/10/1967; *Inglaterra: MCE e outros problemas. O Sol.* 22/10/1967; *Vaticano dá início a congresso e cristãos recebem marxistas. O Sol.* 10/10/1967; *Afirmção de Steinbeck IV causa impacto e franceses veem vietcongs. O Sol.* 27/10/1967; *Espanha. O Sol.* 27/10/1967; *Inglaterra. O Sol.* 27/10/1967; *Será aprovada no Senado a lei que cria 14 novos governos regionais na Itália. O Sol.* 01/11/1967; *Inglaterra, Nobres e Plebeus. O Sol.* 01/11/1967; *O poder da Espanha. O Sol.* 12/11/1967; *Vaticano. O Sol.* 12/11/1967; *Espanha. O Sol.* 12/11/1967.

²²¹ Alguns exemplos: *Greve no Uruguai. O Sol.* 21/09/1967; *No Uruguai termina uma greve, mas outra está para estourar. A situação é inquieta. O Sol.* 26/09/1967; *Presidente da Colômbia denuncia corrupção das classes ricas. O Sol.* 06/10/1967; *Eduardo Frei combate aumento salarial e diz que a situação econômica de Chile é má. O Sol.* 22/10/1967; *Uruguai sob ameaça de novas greves: estado de sítio é promessa de Gestido. O Sol.* 27/10/1967; *Cisão de Ação Democrática pode levar o partido à derrota nas eleições venezuelanas. O Sol.* 27/10/1967; *Venezuela: continua a crise da AD e as guerrilhas também. O Sol.* 01/11/1967; *Presidente do Banco Nacional do Uruguai está em Washington a procura de dinheiro. O Sol.* 10/11/1967; *Economista peruano defende integração de seu país com a Colômbia visando o mercado. O Sol.* 21/11/1967.

²²² Alguns exemplos: *Conferência da OEA. O Sol.* 22/09/1967; *Foto de Guevara na OEA. O Sol.* 23/09/1967; *OEA ainda indecisa sobre Cuba. O Sol.* 23/09/1967; *Conferência da OEA. O Sol.* 24/09/1967; *Conferência da OEA. O Sol.* 26/09/1967.

²²³ Alguns exemplos: *OEA ainda indecisa sobre Cuba. O Sol.* 23/09/1967; *Cuba diz que americano cria caso e Inglaterra solicita nova Genebra. O Sol.* 26/09/1967; *Defesa fala no julgamento de Debray e Bolívia ameaça invadir Cuba. O Sol.* 22/10/1967.

²²⁴ Alguns exemplos: *Pequenos e os átomos na ONU. O Sol.* 22/09/1967; *Armamento. O Sol.* 23/09/1967; *Corrida Armamentista na América Latina. O Sol.* 06/10/1967; *Militarismo e subversão na AL. O Sol.* 10/10/1967; *Encontrada grande arsenal de armas dos guerrilheiros venezuelanos, porto de Caracas. O Sol.* 22/10/1967; *Corrida armamentista na AL esbarra no Tratado de Proscrição. O Sol.* 27/10/1967; *Testemunha de acusação no Processo Debray disse que nunca o viu portar armas. O Sol.* 27/10/1967; *Estados Unidos e cinco países de MCE assinam acordo para controlar armas nucleares. O Sol.* 01/11/1967; *Grupo cívico americano opõe-se à construção de um sistema anti-míssil. O Sol.* 26/11/1967.

tinham algum tipo de relação com um país americano, um exemplo disso foi a Guerra do Vietnã, iniciada e conduzida pelos Estados Unidos.

Outro critério de noticiabilidade frequentemente usado pelos jornalistas d'*O Sol* era a morte. Diferente de muitos outros veículos, o jornal carioca não tinha um espaço reservado para o falecimento, isto é, o obituário. Desse modo, grande parte das notícias relacionadas à morte estava concentrada na editoria de *Polícia*, onde diariamente a equipe do periódico retratava ocorrências de crime, de assassinatos, de suicídio e, algumas vezes, de desastres naturais. Na página policial, além das colunas especiais, a publicação de notas se sobressaía em relação às reportagens mais longas, assim, dependendo do exemplar, é possível encontrar não apenas um fato relacionado à morte, mas vários – a maioria deles escritas de forma criativa e literária. Como se pode ver em alguns exemplos abaixo, os casos de suicídios e de assassinatos apareciam com mais frequência em relação ao critério da morte (Figuras 43, 44 e 45).

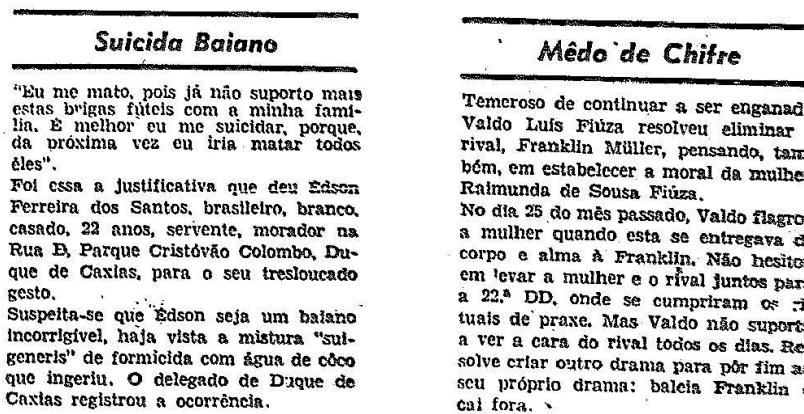


Figura 43: Notas publicadas n'*O Sol*, em 24 de setembro de 1967

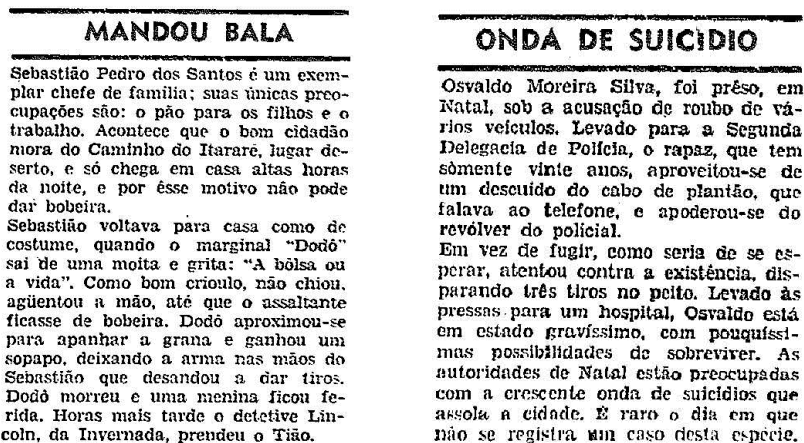


Figura 44: Notas publicadas n'*O Sol*, em 06 de outubro de 1967

Alemão morto bóia nas águas

O corpo retirado da baía vira mistério. Alguns acusam o ex-empregado do comerciante morto mas há suspeitas de que remanescentes do nazismo tenham assassinado mais um inimigo. O alemão que foi misterioso em vida, cria um

Enigma para a Polícia

Apareceu boiando com quatro marretas presas à cintura e em adiantado estado de decomposição, o corpo do negociante alemão, naturalizado brasileiro, Wilhelm Karl Ludwig Ingen, de 65 anos de idade. Seu cadáver deu à tona na Baía da Guanabara, na altura das Ilhas das Cobras e foi localizado pelos passageiros de uma lancha que faz o transcurso Rio—Niterói. Os documentos encontrados no seu bolso levaram as autoridades policiais à sua residência, Comprido. Chegando lá, os policiais conversaram com a empregada Hortência da Silva, que declarou ter o seu patrão desaparecido há dias, após uma discussão com o empregado Osvaldo Silva.

O **ESTRANHO ALEMÃO** era representante no Brasil de Camilo, Albert, La Loue, perfumistas de Paris e explorava a firma Produtos Pan-Odor Ltda., especializada na importação de essências de perfumes estrangeiros. Vivia só, num enorme

casarão de onde raramente saía, e o empregado Osvaldo era a sua única pessoa de confiança. Na terça-feira, Osvaldo, notando que Wilhelm não dormira em casa, o que contrariava seus hábitos, comunicou o fato à polícia e partiu para uma ronda pelos hospitais e necrotérios, já prevendo que tivesse acontecido alguma coisa.

Há suspeitas de que os responsáveis pelo assassinato sejam membros de alguma organização nazista, justificando pelo mundo as pessoas que ainda devem contas ao 3.º Reich.

O mais racional, porém, é a possibilidade de que o alemão tivesse ligações, através do seu trabalho, com contrabandistas e fornecedores clandestinos de drogas. Acreditando-se que tenha havido algum mal-entendido com eles, ocorrendo, daí, a sua morte. O local onde seu corpo foi encontrado (perto da Praça Mauá) reforça a segunda hipótese.

Jonas troca baleia por carro e é assassinado com a Bíblia nos braços

O corpo de Jonas Ribeiro, solteiro, 25 anos, Rua Santa Catarina, em Santa Cruz da Serra, foi encontrado de maneira singular. Um tiro no rosto, dois no tórax, e uma expressão de calma, abraçado a uma Bíblia. O rapaz, ao que se conseguiu apurar, deveria ser ordenado pastor, dentro dos próximos dias, na Igreja Presbiteriana do local. Ontem, trabalhara algumas horas mais tarde, sendo que ao regressar à sua residência, aconteceu um defeito em seu automóvel. Como não tinha ferramentas adequadas, resolveu ir até em casa, em local bem distante. Voltou com as ferramentas e também com o seu livro de doutrina. O carro estava estacionado, num dos locais mais ermos de Caxiás, na Rua Glória Maria, nos Campos Elísios. O que houve na conversa entre Jonas e seus assassinos, ninguém sabe. Talvez ele tenha tentado converter os assassinos. O certo é que não houve reação de sua parte, pois seu gênio e sua religião, não permitiam isso.

Após ter sido atingido, foi saqueado, mas a sua Bíblia não foi tocada.

Figura 45: Notas publicadas n' *O Sol*, em 10 de novembro de 1967

Apesar de ser usado com mais frequência na editoria de *Polícia*, o critério de noticiabilidade morte esporadicamente também aparecia em outras editorias d' *O Sol*. Entretanto, diferente dos da primeira, onde se relatava diferentes casos com relação à morte sem fazer distinção, as demais tinham algumas especificidades ao priorizar esse valor-notícia. Nas páginas de *Cidade e Problemas Brasileiros*, por exemplo, encontrava-se notícias sobre casos de morte, porém, nessas páginas, havia destaque quando ocorria o falecimento de uma personalidade conhecida. Para perceber isso, vale a pena destacar alguns exemplos. De setembro de 1967, pode-se citar a matéria *Enterro de Alencastro Guimarães*²²⁵. Nela, o repórter destacou a morte de Napoleão Alencastro Guimarães, figura política conhecida no Rio de Janeiro por ter atuado como Ministro do Trabalho no Governo Café Filho, por ter assumido o cargo de diretor da Central do Brasil e, ainda, por ter sido militar, como se vê no trecho a seguir:

²²⁵ *Enterro de Alencastro Guimarães. O Sol. 23/09/1967.*

“Sou militar por índole e formação”, dizia ele. Mesmo assim, abandonou os quartéis pela vida pública. Seu trajeto é longo: foi adepto do “tenentismo” e em 1930 aliou-se ao programa da Revolução liderada por Getúlio Vargas. Em 1947 chega à Câmara Municipal e em 1950 já estava no Senado. Na hora do enterro, à beira do túmulo, foi lembrado mais como militar do que como político. Talvez tenha morrido como gostaria de viver: “MILITAR POR ÍNDOLE”²²⁶

Em outubro de 1967, a morte de outra personalidade da época foi relatada n’*O Sol*. Dessa vez, os jornalistas do periódico retrataram o falecimento do Capitão de Infantaria C.C. Williams, membro da equipe de astronautas dos EUA. Williams, um dos profissionais da NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) em processo de treinamento para o programa Apolo, de voos à lua, morreu em um acidente aéreo. “Morre mais um astronauta americano. Não dando volta à Terra ou dirigindo-se à Lua, mas na queda de um avião a jato T38 que se dirigia da Flórida para a base da Força Armada de Bockley, no Alabama.”²²⁷, dizia a notícia. Nesse caso em específico, o repórter não apenas destacou a morte de Williams, mas também aproveitou para recordar a de outros astronautas, muitos deles mortos em expedições tripuladas, empreendidas pelos Estados Unidos na disputa tecnológica travada com a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), durante a Guerra Fria.

Outra reportagem destacando a morte de uma personalidade conhecida chegou à página de *Cidade d’O Sol* em 21 de novembro de 1967. Nela, a equipe informava o leitor sobre o falecimento do escritor Guimarães Rosa. De acordo com a reportagem, o autor morreu aos 59 anos, vítima de uma crise de asma. Um profissional da saúde foi chamado, mas não chegou a tempo de salvar a vida de Rosa que, além de escritor, também era médico e diplomata. A matéria, desenvolvida no velório, reportou a comoção de familiar e de popular diante da morte inesperada do autor.

Além dos destacados, outros casos em que a morte de personalidades foram retratadas n’*O Sol* durante o período em que o periódico circulou encartado no *Jornal dos Sports*, como o possível assassinato de Che Guevara²²⁸ que rendeu até chamada de capa (figura 46) e de um jovem diplomata brasileiro Celso Ortega Terra²²⁹, morto tentando salvar uma senhora em uma inundação ocorrida em Porto Príncipe, Haiti. Aqui, vale ressaltar também que nas páginas dedicadas aos assuntos internacionais, vez ou outra, apareciam notícias relatando casos de mortes, resultados de conflitos mundiais, como a Guerra do

²²⁶ Trecho da reportagem *Enterro de Alencastro Guimarães*. *O Sol*. 23/09/1967.

²²⁷ Trecho da reportagem *Astronauta americano morre em desastre de avião na Flórida*. *O Sol*. 06/10/1967.

²²⁸ Ernesto Che Guevara. *O Sol*. 10/10/1967; *Homem-Revolução*. *O Sol*. 10/10/1967.

²²⁹ *Perda lastimável*. *O Sol*. 27/10/1967.

Vietnã²³⁰. Tudo isso mostra que a equipe da folha levava em consideração o valor-notícia na hora de escolher os assuntos a serem reportados, sobretudo na página de *Polícia*.



Figura 46: Chamada de capa n' *O Sol* do dia 10 de outubro de 1967

Outro critério de noticiabilidade identificado por meio da análise do conteúdo d' *O Sol* foi a notabilidade. Segundo Traquina (2005b), esse valor-notícia tem relação direta com a visibilidade do fato reportado, com o número de pessoas envolvidas no acontecimento ou ainda com os casos insólitos, isto é, incomuns. N' *O Sol*, apesar de a equipe do jornal levar em consideração as diferentes possibilidades apresentadas pelo critério, a última apresentada pelo pesquisador era a mais frequentemente utilizada.

Quando se analisa as diferentes editoriais d' *O Sol*, percebe-se que, assim como a morte, a notabilidade servia mais comumente como suporte de seleção para a equipe do jornal na página de *Polícia*. Muitos fatos insólitos estamparam as folhas policiais d' *O Sol*. Um primeiro exemplo que ilustra essa tendência chegou à editoria em 22 de setembro de 1967.

²³⁰ *Vietnã. O Sol*. 21/09/1967; *Vietnã. O Sol*. 24/09/1967.

Intitulado *Três crianças mortas*²³¹, a reportagem retratava um caso inusitado ocorrido em um edifício em Manhattan (Nova Iorque). De acordo com a matéria, o síndico do prédio fazia uma faxina no sótão do estabelecimento, quando encontrou um baú antigo escondido entre as bagunças. O objeto pertencia a uma antiga inquilina já falecida. Na ausência da dona, o síndico convidou o viúvo, Jacob Solomon, para abrir o objeto misterioso, onde foram surpreendidos ao se depararem com cadáveres mumificados de três crianças. Como mostra o trecho do texto, o marido de Anne Solomon não tinha conhecimento sobre o fato:

Ele [Jacob Solomon] diz que a esposa tinha casado em primeiras núpcias em 1933, e não sabia da existência de algum filho desse casamento. Os cadáveres das crianças, que estavam envoltos em jornais de edições correspondentes a 20 de janeiro de 1920, a 4 de março de 1922 e a 17 de outubro de 1923 – deverão ser submetidos a autópsia ainda esta noite para determinar a “causa mortis”. A polícia acredita que um deles tem mais de 47 anos de morto.

Outro caso insólito relatado na editoria de *Polícia* foi publicado n’*O Sol* em 06 de outubro de 1967. Com o título *Éramos três*²³², a notícia relatava o drama de uma moradora de Niterói que procurou uma delegacia na cidade para solicitar proteção judicial, por estar sendo ameaçada pelo marido e pelo amante. O fato se representou tão inusitado que o repórter decidiu dar um tratamento especial à matéria: de início, devido à estrutura, parece uma história fictícia, porém, no fim, descobre-se que é uma situação verídica.

– Sr. Delegado, venho aqui para pedir garantia de vida.
 – Mas por que, minha senhora?
 – É porque o meu marido e o meu amante estão me ameaçando de morte com uma arma e uma faca.
 – Mas a senhora consegue viver com os dois ao mesmo tempo?
 – É lógico! Mas só até o momento em que descobri que os dois também viviam juntos. Agora estão me ameaçando de morte se eu for contar a alguém. Enquanto eles eram só meus tudo ia bem, mas agora não é possível que eu continue a viver em uma casa em que dois homens são amantes. Eles não podem ser tão úteis como antes. O senhor não acha? Sendo assim, não quero mais viver naquela casa, e o senhor tem que me dar garantia de vida, para que nada aconteça a mim.
 – Mas como a senhora veio a descobrir que os dois eram amantes?
 – Ora doutor! Eles já não eram os mesmos e andavam muito meigos entre si, o senhor me entende. Fui ficando desconfiada. Hoje pela manhã, disse-lhes que iria sair e só voltaria à tarde, mas voltei meia hora depois e os encontrei, não é doutor. Isso se deu com Dona Antônia Batista dos Santos, residente em Niterói, Estado do Rio. Para Antônia, um homem só não basta precisa de dois. Daí acharem eles que ela também não é suficiente vai mais longe. Na sua opinião homem é homem. O delegado niteroiense está diante de um caso que vai deixá-lo com muita dor de cabeça. O Brasil ainda não é a Inglaterra.²³³

²³¹ *Três crianças mortas. O Sol. 22/09/1967.*

²³² *Éramos três. O Sol. 06/10/1967.*

²³³ *Éramos três. O Sol. 06/10/1967.*

No mês de novembro, pode-se trazer como exemplo a matéria *Mãe queixa-se ao delegado pela sedução de sua filha de trinta e dois anos*²³⁴. Nela, o repórter noticiou o caso de uma mãe que procura uma autoridade do Rio de Janeiro para tentar descobrir o responsável por tirar a virgindade de sua filha. De acordo com a matéria, a jovem de 32 anos tinha, há muito tempo, renunciado à castidade. A história veio à tona, pois o atual namorado estava interessado em ter relação sexual com a moça. Diante disso, ela resolveu contar para o parceiro que não era mais virgem. O rapaz ficou revoltado e acabou repassando a informação para a sogra. A recusa da filha de entregar o responsável pelo “crime” fez com que a mãe tivesse a ideia de procurar um delegado para obter a confissão. Um dos pontos que tornou essa história inusitada foi o fato da mãe procurar uma delegacia a fim de resolver um assunto tão íntimo, tanto que a jovem afirma: “Mas afinal de contas, isso não é motivo pra minha mãe me trazer aqui, mesmo porque eu já tenho 32 anos. Acho que posso, não posso?”²³⁵

Casos como os exemplificados anteriormente eram encontrados com frequência na página de *Polícia*²³⁶, o que evidencia o uso do critério notabilidade na hora de escolher as notícias d’*O Sol*. Entretanto, apesar de aparecer mais comumente na editoria reservada a assuntos policiais, o valor-notícia não ficava restrito apenas nessa parte do jornal, ou seja, vez ou outra era usado também nas demais seções do periódico. Ainda no conceito inusitado,

²³⁴ *Mãe queixa-se ao delegado pela sedução de sua filha de trinta e dois anos. O Sol. 10/11/1967.*

²³⁵ Trecho da reportagem *Mãe queixa-se ao delegado pela sedução de sua filha de trinta e dois anos. O Sol. 10/11/1967.*

²³⁶ Outros exemplos: *Coisas da China. O Sol. 22/09/1967; Cabo de alta tensão explode. O Sol. 22/09/1967; Facadas em série. O Sol. 22/09/1967; Pistoleiro. O Sol. 22/09/1967; Nazista a menos. O Sol. 23/09/1967; Cleptomaníaco. O Sol. 23/09/1967; Ciúmes do cão; Inimigo da vida fácil. O Sol. 23/09/1967; Comeu o cigarro. O Sol. 23/09/1967; Pavoroso sinistro. O Sol. 23/09/1967; Cena Mineira. O Sol. 24/09/1967; Amor e mistério numa rua de Copacabana fazem estudante sofrer uma vendeta siciliana. O Sol. 26/09/1967; Tentativa de suicídio de uma pequena de 13 anos por causa de muito amor. O Sol. 26/09/1967; Atropela e socorre. O Sol. 26/09/1967; Lado errado. O Sol. 26/09/1967; Mau caráter. O Sol. 26/09/1967; Bandidos mascarados assaltam mansão de 19 banheiros e levam dólares de Du Pont. O Sol. 06/10/1967; Ancião Roubado. O Sol. 06/10/1967; Falso Padre Lesa milhares. O Sol. 06/10/1967; Otelo de Caxias. O Sol. 10/10/1967; A culpa é da dialética. O Sol. 22/10/1967; Chove paca. O Sol. 22/10/1967; Afogou os Pombos. O Sol. 22/10/1967; Detetive é ferido por marginal acatou ordem de prisão e reagiu à bala. O Sol. 22/10/1967; Milionário deixa sua fortuna a quem provar que existe a alma humana. O Sol. 22/10/1967; Flórida: inseticidas contidos em alimentos matam seis crianças que almoçavam. O Sol. 27/10/1967; Médico bêbado. O Sol. 27/10/1967; Esquecimento. O Sol. 27/10/1967; Escapou. O Sol. 27/10/1967; Roubar brinquedo dá dois anos de prisão. E tentar violentar menor dá seis meses. O Sol. 01/11/1967; Fugiu do xadrez e assaltou diversos caminhões de gás até ser preso de novo. O Sol. 01/11/1967; Ônibus em excessiva velocidade arranca um poste do lugar e derruba outro. O Sol. 01/11/1967; Restaurante de frango assado era disfarce para hotel de lenocínio funcionar. O Sol. 10/11/1967; Um milhão no fogo. O Sol. 10/11/1967; Pegou a sobra. O Sol. 10/11/1967; Avião é sequestrado em pleno voo e obrigado a rumar para Cuba. O Sol. 21/11/1967; Problema difícil. O Sol. 21/11/1967; Mão boba. O Sol. 21/11/1967; Estupidez. O Sol. 21/11/1967; Cana violenta. O Sol. 21/11/1967; Mulher de carrasco nazista desmente reconhecimento das fotos do marido. O Sol. 21/11/1967; Massacre. O Sol. 21/11/1967; Selvagens atacam: mais de cem esquartejamentos e trinta mil refugiados. O Sol. 21/11/1967.*

pode-se trazer como exemplo uma matéria publicada em *Cidade*, no dia 26 de setembro de 1967. Intitulada *Disco voador*²³⁷, a notícia trouxe toda uma discussão sobre a possibilidade da existência de seres extraterrestres interessados em visitar a Terra. O fato adquiriu relevância na mídia, pois um jovem de Minas Gerais jurava ter visto um objeto não identificado no céu, o qual ele dizia ser um disco voador. O caso tinha um aspecto tão excêntrico que, além do texto, rendeu também uma ilustração humorística desenvolvida por Daniel Azulay (Figura 47). Ainda sobre o valor-notícia da notabilidade, vale lembrar que ele também era usado pela equipe em outras modalidades, como a questão da visibilidade, levando em consideração o número de pessoas envolvidas no fato²³⁸.

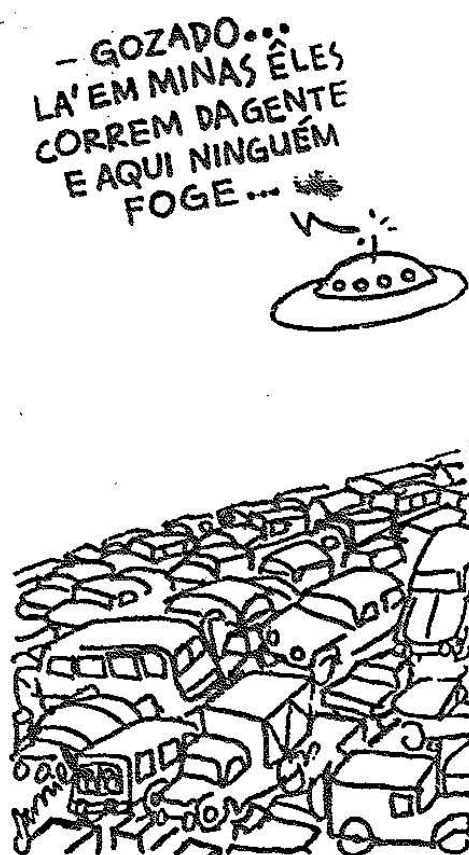


Figura 47: Ilustração publicada com a reportagem *Disco voador*, publicada n' *O Sol*, em 26 de setembro de 1967

²³⁷ *Disco voador*. *O Sol*. 26/09/1967.

²³⁸ Alguns exemplos: *Vento e Areia*. *O Sol*. 21/09/1967; *FMI Barra*. *O Sol*. 21/09/1967; *Só a pé*. *O Sol*. 22/09/1967; *Epidemia*. *O Sol*. 22/09/1967; *Cerca de mil candidatos já estão inscritos para o exame de admissão ao normal*. *O Sol*. 10/10/1967; *Terra é nossa*. *O Sol*. 05/10/1967; *Perda lastimável*. *O Sol*. 27/10/1967; *Cinquenta mil comem em banquete monstro, prometendo votos ao Prefeito de Goiânia*. *O Sol*. 01/11/1967; *Estudante de Medicina acampa no Largo da Carioca em campanha pró-hospital*. *O Sol*. 10/11/1967; *Cem mil alunos estão ameaçados e Ministério não paga bolsas mas traz apelo urgente*. *O Sol*. 21/11/1967; *Selvagens atacam: mais de cem esartejamentos e trinta mil refugiados*. *O Sol*. 21/11/1967.

Além dos assuntos inusitados, a equipe d’*O Sol* retratava também fatos relacionados a desastres naturais e outros tipos de casos improváveis, como incêndios²³⁹ e ações criminosas²⁴⁰, isso chama a atenção para mais um critério de noticiabilidade usado pela equipe d’*O Sol* na hora de definir as notícias do periódico, o inesperado. Apesar dos assuntos não programados serem publicados nas diferentes editorias do jornal carioca, eles apareciam com mais frequência em algumas partes em específico, isto é, nas páginas de *Cidade*, de *Polícia* e de *Problemas Brasileiros*. As notícias relatando desastres naturais, como furacões e inundações, resultadas de chuvas excessivas²⁴¹, eram as mais escolhidas pelos jornalistas d’*O Sol*.

Outro critério de noticiabilidade possivelmente usado pela equipe d’*O Sol* na hora de definir as notícias era a notoriedade. Chega-se a essa conclusão, pois se encontra no periódico um número considerável de reportagens diretamente ligadas a pessoas pertencentes à elite. Quando se analisa a folha alternativa, pode-se perceber que o valor-notícia vinha representado em dois tipos diferentes de matérias: de um lado, aquelas relacionadas com personalidades políticas e, de outro, pessoas importantes da época ligadas de alguma forma à cultura (cinema, teatro ou literatura).

Em relação ao cenário político, comumente se localizava no jornal carioca menção direta de pessoas como Juscelino Kubitschek²⁴², João Goulart²⁴³, Carlos Lacerda²⁴⁴ e Jânio Quadro – esses nomes geralmente apareciam n’*O Sol* em publicações sobre a organização da Frente Ampla no território brasileiro. Além dessas, encontrava-se também matérias destacando políticos em exercício de mandato, nesse caso os textos buscavam trazer à tona assuntos sobre a atuação de deputados dentro da vida pública, seja na apresentação e na discussão de projetos ou, ainda, na aprovação de leis. Como exemplos, é possível destacar as reportagens: *Negrão vai sancionar lei que divide a cidade em quatro zonas de abastecimentos*²⁴⁵ e *Conselho dá do contra a excedentes mas eles recebem uma promessa de*

²³⁹ Alguns exemplos: *Incêndio. O Sol. 22/10/1967; Um milhão no fogo. O Sol. 10/11/1967.*

²⁴⁰ *Gatilho ciclista. O Sol. 21/09/1967; Colisão. O Sol. 10/10/1967; Fugiu do xadrez e assaltou diversos caminhões de gás até ser preso de novo. O Sol. 01/11/1967.*

²⁴¹ Alguns exemplos: *Vento e areia. O Sol. 21/09/1967; E o vento matou. O Sol. 22/09/1967; Cabo de alta tensão explode. O Sol. 22/09/1967; Enchente. O Sol. 22/09/1967; Furacão Arrasa. O Sol. 23/09/1967; Inundação no Sul. O Sol. 23/09/1967; Pavoroso Sinistro. O Sol. 23/09/1967; Inundação. O Sol. 24/09/1967; Chove paca (22/10).*

²⁴² *JK só em agosto. O Sol. 23/09/1967; JK tranquilo e CL candidato: muitas frentes tem a polícia nacional. O Sol. 27/10/1967; Jânio desiste da Frente e se oferece ao Governo Costa e Silva para combatê-lo. O Sol. 26/09/1967.*

²⁴³ *Pacto de Lacerda e Jango no Uruguai. O Sol. 26/09/1967.*

²⁴⁴ *Carlos Lacerda fala para os americanos: “no Brasil temos uma oligarquia improdutiva”. O Sol. (01/11)*

²⁴⁵ *Negrão vai sancionar lei que divide a cidade em quatro zonas de abastecimento. O Sol. 06/10/1967.*

*Epílogo*²⁴⁶. A primeira relatando a possível aprovação da lei que previa a regulação da Feira-Livre no Rio de Janeiro; a segunda destacando o comprometimento do deputado Epílogo na tentativa de resolver o problema dos excedentes do curso de medicina, assunto destacado no tópico anterior (5.2).

Ainda em relação às personalidades políticas, em alguns momentos, as notícias ultrapassavam a barreira da vida pública e adentravam a vida privada dos deputados. Como é possível ver na terceira edição do jornal, em que duas matérias nesse caminho foram publicadas. Uma primeira, intitulada *Aniversário*²⁴⁷, na qual o repórter relatou a comemoração do 42º aniversário de casamento do presidente Costa e Silva com a primeira dama Iolanda Costa e Silva. Nela, foi apresentado ao leitor o dia a dia do casal, bem como a comemoração no Palácio das Laranjeiras. Já uma segunda, com o título *Presente*²⁴⁸, comentava-se o recebimento de dois presentes valiosos (isqueiro luxuoso e medalha de ouro), endereçados a Negrão (governador do Rio) e sua esposa, vindos dos Estados Unidos por meio do governador da Virgínia. Nesses exemplos, identifica-se outro valor-notícia apontado por Traquina (2005b), a personificação, pois além de falar de pessoas conhecidas destacou elementos pessoais das vidas dos políticos.

Em torno das matérias escolhidas de acordo com o critério notoriedade, é possível destacar as notícias priorizando assuntos relacionados a figuras conhecidas, seja nacional ou internacionalmente. Entre setembro e novembro de 1967, foram publicadas reportagens sobre a morte de pessoas conhecidas da época – como Guimarães Rosa e Che Guevara –, a saúde debilitada do escritor Manuel Bandeira²⁴⁹ e do Papa VI²⁵⁰, a tentativa de suicídio da atriz de cinema Jennifer Jones²⁵¹, a ameaça da princesa italiana de se casar com um plebeu que não foi bem recebida pelo rei²⁵², a participação dos músicos Tom e Vinícius em apresentação sinfônica no Rio de Janeiro²⁵³, entre outros. Aqui vale lembrar que o valor-notícia notoriedade não tinha mais frequência em uma ou outra parte do periódico, pelo contrário, aparecia em todas as editorias, em certo equilíbrio.

Outro critério de noticiabilidade usado pela equipe d'*O Sol* e encontrado nas diferentes editorias do jornal era a infração. Fundamentado nesse valor-notícia, os jornalistas

²⁴⁶ *Conselho dá do contra a excedentes mas eles recebem mais uma promessa de Epílogo. O Sol. 10/11/1967.*

²⁴⁷ *Aniversário. O Sol. 23/09/1967.*

²⁴⁸ *Presente. O Sol. 23/09/1967.*

²⁴⁹ *Bandeira está incomunicável. O Sol. 21/09/1967; Manuel Bandeira. O Sol. 24/09/1967.*

²⁵⁰ *Paulo VI. O Sol. 21/09/1967; Paulo VI. O Sol. 22/09/1967; Papa trabalha. O Sol.*

²⁵¹ *Jennifer Jones apesar de encontrada quase morte começa a melhorar bastante. O Sol. 12/11/1967.*

²⁵² *Princesa ameaça casar-se com plebeu e o rei dá entrada de processo na Justiça. O Sol. 12/11/1967.*

²⁵³ *Depois de Chico Buarque, agora é a vez de Tom e Vinícius com a Sinfônica. O Sol. 21/11/1967.*

do periódico buscavam retratar casos de repressão policial e política por meio de violência²⁵⁴ e de censuras²⁵⁵, corrupção de autoridades governamentais²⁵⁶ – sobretudo devido ao desvio de dinheiro público –, descasos com relação aos assuntos de interesse social²⁵⁷, a instituição de golpes²⁵⁸, entre outros fatos relacionados diretamente a informar a sociedade da época sobre as irregularidades prejudiciais ao desenvolvimento social, ocorridas tanto nacional quanto internacionalmente, durante a década de 1960.

Em relação à infração, poder-se-ia trazer como exemplos várias matérias envolvendo casos de censura, de repressão, de corrupção ou de descasos das autoridades governamentais aos interesses sociais, mas como, ao longo da dissertação, já foram destacadas algumas notícias relacionadas a esses assuntos, para falar desse valor-notícia, opta-se por apresentar um fato ocorrido no Rio de Janeiro que ficou conhecido como *Crime no Meriti*.

Como o próprio nome da operação sugeria, o crime, relatado pela equipe d’*O Sol*, havia ocorrido em São João do Meriti, cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a matéria, uma criança tinha sido assassinada com um tiro na cabeça depois de um disparo efetuado por um policial da região. A primeira reportagem sobre o assunto chegou às páginas do jornal carioca em 27 de outubro de 1967. Intitulada *Meriti: Polícia faz confusão*²⁵⁹, o jornalista apresentou os desdobramentos das primeiras investigações, em que observou e destacou várias irregularidades: relatos de corrupção dentro da corporação, o abandono da cena do crime pelos policiais sem prestar socorro à vítima, a troca de acusações feitas entre os réus com o intuito de atrapalhar as investigações, entre outros.

Cinco dias depois, em 01 de novembro de 1967, mais uma matéria sobre a investigação voltou a estampar as páginas d’*O Sol*. Com o título *Crime de Meriti na*

²⁵⁴ Alguns Exemplos: *Polícia no Ceará. O Sol. 24/09/1967; Procura-se o rapaz. O Sol. 24/09/1967; Quem mata quem na Baixada X. O Sol. 22/10/1967; Para o Juiz de Menores ler II. O Sol. 10/11/1967.*

²⁵⁵ Alguns exemplos: *Prisão e censura. O Sol. 23/09/1967; “Comando de Caça aos Comunistas” é organização de estudantes que ajudam a polícia. O Sol. 01/11/1967; Palavras proibidas na enciclopédia vão ser julgadas por comissão e padre ameaça. O Sol. 01/11/1967.*

²⁵⁶ Alguns exemplos: *Deputado acusado. O Sol. 23/09/1967; Corrupção no transito. O Sol. 24/09/1967; Novas cassações Desvio de verba. O Sol. 26/09/1967; Cheque falso dá xadrez certo e cheque sem fundo é pago com moeda de sangue. O Sol. 05/10/1967; Presidente da Colômbia denuncia corrupção das classes ricas. O Sol. 06/10/1967; CPI na Indústria. O Sol. 05/10/1967; O infrator. O Sol. 10/11/1967; O Listão. O Sol. 12/11/1967.*

²⁵⁷ Alguns exemplos: *Férias de 30 dias. O Sol. 24/09/1967; Velho catedrático critica professores que ameaçam greve por falta de pagamento. O Sol. 10/10/1967; Governo vai intervir nos sindicatos paulistas por causa da greve dos metalúrgicos. O Sol. 22/10/1967; A polícia despeja o anexo do Museu da Imagem e de Som: perigo um patrimônio da cidade. O Sol. 27/10/1967.*

²⁵⁸ Golpe. *O Sol. 10/11/1967.*

²⁵⁹ *Meriti: Polícia faz confusão. O Sol. 27/10/1967.*

*Assembleia*²⁶⁰, a reportagem apresentou novamente relatos destacando a polícia fluminense corrupta – acusação que desagradou policiais pertencentes à corporação –, a tentativa dos réus de criar confusão no inquérito, bem como o depoimento da irmã da vítima confirmando a participação dos policiais na ação criminosa. Diante do desdobramento do caso, as autoridades prometiam punir todos os envolvidos no assassinato, tanto os responsáveis pela morte quanto aqueles que tentaram de alguma forma favorecer a ocultação do crime.

Em 12 de novembro de 1967, uma nova notícia foi publicada n’*O Sol*. Intitulada *Ressurge o Caso de Meriti*²⁶¹, a matéria apresentava mais irregularidades envolvendo o caso: a comprovação de falso testemunho por parte dos policiais acusados e a tentativa de adulterar o laudo pericial da morte para favorecer os acusados que levou a solicitação da exumação do corpo da criança. A última matéria encontrada nos periódicos analisados chegou às páginas do jornal em 12 de novembro de 1967. Com o título *Crime de Meriti*²⁶², a reportagem relatou a mais gritante das infrações relacionadas ao caso, a impunidade: “Acusados a princípio por uma formidável onda de ameaças, os criminosos de S. João de Meriti andam agora a solta. As testemunhas que se cuidem, porque se forem também assassinadas não haverá justiça. Com os policiais NÃO ACONTECE NADA”²⁶³, dizia a notícia. Como pode se ver no trecho, além de denunciar o caso de irregularidade, a equipe d’*O Sol* chamou a atenção e denunciou a corrupção do sistema público de segurança do Rio de Janeiro.

Por fim, outro critério de noticiabilidade usado pela equipe do jornal alternativo era conflito ou controvérsia. Apesar desse valor-notícia ser utilizado pelos jornalistas para escolher as matérias da maioria das editorias, as reportagens publicadas com base nesse critério eram encontradas mais comumente nas páginas de *Educação* e de *Internacional*. Na primeira, dedicada aos assuntos educacionais, apareciam com frequência os embates travados entre população e governo. A luta dos cidadãos brasileiros tinha como finalidade buscar melhorias no sistema educacional do país. Dessa forma, a equipe publicou entre setembro e novembro de 1967 vários conteúdos destacando greves²⁶⁴, manifestações de professores e

²⁶⁰ *Crime de Meriti na Assembleia. O Sol. 01/11/1967.*

²⁶¹ *Ressurge o Caso de Meriti. O Sol. 12/11/1967.*

²⁶² *Crime de Meriti. O Sol. 21/11/1967.*

²⁶³ Trecho da reportagem *Crime de Meriti. O Sol. 21/11/1967.*

²⁶⁴ Alguns exemplos: *Greve no Ceará. O Sol. 21/09/1967; Conflito empurra estudantes, chama polícia: greve geral para vir. O Sol. 06/10/1967; Alunos da FNF i continuam movimento grevista enquanto diretores não se definem. O Sol. 10/11/1967.*

estudantes²⁶⁵, denúncias de casos de irregularidades públicas²⁶⁶, bem como repressões policiais de movimentos pacíficos de mobilização²⁶⁷.

Se em *Educação* os conflitos nacionais apresentavam destaque nas produções, a página *Internacional* era reservada para se abordar embates ocorridos mundialmente na década de 1960. Dentre os jornais analisados, os repórteres d’*O Sol* relataram conflitos dos continentes americano, africano e asiático. Na América, os assuntos relacionados às discordâncias entre as nações, às greves diante de crises econômicas²⁶⁸, bem como às discussões em torno de sanções ao governo cubano²⁶⁹ e da proliferação de armas na América Latina²⁷⁰ tiveram destaque nas páginas do periódico. No caso da África, ganhou maior relevância a guerra civil travada na Nigéria devido à eclosão de movimentos separatistas²⁷¹. Já na Ásia, a Guerra do Vietnã²⁷² foi o conflito que apareceu com mais frequências nas páginas d’*O Sol*.

Aqui, vale ressaltar que, além dos critérios identificados n’*O Sol*, Traquina (2005b) aponta outros. Por meio da análise, foi possível perceber que alguns não tinham importância para a equipe do periódico, como o caso da concorrência – a preocupação não se restringia em obter furos, mas em manter a sociedade informada sobre assuntos não divulgados na grande imprensa – e da visibilidade – não se dava mais importância a fatos mais visíveis em detrimento dos mais reflexivos, ambos eram priorizados. Já outros não seriam viáveis de uma categorização só por meio da análise dos exemplares do jornal, como disponibilidade, dia noticioso, consonância, ampliação, critérios que exigiriam o conhecimento do dia-a-dia da

²⁶⁵ Alguns exemplos: *Protesto contra o FMI. O Sol. 21/09/1967; A concentração. O Sol. 10/10/1967; Estudantes de Medicina acampam no Largo da Carioca em campanha pró-hospital. O Sol. 10/11/1967.*

²⁶⁶ Alguns exemplos: *A denúncia. O Sol. 10/10/1967; “Vestibular-confusão”: vestibulandos sugerem que seja feitas revogação da edital. O Sol. 10/11/1967.*

²⁶⁷ Alguns exemplos: *Protesto contra o FMI. O Sol. 22/09/1967; Repressão Policial. O Sol. 27/10/1967.*

²⁶⁸ Alguns exemplos: *Greve no Uruguai. O Sol. 21/09/1967; No Uruguai termina uma greve, mas outra está para estourar. A situação falcões. O Sol. 26/09/1967; Cuba diz que americano cria caso. O Sol. 26/09/1967; Tratado sobre novo canal do Panamá provoca críticas da oposição. O Sol. 06/10/1967; Venezuela: continua a crise do AD e as guerrilhas também. O Sol. 01/11/1967.*

²⁶⁹ Alguns exemplos: *OEA X Cuba. O Sol. 21/09/1967; Conferência da OEA. O Sol. 22/09/1967; OEA ainda indecisa sobre Cuba. O Sol. 23/09/1967; Conferência da OEA. O Sol. 21/09/1967.*

²⁷⁰ Alguns exemplos: *Pequenos e os átomos na ONU. O Sol. 22/09/1967; Corrida armamentista na AL esbarra no Tratado de Proscrição. O Sol. 27/10/1967; Estados Unidos e cinco países do MCE assinam acordo para controlar armas nucleares. O Sol. 01/11/1967.*

²⁷¹ Alguns exemplos: *O conflito na Nigéria. O Sol. 22/09/1967; Nigéria domina capital separatista e caminha para vitória final. O Sol. 06/10/1967.*

²⁷² Alguns exemplos: *Vietnã. O Sol. 21/09/1967; O conflito no Vietnã e no Mundo. O Sol. 06/10/1967; O conflito no Vietnã e no Mundo. O Sol. 22/10/1967; O conflito do Vietnã. O Sol. 12/11/1967.*

produção do veículo para serem identificados ou não, uma vez que se tratam de valores-notícia contextuais e de construção.

Ao fim da análise que ajudou a identificar alguns critérios de noticiabilidade usados pela equipe d'*O Sol*, percebe-se, primeiramente que a afirmação do Traquina (2005b) está correta quando ele destaca que alguns valores-notícia perduram ao longo dos tempos, sobretudo porque os profissionais da imprensa fazem parte de uma tribo ou cultura jornalística. Conclui-se isso, pois muitos dos critérios apresentados pelo pesquisador são identificados n'*O Sol*, periódico alternativo que procurou fazer inovações nos campos do jornalismo e negou algumas técnicas usadas por veículos de comunicação da época, mas, mesmo diante disso, a equipe do jornal manteve algumas características da profissão até mesmo de forma inconsciente. É provável que isso tenha acontecido, pois como o próprio Traquina (2005b) comenta, muitas vezes os critérios usados na hora de escolher as notícias estão intrínsecos nos profissionais da área. Logicamente que os critérios podem sofrer alterações com o tempo, mas muitos permanecem inalterados, como é o caso da morte, da novidade, do conflito ou contrariedade e do inesperado. Além disso, pode-se afirmar que não existe uma hierarquização entre os valores, e dá para dizer que muitas matérias se encaixam em mais de um dos critérios. Desse modo, pode-se dizer que os assuntos que se encaixam em mais de um dos valores-notícia têm mais chance de chegar às páginas de um meio de comunicação.

Apesar de a equipe d'*O Sol* compartilhar uma característica comum – critérios de noticiabilidade – em relação aos profissionais dos outros meio de comunicação, não tem como esquecer que o periódico carioca era um jornal alternativo e apresentava particularidades que o diferenciavam dos demais veículos de comunicação da época, no caso os da grande imprensa. As diferenças estavam no enfoque dado às matérias e no tipo de fato priorizado, geralmente buscando trazer à tona assuntos ignorados pelos meios tradicionais, sobretudo aqueles de interesse social.

A análise do conteúdo d'*O Sol* permitiu perceber que muitos dos critérios de noticiabilidade destacado por Traquina (2005b) eram usados pela equipe do periódico alternativo. Alguns valores-notícia acabavam tendo espaço de destaque nas diferentes editoriais do jornal, como é o caso da relevância e da novidade – os mais utilizados – e ainda da infração, da notoriedade, do tempo. Outros tinham mais importância em partes específicas do veículo, como a morte e a notabilidade, encontrados com mais frequência nas páginas de *Polícia*; o conflito ou contrariedade concentrado em *Educação e Internacional*; a proximidade mais perceptiva nas folhas de *Cidade*, de *Educação* e de *Internacional*, e o inesperado

comumente reservado a *Cidade, Polícia e Problemas Brasileiros*. Por fim vale ressaltar que foi a frequência de matérias relacionadas a cada um dos critérios ao longo das edições analisadas que ajudou a chegar às conclusões aqui obtidas.

Até aqui, foram identificados os aspectos ideológicos do jornal, como a linha editorial, o posicionamento político e os critérios de noticiabilidade. A partir do próximo tópico (5.4), reserva-se uma atenção especial aos elementos estruturais do periódico carioca. Para começar, a seguir, serão trabalhados o tipo de linguagem e as técnicas jornalísticas utilizados pelos repórteres do veículo alternativo *O Sol*.

5.4 Linguagem e técnicas jornalísticas

Como foi visto até aqui, *O Sol* apresentou diferentes inovações em relação aos meios de comunicação da grande imprensa no período em que circulou no Rio de Janeiro. No desenvolvimento do levantamento histórico do jornal (Capítulo 4), foram apontadas as características gerais das transformações ocorridas no periódico. Nesse tópico, pretende-se fazer um aprofundamento em torno desse conhecimento por meio da análise do conteúdo da folha, atentando-se para o tipo de linguagem e as técnicas utilizadas pela equipe do veículo carioca.

A estrutura seguida pela equipe de *O Sol* é um dos primeiros pontos a que convém destacar. Na década de 1960, comumente, os jornais impressos, sobretudo os veículos tradicionais, optavam por seguir uma fórmula, caracterizada por título, linha fina, intertítulo, subtítulos e texto elaborado de acordo com a pirâmide invertida (CALLADO; ESTRADA, 1985). Diferente disso, os jornalistas da folha alternativa renunciaram a esse padrão e buscaram novas formas de reportar as notícias. Assim, reportagens e até mesmo algumas notas recebiam um tratamento especial e diferenciado no periódico alternativo. Os textos eram geralmente divididos em três partes: título, uma apresentação do fato e corpo da matéria. A apresentação intermediária à reportagem tinha uma estrutura interessante: além de retratar alguns aspectos do assunto tratado, era elaborada de forma criativa e com jogo de palavras, terminando sempre com as últimas palavras da frase em destaque (com negrito e com uma fonte maior do que o restante do texto). Para exemplificar a estrutura, vale resgatar alguns exemplos (Figuras 48, 49, 50):

**Instalação
do Congresso
do FMI**

Cinelândia, sete horas da manhã. Segunda-feira, dia 25 de setembro. Para o carioca normal, um dia como outro qualquer. Para o Governo brasileiro, o grande dia: no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Fundo Monetário Internacional começava sua 24.^a Reunião de Governadores e Delegados, pela primeira vez realizado no Brasil. Desde manhã, o aparato policial de repressão e de trânsito era enorme. O povo, de um modo geral, não sabia

PORQUE TANTA CONFUSÃO!

Figura 48: Abertura de reportagem publicada na quinta edição d' *O Sol*, em 26 de setembro de 1967

**Quem
mata
quem
na
Baixada**

Ontem mostramos que o policial da Baixada é, às vezes, um sádico. Hoje mostramos outra faceta sua: o medo. Homens habituados a matar e a torturar, não titubeiam em negar a própria religião. Gilberto Pereira é batista. Dois policiais agarram-no uma noite escura, em Areia Branca, e levam-no para a execução. Gilberto começa a chorar e leva uma bofetada. Pensa na morte que se aproxima, e pede para rezar. Acontece, então, um estranho milagre: a

REZA COMOVE A POLÍCIA

Figura 49: Abertura de reportagem publicada na 28^a edição d' *O Sol*, em 22 de outubro de 1967

**A imagem
do
"problema"**

Promessas. Nada além disto. Uma juventude que pede para estudar. Implora uma vaga na universidade. Faz apelos. Protesta. Exige. Espera. Recebe promessas. Nada além disto. São nove meses de sacrifício. Vive o drama de uma juventude sem muitas oportunidades. Não acredita muito nas autoridades. Nem nessas notícias de matrículas. Mas como já se habituou a esperar, está ali, no pátio do MEC. Espera a palavra de alguém que sinta a extensão desse drama. Uma palavra que não seja apenas

Promessa excedente

Figura 50: Abertura de reportagem publicada na 46^a edição d' *O Sol*, em 12 de novembro de 1967

Alicerçadas em um jornalismo literário, as notícias encontradas n’*O Sol* não seguiam a mesma lógica da maioria dos jornais da década de 1960. As matérias eram destituídas de lide e não se estruturavam de acordo com a pirâmide invertida. Ao invés de concentrar as principais informações no primeiro parágrafo (lógica do lide), elas iam sendo diluídas ao longo da reportagem. Aqui, vale lembrar que as matérias mais informativas, em alguns momentos, iniciavam-se com uma estrutura parecida com o lide. Entretanto, era mais comum os leitores depararem com introduções mais criativas: descrição de personagens, trechos de entrevistas, citações de documentos, perguntas, comparações, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

Dona Maria Jovina Fernandes é a primeira da fila. Pernambucana, solteira, tem 49 anos. Dona Jovina mora no Rio Comprido em casa alugada e diz: “não aguento mais pagar aluguel”. Dona Jovina está satisfeita porque vai ganhar 8 milhões para pagar em 20 anos. “Tenho 3 irmãs, que moram comigo. A casa é de todas nós. Juntas, pagaremos o dinheiro com facilidade”. José Ricardo Barbosa é um dos que tomam conta de vagas. Ricardo não ganha dinheiro porque está tomando conta da senha número 95 do Capitão Eديو Romeiro, seu amigo.²⁷³

Dia 16 de outubro: Um repórter do SOL entra num táxi e dá um endereço.

– Ah, diz o motorista, o senhor vai para a sessão espírita, não?

–Perfeitamente

–Eu também sou de lá, continua o motorista; O senhor deve ter ouvido falar nos verdadeiros milagres que são feitos. Minha mulher, por exemplo, já fez várias operações e salvou muita gente. Ela recebe o espírito de um médico famoso e consegue fazer as operações mesmo sem usar anestesia. E o que é mais importante, sem cobrar nada.²⁷⁴

“Ao João pai beleza, Vilma”. Uma coroa entre as muitas que amigos mandaram. Apenas uma inconformada. É de Vilma Guimarães Rosa. Ela não acredita na morte do pai. “Parece que ele está brincando, daqui a pouco vai abrir os olhos e começar a rir”. No Mausoléu dos Imortais, a sepultura número 13 recebe Guimarães Rosa. É Vilma de novo: “Vão por cimento? Para quê? Ele gostava tanto de liberdade”. Dona Araci – “Ara, arara, aragem, brisa, me dá um beijo, só um” – desmaio. A lembrança ainda é muito forte. Agnes, a outra filha, a acompanha; Vilma fica ao lado da sepultura. A mãe do escritor chega atrasada.²⁷⁵

Além da introdução criativa, a maioria dos jornais ou revistas alternativas dos anos 1960 tinha uma tendência de priorizar narrativas em primeira pessoa (BULHÕES, 2007; FARO, 1999; LIMA, 2009). N’*O Sol*, vez ou outra até se encontravam alguns textos em que o jornalista se caracterizava como personagem ativo na notícia, mas o mais comum era

²⁷³ Introdução da reportagem *Fila da casa própria*. *O Sol*. 21/09/1967.

²⁷⁴ Introdução da reportagem *Curandeiros na Guanabara*. *O Sol*. 22/10/1967.

²⁷⁵ Introdução da reportagem *Enterro de Guimarães Rosa*. *O Sol*. 21/11/1967.

encontrar texto escritos em terceira pessoa. As matérias, *Juiz de Menores ler –II* e *Fernando Lôbo na Tevê*, foram alguns dos raros textos escritos em primeira pessoa. No primeiro, o repórter optou por usar a narrativa no plural e no segundo, no singular, como é possível ver nos trechos das matérias a seguir.

Continuando com a nossa reportagem de ontem, mostramos hoje a hora da comida em uma cela onde existem menores ao lado de adultos. E descrevemos – na impossibilidade legal de publicá-la – a fotografia que conseguimos obter numa das celas do Estado do Rio. O Juiz de Menores, tão zeloso em fiscalização a imprensa, bem poderia fiscalizar a Polícia. De qualquer forma, cumprimos nossa obrigação ao denunciarmos a corrupção do menor.²⁷⁶

Tenho caminhado tanto pelas horas desse mundo, um tempo grande que já me dá tempo para conhecer pessoas, gatos e cachorros. Nada me surpreende nesse mundo de surpresas, nem opinião segura feita em relação daquele ou daquela. Foi o faturamento do bar, a amigação com a madrugada, o caminhar sem ganância que me entregaram saber tão bom de um entendido em coisas de gente.²⁷⁷

Apesar de os textos d’*O Sol* estarem alicerçados na produção literária, as reportagens não tinham apenas uma forma de ser apresentada ao leitor. Alguns textos chegavam ao patamar mais elevado da produção literária, com muitos personagens, caracterização de cenários, uso de muitos adjetivos, figuras de linguagem, jogos de palavras, entre outras características usadas por autores que inauguraram o *New Journalism*²⁷⁸. Além desse, tinha também os textos mais informativos que, embora dentro da lógica literária, eram escritos de forma mais direta, com poucos adjetivos e advérbios, priorizando os verbos de ação²⁷⁹. Mesmo com algumas diferenças, as formas de narrar apresentavam semelhanças. Frases breves, palavras curtas, vocabulário usual – características do bom texto jornalístico (AMARAL, 1986) – eram a tônica do conteúdo do jornal alternativo carioca. Como será possível de observar nos exemplos a seguir:

²⁷⁶ Para Juiz de Menores ler –II. *O Sol*. 10/11/1967.

²⁷⁷ *Fernando Lôbo na Tevê*. *O Sol*. 12/11/1967.

²⁷⁸ Alguns exemplos são: *Mendigos recolhidos pelo Govêrno*. *O Sol*. 21/09/1967; *Fila da casa própria*. *O Sol*. 21/09/1967; *Favela Nova Brasília vai acabar*. *O Sol*. 22/09/1967; *Situação do guarda-vida*. *O Sol*. 23/09/1967; *Leilão para a Casa das Palmeiras*. *O Sol*. 23/09/1967; *Despejo no Catumbi*. *O Sol*. 10/10/1967; *Menores da Guanabara*. *O Sol*. 10/10/1967; *Quem mata quem na Baixada X*. *O Sol*. 22/10/1967; *Para o Juiz de Menores ler – II*. *O Sol*. 10/11/1967; *A imagem do “problema”*. *O Sol*. 12/11/1967; *O poder da Esperança*. *O Sol*. 12/11/1967; *Enterro de Guimarães Rosa*. *O Sol*. 21/11/1967;

²⁷⁹ Alguns exemplos são: *Abelhas atacam na Guanabara*. *O Sol*. 21/09/1967; *Protesto contra FMI*. *O Sol*. 21/09/1967; *Greve no Uruguai*. *O Sol*. 21/09/1967; *A discriminação racial na escola (1)*. *O Sol*. 22/09/1967). *O Sol*. 24/09/1967; *Assembleia geral dos bancários*. *O Sol*. 26/09/1967; *Instalação do Congresso do FMI*. *O Sol*. 26/09/1967; *Ecumenismo e reforma luterana*. *O Sol*. 27/10/1967; *Quadrilha de falsificadores faziam carteiras da Polícia iguais às autênticas*. *O Sol*. 10/11/1967; *Carvalho Pinto pode ser enquadrado se insistir no fim do arrocho*. *O Sol*. 10/10/1967; *O Barão investe contra o ouro*. *O Sol*. 22/10/1967; *Jennifer Jones apesar de encontrada quase à morte começa a melhorar bastante*. *O Sol*. 12/11/1967; *Subdelegacia de Xerém*. *O Sol*. 21/11/1967.

Enterro de Alencastro

“Sou militar por índole e formação”, dizia ele. Mesmo assim, abandonou os quartéis pela vida pública. Seu trajeto é longo: foi adepto do “tenentismo” e em 1930 aliou-se ao programa da Revolução liderada por Getúlio Vargas. Em 1947 chegava à Câmara Municipal e em 1950 já estava no Senado. Na hora do enterro, à beira do túmulo, foi mais lembrado como militar do que como político. Talvez tenha morrido como gostaria de viver: “MILITAR POR ÍNDOLE”.

O senador Alencastro Guimarães foi sepultado ontem, à 17h30m, no Cemitério S. João Batista. Desde a parte da manhã, seu corpo foi velado pelo Presidente Costa e Silva e por diversas personalidades políticas.

Doente há mais de seis meses, sua morte já era esperada por parentes e amigos. Durante o velório, seus amigos não cansavam de exaltar sua vida de militar, político e homem público. “Bom colega, ótimo administrador, valente” – eis os elogios mais constantes.

A ESPERA – Um ambiente calmo, com todo mundo geralmente conversando baixinho: assim transcorre o velório. Parentes, amigos e diversos militares (generais, brigadeiros e almirantes reformados) estão presentes, na entrada da Capela Real Grandeza, uma coroa de flores: “ao prezado amigo Alencastro Guimarães, as condolências de Costa e Silva e Senhora”.

Entre os presentes estavam o Brigadeiro Eduardo Gomes, o ex-Ministro do Supremo Adauto Lúcio Cardoso, o Ministro do Planejamento Hélio Beltrão e Deputado Hugo Ramos. O Ministro Adauto Cardoso reclamava de alguns repórteres que o chamavam de deputado (“vocês estão mal informados, não sou mais deputado e, sim, ministro”), mas acaba dando suas declarações: “sinto muito a morte do velho amigo”. Entretanto, nada diz sobre política: “como ministro do Supremo Tribunal Federal não posso me pronunciar”.

Num canto, alguns militares reformados conversam sobre o morto: “seu espírito brincalhão e sua simplicidade foram marcantes na sua personalidade”, sorrindo, lembravam “os bons tempos de Escola Militar”.

As 15h45m, a chegada inesperada do jornalista Hélio Fernandes não provocou reboliço ou espanto: “Era meu amigo há 20 anos. Por isso enfrentei a chuva e estou aqui”. Logo depois, após conversar rapidamente com um amigo, o jornalista foi embora.

Lá fora, na entrada da capela, um bode vadio come tranquilamente as flores de algumas coroas. Notando o bode, um neto do Senador Alencastro Guimarães larga os parentes e vai brincar com o animal, que, então, prefere retirar-se delicadamente.

Às 16h30m chega o Presidente Costa e Silva, acompanhado de assessores militares. Sobe ao salão do velório e se aproxima do caixão, cumprimentando as autoridades presentes. De repente, a sala que já está repleta, enche-se ainda mais, todos querendo aproximar-se do presidente. Assim como Hélio Fernandes, o Presidente não demora. Com a vinda do presidente da República o ambiente que era de silêncio passa a ser barulhento: “shhh, como falam alto!”, reclama alguém. Mas a confusão aumenta (ministros para cá e pra lá) e permanece assim até à hora do enterro.

A beira do túmulo discursam o Ministro da Indústria e Comércio, General Edmundo de Macedo Soares, que fala em nome de sua turma de Escola Militar, e um médico do Horto Florestal de Minas, que saúda o morto e agradece ter sido nomeado por ele para a central do Brasil. Quando o corpo desce à sepultura, poucas autoridades estão presentes.²⁸⁰

²⁸⁰ Enterro de Alencastro. *O Sol*. 23/09/1967.

Como dá para perceber por meio da leitura, a reportagem iniciava-se com o título; no lugar do que representaria a linha fina nos veículos tradicionais, encontrava-se uma apresentação da matéria; e, por fim, vinha o corpo do texto. Essa matéria específica foi escolhida pois seu começo lembra um pouco o lide, com informações sobre algumas perguntas, como o quem, o onde, o quando. Em uma notícia ou outra, o leitor até poderia encontrar um texto iniciando com essa estrutura, parecida com as dos jornais da grande imprensa, mas isso não era comum. Apesar disso, ao dar continuidade à leitura, logo se identificava a diferenciação das reportagens d'*O Sol*. Primeiro porque, como é possível observar na notícia que relata a morte do senador Alencastro Guimarães, nas produções do periódico, a equipe não levava em consideração a famosa técnica da pirâmide invertida, usada com frequência à época. E segundo porque, muitos dos conteúdos do jornal apresentavam características fortes do jornalismo literário, nesse caso, por exemplo, o jornalista trouxe detalhes do ambiente onde estava ocorrendo o velório, descreveu cenas, compartilhou falas de pessoas que estavam no local, além de discutir outros assuntos que aparentavam ser insignificantes, como o erro dos repórteres ao chamar Adauto Cardoso de senador, quando ele, na verdade, assumia o cargo de Ministro.

Outra reportagem que ajuda a identificar um pouco mais a essência das matérias com características bem marcantes do jornalismo literário é *Enterro de Guimarães Rosa*. Publicada em 21 de novembro de 1967, ela retratou o velório de mais uma personalidade importante da época, nesse caso o famoso escritor Guimarães Rosa. Assim como em *Enterro de Alencastro*, pode-se observar a mesma estrutura: título, apresentação, corpo do texto, ausência da pirâmide invertida, assim como a utilização do intertítulo para separar as temáticas trabalhadas ao longo da publicação. Entretanto, diferente da anterior, o parágrafo de apresentação da notícia se distanciava completamente do lide: além de não se preocupar em tentar responder as famosas perguntas do lide, o jornalista fez uso de mensagens e falas para compor o início do texto. A matéria também continuou sendo desenvolvida de uma forma literária, trazendo detalhes do ambiente, descrição de cenas, fala de pessoas, bem como a narração de fatos que antecederam a morte do autor:

Enterro de Guimarães Rosa

“Mas eu murmuro e digo, ante macios morros e fortes gerais estrelas, verde e mugibundo buriti, buriti e a sempre viva dos gerais que miúde viça e enfeita: o mundo é mágico”. João Guimarães Rosa acaba de fazer seu discurso. Mais um dia, o imortal morre. No discurso de despedida o presidente da Academia Brasileira de Letras fala “dos extremos que se tocam, e no CONTRASTE REPENTINO”.

“Ao João papai beleza. Vilma”. Uma coroa entre as muitas que amigos mandaram. Apenas mais inconformada. É de Vilma Guimarães Rosa. Ela não acredita na morte do pai. “Parece que ele está brincando, daqui a pouco vai abrir os olhos e começar a rir”. No Mausoléu dos Imortais, a sepultura número 13 recebe Guimarães Rosa. É Vilma de novo: “Vão por cimento? Para quê? Ele gostava tanto de liberdade”. Dona Araci – “Ara, arara, aragem, brisa, me dá um beijo, só um” – desmaia. A lembrança ainda é muito forte. Agnes, a outra filha a acompanha; Vilma fica ao lado da sepultura. A mãe do escritor chega atrasada.

MORTE – Dona Araci com a neta sai. Guimarães Rosa está sozinho. Tem um acesso de asma muito forte, telefona para sua secretária. Pede que providencie um médico imediatamente, mas não larga o telefone. A amiga vai telefonar na vizinha e não consegue encontrar um médico, enquanto isso está sempre em contato com ele. Numa das vezes escuta bem baixo: “Mande rápido, Socorro”. Não consegue mais falar. Dali a pouco chega Dona Araci, a neta corre com um saco de pipoca, ele gostava muito. De Guimarães Rosa só conseguem um olhar. Quando o médico chega já está morto.

VELÓRIO – Israel Pinheiro, primo menor em segundo grau do escritor, vai à missa de Guimarães, das 8 da noite. Vem especificamente para vê-lo. Lá estiveram também: o Governador Negrão de Lima, ex-Presidente Juscelino Kubitschek, Chanceler Juraci Magalhães, Raquel de Queirós, Nelson Rodrigues, Otávio de Faria, Armando Mascarenhas, Ascendinho Leite, viúva de Graciliano Ramos, Afrânio de Melo Franco, Carlos Heitor Cony, rabino Henrique Lemie, Fernando Sabino, General Néelson Melo, Clarival Valadares, Hélio Fernandes, Tarso Dutra, Homero Homem, Autran Dourado, Pedro Bloch. Assinaram uma lista com mais de 400 nomes.

ACONTECÊNCIAS: O livro com dedicatória vai entre as mãos, junto com os originais, Guimarães Rosa não foi no dia do lançamento de “Acontecimentos” da filha Vilma. Tinha medo das emoções fortes. A última coisa que leu foi um poema que ela tinha lhe dedicado, e que também é enterrado entre os papéis.

AMIGOS – Carlos Drummond de Andrade não quis dizer nada, prefere escrever. Néelson Rodrigues fala do escritor: “Foi o homem que refez o romance brasileiro. É uma das figuras fundamentais de literatura brasileira do passado, presente e futuro”. E do homem: “O que me fascinava em Guimarães Rosa é que ele teve a coragem de cumprir o seu destino literário, erguer uma torre de marfim e nela viver. Ele não foi apenas um homem de literatura. Não teve nenhuma participação idiota que o desviasse de sua obra”. Para Augusto Maia a marca principal de personalidade do amigo era a humildade. Para Afrânio Continho, o escritor era principalmente “autêntico, vivia de acordo com sua maneira de conceber a arte”.

O homem que mais parece ter impressionado Guimarães Rosa é o antigo Ministro das Relações Exteriores de Getúlio, João Neves Fontoura, amigo pessoal e a quem substituiu na cadeira número dois da Academia. Escolhe para a sua posse o dia 16 de novembro, por ser a data em que Neves faria 60 anos, se tivesse vivo. Todo o seu discurso de posse refere-se ao amigo, de quem traça um perfil, considerado admirável pelos presentes.²⁸¹

Uma matéria publicada no mês de outubro que também evidencia a preferência do repórter por fazer uso de uma linguagem mais fortemente literária foi *Quem mata quem na Baixada X*²⁸² (Figura 51):

²⁸¹ Enterro de Guimarães Rosa. *O Sol*. 21/11/1967.

²⁸² *Quem mata quem na Baixada X*. *O Sol*. 22/10/1967.

Quem mata quem na Baixada

No Baixada Fluminense mata-se com regularidade. O morto, quase sempre humilde trabalhador, é torturado antes de morrer. Quando se descobre que não tem antecedentes criminais, e portanto é desconhecido da imprensa e dos outros corpos policiais, morre mais depressa. A mecânica da tortura obedece aos seguintes motivos: a) tortura para que o indivíduo confesse algum crime ou furto que seja do interesse do policial que o prendeu. b) tortura para que aprenda a não desafiar a Lei (?). c) tortura para que fique gravada na memória do preso a figura de determinados policiais. d) tortura com objetivo de punir quem não contribuiu para o caixinha mensal dos alcaguetes, os quais não recebem proventos da Secretaria de Segurança e, geralmente, não têm quaisquer fontes de renda, mas desejam receber grandes salários.

PROCESSO — Quando um homem é preso, automaticamente, deveria passar por todo um corpo burocrático para: a) apuração da causa da prisão. b) identificação do elemento. c) Confeção do boletim interno de controle da Secretaria, uma espécie de registro oficial do preso. Nenhum dos 43 fuzilados da Baixada Fluminense apresenta, em qualquer delegacia, um boletim de preso. Não havendo controle, nada acontecem, nada foi registrado; portanto, ninguém matou ninguém.

Aí está a peça mais importante do fuzilamento. O preso ao chegar à delegacia, antes de qualquer identificação, vai logo levando uma súria para confessar tudo quanto lhe fôr imputado. Os crimes até então insolúveis, encontram nele uma confissão que não demorará a apontá-lo como único culpado.

AS VÊZES HÁ RESISTÊNCIA. O homem apanha, chora, geme, im-

plora, pragueja, mas não confessa o crime que lhe querem jogar nas costas. Então ele é identificado. Recebe documentos, carteira de identidade, título de eleitor, o diabo. A sua ficha policial permanece limpa e é mandado embora. Quando ocorre de ser bicheiro, ou empregado de algum bicheiro, o preso tem de jurar que não abrirá a boca depois de solto. Se o preso ameaça botar a boca no mundo logo que fôr solto, então as coisas complicam-se. Seus documentos são queimados ou enterrados. É comum encontrar-se nas lixeiras da Polícia do Estado do Rio carteiros profissionais rasgadas ou queimadas. A única prova de que ele poderia ter estado naquela dependência policial. O seu bofetim de preso, não é feito, e a morte, é o sinal de que aquele homem vai dançar, e depois da dança, vai morrer. A expressão "dançar" explica como morre um condenado. Colocado à frente dos policiais executores, o condenado é obrigado a pular para não ser atingido pelos tiros que lhe visam as pernas. Às vezes, na vã esperança de comover os policiais, fica pulando num pé só. Entre risos e gargalhadas, os executores treinam pontaria. Quando um deles acerta e o condenado cai, estrebucha, varado de balas no peito, rosto, ventre etc... Não há testemunhas de execução, como não há provas da detenção. O carro usado para o transporte geralmente não pertence a nenhuma delegacia. Ou então a chapa é trocada, chapa fria, para evitar responsabilidades.

REZA COMOVE A POLÍCIA

UMA VÍTIMA, Gilberto Pereira do Nascimento, brasileiro, casado, residente na localidade de Juscelino, voltava certo dia de um baile, em Areia Branca. Não havia condução àquela hora da noite, e portanto, voltava a pé. O seu depoimento foi-nos forne-

cido num salão de barbeiro. Contou que ia descuidado pela Rua Areia Branca quando, de repente, parou um cadilac a seu lado. "É a Polícia", foi o que disseram os ocupantes do carro azul e branco. Imediatamente Gilberto puxou dos documentos para evitar maiores problemas. Os dois homens que saltaram olharam os papéis e fizeram-lhe perguntas. Amuados porque Gilberto não tinha contas a ajustar com a lei, um deles, retrucou:

— "Olha, já que não tem outro vem você mesmo, que é para a gente não perder a viagem". Gilberto obedeceu. No carro, viu os seus documentos serem rasgados, o seu paletó arrancado e jogado no chão do carro. Ordenaram-lhe que tirasse os sapatos. Sentiu, então, que era o seu último passeio. Começou a chorar, o que lhe custou de imediato uma violenta bofetada. Calou-se. Pediu então para rezar. Um dos policiais, moreno e de voz grossa, achou interessante o pedido do infeliz, e deixou que "a reza fosse feita". Gilberto Pereira, que é batista, rezou em voz alta. O outro policial, então, sentiu que lhe doía a consciência. "Puxa, esse cara é o primeiro crente que eu vou fazer. Essa gente é geralmente, "limpeza". Minha mãe era dum igreja dessas, e eu já juvi muitas rezas iguais. Vamos largar essa cara aqui mesmo. Pode deixar que não vai denunciar a gente. A religião não deixa". O outro não gostou muito da idéia, mas também não queria "fazer" um crente. Pararam. Fizeram Gilberto saltar, mas tiraram-lhe todo o dinheiro. Amanhecia quando Gilberto descobriu onde estava. À sua frente, mostrando o caminho da liberdade, estendia-se a Estrada do Medanha. Começou a cantar, em voz alta, "O Cântico dos Cânticos". Caminhou, aliviado.

Como é possível notar, mais uma vez se identifica a estrutura típica usada pela equipe d'*O Sol*: título, apresentação, corpo da matéria, ausência de pirâmide invertida e intertítulo. Nessa reportagem em particular, ao falar de um crime cometido com frequência pelos policiais do Rio de Janeiro, percebem-se outras características marcantes do jornalismo literário, muitas delas utilizadas com frequência pelos adeptos do *New Journalism*: a denúncia de um problema social (crimes cometidos por policiais); a imersão do repórter na matéria, destacada pela profundidade e detalhes da publicação; e a descrição de cenas relacionadas ao fato.

As reportagens destacadas representam apenas alguns exemplos de como a equipe d'*O Sol* trabalhava as características literárias em suas publicações. Entre o conteúdo da folha carioca, as produções com elementos mais marcantes da literatura geralmente tratavam de acontecimentos ocorridos no Rio de Janeiro. Assim, apareciam com mais frequência nas editoriais de *Cidade*, de *Polícia* e de *Educação*. Entretanto, essa não representava a única forma usada pelos jornalistas do periódico na hora de escrever as notícias, havia também os textos com uma tendência mais informativa. Como será vista a seguir:

Comunicação no Brasil

O homem do interior permanece isolado e ilhado no século da comunicação. DCT não funciona. Telefones não existem. Televisão, ele não conhece. A salvação ainda é o rádio. Mais de 60 milhões de brasileiros continuam marginalizados do processo de desenvolvimento. O perigo maior diz respeito à própria segurança do regime. As guerrilhas podem estourar e o Exército receber a notícia com atraso. O serviço de comunicações é antiquado e ABALA O GOVERNO

“A Segurança Nacional assume proporções vitais no Brasil, por causa de suas dimensões territoriais” clama o prof. Francisco de Sousa Brasil no VII Ciclo de estudos sobre segurança interna. A unidade dos Estados está seriamente ameaçada agora, que se fala na compra de terras por estrangeiros. E o sistema de comunicações, que poderia solucionar o problema, passa por uma fase negra com características de escândalo.

No interior do Amazonas, um dono de terras, chefiando capangas aliados com a Polícia local trucidou barbaramente 14 camponeses. O governador do Amazonas só tomou conhecimento 3 semanas depois. E na área federal, a informação chegou com mais de um mês de atraso. Os Correios não funcionam. Telefone, não há. As estradas são poucas e o rio, cheio de meandros, impede uma rápida ligação com o centro regional.

AS CARTAS NÃO METEM, simplesmente porque não atingem toda extensão do território do País. O nortista é um homem ilhado, isolado de toda a comunidade brasileira. Nas últimas estatísticas de há 15 anos atrás, o IBGE afirmava que funcionavam 64 agências do DCT em todo o Estado do Amazonas, enquanto o Pará se contentava com 65. Somente duas estações telegráficas em Belém e Manaus. E durante um ano inteiro só chegaram 943.636 cartas ou ofícios da União no Amazonas, o que dá uma média de menos de 1 carta anual por habitante. O Pará conseguiu 1.833.655 cartas.

No Nordeste e Centro-Oeste do País a situação também é de calamidade pública. Em Mato Grosso funcionam apenas 56 agências dos Correios, enquanto o Piauí tem

somente 22. Os mato-grossenses receberam em um ano 401.821 cartas e os piauienses 534.420.

O Sul e o Leste estão em condições um pouco melhor. O paulista, comunicativo, deu quase 126 milhões de cartas e o mineiro mais de 100 milhões no espaço de 365 dias. São Paulo se dá ao luxo de ter 1.453 agências do DCT e Minas 1.056.

O BRASIL NÃO CONHECE GRAHAM BELL, apesar dele ser o inventor do telefone. JK já entrou por um cano tremendo e quase deixou de realizar um grande negócio político com o Norte do País, porque lá, telefone é luxo, e o Governador da época, Plínio Coelho, ficou por fora da jogada. No Estado do Amazonas existia somente 726 aparelhos. E todos eles na cidade de Manaus. Mais de 200 cidadezinhas nunca viram um aparelho. Só agora é que inauguraram em Itacoatiara uma estação telefônica.

O Pará sofre do mesmo problema e o Belém possui 2.887 telefones. São Paulo que agora possui 10 vezes mais, em 1945 contava com 48.698. Isso não adianta nada quando se raciocina em termos de segurança interna. São Paulo chama São Paulo, e há comunicação telefônica em todo o Estado. Mas é impossível uma ligação de São Paulo para algumas cidades importantes do Norte. Nordeste ou Centro-Oeste do País. Os sistemas Telegráficos são precários, e estão ainda na base do Brasil-Império.

A REPÚBLICA CHEGOU TARDE, em quase todas as províncias brasileiras. Em algumas localidades, um ano já se passara e os manda-chuvas locais ainda pensavam que D. Pedro era imperador. Nessas regiões não havia, com não há, jornais informativos. Era um País dentro do País.

Em 1930 havia 2.959 jornais em todo o território nacional, dos quais 260 saíam às ruas diariamente. Havia 69 publicações em alemão e 24 em italiano, com Hitler e Mussolini financiando. Hoje, com a formação de monopólios e o capitalismo chegando no seu último estágio, circulam diariamente 177 periódicos, localizados quase todos na faixa litorânea, formando uma espécie de “cordão sanitário” que isola todo o resto do Brasil.

Segundo o Conselho Nacional de Estatística, dois terços desses jornais circulam nas capitais. A região mais favorecida é a região Sul com 61 matutinos e 12 vespertinos. Lá o comércio e a indústria aparentam um ritmo grande de progresso e os industriais sentem a necessidade de apresentar o produto aos prováveis consumidores.

NO NORTE, NÃO SE LÊ ou não se toma conhecimento das notícias. No Amazonas existem 3 matutinos com uma tiragem de 3.000 exemplares, cada. Em Rondônia apenas 2. E no Acre e Roraima a situação se agrava, pois há somente um noticiário semanal, estando os habitantes sujeitos ao DCT e as companhias de transportes. E no Amapá não há jornal, a não ser uma publicação ou mini-jornal publicada pelo governo do Território.

Se a realidade do Norte e Nordeste é negra, não é o que acontece com o Leste e o Sul. Os 32 matutinos de São Paulo tem uma tiragem diária de 270 mil exemplares aproximadamente, enquanto a Guanabara, com um número bem inferior, edita 500 mil exemplares por dia. O jeito é apelar para a Rádio ou Televisão. Mas, mais de 60 milhões de brasileiros nunca viram uma televisão e o rádio ainda depende, no interior, dos Correios e Telégrafos.

RÁDIO É A SALVAÇÃO DO INTERIOR, e tem muito mais difusão nos municípios do que nas capitais. Há 944 estações de rádios difusão no País, sendo dois terços nos municípios do interior, segundo o Serviço de Estatística do Ministério de Educação e Cultura. Radiotelevisão só 32 estações das quais 29 nas capitais e três em municípios.

O maior problema da humanidade continua sendo o isolamento. Os modos de produção evoluíram. Num mundo em que vivemos, operários trabalham coletivamente em fábricas. Cada vez mais os interesses da coletividade dos operários e dos camponeses vão se acentuando com maior intensidade. No entanto, no Brasil, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, muitas pessoas não sabem o que é Vietnã, ou quem é o governador do Mato Grosso. Um Coronel do Exército informou que 12 homens, armados e bem treinados, com o apoio da população local, poderiam tomar a cidade de Cuiabá ou de Manaus, e o resto do País se veria a saber disso dias depois. Para mobilizar as tropas do Exército, seria necessário que a Forças

Armadas tomassem conhecimento. E isto seria impossível, se os guerrilheiros controlassem as poucas agências do DCT existentes na cidade.²⁸³

Como é possível observar ao longo da leitura, as reportagens informativas apresentavam a mesma estrutura das publicações mais literárias: título, apresentação, corpo do texto, ausência do lide e da pirâmide invertida e o uso de intertítulos. O diferencial dessas matérias estava justamente na forma em que o conteúdo era produzido. Ao invés de priorizar os recursos mais característicos da literatura, a equipe usava uma linguagem mais informativa, por meio de textos diretos e, geralmente, com vários dados numéricos, elementos facilmente percebidos por meio da leitura da matéria *Comunicação no Brasil*. Esse tipo de produção era encontrada diariamente nas diferentes editorias do jornal, apesar disso tinham maior destaque em algumas partes em específico, como *Problemas Brasileiros, Economia e Internacional*.

Aqui vale ressaltar que, quando se levava em consideração as reportagens d'*O Sol*, não se observava apenas a ausência do lide e da pirâmide invertida. As ideias de objetividade, de neutralidade e de transparência, propagadas pelos profissionais da grande imprensa da época, não tinham espaço na folha carioca, isso porque a equipe do jornal não estava preocupada em tentar se manter imparcial sobre os fatos publicados. Nesse sentido, os jornalistas não poupavam esforços em mostrar os seus pontos de vista, seja por meio da escolha do enfoque da matéria ou também por meio das interpretações e opiniões apresentadas ao longo das notícias. Os trechos a seguir ajudam a ilustrar um pouco a tomada de partido dos repórter em relação a alguns assuntos tratados no periódico.

Há dezenas de Abrigos no Rio, mas a Secretaria de Serviços Sociais acha poucos e pretende fazer mais. Nenhum dos existentes está em boas condições. Não se sabe o porquê o Governo emprega a verba em construções, deixando os que existem, sem meio de sobrevivência. E ele alega que não há verbas. Não adota nenhuma medida. O máximo que faz é esconder os farrapos da visita. Quando ela for embora, vai tudo pra rua de novo. “Roupa suja se lava em casa”. É a moral.²⁸⁴

Com um pouco mais de esforço e compreensão por parte da autoridade, poderíamos fazer chegar todas as crianças à escola primária, na Guanabara, que não tem motivo para marginalizar uma boa parcela da população nesse nível de ensino. Um programa mais amplo de assistência poderia manter crianças que se evadem da escola por motivos econômicos. E uma política salarial e pedagógica mais radical evitaria a saída de professores e melhoraria o nível do ensino.²⁸⁵

Foram longos e árduos esses dois mil dias de sua ausência das manchetes, dos cinemas, das radiofotos – mas a decisão do Presidente Johnson Johnson de procurar

²⁸³ *Comunicação no Brasil. O Sol. 01/11/1967*

²⁸⁴ Trecho da reportagem *Mendigos recolhidos pelo Governo. O Sol. 21/09/1967.*

²⁸⁵ Trecho da reportagem *Ensino Primário na Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

o diálogo com Ho-chi-Min para pôr fim à guerra no Vietnã deixou entrever novamente o brilho e o resplandecer da luz que John F. Kennedy irradiava – essa esperança de um mundo jovem e pacífico.²⁸⁶

Como nem todos os textos d’*O Sol* traziam a opinião da equipe do periódico de forma explícita, deu para perceber por meio da análise que, a depender do texto ou do assunto, os repórteres do jornal carioca, ora assumiam a função de narradores oniscientes intrusos (aquele que apresenta os fatos de acordo com o seu ponto de vista, incorporando aos fatos a sua opinião), ora como narradores oniscientes neutros (expõem a informação sem deixar clara a sua opinião). Vale ressaltar que, embora em algumas notícias os jornalistas não deixassem as suas opiniões explícitas no texto, isso não queria dizer que o profissional estava tentando manter uma neutralidade em relação ao fato, isso porque o enfoque dado à matéria de certa forma já evidenciava o ponto de vista do repórter sobre o assunto trabalhado.

Discutidas as estruturas das reportagens produzidas pelos profissionais d’*O Sol*, vale a pena dedicar uma observação especial às notas do periódico, pois, assim como os textos mais extensos, também apresentavam mais de uma forma de serem desenvolvidas. Para se ter uma noção das diferenças, pode-se apresentar alguns exemplos, como:

ANCIÃO ROUBADO

O velhinho não aguentava nem um sopro de tão antigo que era. Ailton Faria, brasileiro, branco, viúvo, 99 anos, Rua Carlos Góis 336/104, vinha arrastando com um passinho miúdo seu corpinho encarquilhado, pela Rua Cupertino Durão, talvez pensando na saudosa esposa que de há muito não o acompanhava nas caminhadas diárias, quando dois crioulões surgiram à sua frente e lhe deram uma rasteira, prostrando-o ao solo e roubando os 50 mil cruzeiros antigos que miseravelmente havia recebido do Estado pela sua aposentadoria. Foi medicado no Hospital Miguel Couto e a 15ª DD registrou a ocorrência.²⁸⁷

Punhal na cuca

A história é bem antiga. Dois sujeitos entram em um bar – no caso o de Alfredo Rodrigues Alves (português, Rua Itaguati, número 78, em Cavalcante), localizado na Rua Jerônimo da Costa, número 585, bebem pra cachorro e, na hora da conta, fazem o maior carnaval. Como sempre, o negócio acaba em pancadaria. Além do dono do bar, os protagonistas foram Anex de Sousa Franco e seu Irmão Antônio, ambos morando na Rua Laurindo Filho, número 171. Por causa da conta, agrediram o português com um punhal, ferindo-o na cabeça. Como o agredido reagiu, os dois irmãos também receberam os seus e ficaram cheios de hematomas e escoriação. A 24ª registrou.²⁸⁸

²⁸⁶ Trecho da reportagem *O poder da Esperança*. *O Sol*. 12/11/1967.

²⁸⁷ Ancião Roubado. *O Sol*. 06/10/1967.

²⁸⁸ *Punhal na cuca*. *O Sol*. 12/11/1967.

Deputado apoia alunos de Pedro II – Externato e diz que diretor é “deficiente mental”

Os estudantes do Colégio Pedro II – Zona Norte –, têm, agora, o apoio da Assembleia Legislativa. Um grupo de alunos foi pedir a ajuda dos deputados. O Sr. Paulo de Carvalho, do MDB, pede uma Comissão Parlamentar de Inquérito e acusa o diretor, professor Sebastião Lôbo, de “deficiente mental”.

Enquanto isto, o professor Haroldo Lisboa da Cunha – diretor do Externato – nomeia uma comissão de inquérito para apurar as responsabilidades do movimento grevista e os estudantes implicados podem até ser afastados do Colégio. Os trabalhos da comissão começam hoje, e o professor Haroldo justifica-se: “estamos fartos de indisciplina e todo aluno que for apanhado vagando em frente do Colégio, sem motivo, vai responder a inquérito”. Nas proximidades da escola, agentes do DOPS continuam levando os alunos para assistirem às aulas.

Um grupo de estudantes resiste à ideia de voltar à escola, e exige a saída do professor Sebastião Lôbo, mas a maioria cede às pressões e ameaças de punição e tem comparecido à escola.²⁸⁹

Pão feito com arsênio mata mais de trinta dezenas de pessoas estão agonizantes

Pelo menos trinta pessoas morreram, sessenta estão agonizantes e mais de uma centena estão internadas no hospital da cidade de Chiquinquirá, na Colômbia, por terem comido pão fabricado com farinha de arsênio. Inicialmente foi cogitada a possibilidade da população ter sido envenenada pela água distribuída pelo aqueduto municipal, mas o estado gravíssimo de três empregados de uma padaria foi a pista para que se descobrisse a origem do arsênico.

O Governo enviou para o local vários médicos, enfermeiras e medicamentos anti-tóxicos, específico para arsênio. O ministro da Saúde Pública ordenou que fosse feita uma rigorosa investigação para apurar as causas do morticínio. Os casos mais graves estão sendo atendidos num hospital de campanha do Exército levado para Chiquinquirá por meio de helicóptero.

Em Bogotá divulga-se que a maior parte das vítimas são crianças e que nos locais de atendimento aos doentes ocorrem dramáticas cenas com famílias inteiras sendo internadas.²⁹⁰

Nas duas primeiras, *Ancião Roubado* e *Punhal na cuca*, têm-se exemplos do primeiro tipo de notas encontradas n’*O Sol*. Nelas, percebe-se uma produção mais literária, com a apresentação de uma história, com personagens, figura de linguagens e várias descrições. Formadas por título e texto, observa-se que o tratamento especial não ficava restrito apenas ao corpo da nota, pelo contrário já começava no título: muitos deles bem criativos, como é o caso dos exemplos. As notas com aspectos mais literários tinha um lugar específico n’*O Sol*: a editoria de *Polícia*.

As duas últimas representam o outro tipo de nota comumente encontrada n’*O Sol*. Diferentes das literárias, não ficavam restritas a uma única parte do jornal, isto é, estavam presentes nas diferentes editorias da folha diariamente. Como é possível observar, elas também vinham divididas entre título e texto, porém, em contraste com as primeiras, eram

²⁸⁹Deputado apoia alunos de Pedro II – Externato e diz que diretor é “deficiente mental”. *O Sol*. 26/09/1967.

²⁹⁰Pão feito com arsênio mata mais de trinta dezenas de pessoas estão agonizantes. *O Sol*. 26/11/1967.

produzidas de forma mais direta e sem um tratamento especial da linguagem – retratava a notícia de forma simples e menos criativa do que as primeiras.

A fim de caracterizar o jornalismo literário, Pena (2008) destaca o que ele chama de estrela de sete pontas. A análise do conteúdo d’*O Sol* permitiu mostrar que as características apontadas pelo autor se encontravam presentes nos textos do periódico, o que ajudou a confirmar a produção literária levada em consideração pela equipe do veículo alternativo no desenvolvimento das matérias.

A potencialização do jornalismo era a primeira ponta da estrela apresentada por Pena (2008). N’*O Sol*, essa característica poderia ser identificada por meio da produção do periódico. Nele, priorizava-se a apuração rigorosa, a observação atenta dos fatos, a abordagem ética, a capacidade de expressar os assuntos com clareza, princípios percebidos por meio dos textos escritos e publicados diariamente pelos jornalistas do jornal, todos eles prezando a responsabilidade e o respeito. Além dos já destacados, um dos principais recursos de potencialização usado pela equipe d’*O Sol* era a preocupação de sempre fazer uma contextualização dos fatos reportados na folha. Dessa forma, todos os dias, ao se propor a produzir o conteúdo do periódico carioca, os repórteres assumiam o compromisso de trazer o máximo de informação possível ao leitor a fim de inteirá-los sobre a totalidade do assunto discutido. Como os profissionais do veículo diziam:

Este é um jornal atento aos fatos do dia, mais jamais desatento as correlações que os fatos do dia têm com o contexto geral dos acontecimentos. A integração dos fatos nos preocupa, pois, sabemos que todos os grandes acontecimentos são gerados pela soma de pequenos fatos isolados, que os pequenos fatos isolados resultam, por sua vez, dos grandes acontecimentos.²⁹¹

Assim, diferente do jornal tradicional diário que, muitas vezes, preocupava-se apenas com a factualidade dos assuntos reportados, as produções d’*O Sol* ultrapassavam os limites dos acontecimentos diários. Como exemplo, pode-se apresentar as reportagens, como *Situação do guarda-vida*²⁹², *Curandeiro na Guanabara*²⁹³ e *Subdelegacia de Xaré*m²⁹⁴. A primeira, publicada em 23 de setembro de 1967, tinha como finalidade abordar um dilema enfrentado pelos salva-vidas do Rio de Janeiro: o governo mostrava-se intencionado em ampliar a função do profissional, entregando a ele também o papel de fiscalizador da praia, medida vista pelos guarda-vidas com repulsa, pois se recusavam a assumir o trabalho

²⁹¹ Trecho do editorial. *O Sol*. 21/09/1967.

²⁹² *Situação do Guarda vida*. *O Sol*. 23/09/1967.

²⁹³ *Curandeiro na Guanabara*. *O Sol*. 22/10/1967.

²⁹⁴ *Subdelegacia de Xaré*m. *O Sol*. 21/11/1967.

destinado a policiais. Ao ler a notícia, percebe-se que ela não apenas abordava os aspectos factuais do assunto, além disso, ainda fazia uma boa contextualização do fato e da profissão dos salva-vidas, apresentando a situação de trabalho da categoria, as perdas de direitos, além de reservar um espaço para retratar histórias da jornada diária dos entrevistados (Figura 52). A segunda, estampada na página do jornal em 22 de outubro 1967, dedicou-se a relatar a existência de curandeiros no Rio de Janeiro que prometiam curar doenças e fazer operações sem a necessidade de incisão. Assim como a primeira, *Curandeiro na Guanabara* traz uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, destacando desde os motivos da proliferação dos curandeiros até a garantia ou não dos procedimentos usados (Figura 53). Por fim, a terceira, noticiada na folha em 21 de novembro de 1967, chegou a *O Sol* com o intuito de informar o leitor em relação a um caso polêmico que vinha se estendendo ao longo de anos: a existência de duas delegacias em um único prédio em uma região da cidade carioca. Para tentar deixar a matéria mais compreensiva, o repórter incorporou ao seu texto fragmentos do passado com o objetivo de trazer uma contextualização do fato (Figura 54). Como foi visto, essas reportagens mostram uma tendência recorrente nos conteúdos d'*O Sol*, isto é, a preocupação de ultrapassar os limites impostos pela factualidade.

Situação do guarda-vida

Para uns é esporte. Para outros é meio de vida. A maioria encara como um "negócio sério, um ato humano". É o Guarda-Vida. O público o vê como um amigo. O Governador vê como um policial. Quer a missão de guarda-vida ligada a "de tomar conta da vida". Eles são categóricos: "a missão carinhosa que temos com o público não pode ser invertida. O guarda-vida não é um policial. Aceitar a proposta do Governador seria trocar a bóia pelo

CASSETETE DE BORRACHA

Os guarda-vidas não querem ser policiais. Não aceitam a proposta do Governador de "realizar as praias, consideram isso "decurar". Têm o apoio do diretor do Serviço do Corpo Marítimo, Dr. Elinó Souto Lira, porque a medida vai tirar a finalidade do Corpo Marítimo. O chefe do Serviço de Salvamento, Sebastião Cavalcante acha a medida antipática. "O guarda-vidas não pode fazer o papel antipático do policial". Francisco Lopes é guarda-vidas há dezoito anos e encara o trabalho como "um emprego". Foi criado na beira da praia — é carioca de Copacabana — mais tarde precisou trabalhar. Havia vagas para salva-vidas, ele foi. Como os outros, não quer ser policial, embora muitas vezes atua como tal. Diz que não deixa boias nem cachorros na praia, "dá sempre complicações". Mas afirma que impede com "diplomacia". Vez ou outra o banhista não aceita as observações, mas não há problemas; tem sempre o apoio do público, "meu melhor amigo".

É DURO — Trabalho de salva-vidas é duro; no frio nem se fala. Chico já socorreu umas quinhentas pessoas e diz que as vezes "dá enrólos". Muitas vezes vai salvar uma pessoa, quando outras estão querendo salvar. "É certo. Sempre seguro o cara errado". Se tem duas ou três, ele fica sem saber qual é a afogada. Conta que uma vez, na praia de Ipanema, pensou que fosse morrer. Um homem e uma criança iam se afogando: "O mar estava bravo e a tarde era chuvosa. Não tinha quase ninguém na praia. Veio uma onda forte e levou os dois. Francisco diz que auxiliado por um colega, demorou meia hora para trazê-los à beira da praia.

Terminado o trabalho, "o cara agradeceu, pegou o filho e foi embora. Nunca mais soube deles". Francisco guarda esse caso na memória. "Foi

o mais emocionante da minha carreira".

Para o guarda-vidas, a carreira é emocionante. Sente-se feliz e realizado porque já ensinou muita gente a nadar. "Já pensou eu ter que virar policial agora".

Ele é casado e mora em Vila Isabel. Por enquanto tem só uma filha. Se tiver um filho homem, não vai incentivá-lo a salvar vidas. "É carreira ingrata".

SITUAÇÃO — Atualmente os guarda-vidas ganham de cento e trinta a cento e noventa e cinco por mês. E não têm risco de vida. Tinham até novembro de 66. Foi cortado pelo decreto-lei número 1331 baseado na lei Federal para criar um seguro de vida. Faz quase um ano; até agora ninguém criou nada. O Serviço de Salvamento é um órgão da Secretaria de Segurança. O Governador acha que o seguro de vida vai beneficiar a toda família. Os guarda-vidas não concordam. Querem a gratificação de 40% ao mês. Guarda-vidas não tem medalhas nem ganha menção especial por serviços relevantes. Vez ou outra aparece um boletim com um elogio a um ou outro.

Quem for brasileiro, conseguir nadar cem metros em um minuto e quarenta segundos, oitocentos metros em vinte e cinco segundos, ter boa saúde e idade entre dezoito e vinte cinco anos, pode ser salva-vidas, se resistir a prova de arrebentação: isto é, se for corajoso. Essa prova é feita quando a maré está brava. O candidato tem que entrar numa onda de até uns três metros. O guarda-vidas pode ser promovido à inspe-

tor. Um posto mais alto e ganha mais um pouco.

É DIVERTIDO — Com tudo isso, no fim o negócio é divertido. Salva-vidas geralmente ganha boas amizades e pode até viajar. Além disso vê coisas engraçadas. "É divertido", diz ele. Agora aparece essa história de policial. Afóra isso "a maré é mansa". Quando está frio, pode-se dormir o dia todo. Muita gente escolhe essa profissão empolgada com o esporte. Diz-se até, que salva-vidas não faz nada, vive na praia. Mas o regime lá é sério. "Vai ser muito engraçado, a gente policiando as praias".

SABE COM QUEM TÁ FALANDO — Francisco Lopes já entrevistou diversos "espírito de porco", como diz. Uma vez tinha um banhista que anfiava várias bandeiras na praia. O homem incomodava as pessoas do lado. Francisco veio e pediu para parar. O banhista não gostou e continuou. Houve o "maior sururu", e o caso foi parar na delegacia. O cara quis agredir o salva-vidas e no distrito "não agüentou" e perguntou: Sabe com quem está falando? O cara era coronel". Os guarda-vidas não querem ser autoridade de jeito nenhum.

Passeando tranqüilo vem o guarda-vida. Alto bem forte e de olhos azuis. Está frio, o mar calmo. A praia está vazia mas ele não abandona o o posto, nem o calção azul. Toda hora olha ao mar; se vê alguém em perigo, corre e vai ajudar. Sua coragem é grande. Seu salário é pouco. Sua missão é esta.

Curandeiros na Guanabara

Dio 16 de outubro: Um repórter do SOL entra num táxi e dá um endereço.

— Ah, diz o motorista, o senhor vai para a sessão espírita, não?

— Perfeitamente.

— Eu também sou de lá, continua o motorista; o senhor deve ter ouvido falar nos verdadeiros milagres que são feitos. Minha mulher, por exemplo, já fez várias operações e salvou muita gente. Ela recebe o espírito de um médico famoso e consegue fazer as operações mesmo sem usar anestesia. E o que é mais importante, sem cobrar nada.

Dia 19 de outubro: Um templo espírita distingue-se pela simplicidade dos símbolos religiosos, mas caracteriza-se pelo quase fanatismo dos fiéis. Este centro espírita não é diferente. Enquanto uma "irmã" da Bahia faz a pregação no salão, o repórter procura arranjar uma consulta. O modo é simples: basta escrever nome e endereço num papel e aguardar o resultado. As operações só são feitas em casos extraordinários, quando o cliente está mais entrosado na religião. Realmente, não é usada a anestesia e quem faz a operação não tem diploma médico. Os espíritos não negam as operações, embora as conservem em sigilo. O presidente da Federação Espírita do Brasil prefere fazer uma distinção:

"Acreditamos na eficiência desse tratamento; o que separa o verdadeiro espiritismo do falso é a ocorrência ou não de qualquer tipo de pagamento."

OPINIAO — O problema do curandeirismo é antigo. Para o Dr. Mário Vitor de Assis Pacheco, da Associação Médica, o curandeirismo "é uma praga dos países subdesenvolvidos."

O curandeiro Nero, personagem do noticiário policial de 10 anos atrás, volta a ser notícia. Dizem que ele agora é exclusivo de um milionário e trabalha na Ilha do Governador fazendo curas e milagres.

"Eu conheço bem a história de Nero, diz um detetive da Delegacia de Crimes Contra a Saúde Pública; fui eu que instauréi um processo contra ele. As curas são conversa fiada." Mas o problema não é de Polícia.

O curandeirismo cresce cada vez mais. No Rio, algumas Associações Espíritas fazem as mais diversas operações, usando aparelhamento médico-cirúrgico. Quando se toca no problema, pensa-se apenas em misticismo e ignorância do povo. Isso, é evidente, também existe, mas está subjugado a um problema mais grave: a falta de opção de quem não tem dinheiro para seguir um tratamento médico regular. Assim, o curandeirismo é apenas mais um mal do

SUBDESENVOLVIMENTO

No Rio, não são poucos os que se dedicam ao exercício ilegal da medicina. Alguns chegam a viver bem das rendas obtidas com as operações, receitas miraculosas, abortos, e uma série de atividades que tendo ou não resultado, pagas ou gratuitas, são consideradas ilegais.

Perseguir os curandeiros dá resultado? Tanto o Dr. Mário Vitor, como o Dr. Oscar, chefe da Divisão de Fiscalização da Medicina, concordam que não. Localizam as causas de ordem econômica como as que mais interferem no problema. Diz o Dr. Mário Vitor que "o objetivo não deve ser a perseguição, mas o desenvolvimento econômico." O Dr. Oscar acha que a falta de médicos e remédios, e o baixo poder aquisitivo da população, tem influência no interior. "Aqui no Rio existe uma boa porcentagem de atendimento. A procura de curandeiros e profissionais curiosos se deve principalmente ao baixo nível cultural do povo. A cobertura da imprensa e, em particular da televisão, divulgando as charlatanias que andam por aí, ajudam a criar o misticismo."

Como se explica o aparecimento de curandeiros? O Dr. Oscar acha inexplicável: "No interior, por exemplo, em cidades onde nem sequer há médicos, a coisa ainda se compreende e tolera. Mas na ex-capital da República, na cidade em que em relação à população há a maior concentração de médicos do mundo, não se explica a proliferação de tais indivíduos." Para o Dr. Oscar, o problema não é bem econômico; para ele o curandeirismo não representa a crise de um sistema, de uma cidade onde há a maior concentração de médicos do mundo, mas cujos habitantes têm uma opção: o hospital estadual, freqüentemente mal aparelhado, ou o médico particular, cobrando caro. "E por que não acabamos com eles?" pergunta o Dr. Oscar. "Há várias razões: o apegado medo de ser incomodado, se acusar alguma pessoa; o bom moísmo brasileiro, que afirma que o curandeiro também tem família; a falta de uma legislação mais realística; o escândalo público que é feito em torno dessas pessoas."

MAGIA — O antropólogo Edson Carneiro considera e define o problema,

procurando fazer uma distinção entre curandeirismo e magia: "Por definição, curandeirismo é a prática ilegal da medicina. Certamente, podemos falar de curandeirismo quando as pessoas não habilitadas intervêm clinicamente nas dificuldades do cliente. Habitualmente, porém, entendemos a idéia do curandeirismo a muitos outros tipos de cura de doenças, que são, na verdade, processos de magia e tradicionais métodos de medicina popular. Se, por exemplo, o pal-de-santo aconselha um despacho, recomenda uns passes, ou uma difumação, não podemos rotular essas atividades de curandeirismo. Na mesma categoria se incluem as operações espíritas, em que o *medium* nem sequer toca o cliente, mantendo-se a distância e estirpando tumores, suturando vasos e consertando músculos, sem qualquer manipulação das partes afetadas. Se, porém, os processos de magia se associam ao uso de instrumentos, de drogas e remédios, ou à intervenção política, então há a característica de curandeirismo. Mas mesmo nesse caso, devemos distinguir entre a administração de remédios da medicina popular, processo tradicional e secular de cura, em grande parte precursor da medicina popular."

Qual a causa do problema para o antropólogo Edson Carneiro? "O curandeirismo é um problema de país subdesenvolvido. A sua persistência no Brasil se deve, por um lado, às dificuldades econômicas com que o povo luta e em parte a escassez de médicos, em relação proporcional à população. Não apenas são poucas as faculdades de medicina (e eram muito menos até há pouco tempo), como durante muito tempo essas escolas se negaram a ampliar o número de vagas. Além da escassez de hospitais, os médicos se concentram nas cidades onde muitos abrem consultórios freqüentados apenas por quem pode pagar. Pode-se dizer que, em geral, o indigente, mesmo nas cidades, está entregue à própria sorte, daí recorrerem a formas não ortodoxas de medicina. A solução para o curandeirismo, no seu estrito significado de exercício ilegal da medicina, está numa melhor distribuição de profissionais por todo o território nacional, num sistema parecido com o da Inglaterra — ou seja, a socialização da medicina — para servir a toda a população", diz o Sr. Edson Carneiro.

Figura 53: Curandeiros na Guanabara, publicada, n' *O Sol*, em 22 de outubro de 1967

SUBDELEGACIA DE XERÉM

Quando a Fábrica Nacional de Motores foi construída, o Brigadeiro Guedes Diniz, Diretor Administrativo da empresa, em 1944, encontrou inúmeras dificuldades com roubos constantes de materiais e muitas brigas entre os operários.

Como a delegacia mais próxima era no Distrito de Duque de Caxias, o Brigadeiro solicitou ao governo do Estado a criação de uma subdelegacia especial. Naquela época, Caxias pertencia à comarca de Nova Iguaçu, e somente mais tarde é que se tornou município independente. A nova subdelegacia especial ficou restrita ao Km 26 da rodovia Rio-Petrópolis. Com a emancipação de Caxias, criou-se o 4.º Distrito, com sede em Xerém, e com ele uma nova subdelegacia de polícia.

A ANTIGA subdelegacia ficou portanto sem finalidade, mas, não se sabe porque não foi extinta. Para o cúmulo da confusão, as duas subdelegacias, isto é, a nova e a velha, passam a funcionar no mesmo prédio, originando conflitos de autoridade; quando um delegado manda prender determinado indivíduo, o outro manda soltar, por ser amigo do infrator. A subordinação devida pelos soldados da Polícia Militar fica abalada, visto que obedecem ao delegado menos rigoroso no cumprimento do dever, e que lhes facilite certos abusos já bem conhecidos.

Em 1959 foi nomeado para titular da Subdelegacia o Sr. Mário Leite. Este homem, motorista da Fábrica Nacional de Motores, morando em Deodoro, foi o primeiro a ocupar a nova subdelegacia, e também um dos primeiros a descobrir que a antiga subdelegacia ainda não havia sido extinta. Em 1963, por abuso de autoridade, ele foi exonerado, e passou a pleitear a sua nomeação para o cargo da subdelegacia especial.

Mas o então Secretário de Segurança do Estado, Dr. Herval Basilio, não concordou com a pretensão, embora a delegacia especial ainda constasse nos seus arquivos; e empossou o sr. Osvaldo Sesino como subdelegado do 4.º Distrito de Xerém. Em 1964, o sr. Osvaldo Sesino foi exonerado e o sr. Demétrio Alves de Jesus empossado no cargo. Desta vez, não se sabe como, o sr.

Na área em que se localiza a Fábrica Nacional de Motores existem duas delegacias funcionando num prédio só. A subdelegacia oficial, com sede no 4.º Distrito de Xerém, e uma subdelegacia especial, com jurisdição antiga restrita à Fábrica Nacional de Motores e adjacências. De vez em quando, o Secretário de Segurança exonera o delegado especial. Então quem manda é o Sr. Mário Leite, que já

Abuso do poder



Mário Leite pleiteou o cargo e conseguiu ser empossado na antiga subdelegacia especial. Assim os dois subdelegados mandavam numa delegacia. A confusão reinante chegou aos ouvidos do Major Ivã Costa e Silva, Diretor Administrativo da Fábrica Nacional de Motores, que em 28/6/65 enviou ofício ao Secretário de Segurança do Estado, no qual afirmava que "vou reformular e resolver o problema das subdelegacias neste local, acabando com uma subdelegacia e reforçando o policiamento do distrito de Xerém". Sentindo-se ameaçado, o sr. Demétrio Alves de Jesus renunciou ao cargo de subdelegado do 4.º Distrito de Xerém, e o sr. Mário Leite, subdelegado da delegacia especial, ocupou o cargo. Acontece que nesse mesmo ano, o sr. Mário Leite foi exonerado, e voltou a ocupar o cargo da subdelegacia especial.

Assim a subdelegacia do Distrito de Xerém voltou a ter dois subdelegados, porque o sr. Mário Leite, figura das mais conhecidas e detestadas na localidade, acusado do ter espancado um homem até a morte, ocupa quando e como quer

a subdelegacia especial. O mais espantoso é que o atual Administrador da Fábrica Nacional de Motores concorda com isso, quando as administrações anteriores pediram a extinção daquela subdelegacia, por considerá-la supérflua. O mais importante nisso tudo é que Mário Leite tem a prisão preventiva decretada em 3 de abril de 1962 pelo Juiz José Bento Vieira Ferreira, da 2.ª Vara Criminal de Duque de Caxias, porque em 23 de fevereiro de 1961, espancou o sr. João Rodrigues, preso por suspeita de furto. Mário Leite bateu no homem até arrebentar-lhe a cara toda e causar-lhe a ruptura do lóbulo inferior do pulmão esquerdo. João Rodrigues morreu.

A situação continua. Mário Leite não quer deixar a subdelegacia. Cabe às autoridades, até agora alheias, uma solução para o caso. Os trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores dizem simplesmente: "Lamentamos volta de trêfego Mário Leite", num telegrama dirigido ao Secretário de Segurança.

TEXTO DE SÉRGIO GRAMÁTICO

Figura 54: Subdelegacia de Xerém, publicada n' *O Sol*, em 21 de novembro de 1967

Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano era a segunda ponta destacada por Pena (2008) com relação ao jornalismo literário. Esse caracterizava o único critério ao qual *O Sol* não se encaixava completamente. Contrariando a ideia desse ponto em específico, por ser um jornal diário, a folha alternativa tinha uma periodicidade, e conseqüentemente existia na redação o famoso *deadline* (condição relatada pelos profissionais do projeto no documentário *O Sol: caminhando contra o vento*). Apesar disso, a equipe do periódico não atentava apenas às novidades dos assuntos reportados. Primeiro porque, como vimos nos exemplos acima, as reportagens, na maioria das vezes, iam além dos fatos imediatos, traziam outros elementos relevantes sobre os assuntos, por meio de uma contextualização: no periódico carioca, muitas vezes, o mais importante consistia em desenvolver discussões em torno dos casos e não apenas no imediatismo. Segundo, porque também existiam espaços no jornal dedicados a reflexões mais amplas sobre a sociedade e a realidade do país, como séries de reportagens sobre a discriminação racial nas escolas²⁹⁵, necessidade de revolução no ensino²⁹⁶, problema da prostituição²⁹⁷, da exploração de menores²⁹⁸ e da subnutrição infantil em Guanabara²⁹⁹, entre outros.

A terceira característica apontada por Pena (2008) estava relacionada com a anterior, que consistia em proporcionar uma visão ampla da realidade. N' *O Sol*, percebe-se essa ampliação da realidade não apenas nas matérias mais temáticas. A preocupação por trazer um panorama mais completo sobre os fatos e a sociedade encontrava-se também nos assuntos mais factuais. Por exemplo, em *Contrabando explora paraplégicos*³⁰⁰, matéria dedicada a relatar o recorrente uso de deficientes físicos pelo contrabando na venda de mercadorias ilegais, não mostrava apenas os fatos pontuais e visíveis, mas revelava também problemas estruturais, como a corrupção policial que favorecia a manutenção dos tráficos e do contrabando e a discriminação do paraplégico que, excluído do mercado de trabalho e com uma família para sustentar, acabava se submetendo a ajudar os contrabandistas. Outra matéria que evidencia bastante essa ampliação da realidade presente nas reportagens no periódico é

²⁹⁵ Alguns exemplos: *A discriminação racial nas escolas. O Sol. 22/09/1967; Discriminação racial na escola. O Sol. (2) 23/09/1967; Discriminação racial na escola. O Sol. (3) 24/09/1967.*

²⁹⁶ Alguns exemplos: *Revolução no ensino. O Sol. 26/09/1967; Ensino na Guanabara. O Sol. 10/10/1967; Recursos Audiovisuais na Educação. O Sol. 01/11/1967.*

²⁹⁷ Alguns exemplos: *A prostituição na Guanabara (III). O Sol. 05/10/1967; Prostituição na Guanabara. O Sol. 12/11/1967.*

²⁹⁸ *Menores da Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

²⁹⁹ Alguns exemplos: *Fome. O Sol. 22/10/1967; Subnutrição, problema nacional. O Sol. 22/10/1967; Fome, um problema mundial. O Sol. 27/10/1967.*

³⁰⁰ Reportagem publicada na primeira edição d' *O Sol*, em 21 de setembro de 1967.

*Menores da Guanabara*³⁰¹, em que se reportava um problema da cidade, onde os chefões do crime empregavam crianças para mendigar, roubar e entregar entorpecentes. Aqui, além de apresentar o problema, discutia-se também a raiz da situação, como o abandono e a falta de amparo das crianças tanto em relação ao governo quanto à sociedade.

Não sabia a que estava levando – é a resposta da criança ao policial que a agarrou entregando um pacote de maconha. O aprendiz de bandido não denuncia o chefe. A criança não faz porque se sente abandonada pela sociedade. O único de quem ela recebe palavras de incentivo e de carinho, se pode haver carinho entre marginais, é do chefe. Quem aguenta pancada, quem engana a polícia, é macho. É “macho não fala” porque perde o conceito, ou mesmo a vida. Quando volta ao morro, fugindo de alguma escola de correção do Juizado de Menores, encontra escola para o aumento da sua marginalização. Dentro dos “colégios de correção” ou colônia de menores, em contato com pivetes mais vividos e mais experientes, ele duplica sua periculosidade.³⁰²

Em novembro, ainda relacionada ao conceito de visão ampla da sociedade, pode-se trazer como exemplo a reportagem *Para juiz de menores ler-II*³⁰³. Publicada na 44ª edição do jornal, a notícia trazia uma denúncia sobre o sistema penitenciário do Rio de Janeiro: de um lado, retratando a situação desumana vivenciada pelos presos e, de outro, a realidade das prisões, onde adultos e menores de idade dividiam uma mesma cela – por isso, a ironia do título: *Para juiz de menores ler*. “Continuando com a nossa reportagem de ontem, mostramos hoje a hora da comida em uma cela onde existem menores ao lado de adultos. E descrevemos – na impossibilidade legal de publicá-la – a fotografia que conseguimos obter numa das celas do Estado do Rio”³⁰⁴, dizia a matéria. Essa publicação, assim como as outras, não apenas apresentava o problema observado, mas também uma discussão em torno do fato, atentando para a responsabilidade das autoridades sobre as irregularidades encontradas no sistema carcerário.

A FOTO – Para descrevermos a fotografia que temos em nosso poder, as palavras não bastam mas vá lá. É o flagrante de um dos cárceres do Estado do Rio. As grades não são grossas, mas suficientes para impedir qualquer fuga. O tamanho da cela é exíguo: quase um quarto de empregada em um apartamento classe média. Há uma janela – o que é a única coisa decente da foto. No cárcere estão seis pessoas. No primeiro plano, bem ao centro, Malandrinho chupa o dedo, apoiado na grade. É branco de boa aparência, está razoavelmente vestido. A seu lado, com o rosto voltado para o interior da cela, outro menor se apoia nas grades: está seminu, suas roupas são um trapo. Composto o primeiro plano da foto, há um adulto que olha de forma ambígua para o menor. A foto revela um homossexual óbvio.

³⁰¹ *Menores na Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

³⁰² Trecho da reportagem *Menores da Guanabara. O Sol. 10/10/1967.*

³⁰³ *Para juiz de menores ler-II. O Sol. 10/11/1967.*

³⁰⁴ Trecho da reportagem *Para juiz de menores ler-II. O Sol. 10/11/1967.*

E revela mais. Revela aquilo que o Juiz de Menores faz questão de não ver, ou ver apenas uma metade – o que é a pior forma de se ver um fato.³⁰⁵

O exercício da cidadania, outra característica do jornalismo literário (PENA, 2008), também era uma preocupação constante da equipe de *O Sol*, qualidade facilmente identificada nas reportagens publicadas diariamente no periódico alternativo. Dessa forma, os repórteres do jornal moviam esforços a fim de denunciar descasos governamentais³⁰⁶, discutir os direitos e deveres dos cidadãos além dos problemas mais recorrentes da sociedade³⁰⁷, incentivar ações beneficentes³⁰⁸, trazer informações sobre campanhas de saúde ou social³⁰⁹ e divulgar outros assuntos relevantes à população, como a falta de água ou de luz em bairros do Rio de Janeiro, divulgadas na seção *SOS Guanabara*. N' *O Sol*, as reportagens eram dedicadas às necessidades dos cidadãos, principalmente os mais excluídos e desfavorecidos dentro da sociedade, como moradores de rua e da favela³¹⁰, estudantes e trabalhadores, tanto que frequentemente reivindicações sindicais³¹¹ e estudantis³¹², por exemplo, estampavam as páginas do periódico – assunto trabalhado no tópico 5.2.

A quinta ponta da estrela caracterizava-se pelo rompimento com o lide. N' *O Sol*, como já foi visto, a linguagem estagnada e sem criatividade, como dizia a equipe, não encontrava espaço no periódico, até porque o lide também reforçava uma lógica capitalista de produção, recusada pelos jornais alternativos do período da ditadura civil-militar brasileira. Assim, em oposição aos textos pasteurizados, sem criatividade, elegância e estilo, encontrava-se nas páginas do carioca alternativo uma variedade de textos singulares (sem padronização), com técnicas literárias de produção e com narrativas bem diferentes da maioria dos jornais da grande imprensa da época. As reportagens evidenciavam também que a subjetividade era um

³⁰⁵ Trecho da reportagem *Para juiz de menores ler-II*. *O Sol*. 10/11/1967.

³⁰⁶ Alguns exemplos são: *Mendigos recolhidos pelo Governo*. *O Sol*. 21/09/1967. *Contrabando explora paraplégicos*. *O Sol*. 21/09/1967. *Situação do guarda-vida*. *O Sol*. 23/09/1967. *Bairro Guadalupe*. *O Sol*. 10/11/1967

³⁰⁷ Alguns exemplos são: *Campanha de Reabilitação de Mulher*. *O Sol*. 21/09/1967. *A discriminação racial na escola (1)*. *O Sol*. 22/09/1967. *Produtos de Base*. *O Sol*. 23/09/1967. *Corrupção no trânsito*. *O Sol*. 24/09/1967. *Fome, um problema mundial*. *O Sol*. 27/10/1967.

³⁰⁸ *Leilão para a Casa da Palmeira*. *O Sol*. 23/09/1967

³⁰⁹ Alguns exemplos são: *Tuberculose*. *O Sol*. 22/09/1967. *Hepatite*. *O Sol*. 21/09/1967

³¹⁰ Alguns exemplos são: *Favela Nova Brasília vai acabar*. *O Sol*. 22/09/1967. *Urbanização do Catumbi*. *O Sol*. 24/09/1967. *Morro da Favela: desabrigados não podem reconstruir barracos*. *O Sol*. 10/10/1967.

³¹¹ Alguns exemplos são: *Assembleia geral dos bancários*. *O Sol*. 23/09/1967. *Federação e sindicatos dos bancários querem fim de arrocho*. *O Sol*. 05/10/1967. *Eleições nos ferroviários*. *O Sol*. 10/10/1967. *Luta contra o arrocho*. *O Sol*. 01/11/1967

³¹² Alguns exemplos são: *Protesto contra o FMI*. *O Sol*. 21/09/1967. *Excedentes*. *O Sol*. 24/09/1967. *Instalação do congresso no FMI*. *O Sol*. 26/09/1967. *O retrato da universidade*. *O Sol*. 27/10/1967. *A imagem do problema*. *O Sol*. 12/11/1967

recurso explorado com frequência nas matérias, mostrando uma descrença à lógica da objetividade que, segundo Ribeiro (2007), estava em alta na década de 1960.

Outra tendência literária d’*O Sol* consistia no uso frequente de definidores primários – outra ponta da estrela proposta por Pena (2008) –, sobretudo nas editoriais de *Cidade*, de *Polícia*, de *Problemas Brasileiros* e de *Educação*. Nas reportagens do periódico carioca, encontrava-se o posicionamento das fontes oficiais, porém, o mais comum, era se deparar com o ponto de vista do cidadão comum. Desse modo, em reportagens sobre racismo nas universidades ou sobre as condições precárias em abrigos para mendigos, a equipe procurava ouvir respectivamente os estudantes negros³¹³ e os moradores de rua. Como os repórteres d’*O Sol* davam preferência a pautas de interesse social e interessadas nos cidadãos comuns, e muitas vezes, esquecidos pelo governo e pela grande imprensa, as fontes que tinham prioridade no jornal eram trabalhadores que lutavam pelos direitos de trabalhos, estudantes que buscavam serem ouvidos, moradores da favela que reivindicavam o direito à moradia, à saúde e à educação.

Como forma de evidenciar a importância que a equipe d’*O Sol* atribuía ao posicionamento do cidadão comum, pode-se trazer como exemplo algumas notícias: *Mendigos recolhidos pelo Governo* (Figura 56), *Dormitório da GB* (Figura 57) e *Concentração no MEC é para denunciar falta de verba das escolas* (Figura 58). Publicada em 21 de setembro de 1967, a primeira relatava a intensificação do recolhimento de mendigos, levados a alojamentos em situações precárias, a fim de escondê-los dos delegados do FMI (Fundo Monetário Internacional) – presentes no país para uma convenção – os problemas sociais existentes na sociedade carioca, os afetados pela determinação (moradores em situação de rua) foram ouvidos pelo repórter, ao todo três: Maria Emília, Antônio e Arlete de Souza. Os definidores primários até apareceram na reportagem, mas com menos destaque. A segunda matéria, divulgada em 22 de outubro de 1967, destacava um problema vivido por moradores do Niterói que tinham dificuldade de ir a outras regiões do Rio de Janeiro, como Guanabara ou Copacabana, devido à inexistência de uma ponte de travessia. A fim de relatar a dificuldade dos niteroienses, principalmente os trabalhadores pendulares, de ir para outros lugares do Rio, o jornalista buscou ouvir os mais prejudicados pela falta da ponte. Já a terceira, estampada na folha em 10 de novembro de 1967, retratou uma manifestação organizada por estudantes por causa da falta de verbas para a manutenção do sistema público de ensino da cidade carioca. Como nas outras notícias destacadas, a equipe d’*O Sol* priorizou

³¹³ *A discriminação racial na escola (1). O Sol. 22/09/1967; A discriminação racial na escola (2). O Sol. 23/09/1967; A discriminação racial na escola (3).*

o ponto de vista do estudante, ao invés de priorizar a fala de fontes oficiais. Portanto, nesse mesmo caminho, todas as reportagens que propunham discutir algum assunto de interesse social, a população envolvida no fato era considerada fonte essencial, enquanto os definidores primários ficavam em segundo plano.

Mendigos recolhidos pelo Governo

É na Rua do Ouvidor que Maria Emília ganha o pão. Sentada num caixote, meia triste, ela espera que as pessoas que passam ali, depositem um auxílio a seu lado. Sua roupa é bem pobre, mas limpa. Seu cabelo está amarrado em tranças finas e crespas. É casada e seu marido é biscateiro — tem um defeito na perna e não arranja emprego fixo. Todos os dias de manhã, Maria Emília vem e senta ali. O movimento é intenso, a rua é comercial. Seus maiores protetores são os comerciários da rua. Uma vez Maria Emília foi levada ao Albergue, mas não ficou. O pessoal da redondeza deu por falta dela e fez uma lista para tirá-la de lá. Sua cegueira é de nascença. Ela tem dois filhos normais, um tem 11 e o outro 8 anos. Maria Emília quer que os filhos sejam "gente na vida." Jorge, o mais velho está a seu lado e olha o dinheiro. Ele vem com ela de Rocha Miranda, onde moram, no Morro do Faz Quem Quer. É véspera da Convenção do FMI. A cega sabe disso. Embora os mendigos da cidade estejam escondidos, Maria Emília escapa das batidas que a Secretaria de Serviços Sociais, manda fazer. Ela tem muito Santo Protetor. Um deles está guardado na sua roupa — é São Jorge.

Por isso, deu esse nome ao filho. Maria Emília está na Rua do Ouvidor, por poucos dias. Alguém — que ela não pode "estragar", vai arranjar outro lugar. Enquanto isso, vai ficando por ali mesmo.

É QUERIDA — Quem passa por lá, vê logo a ceguinha. Quase todo mundo larga qualquer cem ou dez cruzeiros. De dez em dez ou de cem em cem, ela diz que tira oito mil por dia. O que faz com o dinheiro é para evitar que as crianças mendiguem também. Ela não vê, mas olha o futuro dos filhos. "Ser mendigo é muito triste, minha filha. Os outros tem que dar pra gente."

Maria Emília não passa maus tratos porque o guarda da rua, toma conta dela. Os vendedores lhe dão uns trocados, obrigatoriamente. Ela é tão conhecida que outros mendigos parado ali, não ganham quase nada.

Antônio é mutilado, não tem um braço. Senta numa folha de jornal com a cabeça virada para dentro. Ele não está informado sobre a prisão de mendigos. Diz bastante assustado: "Sei não senhora. Não tô roubando nem fazendo nada de mal. Peço pra não morrer de fome." Antônio veio de São Paulo, lá trabalha como

Ela nasceu cega. Vive de esmolas que recebe todos os dias na Rua do Ouvidor, seu ponto fixo há anos. É casada, seu marido é doente, não consegue emprego fixo. Ela tem dois filhos e quer que eles estudem para ser "alguém na vida". Maria Emília pede esmolas para comer. Ela sabe que o Governo está recolhendo os mendigos para que os delegados do FMI não vejam nosso lado pobre. Mas ela vai mudar de ponto porque se ficar

O BICHO PEGA

servente de hotel. Está desiludido com o Rio. Aqui ninguém dá emprego a ele. Ele diz que carioca não tem confiança. "Não acredita em mais ninguém." Antônio está há uns vinte metros de Maria Emília. Diz que tira de dois a três mil cruzeiros, por dia. Ele tem vergonha de pedir, se pudesse, não pedia. Tenho medo de morrer, moça. De morrer de fome "Quando nos aproximamos dele, contamos que o FMI não pode ver mendigo na cidade. Ele diz que não sabia. Sentiu medo, levantou e se mandou.

LIMPEZA — Durante a convenção do FMI não pode ter mendigo nem camelôs na cidade. As autoridades acham um vexame, se algum deles pedir esmola aos visitantes ou mesmo oferecer uma meia de nailon. Por enquanto, com os camelôs, não está acontecendo nada. Eles também — como os mendigos — estão preocupados. Vão ser muitos dias sem trabalhar e "vivemos disso" — dizem.

A Secretaria de Serviços Sociais faz batidas pela cidade. Leva os mendigos. A ordem é limpar a cidade para os visitantes, mas alojamento, que é bom, não tem. O Centro de Recuperação de Mendigos, em Bonsucesso, recebe em média sessenta por dia. Lá é feita uma triagem e em seguida, a distribuição aos diversos Asilos da Cidade.

Lá mesmo, em Bonsucesso, há um, o Cristo Redentor. Seu estado é precário. Os mendigos não têm onde dormir direito. O alojamento está superlotado e não há dinheiro. O Governo não dá verba. O Tesoureiro, Antônio Miranda, diz que a subvenção Federal é anual e equivale à terça parte da despesa do Asilo. Assim como o Cristo Redentor, muitos outros estão em perigo. O Governo vai empastelar os Asilos de gente, mas não vai nem aumentar a verba.

LA FORA, É MELHOR — Arlete de Sousa é velha e mendiga, está no Asilo Cristo Redentor porque foi apanhada pedindo esmola, na ponte de Cascadura. O Centro de Recuperação de Mendigos ficou com ela quase um mês. Depois foi para o Abrigo, e "já estou cheia." Vou dar um jeitinho e sair. Na rua, vejo as modas e ganho "uns trocados."

Além do Cristo Redentor, o Governo tem ainda o Abrigo Santa Luzia, em Santa Cruz; a Ação Social Amparo Teresa Cristina, no Engenho

Novo, o Abrigo Feminino 1912, o Apoio Fraternal, em Laranjeiras; a Legião do Bem, no Méier, a União Social Beneficente Israelita, no Rio Comprido; a Casa S. Luís, em São Cristóvão; o Colégio Santo Adolfo, em Santa Teresa; o Lar de Frei de Paula, na Tijuca, o Lar das Rosas, no Engenho Novo, e o Banco da Providência. A Secretaria de Serviços Sociais desmente que o recolhimento de mendigos seja por causa da Convenção do Fundo Monetário Internacional. Assessores do Secretário afirmam que o trabalho é normal, que a blitz para apanhar mendigos é feita normalmente. Enquanto isso, no próprio Centro de Recuperação é dito que o serviço de recolhimento foi acelerado nos últimos dias. Esta semana quase mil foram recolhidos. No

CRM, o atendimento é iniciado com o banho, depois a roupa limpa. As assistentes sociais fazem a triagem e levam os mendigos a qualquer um dos estabelecimentos. A maioria dos casos é de alcoolismo. No CRM há leitura e recreação informal que acelerado nos últimos dias. Esta semana quase mil foram recolhidos. No

CRM, o atendimento é iniciado com o banho, depois a roupa limpa. As assistentes sociais fazem a triagem e levam os mendigos a qualquer um dos estabelecimentos. A maioria dos casos é de alcoolismo. No CRM há leitura e recreação informal que acelerado nos últimos dias. Esta semana quase mil foram recolhidos. No

CRM, o atendimento é iniciado com o banho, depois a roupa limpa. As assistentes sociais fazem a triagem e levam os mendigos a qualquer um dos estabelecimentos. A maioria dos casos é de alcoolismo. No CRM há leitura e recreação informal que acelerado nos últimos dias. Esta semana quase mil foram recolhidos. No

CRM, o atendimento é iniciado com o banho, depois a roupa limpa. As assistentes sociais fazem a triagem e levam os mendigos a qualquer um dos estabelecimentos. A maioria dos casos é de alcoolismo. No CRM há leitura e recreação informal que acelerado nos últimos dias. Esta semana quase mil foram recolhidos. No

DORMITÓRIO DA GB

"Só vendo mesmo como é que dói/ só vendo mesmo como é que dói/ trabalhar em Madureira/viajar na Cantareira/e morar em Niterói".

Dói mesmo. Não há mais Cantareira. Mas, continuam existindo Madureira e Niterói. "Vou aprender a nadar" — lamentou-se irônica-mente um passageiro da lancha grande, citando a musiquinha de carnaval dos tempos idos. Este é um problema que afeta a grande margem da população niteroiense, que é obrigada a se servir do mercado de trabalho da Guanabara.

Niterói é apenas uma cidade dormitório. O indivíduo sai de casa pela manhã, carregando uma marmita porque o seu salário não lhe permite outro sistema de alimentação.

Toma uma condução para o porto das barcas. Atravessa a baía — "ah,

êsse martírio". Trabalha o dia inteiro, no centro, Copacabana, Caju, Méier ou Madureira. Volta à noite. Essa é a rotina do niteroiense que se vê obrigado a sair da terra do Araribóia e buscar o pão de cada dia em outro Estado.

A PONTE? — O povo reclama. O comerciante reivindica. O industrial exige. Os políticos propalam.

O Governo vota. Apesar do Ministro da Viação, Sr. Mário Andreazza, dizer que muda seu nome se a ponte não sair. E chegada a hora de continuar à espera.

O FIM-DE-SEMANA — Quem passa o fim-de-semana em Niterói, não tem muito que escolher para onde ir. Muitos vêm para o Rio. Outros vão para Friburgo, ou qualquer outro local pitoresco do Estado. E os que ficam, se pertencem à classe média de Icarai ou com ela se identifica, procuram os pontos onde se afoga a juventude ociosa, que se cura da angústia de quem mora "do

outro lado da baía".

OS PONTOS — O Chalé é um deles. Um outro, que é a grande atração do momento, é a Cantina Iasa, que, de tão famosa e por coincidir com o evento da choparia do ano no Rio, passou a ser chamada de **O Pinicão**. Essa gozação faz lembrar o **Petit Paris**, que em Niterói é o filho mais novo do Cinerama. No **Petit** se reúne a festiva. Qualquer semelhança com os frequentadores do Cinerama é mera coincidência" — comenta um jovem.

O CINEMA — Em matéria de cinema, nem se fala. Filme bom é coisa para o século 21. O futuro espera que o São Bento ou o Central se manquem. Quem quer ver um dos lançamentos válidos ou das reprises dignas tem que vir ao Rio. E que dizer do teatro?

Os mais famintos pela vida não se contentam com o clima provinciano de Niterói. Nem mesmo gostam de ser perguntados pela sua cidade.

Figura 56: *Dormitório da GB*, publicada n' *O Sol*, em 22 de outubro de 1967

Concentração no MEC é para denunciar falta de verba das escolas

700 estudantes encontram-se concentrados no pátio do MEC. São 15h. Dali a pouco, chegam 2 choques da Polícia Militar e cercam os universitários. Alguns correm. A maioria permanece. "Estamos aqui e vamos permanecer aqui, pois não temos culpa se nossa universidade está ameaçada de um colapso, por falta de verbas." Um dos líderes fala. Vêm os aplausos. A Polícia permanece, mas os estudantes também ficam lá. O problema da Universidade Rural

reflete uma situação geral das universidades brasileiras: redução de verbas ameaça a normalidade das aulas. Os reitores anunciam que não têm condições para ampliar as vagas. Algumas universidades vão oferecer um menor número de vagas, em relação ao último ano. Assim, os estudantes daquela universidade entendem de desfechar uma campanha, cujo objetivo final é exigir das autoridades, providências imediatas para esse problema.

UMA COMISSÃO — Trem, ônibus, carros, caronas, tudo serve para transportar cerca de 700 estudantes da Universidade Rural, no quilômetro 47, para o pátio do MEC. Inicialmente, havia uma proposta para uma "marcha simbólica de protesto, a pé." Os estudantes, entretanto, em sua maioria julgaram que o assunto é imediato e decidem vir para o MEC, imediatamente. Chegam por volta das 15h. Dezenas de faixas são desfaldadas: "abaixo a elitização do ensino", "corte de verbas na universidade não é medida econômica", "educação ultrajada", etc. Forma-se um grupo grande, rodeado de curio-

sos. Improvisa-se um comício. Há representantes de outras escolas presentes, apoiando o movimento.

A POLÍCIA — Embora os alunos tivessem encaminhado pedido de permissão para a concentração, a Polícia comparece ao local. Cerca os alunos. Alguns policiais interpelam pessoas presentes. Depois, os estudantes explicam que se trata de um movimento pacífico: "Todavia, não viemos pedir, mas para exigir, pois temos direito de gritar contra a falta de recursos de nossa universidade. E estamos apoiados por todos nossos professores", assinalam. Assim, os policiais contentam-se em se misturar entre os estudantes e ficar em vigilância. Enquanto isto, forma-se uma comissão para dialogar com o representante do Ministro da Educação. São recebidos pelo Chefe de Gabinete: E marcada uma audiência para a próxima segunda-feira, às 17h, quando os alunos vão falar, diretamente, com o Ministro Tarso Dutra. Já está programada uma concentração para a próxima segunda-feira, na Universidade Rural, antes de virem para o pátio do MEC.

Figura 57: *Concentração no MEC é para denunciar falta de verba das escolas*, publicada n' *O Sol*, em 22 de outubro de 1967

Por fim, como sétima ponta da estrela, Pena (2008) destaca a perenidade. N' *O Sol*, localiza-se a produção com essa característica em praticamente todo o conteúdo do jornal, mas ela se sobressai nos assuntos reservados a trabalhar problemas sociais. Assim, pode-se depreender por meio da análise que, mesmo passados cinquenta anos, muitos fatos permanecem em discussão dentro da nossa sociedade, como as corrupções policiais e

políticas, as desigualdades sociais e raciais, a exploração de menores, a prostituição, o contrabando, as drogas, a violação dos direitos trabalhistas, entre outros. Diante disso, muitas das reportagens publicadas no periódico carioca servem para entender aspectos da nossa realidade contemporânea, tanto que o caráter perene das matérias do jornal não é um aspecto que se percebe apenas na atualidade por meio da pesquisa, na verdade, a própria equipe já tinha conhecimento disso na época da experiência: “O SOL não pretende substituir qualquer livro, mas dar à notícia a sua verdadeira dimensão numa História que nós, hoje, estamos fazendo. No momento em que o SOL começou a circular já estava cumprindo sua participação nessa História, interpretando-a”³¹⁴.

Para tentar ilustrar essa característica da perenidade d’*O Sol*, pode-se trazer como exemplo algumas reportagens de caráter social publicada no periódico, como *Discriminação racial nas escolas*, *Menores na Guanabara* e *Para Juiz de menores ler-II*. Apesar de todas retratarem assuntos relacionados a problemas sociais especificamente do Rio de Janeiro da década de 1960, cada uma delas apresenta pelo menos um aspecto sobre a realidade social do nosso tempo. A primeira, publicada em 23 de setembro de 1967, abordou um assunto ainda muito discutido na contemporaneidade: a desproporção entre o número de estudantes brancos e negros dentro das universidades e a discriminação racial na sociedade. A segunda, divulgada em 10 de outubro de 1967, retratou um dilema muito recorrente: a exploração de menores por parte de traficantes para facilitar a venda de entorpecentes. Já a terceira, estampada na folha em 01 de novembro de 1967, destacou dois pontos importantes: a necessidade de se pensar a política de reeducação de menores infratores e a precarização do sistema carcerário do país.

Como foi observado, o conteúdo produzido pela equipe d’*O Sol* não apresentava uma única forma. Alguns textos alcançavam níveis mais altos de literariedade. Já outros tinham uma característica mais informativa. Entretanto, ambas as maneiras, de certa forma, encaixavam-se dentro de uma produção literária, isso porque buscavam ultrapassar os limites da factualidade, traziam uma contextualização dos fatos, renunciavam a técnicas padronizadas, como o lide e a pirâmide invertida, além de priorizarem uma abordagem pautada na ética e no respeito à cidadania.

Depois de conhecer um pouco da linguagem e técnicas usadas pelos repórteres d’*O Sol* na hora de desenvolver as notícias, a seguir serão apresentadas outras características importantes da folha carioca, atentando-se para as possíveis mudanças ocorridas nas páginas do periódico durante o período em que circulou encartado no *Jornal dos Sports*.

³¹⁴ Trecho de editorial. *O Sol*. 23/09/1967.

5.5 Critérios de produção

O jornal alternativo *O Sol* apresentava diariamente dez páginas, com exceção dos domingos, quando o periódico tinha duas folhas a mais, totalizando doze. As longas páginas em formato *Standard* eram preenchidas por notas, reportagens, crônicas, colunas, charges, *cartoons*, entre outros conteúdos. Em meio a uma variedade de notícias, encontravam-se textos informativos, opinativos e também aqueles mistos, dando ênfase ao mesmo tempo à opinião e à informação. A produção literária era encontrada nas notas, mas sobressaía, sobretudo, nas reportagens mais longas e de maior fôlego.

Uma tendência comum em jornais da grande imprensa consiste em apresentar ao leitor os autores de tudo o que é produzido, o que se conhece como crédito, usado para referenciar fotos, textos, charges, ilustrações, histórias em quadrinhos ou qualquer produção publicada no veículo. A equipe d'*O Sol* trabalhou esses aspectos de autoria de uma forma única e diferente. Produções textuais – notas e reportagens – e fotografias geralmente não vinham creditadas. Ao longo da análise, apenas um ou outro texto com referência de produção foi identificado. Essas elaborações assinadas, na maioria das vezes, eram desenvolvidas por colaboradores externos ao jornal, isto é, profissionais que não faziam parte do grupo efetivo da redação.

A atribuição de crédito tinha relevância n'*O Sol*, mas em condições específicas. Na folha, as colunas ou as seções vinham acompanhadas das assinaturas dos autores. Na editoria de polícia, por exemplo, havia o folhetim publicado diariamente, escrito por Carlos Heitor Cony ou também um espaço reservado para a publicação de crônicas ou fábulas. Essas últimas, ao invés de terem apenas um autor, apresentavam vários – Manuel Alves Fernandes, João Rodolfo do Prado, José Augusto Caldeira, Luís Frederico Marinho e Sergio Gramático – que revezavam nas produções textuais. Em *Cidade*, também se encontrava algumas seções fixas que eram creditadas, como *Roteiro Sindical*, desenvolvido por Fernando Mattos e *Aviação & Turismo*, de Airton Costa.

Apesar de haver colunas ou seções assinadas ao longo de todas as páginas d'*O Sol*, a editoria de *Arte e Espetáculo* representava a parte com maior número de conteúdos assinados. Nela, havia os textos de moda publicados por Martha Alencar, as histórias infantis escritas por Nelson Rodrigues, uma coluna de conselhos amorosos produzida por Anita Jordão e os textos reflexivos desenvolvidos por Mister Eco. Além das colunas assinadas, a equipe do jornal contava com colaboradores especiais, responsáveis por produzir resenhas sobre produtos culturais. Dessa forma, as críticas teatrais ficavam por conta de Isabel Câmara; Airton L.

Barbosa era o encarregado de trazer à folha discussões sobre música; os comentários relacionados ao universo televisivo estavam sob a incumbência de Fernando Lôbo.

Além das colunas e das seções, outras produções também acompanhadas de assinaturas eram as ilustrações, charges, *cartoons* e histórias em quadrinhos. N'*O Sol*, as ilustrações geralmente vinham creditadas por Daniel Azulay e Wagner Horta, as charges por Henfil, os *cartoons* por Ziraldo e as histórias em quadrinho também por Daniel Azulay. Ou seja, como foi possível observar, a equipe do periódico priorizou apresentar os autores somente das produções fixas do jornal.

Outro diferencial d'*O Sol* em relação aos veículos da grande imprensa estava relacionado às fotografias publicadas no jornal. Contrariando a regra, as imagens fotográficas chegavam às páginas d'*O Sol* não apenas sem crédito como também sem legenda. Às vezes, os jornalistas faziam uma referência à foto ao longo do texto, mas isso não representava uma necessidade, uma vez que o texto já deixava evidente o que a fotografia estava representando. Nesse sentido, pode-se dizer que, na folha carioca, as imagens tinham como função ilustrar apenas a notícia publicada, como se vê no exemplo (figura 58).



Mulher de carrasco nazista desmente reconhecimento das fotos do marido

Descoberta no seu anonimato de Munich, Sofia Mueller, mulher do último chefe da Gestapo, acaba de reconhecer que, na verdade, seu marido está morto. Há vinte e dois anos sem ter notícia de Heinrich Mueller, Sofia ficou surpresa quando lhe disseram que ele tinha sido descoberto no Panamá, disfarçado de vendedor ambulante.

A primeira reação de Sofia foi procurar as fotografias do seu marido na versão 67. Realmente, à primeira vista, Willard Keith parecia ser Heinrich Mueller. A surpresa e o assombro que ela sentiu foram logo depois substituídos pela decepção. Sofia submeteu as fotos a um acurado exame com uma poderosa lente de aumento, e verificou que Keith não era Mueller, o carrasco nazista acusado de ter mandado para as câmaras de gás milhões de judeus. Este último desmentido, feito hoje por Sofia aos jornalistas de Munich, vem de encontro às afirmações de Simon Weisenthal, homem que tudo sabe sobre carrascos judeus, segundo as quais Muller não era o homem do Panamá. O que surpreendeu foram as palavras finais de Sofia: "Fiquei alegre!".

Massacre

O fato mais importante da crônica policial nesta semana, foi o surruco no Estádio Mário Filho, durante a peleja Vasco e Fluminense.

Os detalhes ficam por conta do setor especializado, mas a verdade é que o fato transcendeu no esporte e invadiu o noticiário policial. Distribuir a culpa entre jogadores será inútil. Pode-se apontar, à execução pública, um nome que teria a responsabilidade física do escândalo que entristeceu à cidade: o jogador Adilson. Mas a responsabilidade real pelas violências que voltam a imperar em nosso futebol pertence aos dirigentes dos clubes que acobertam os fatos e incentivam, com a impunidade, a repetição de novos incidentes. Sabe-se que, aconselhado por dirigentes, Adilson foi ao distrito mais próximo fazer queixa-crime contra Denilson. Trata-se de uma palhaçada que só poderia ser concebida por um dirigente, interessado em fazer média junto ao Tribunal de Justiça Desportiva. Não faz muito, um clube inglês multou todo o seu quadro de futebol que provocou tumulto num jogo internacional. E não vamos pensar que os ingleses são dados a frescuras. Na hora do chamado futebol-força sabem jogar e ganhar. Já os valentes, do tipo de Adilson, numa partida difícil só sabem tremer.

Selvagens atacam: mais de cem esquartejamentos e trinta mil refugiados

Selvagens da Ilha Pontianak, na Indonésia, lançam uma campanha de terror contra a população chinesa que controla a economia da região.

A ação dos dyaks começou no fim de outubro, seguida de uma declaração de guerra. Parece que o estopim da revolta foi o ataque de guerrilheiros chineses, que atuam na região, contra os selvagens. Agora, os dyaks apoiados pelo Exército da Indonésia, lançam-se contra toda a população chinesa.

Mais de trinta mil refugiados escaparam para a cidade de Pontianak. Selaju e Singkawang. As autoridades acreditam que estas duas últimas localidades sejam atacadas nos próximos dias.

As mortes atingem a mais de cem em geral, os corpos são esquartejados.

O canibalismo e a caça de cabeças abandonadas há mais de 15 anos também está sendo praticada pelos selvagens. Pelo menos, 15 aldeias foram totalmente destruídas, e outras tantas. Fome pode ser, também, o motivo da rebelião.

Figura 58: *Massacre* notícia publicada n' *O Sol*, em 21 de novembro de 1967

Além das fotografias, encontrava-se com frequência nas páginas d' *O Sol* algumas ilustrações. Essas imagens vinham acompanhando algumas reportagens do periódico com a mesma finalidade da foto: ilustrar a notícia. Entretanto, essas produções, às vezes, tinham um teor irônico ou até crítico. Para confirmar a afirmação anterior, pode-se trazer alguns exemplos. Em relação ao mês de setembro, é possível destacar a ilustração que acompanha a

matéria *Férias de 30 dias*³¹⁵. Nela, o repórter discutiu a reação de lojista diante da aprovação de uma lei garantindo ao trabalhador férias de um mês. “Os trabalhadores iriam ter férias de 30 dias. O projeto está sendo estudado pelo Ministério, mas os empresários são contra. Em Recife, o presidente do Clube dos Lojistas diz que ‘descanso semanal é um crime, um luxo proibido’”, dizia a matéria. A fim de ilustrar a notícia, Daniel Azulay desenvolveu uma imagem com um tom crítico. Como se observa (figura 59), o desenhista retratou um lojista se referindo a férias de 30 dias como um crime e, num segundo quadro, vê-se o mesmo caído morto com um punhal nas costas, deixando a entender que o crime na verdade era a opinião equivocada do empresário. A ilustração vinha de certa forma confirmar o ponto de vista do jornalista responsável pela matéria que se mostrava favorável à ampliação de direito ao trabalhador.

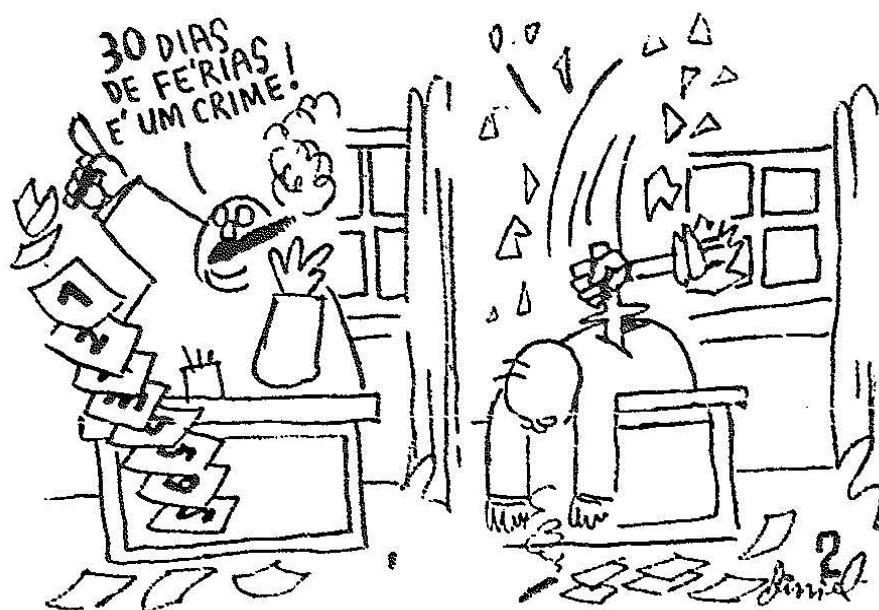


Figura 59: Ilustração publicada n' *O Sol*, em 24 de setembro de 1967

De outubro, é possível trazer como exemplo uma ilustração produzida por Wagner Horta. A imagem que acompanhou a matéria, *Governo recua de posição*³¹⁶, representava um pouco do conteúdo da notícia. Publicada em 10 de outubro de 1967, a reportagem, por sinal crítica e opinativa, relatava atitudes recessivas assumidas pelo governo brasileiro diante da política atômica, de transporte, de trabalhos, de frete e de agricultura. “Os rumores de que o Governo recua das posições nacionalistas aumentam. A oposição já se prepara para denunciar

³¹⁵ *Férias de 30 dias. O Sol. 24/09/1967*

³¹⁶ *Governo recua de posição. O Sol. 10/10/1967.*

tudo: a revisão na política de fretes, o abandono a que foram relegados Magalhães e o Átomo. Será uma volta ao passado? Quem pressiona o Governo?”, dizia trecho da notícia. A ilustração de Wagner retratou muito bem a reportagem: observa-se uma série de brasileiros decepcionados, seguido de outro alegre, possivelmente por anunciar as novas medidas, porém esse último está sendo furtado, ou seja, a imagem tenta destacar os prejuízos da nação devido a políticas antidesenvolvimentistas (figura 60).

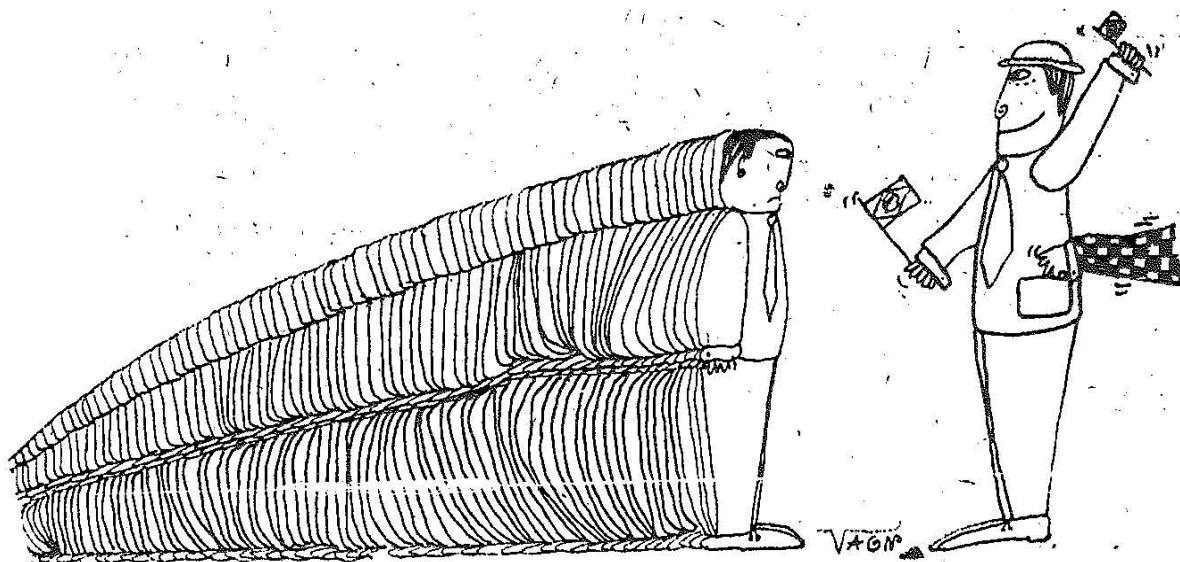


Figura 60: Ilustração publicada n' *O Sol*, em 10 de outubro de 1967

Em relação ao mês de novembro, pode-se apresentar como exemplo mais uma imagem produzida por Wagner. Nesse caso, a ilustração estava diretamente relacionada ao conteúdo da reportagem *EUA e América Latina*³¹⁷. Nela, entre vários pontos, o repórter comentou sobre a decisão dos países latino-americanos de transformar a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) em um Mercado Comum, mas para isso solicitavam uma proteção por meio de tarifas preferenciais por parte dos Estados Unidos. Entretanto, os norte-americanos se mostravam contra a proposta por defender a liberdade no comércio mundial. A imagem ilustrou justamente essa luta travada entre os EUA e os países da América Latina (figura 61).

³¹⁷ *EUA e América Latina. O Sol.*

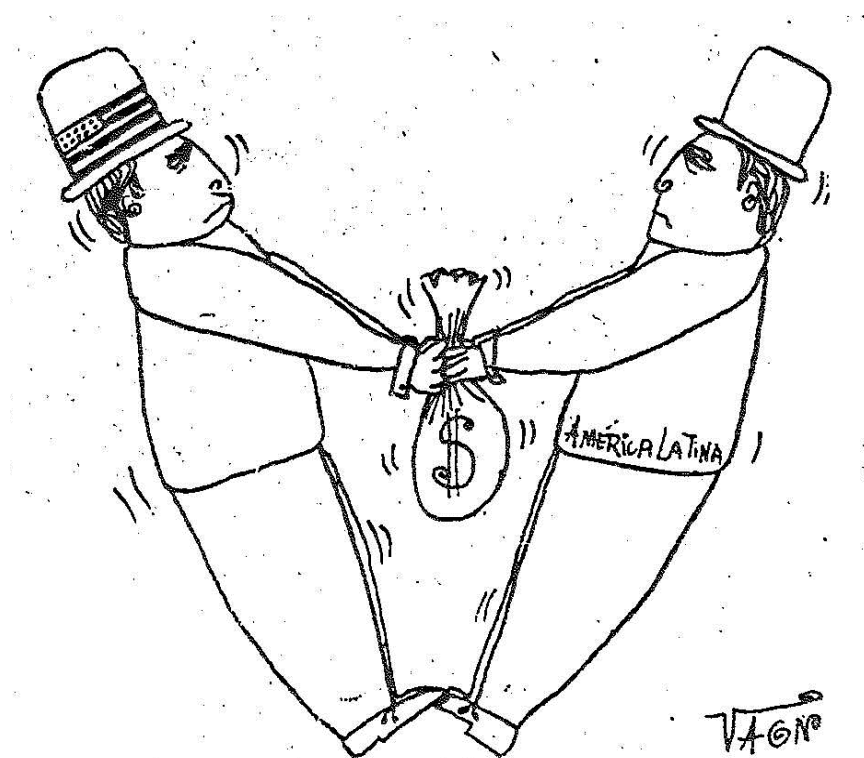


Figura 61: Ilustração publicada n' *O Sol*, em 01 de novembro de 1967

Como foi discutido até aqui, as reportagens d' *O Sol* poderiam vir acompanhadas de fotografia dos casos reportados e de ilustrações críticas. Além disso, encontrava-se no veículo notícias apenas escritas, ou seja, sem imagens. Entre as editorias do periódico, *Artes e Espetáculos* era a parte do jornal onde ficava contido diariamente o maior número de imagens tanto em relação a fotografias quanto a ilustrações. Na página 2 (*Cidade*), *Educação* e *Internacional*, consistiam as folhas com menor quantidade de produção imagética – elas até apareciam, mas o mais comum era se deparar apenas com texto escrito. Por meio da análise das edições que vão de setembro a novembro de 1967, foi possível observar que, com o decorrer das produções, as imagens foram adquirindo mais espaço n' *O Sol*.

Em relação às produções fotográficas, a editoria de *Polícia* representou a que obteve uma mudança mais significativa ao longo dos meses. Nas primeiras edições, por exemplo, raramente as notícias policiais vinham acompanhadas de fotografia, porém, com o decorrer das publicações, tornou-se frequente o leitor deparar com pelo menos uma por exemplar. Como pode ser visto na primeira edição do jornal (figura 62), a produção textual se sobressaia em relação às imagens; já na 36ª (figura 63) existe um equilíbrio entre fotografia e texto. Por meio da comparação, é possível perceber também que, nos primeiros exemplares, as ilustrações eram mais comuns e, com o tempo, tornaram-se mais preponderantes.

Crime de Meriti na Assembléa

A sessão da Assembléa Legislativa do Estado do Rio é movimentada. Prestando esclarecimentos sobre o assassinato do menor Renato está o Secretário de Segurança, Coronel Homem de Carvalho. Para ele, a Baixada está muito melhor atualmente e que a má fama provém, apenas, de alguns policiais e não de toda a Polícia. Os inquéritos estão abertos e dois policiais são acusados: Fincão e Índio. Todavia, o Promotor Itabaiana é muito mais incisivo. Para ele

Ninguém fica impune

Assembléa Legislativa do Estado do Rio tem uma sessão agitada com a presença do Secretário de Segurança, Coronel Francisco Homem de Carvalho, convocado para prestar esclarecimentos sobre o crime de Meriti cometido em maio de 1967 pelo menor Renato Maia Teixeira foi morto por policiais civis da cidade.

O Secretário não considera a Polícia fluminense a mais corrupta Polícia do País e, respondendo a um questionado, afirma que "não possui alguns maus policiais por lá e a Polícia". Na sua opinião o índice de criminalidade baixou sensivelmente na Baixada, nos últimos anos, o que pode dar uma idéia do que acontece quando o índice era normal.

Quando aos inquéritos, o Secretário de Segurança informa que dois inquéritos foram abertos, um policial e outro administrativo. No primeiro inquérito, o Promotor Itabaiana acusa dois policiais, enquanto que no segundo está em fase de conclusão. O Secretário não informa que o in-

quérito policial está tendo todo o amparo, enquanto que o administrativo está sendo escondido pela Polícia fluminense. De um prêmio global, o inquérito administrativo é mais importante, pois afeta a toda a estrutura policial.

Não dá tempo, o Deputado Alberto Fôrça pergunta ao Coronel Homem de Carvalho — que, além do Secretário, faz parte do Serviço Nacional de Informações — para que o Secretário não fosse responsável pelo crime de Meriti, mesmo que tivesse o não habitante, cometido ou não alguma infração", ao que responde o Secretário de Segurança: "Não estou sendo julgado, mas caso configurasse o crime, eu não poderia ser responsável pelos policiais para por em risco minha família".

Quando ao fato de ter mandado fazer a pericia dos projétils na Guanabara, o Coronel Homem de Carvalho explica que pedira apenas a pericia da bala dentada, ficando a pericia Pereira Passinho, de Niterói, já

havia informado que o projétil fora disparado por uma arma de calibre 45. E fica a dúvida, porque demorou-se tanto em apresentá-lo?

SUBSTITUIÇÃO — Juntamente com o novo aparelhamento material, a Polícia da Baixada Fluminense, oferece uma grande limpeza, devendo ocorrer a mudança geral de ocupantes de postos-chaves", informa o Secretário. Quanto ao problema dos alcaides, o Secretário diz que quer mandar punir os responsáveis pela permanência de alcaides juntos às delegacias", o que é considerado muito importante pelos repórteres presentes ao depoimento.

O PROMOTOR ITABAIANA, presente na Assembléa, afirma que está aguardando o momento para poder incluir todos os implicados no caso do assassinato do menor Renato. Pretende englobar todos os implicados. Inclusive o delegado Evandro Sarmiento e o Inspetor Gabriel, cuja defesa está sendo feita. Será pedida a prisão preventiva de todos os policiais.

Esta declaração vem confirmar o que o Promotor já havia dito à rosa reportagem, antes de ser ouvido. Nesta ocasião, o Promotor afirmou que acusará todos os envolvidos até os que acobertaram a fuga dos assassinos.

Para ele, um detalhe havia comprometido totalmente o PM fluminense antes de ser conhecido o detalhe pericial: foi a afirmação de que ele não quer se revolver em casa antes da bala. Immediatamente, o promotor e o Corregedor Palmira, dirigiram-se à residência dos policiais e interrogaram sua esposa. Esta afirmou que João não entregara a arma depois da batida, após tê-la entregue ao delegado. Quanto ao acusado Índio era o único que portava uma arma deste calibre no momento do assassinato, a não ser que surja outra arma, o inquérito, o que é bem pouco provável.

Folhetim de Carlos Heltor Cony

O crime mais que perfeito

Capítulo XXXVI

A especialidade da especializada

Ao ouvir a palavra "prolegômenos", comissário e delegado, rubros de cor, bromaram que não admitiam palavras naquela especialidade. Foi a vez de o agente postalista ficar rubro, não de côlera, mas de vergonha, e protestaram o não no peito, os olhos húmidos:

— Não sou homem de palavras. Referia-me ao fato de, após tantas meses de cruéis incertezas, ter sido dada a constatação de que minha mulher, afinal, me traiu. Mas não foi uma revelação brutal, como, feito num só dia, eu num só momento. Começou pelo ríscio, daí eu ter usado a palavra prolegômenos.

— Não damos o caso coisas uma outra palavra — rousou o delegado Godofredo. — Há a palavra técnica, jurídico, para o seu caso: adulterio. E assim que os códigos constatacionam o delito a que vos referis. Não tomamos conhecimento do caso.

— Mas prolegômenos não é coisa. Eu também conheço muitas palavras rebarbativas para designar as prevaricações de comissário e delegado. E um nome tão digno como o de vossa Delegacia.

— Mas nossa Delegacia não tem nome. Tem um número.

— Mas vossa excelência, há pouco, referiu-se a esta sala e a esta Delegacia como "especializada". Pois eu pergunto: qual a especialidade da especializada. Responda-me a isso e eu explicarei o que sejam os prolegômenos.

Assim raptado, o delegado Godofredo voltou um pigorro que mais parecia um uivo. E começou:

— Bem, a especialidade da nossa Delegacia é a especialização, quer dizer, é uma especialidade muito especial... digo até que especial, porque nos especializamos em atender a casos especiais... o cho que estou sendo compreendido, aliás, o comissário aqui presente pode explicar melhor. Tem a palavra o comissário!

O comissário Jardim, que colouva seus confididos bofes laivos e sedosos, gozando no íntimo o recordado em que o agente postalista metera o delegado, deu um pulo no cadeira e bradou:

— Por quem sois! Não ouso revelar a especialidade de nossa especialidade! É segredo de Estado. Não somos réus, réus é o cidadão que apresenta. Ele que se explique!

Mas nisso entrou em cena um agente do SNI e declarou que todos estavam presos. Delegado e comissário alegaram sucessivas condições mas o agente do SNI foi preempatório:

— Estão todos presos. O Brasil quer saber quem foi que cuspiu na honra nacional colocada na sede desta Delegacia. Não é uma Delegacia especializada?

— Pois está especialmente preso.

(No próximo capítulo: O LABRÃO QUE OSTENTA)



4-B

Roubar brinquedos dá dois anos de prisão. E tentar violentar menor dá seis meses

Na 5.ª Vara Criminal são apresentadas denúncias contra dois chocantes, Jamil da Cruz, estaqueiro, sem nenhum motivo, seu próprio irmão em novembro de 1966, na Favela Nova Brasília. O outro caso foi proporcionado por Carlos Ferreira Gonçalves que, em fevereiro de 1964, invadiu a casa número 1 do Conjunto Residencial Nova Holanda, em Bonassuco, pertencente a Ana Ferreira de Carvalho e violentou a menor E.M.M., Obstatido pela dona da casa, Carlos a agrediu, ferindo-a com gravidade. Outro aspecto a ser observado é a demora em ser feita a denúncia. Pelo jeito, quando os culpados foram julgados já pagaram a maior parte da pena.

Na 22.ª Vara Criminal, Antônio José da Silva é condenado por tentativa de homicídio de Carlos Aguiar Manuel de Oliveira, de 84 anos de idade. Nos autos consta que Antônio e a mãe moravam no barraco da vítima dando em toco, apenas, a lavagem de roupa de Manuel.

4-C

Menos Dois

A Invernada de Olaria, na sua ronda de ontem, conseguiu afastar a jurisdição de dois perigosos assaltantes-homicidas que há muito visitam impondo um clima de terror na Zona Norte. O detetive Lincoln Monteiro e sua equipe mantiveram-se por mais de 20 horas ocultas em um matagal, à espera, até que, em determinado momento, surgiram calmamente, Irineu Nonopomenco de Paula (brasileiro, 38 anos, solteiro, Rua Tietze Renner 49, Botafogo Ribeiro) e Wilson Nonopomenco de Paula (brasileiro, 32 anos, solteiro, mesmo endereço) o "Wilsinho". Tão logo apresentaram a presença da equipe da Invernada, os marginais saíram das armas e, após um breve tiroteio, ao cessar a munição de cada um, colocaram-se mãos à cabeça, entregando-se. Quanto a "Oswaldo Bichinho", pesam as acusações de um crime de sangue à mão armada, tráfico de maconha e um homicídio, que teria ocorrido no Estrada do Barro Vermelho. "Wilsinho", declara que é mais "leve" do que o irmão, tendo "elemento não preso pelo artigo 318 (menção), mas não deu explicação convincente quanto à sua reação de medo de prisão. Após o contar do bofetão, os marginais serão encaminhados às Delegacias Distritais, onde passarão vários inquéritos. Os policiais da Invernada de Olaria esperam, dentro das próximas horas, efetuar também a prisão de "Wilsinho", amante de "Oswaldo Bichinho", que em muitos aspectos tem servido como isca no chamado "sandoro".

Na CPI da violência, legado confirma acusações contra Secretaria de Segurança

Na anuência entre o delegado Antônio Fontana e os comissários Ismael Ferreira e Cristiano Lacerda, todos da 38.ª DD, são confirmadas as acusações feitas por vários depoimentos já prestados na CPI que investiga as arbitrariedades policiais contra os estudantes presos por protestarem contra a revolução do PM. Constatando o depoimento do general Manoel, Superintendente da Polícia Executiva, o delegado Antônio Fontana reafirma que os estudantes foram em condições para a cidade do Rio de Janeiro. Contudo, a CPI confirma que os estudantes presos foram enviados para cidades do Estado do Rio — Itaguaí e Santa Cruz — por polícia a não DOPS, rito o qual um chamado Vitor Alberto. A medida visava corroborar declarações da Secretaria de Segurança, ao Judiciário e ao Legislativo, de que não havia estudantes presos em condições da Polícia da Guanabara. Os deputados opõem-se à medida, acusam o presidente da comissão, deputado Couto e Sousa, de estar tumultuando as investigações com o intuito de livrar a causa da Secretaria de Segurança, acusada de arbitrariedade.

4-D

Fuga do xadrez e assalto diversos caminhões de gás até ser preso de novo

Os detetives Vinícius, Jubilvan e Humberto conseguiram, na madrugada de ontem, desmantelar a perigosa quadrilha de assaltantes a cambulinhada de gás retiradas que vinha implantando terror nos bairros de Rocha Miranda, Colégio e Acari, no estacionamento de Rodolfo da Silva Filho o "Rodolfinho", que há dias, em uma porta do xadrez da 27.ª DD, totalmente aberta, conseguiu fugir com uma série de graves acidentes, onde o conhecido "Baldi", e o motorista que servia a "Yara", conhecidos José da Rocha, Rodolpho, desde que escapou do xadrez da 27.ª DD, vinha sendo muito de vamente ser preso. E foi levado por esse tempo que se apanhou a sua mãe, que procurou a 31.ª DD, onde iria se entregar. A Turma da Rocha e Carlos instantaneamente rumou para o local determinado, onde, após o rodado, se encontrava o marginal. Rodolpho imediatamente somou todos os seus companheiros. A "Yara", que vinha muito mais fácil para a turma da R.F., que em poucos horas conseguiu prender todo o bando. Com a prisão dos marginais, esclareceu-se mais de vinte assaltos a vários caminhões, realizados nos últimos noventa dias.

Ônibus em excessiva velocidade arranca um poste do lugar e derruba outro

A fúria irresponsável dos choferes de ônibus tem tido como resultado uma série de graves acidentes, onde muros são derrubados, casas demolidas e postos arruinados. Ontem, um ônibus da linha 187, Estrada de Ferro-Leblon, chapa 884-13 trafegava, como de costume, em excessiva velocidade na Avenida Epitácio Pessoa, quando desproporcionou e chocou-se violentamente e atingindo ainda um segundo e contra um poste tirando-o do poste, derrubando-o. Apesar de a vítima do choque, houve poucas vítimas, e sem maiores gravidades. Ficaram feridos os seguintes passageiros: João Miguel, brasileiro, branco, casado, 35 anos, Estrada Barapui 4; Elza Dutra da Fonseca, brasileira, parca, casada, 38 anos, de residência, Avenida Epitácio Pessoa 339; Maria Dolores da Silva, brasileira, parca, 40 anos, Bairro Sta. Rosa, Estado do Rio; e os gemos André Luis e Antônio Cleto, ambos de 1 ano e 9 meses. A 15.ª DD registrou a ocorrência.

4-E

Barra Pesada

Na madrugada de ontem, a equipe dos "Intocáveis" conseguiu tirar do "Barboza", que está condenado a 32 anos por um latrocínio cometido no bairro de Botafogo, os nomes de Antônio Barbosa e Aníbal de Albuquerque Mendonça, que media de segurança, em uma reunião de segurança, em uma casa cede no arrastão", figuram Atil Alves Nascimento, arrombador profissional, com nada menos de 22 inquéritos em flagrante; José Eliasete, vulgo "Bira", assaltante a mão armada e autor de homicídios, na jurisdição da 31.ª DD; Ezequiel Paiva (19 anos, solteiro), amante de "Atil", que também participa dos arrombamentos, com "cheira"; José Francisco Longo e Antônio Orlando Alves de Miranda, que foram presos em flagrante, no "chamado ponto das jóias", e que tinham em poder, no momento, mais de trinta milhões de cruzeiros antigos em jóias das várias espécies. No contrário, declararam que adquiriram os jóias por preço inferior ao valor, não se preocupando com a origem das mesmas.

Deputado assassinado em Caicó denunciara um compê para malá-lo

Continua a repressão em Natal a assassinato do deputado caicóense, Getúlio Dantas, morto de tocha no sábado passado. Dois pistoleros de um clube em Caicó, deturbar o motor ligado e começaram a atirar. O deputado, considerado homem valeroso, caiu ferido por cinco tiros. Um atirador por cinco minutos, e o outro por dois minutos. Um amigo que o acompanhava, Sr. Aníbal Macedo, também ferido à vida na feitura, além dos dois mortos, cinco pessoas ficaram gravemente feridas.

O parlamento morto em diversas ocasiões, havia denunciado um complot visando sua morte. O complot seria vingado a morte de um médico, Dr. Orlando Pereira Queiroz, ocorrida em julho último, da qual não foi acusado. A Assembléa Legislativa não lhe deu a permissão para que viesse ao Rio de Janeiro, e o deputado Dantas denunciou o complot. Entre os participantes denunciados pelo deputado estavam o Tenente Derval, capitão de Polícia, e Coronel Elton Manoel Medeiros, Delegado da Polícia.

Figura 63: Editoria de Policia publicada n'O Sol, em 01 de novembro de 1967

O recorte acima da editoria de *Polícia* ajuda a comprovar, mais uma vez, uma característica d'*O Sol*: a ausência tanto de legenda quanto de crédito nas fotografias. Além disso, a equipe do periódico dava prioridade a imagens com presença de pessoas. Fotografias de paisagem, de prédios ou de estabelecimentos relacionados à notícia até chegavam às páginas da folha carioca, mas eram mais raras. Vale ressaltar também que se encontravam dois tipos de foto n'*O Sol*: as pousadas e as de situações cotidianas. Nos exemplos acima, tem-se ambos os casos. A matéria *Crime do Meriti na Assembleia* foi ilustrada com uma imagem espontânea da realização da reunião; já as outras duas imagens são possíveis de reconhecer como posadas.

Como qualquer veículo de comunicação, *O Sol* passou por adequações e transformações ao longo da sua produção. Uma primeira mudança observada no periódico esteve diretamente relacionada às notas publicadas no jornal. Nas cinco primeiras edições, a equipe manteve dois tipos de estrutura: uma parecida com a forma das reportagens, apresentando título, abertura criativa e corpo da matéria (figura 64); outra apenas com um título curto, na maioria das vezes criativo, seguido do corpo da matéria (figura 65). Do quinto exemplar em diante, o segundo tipo de nota continuou aparecendo com frequência n'*O Sol*, em contrapartida, o primeiro foi substituído por outra forma, isto é, a equipe trocou a abertura por um título mais longo, completo e direto – mais próximo do que era feito nos jornais da grande imprensa, com sujeito, verbo no presente do indicativo e complemento –, como se pode ver na figura 66.

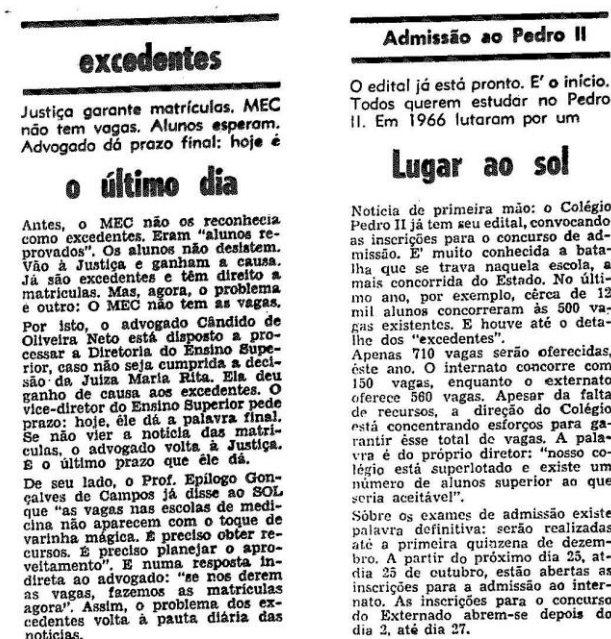


Figura 64: Notas publicada n'*O Sol*, em 21 de setembro de 1967

Mosquitos

O combate aos mosquitos deve ser intensificado nas favelas e construções agora que o Governador Negrão de Lima liberou um crédito especial de 10 mil cruzados novos para a campanha de combate aos insetos na Guanabara. Segundo o decreto o crédito será compensado com os recursos fornecidos pelo Ministério da Saúde, através do DNERU, conforme termo de convênio assinado entre aquele Ministério e a SURSAN.

Otelo Doente

O Teatro Municipal suspendeu as apresentações dos Recitais de "Otelo". O diretor do Teatro, Antônio Vieira de Melo, informou que o tenor Assis Pacheco foi acometido de "enfermidade súbita", não havendo quem o substitua. Os recitais de Otelo seriam apresentados hoje e domingo.

Diálogo

O engenheiro Hélio de Almeida, presidente do Clube de Engenharia, esteve ontem no Palácio Guanabara para agradecer a presença do Governador Negrão de Lima à sua posse no clube, e reafirmar o seu propósito de manter o diálogo estabelecido pelos seus antecessores com o Governo do Estado.

Alemão no FMI

A Delegação Alemã à reunião do Fundo Monetário Internacional tem chegada prevista para hoje em voo da KLM. A delegação é chefiada pelo Ministro da Economia da Alemanha, Dr. Karl Schiller, governador alemão do Banco Mundial. O professor Schiller, um dos mais eminentes economistas alemães ocupa desde 1947 a cátedra de economia política da Universidade de Hamburgo. As teorias políticas do professor Schiller fazem parte do Partido Socialista Alemão.

Figura 65: Notas publicada n' *O Sol*, em 22 de setembro de 1967

Detetive é ferido por marginal que não acatou ordem de prisão e reagiu à bala

Uma turma da 25.^a DD resolve dar uma batida no Morro do Quietão. Um marginal — cujo nome não é revelado — está interessando especialmente os policiais.

Lá em cima, encontram o malandro dormindo, na maior calma do mundo, em seu barraco. Os homens gritam o tradicional "têje prêso". O marginal não gosta e resolve não atender à voz de prisão: que, entre outras coisas, lhe tira completamente o sono. Reagindo, o malandro entra em luta corporal com os policiais.

A luta é desigual, e o marginal sabe disto. Aproveitando uma deixa, dá no pé; mas não se esquece de levar a arma, uma 45. O detetive Taary Alves Cardal, casado, de trinta e oito anos, vai em seu encalço. Quando está quase alcançando o bandido, este se vira e dispara. O detetive cai com um tiro no abdômen e é socorrido pelos colegas, que o levam para o Hospital Sousa Aguiar. O marginal consegue fugir, mas sua vida corre perigo, como a de todos aqueles que baleiam policiais.

Fome

Fome. Fome por todos os lados, em todos os cantos do mundo, semeando discórdias, criando vietnãs, revelando aos olhos pasmados dos povos ricos as índias e os brasís desesperados. "No ano 2000" — diz o alemão Fritz Baad — "a fome vai imperar no mundo. Se a Rússia e os Estados Unidos, em vez de se prepararem para a corrida armamentista, não tratarem de explorar o fundo do mar ou outras fontes de alimento, será o caos. Ai sobreviverá o mais forte, o mais bem alimentado. Enquanto os financistas de Wall Street, donos das riquezas do mundo, estudam as melhores formas de evitar os excedentes dos produtos agrícolas, as crianças morrem de fome no Harlem, nos bairros negros de Nova Jersey, na Índia, no Nordeste brasileiro, no Vietnã". A foto, por si só, já dispensa a legenda. O casal, com dois filhos, vive na miséria — ou vegeta — e dorme à porta de uma agência bancária.

Lá dentro, contando o dinheiro dos ricos, o "homem sério" não sabe ou não quer saber que o homem pobre tem úlcera porque não come. O casal é a imagem da tristeza. Ou da pobreza? Não sabemos. Os compêndios ensinam que o homem precisa de 2.500 calorias por dia, mas o brasileiro só consome 1.500. Sessenta por cento do nosso povo morre de fome.

Milionário deixa sua fortuna a quem provar que existe a alma humana

James Kidd, natural de Fênix, no Arizona, deixou a sua fortuna a quem provar que a alma existe. A estranha disposição testamentária causou problemas ao juiz Robert Myers, que recebeu centenas de petições e memoriais solicitando que a fortuna de Kidd fosse destinada ao Instituto Barrow, que faz pesquisas no terreno da neurologia. A fortuna de James Kidd, mineiro de idéias estrambólicas, está calculada em 230 mil dólares. Em seu testamento, a cláusula é bastante clara: "deixo o dinheiro a quem provar que a alma humana existe e que abandona o corpo quando este morre."

O juiz Myers escutou, durante 13 semanas, toda a sorte de depoimentos e ouviu centenas de provas, desde seculares de cabelo, até espelhos mágicos. Além dessas provas materiais, surgiram milhares de citações de teólogos e de versículos da Bíblia. Mas o juiz preferiu doar a fortuna ao Instituto Barrow, o qual manterá o magistrado informado de suas pesquisas e está disposto a devolver o dinheiro caso o juiz encontre alguém que resolva a questão.

Figura 66: Notas publicada n' *O Sol*, em 22 de outubro de 1967

Outra mudança observada n' *O Sol* por meio da análise esteve intimamente relacionada com a capa do periódico. Da primeira até a edição de número 28, salvo pequenas modificações de edição para edição, a capa apresentava uma estrutura padrão (figuras 67 e 68). Seguindo a estrutura gráfica idealizada por Reynaldo Jardim, tinha-se a capa dividida de acordo com a diagramação quadrática. Assim, no primeiro quarto (A) do jornal, ficava o logotipo na parte superior seguido de uma foto com uma descrição curta embaixo da imagem. No segundo quarto (B), vinha a chamada de uma única matéria, sempre com o texto em destaque. Já na terceira (C) e na quarta parte (D) havia trecho e chamadas de várias reportagens (Figura 69). Das capas das edições analisadas, até a edição de número 28, observa-se uma semelhança na estrutura da primeira página d' *O Sol*. No entanto, da edição 32 em diante, percebe-se que a capa deixou de ter um padrão e passou a ser diagramada de forma mais livre. Como se vê na figura 70, é possível identificar as primeiras mudanças que ocorrem nos dois primeiros quartos da página: antes, elas eram preenchidas apenas por uma chamada; depois disso, torna-se mais irregular, podendo aparecer uma ou mais chamadas. O segundo quarto da página em particular também começou a ser completada com imagens.

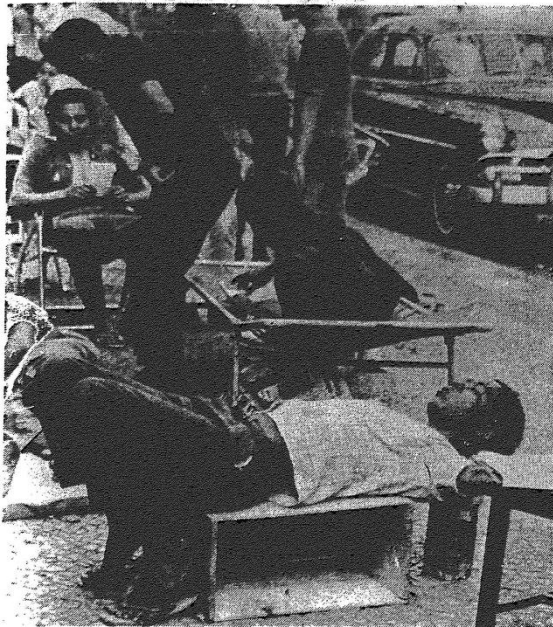
A ausência de padrão e a liberdade adquiridas pelas capas d' *O Sol* podem ser claramente observadas na figura 70. A característica desta última é bem diferente das anteriores. Como é possível perceber, a capa continuou sendo diagramada com base na divisão quadrática, mas a equipe do periódico passou a distribuir as chamadas ao longo da página, de uma forma mais irregular.

Outros aspectos importantes a serem levados em consideração giraram em torno do logotipo e das fotografias. Quanto ao nome do jornal, os diagramadores lhe deram mais destaque ampliando o logotipo. Em relação à fotografia, percebe-se que, com o decorrer da edição, as capas passaram a ter mais espaço para as imagens. Ao comparar a primeira e a última edição é possível identificar essa diferença: na figura 67, percebe-se o uso de duas fotos; na figura 70, encontram-se cinco.

Chefe em JORNAL DOS SPORTS
pelo preço único de NC\$-0,20

SOL

Rio (Guernber) / Ano 1 / Nº 1
21 de Setembro / 5-Maio / 1967



Quem não tem casa, acampa na rua para conseguir financiamento — 2-b

A portas fechadas, os governadores da América Latina e das Filipinas no Banco Mundial e no FMI escolhem o Ministro Delfim Neto para falar em nome de seus povos. A partir da reunião em Lima,

BRASIL LIDERA FUNDO

3-B

Da mesma terra de Borjalo é Henfil. Borjalo com seus boncos falantes veio para O SOL, via TV Globo, de Minas. Já Henfil é importação direta. De Minas, Caratinga, trouxemos também o traço esboçado de Wagn. Daniel foi colhido aqui mesmo, nas matas de Ipanema. O SOL nasce assim com uma predominância acentuada do humor mineiro.

MAGALHÃES ABRE DEBATES NA ONU SÔBRE O ÁTOMO

10-A

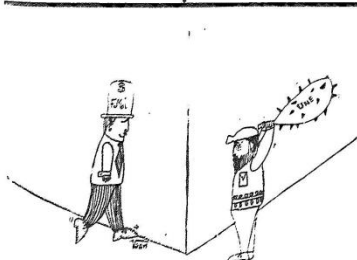


Em sessão secreta, realizada ontem à noite, a Câmara resolveu não cassar os mandatos dos Deputados Nélson Carneiro e Estácio Sotelo Maior, envolvidos num feroz crime meses atrás. Apenas 73 Deputados votaram a favor da cassação, 14 em branco. A maioria, de 168 votos, foi contra

BOMBA DO CACO TEM ACUSAÇÃO S-C

ENCONTRO DA UME NA MOITA S-C

CEARÁ FAZ SUA GREVE S-D



elenco

gente que é notícia em O SOL

Mendigos temem ser presos (2-a), mas, na favela, os meninos recebem sapatos da Comde (2-b). O Governador Negão de Lima assinou decreto aumentando a merenda escolar (2-d). A guerra dos abalhos africanos prossegue, e Warwick Stevan Kerr, o técnico que as importou, tem drama de consciência (3-a). Na 4-a, aprende como os controlandistas fazem caridade através dos paraplegicos e, na 4-d, conhece a opinião da mulher de Cécio Murilo sobre o novo crime em que o marido está envolvido. O Deputado Mauro Magalhães quer solução para o caso dos ratos (5-b). Roberto Carlos elogia o diretor de seu filme, Roberto Farias (7-a). Veruska, George Harrison e Anônimo Dias estão na 7-b. Isabel Câmara analisa o teatro de Frank Marcus (6-d), e nosso roteiro indica o disco do Chico Buarque de Holanda e a peça de Fausto Arap e Nelson Xavier (6-c). Estudantes começam grito contra o FMI. Hoje, tem concentração no Colabourço. Comício-rolêmpago foi dissolvido. Cárcer de onze mil policiais estão atentos a qualquer movimento estudantil (8-a). Notícia de primeira mão: Pedro II anuncia inscrições para o concurso a admisso. São 750 vagas, para o próximo ano (8-b). O advogado quer processar o MEC. Se a decisão da Justiça não for acertada, vem a queixa-crime. Isto é com Candido de Oliveira Neto (8-b). Um grito de alerta contra as onuidades. A coisa está acontecendo na UEG (8-c). Em matéria de política estudantil, o CACO ainda é o centro das atenções. Há pressões para que a diretoria renuncie. O presidente tem uma palavra: "não me molestem" (8-c). Edson Franco fala sobre o acórdão MEC-Usoid (8-d). Professor de histologia é o pavio de nova crise no meio estudantil. (8-d). Aurélio Viana comenta o discurso de Magalhães Pinto na ONU (10-a). O General Albuquerque Lima enfrenta os próximos: querem preser o Rio Amazonas (10-b). Outro Ministro, outro problema: Jarbas Passarinho e a socialização da medicina (10-c). Jara Vargas fala sobre a Frente Ampla, onde não admite que Lacerda esteja (10-d). Rodan Rosenstein dá oulto do desenvolvimento (11-a). Richard Nixon lidera a corrida dos candidatos à Presidência, mas Goldwater tem esperança (12-b).

Néls on Rodrigues escreve deliciosas historinhas infantis em O SOL. Hoje a primeira, na 7-b. E Carlos Heitor Cony inicia também neste número inaugural um emocionante folheto sobre um crime mais que perfeito. Isso na 4-c. Mister Eco faz sua crônica da noite (7-d), e Martha Alencar comparece com seu desenho (7-c). Essas são algumas atrações especiais de O SOL.

GREVE PARALISA URUGUAI 12-A



Jair Rodrigues recebeu ontem as chaves da cidade, ao se inscrever no Concurso de Músicas de Carnaval. A Guanabara foi "entregue" ao cantor pelo Secretário de Turismo Carlos de Laet, que considera Jair o "maior sambista brasileiro, apesar de ser paulista e de todo mundo dizer que em São Paulo não se faz música boa". O artista ficou muito emocionado e feliz da vida ao conhecer a opinião do Secretário — 5-a.

Manaus e dezenas de cidades do Norte podem desaparecer. Geólogos americanos apresentaram projeto para construção de uma represa de 50m em Óbidos. A cidade — 29m acima do mar — será submersa. Deputado do Pará pede aprovação do Plano. A Assembléia reage. (10-b)

Figura 67: Capa da primeira edição d'O Sol publicada em 21 de setembro de 1967

SOL

Circula com o JORNAL DOS SPORTS pelo preço unico de NC\$ 0,30

Rio (Guanabara) / Ano 1 / Nº 28
22 de Outubro - Domingo / 1967



GILBERTO GIL, COM "DOMINGO NO PARQUE", E O GRANDE SUCESSO DO FESTIVAL DA RECORD

BOLIVIA AMEAÇA INVADIR CUBA CONTRA SUBVERSÃO

12-C

O Museu da Imagem e do Som, que desde a sua fundação, em dezembro de 1966, pertencia ao Banco do Estado da Guanabara, passa agora ao Governo do Estado. A iniciativa é do Chefe da Casa Civil, Sr. Luis Alberto Bahia, depois que o BEG acabou a dotação. O MIS tem sobrevivido graças aos filmes que promove.



Os banhistas tiveram ontem um show diferente: a equipe brasileira de pára-queda se exibiu em Ipanema e no Leblon, comemorando a Semana da Asa. Um dos pára-quadistas deu-se mal: quebrou uma perna e foi para o Hospital Miguel Couto. Pouca gente soube e a festa continuou tranquilamente.

Paulo VI vai mesmo à mesa de operação

12-D

Governo quer oposição obediente

11-C

gente

que é assunto

Edson Carneiro

CURANDEIRISMO ECONOMICO

3-A

Euclides Lima

REVELAÇÃO EM CONCURSO

3-B

Negrão

ABRE CONGRESSO

3-C

John Lennon

EM FILME PACIFISTA

6-D

Roberto Carlos

ENFRENTA PERIGOS

6-D

Zinneman

A ESTREIA DA SEMANA

7-B

Irene Estevão

FALA DO GRÊMIO

9-B

Carlos Moraes

RECLAMA DIALOGO

9-D

Walmer Soares

QUER REITOR AFASTADO

9-D

Alberto Rajão

LIDERA OPOSIÇÃO

11-B

Gen. Theotônio

NEGA AUMENTO DE GÊNEROS

11-C

Debray

NA HORA DA DEFESA

12-D

Eduardo Frei

CONTRA AUMENTOS

12-C

assunto

que é notícia

Casa Portuguesa

QUER SEDE EM MINAS

3-B

Oração

SALVA PRESO DA TORTURA

4-A

Peloponeso

CHUVA E VENTO SEM PARAR

4-C

Norte-americano

QUER PROVA DA ALMA

4-D

Iugoslavos

EM MISSÃO NO RIO

5-C

Prêmio Nobel

AO POETA ZANGADO

6-A

Samba

NAO ENTRA NO FIC

7-A

Moda

COMO ESTAR POR DENTRO

7-D

Biblioteca

NOVA MENTALIDADE

9-A

UME

PROGRAMA MAIS PROTESTOS

9-D

CACO

25 CABEÇAS NA BALANÇA

9-D

Ocupação

TERMINOU O ENCONTRO

11-D

Incendiários

MISTÉRIO NO CEARÁ

11-D

Os trabalhadores começam a se movimentar. E vêm na união sua única forma eficaz de luta. Os homens do governo se assustam. O ministro do Trabalho fala em volta do CGT. Os defensores da ordem estão atentos e qualquer sombra de rebelião. E há todo um aparelho armado para a repressão das greves que trabalhadores e estudantes podem estar preparando. Para melhor vigilância, agentes da Central Intelligence Agency, dos Estados Unidos, estão dando uma ajuda, trabalhando nos sindicatos brasileiros. Essa a denúncia de um deputado carioca que acaba de pedir no Congresso uma

CPI para CIA

11 - b

Infância brasileira passa fome

11-A



Chico pode ganhar Festival nacional

3-C

MANIFESTANTES EM WASHINGTON LUTAM CONTRA POLÍCIA

12-A

Telavi (AP) - O destróier israelense "Eliath" foi afundado por foguetes lançados de um cruzador egípcio a algumas milhas de Port-Said. A tripulação é salva por helicópteros.

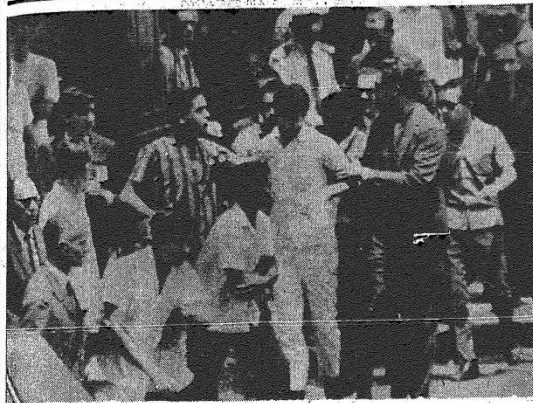
Figura 68: Capa da 28ª edição d'O Sol publicada em 22 de outubro de 1967

26 PRESOS NA LUTA DE MIL CONTRA POLICIA

Cofre com o JORNAL DOS SPORTS
pelo preço único de NC\$ 0,20

SOL

Rio (Guanoabara) / Ano 1 / N.º 32
27 de Outubro / 6.ª Feira / 1967



A passeata preparada pelos estudantes de Belo Horizonte contou a presença do Presidente Costa e Silva na cidade, não chegou a sair. Mais de mil estudantes lutaram, em vários pontos da cidade, com a Polícia, sendo agredidos pelos cassetetes, gases e mangueiras d'água. Vinte e seis foram presos, o primeiro foi o presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, Plínio Arantes. Para surpreender o esquema policial montado, os estudantes decidiram antecipar a passeata mar-

cada ostensivamente para hoje. As 10,30 horas, pequenos grupos começaram a chegar à Praça Sete. As 11 horas começaram a chegar os agentes do DOPS. Um grupo de cerca de 50 estudantes, colocando-se em frente a uma loja comercial, levantou uma faixa: "Fora com o ditador!" No mesmo instante seis investigadores atacaram a faixa e prenderam Plínio Arantes, que, resistindo, foi espancado e jogado dentro da Rádiopatrulha. Em poucos minutos, vários carros da Polícia cercaram o grupo, sob vaivéns dos populares

que inclusive jogavam água nos seus agentes. O segundo e mais sério combate foi na Avenida Paraná: 300 estudantes com faixas dizendo: "O Povo organizado derruba a ditadura". "Mais pão, menos canhão", "Queremos verbos para estudar", foram dispersados depois de atirarem pedras nas vitrinas policiais. À noite, em assembleia, decidiram prosseguir o greve, as denúncias e as pichações de murais.

México não rompe com Cuba
10 - D

Anulada expulsão dos doze da FND
8 - B

Papa recebe patriarca ortodoxo
10 - D

União sindical articula greve
5 - C

Deficiência de som prejudica cantores

Arlette Zola, Suíça

Hervé Villard, Mônaco

Monica Zetterlind, Suécia

Cantando em português, Andy Williams é a surpresa do Festival. Peter Horten canta pela Áustria, dando início, às 22h. É vaiado quando começa, mas consegue dominar o público. Pelo Mônaco, Hervé Villard faz a platéia voar com "O Avião do Infinito". É a melhor interpretação da noite. Emocionado, quase desmaia nos bastidores. O Japão é a atração dos fotógrafos, na pessoa de Mie Nakao, que canta "Amigos, Apenas" Os 4 mais da noite são: Mônaco (o mais promissor), Japão, Canadá e Suíça. E os defeitos técnicos são o desastre da festa. Mais FIC na 3-B.

Saigon - Bombardeada Hanói durante 35 minutos pela aviação norte-americana. 16 aviões derrubados pela defesa anti-aérea norte-vietnamita. Capturados 20 paraquedistas.

gente que é assunto

Martin Lutero
450 ANOS APÓS A REFORMA
3-A

Celso Ortega
PERDA LASTIMAVEL
3-C

Claudio Ramos
ARROCHO AGRAVA CRISE
3-B

Helena Ignês
PERSONAGEM DE VERÃO
6-D

Britten
ESTREIA DE PETER GRIMES
7-A

Elis Regina
NEGA ATAQUE A GIL
7-C

Hélio Gomes
PERDE NO CONSELHO
8-B

Walmer Soares
PASSA NOITE NO DOPS
8-B

Lindolfo Carvalho
FALA SOBRE VESTIBULAR
8-B

Hervásio Carvalho
E O COLONIALISMO
8-D

Artur Itabaiana
RECUSA PERICIA
4-B

Debray
TESTEMUNHO A FAVOR
10-B

Xainxá
PASSA A XÁ
10-B

Lord Chaford
ESTA OTIMISTA
10-D

assunto que é notícia

Aero-barcos
DA ITALIA PARA NITERÓI
2-D

Luz
ONDE FALTA AMANHÃ
3-C

Comércio
NÃO ABRE SEGUNDA
3-C

MIS
DESPEJADO PELA POLICIA
3-C

Finados
FLORES NÃO SOBEM
3-C

Trânsito
GATO E RATO É HOJE
3-C

Crianças
MORTAS COM INSETICIDA
4-D

Recife
SONEGAÇÃO DE IMPOSTOS
5-C

Índios
ATACAM SERINGUEIROS
5-C

Circos
UNIDOS PARA NÃO ACABAR
6-A

Cinema Alemão
CICLO DE CURTA-METRAGEM
7-D

FNF
FICA SEM DIRETÓRIO
8-BC

Ferrovias
PROBLEMA ANTIGO
9-A

Uruguai
DE NOVO COM GREVE
10-B



Samba vai à Assembléia defender Rei Momo
2 - D

Nilo Reis (foto) se entrega à Polícia. Joaquim Correia Filho, o **Fincão**, confessa ter dado dois tiros, um dos quais atingiu Paulo César. Mas, aponta **Indie** como autor dos disparos que mataram o menino Renato Teixeira. O jogo do empurra continua, com depoimentos contraditórios. Culpados são muitos. 4-B

Belo Horizonte: - Incêndio destruiu, à noite, o Hotel Minas Gerais, a Casa Valenciana, a Camisaria Botafogo e o Vulcão das Meias, no centro da cidade. Cinco pessoas ficaram feridas.

Figura 69: Capa da 32ª edição d'O Sol publicada em 27 de outubro de 1967



BRASIL BARGANHA CAFÉ SOLÚVEL

9 - A

SOL

Revista de JORNAL DOS SPORTS
100 páginas - preço de NR\$ 0,20

Rua (Guinaberal) / An. 1 / N.º 32
21 de Novembro / 3.ª-Feira / 1967



O Primeiro-Ministro Haroldo Wilson (na radiofoto da AP) saindo do seu escritório para apresentar-se na Câmara dos Deputados enfrenta grave crise com a desvalorização da libra esterlina. Mas, dessa crise, a Inglaterra pode sair para uma vitória em sua velha tentativa de ingressar no MCE. 10-A

MATRICULA PARA EXCEDENTES SAI 9 MESES DEPOIS

8 - A

Aumento do cafézinho para NCr\$ 0,80 em dezembro nada tem a ver com a guerra do solúvel

O brasileiro vai tomar cafézinho a NCr\$ 0,80 a partir de dezembro, segundo revelações do Instituto Brasileiro de Café. O Sr. Orlando Mastrolia, presidente em exercício do IBC disse que já estão sendo concluídos os planos para a eliminação dos subsídios ao café de consumo interno e tão logo o presidente efetivo do IBC, Sr. Horácio Coimbra retorne ao Brasil, assinará documento que eliminará a subvenção oficial aumentando o preço do produto. Técnicos do Instituto fizeram questão de afirmar que isto nada tem a ver com a derrota do Brasil na guerra do café solúvel com os Estados Unidos.

Os economistas da área governista acham que a eliminação do decimo e contrabando, a exigência de retorno do café que não se conseguia vender para os estoques do governo e redução de custos operacionais são as principais vantagens do aumento. Entre as desvantagens citam o aumento do governo perante a opinião pública a elevação do preço no comércio varejista e a elevação imediata nos preços da bebida vendida nos bares.

Alegando que "a mini-saia de noiva é a confusão generalizada profanando os princípios religiosos da Igreja", o sacerdote da Igreja de São Pedro, não realizou, ontem de manhã, o casamento do compositor Caetano Veloso. Mais de duas mil pessoas acorreram à Igreja para assistir à cerimônia, ocasionando um tumulto no tráfico. Usando a mesma roupa de Paris para a apresentação ao IBC, Caetano chegou bastante atrasado para o casamento, seguido por sua noiva, Dede Gadêlha, que usando uma moderníssima mini-saia entrou na Igreja com a ajuda da noiva, chegando ao altar sob o olhar aborrecido do padre e o transtorno do noivo. No lugar da tradicional marcha nupcial, o povo e o grande número de cantores e composidores cantaram "Alegria, Alegria", de Caetano na entrada e saída dos noivos. Gilberto Gil e Maria Betânia - irmã do noivo - estavam entre eles. Caetano não decide a semana passada em Bahia, onde foi para julgar obras de compositores locais. A noiva, Dede Gadêlha, possui exóticos desenhos a capine do SOL para se usar em São Paulo.

- gente**
- Mauro Viegas**
TAXA NA VILA KENNEDY 1-3
- Tom e Vinicius**
TEM VEZ NA SINFONIA 2-0
- Wilhelm Lange**
ESTAVA MAL DE VIDA 4-8
- Cravo Peixoto**
REBATE ACUSAÇÕES 5-8
- Mário Andreazza**
TEM ELEITORADO FEMININO 5-0
- Chico Buarque**
NÃO É MAIS PE FRIO 7-8
- Plínio Marcos**
LIDERA A TEMPORADA 7-8
- Márcia Rodrigues**
A GAROTA FELIZ 7-8
- Sidney Póiter**
NÃO SABE DO PODER NEGRO 7-8
- Quarteto Em Cy**
CANTA FREVO DE JOSIM 7-8



João Guimarães Rosa, o mais novo imortal, se despede. Adia por 4 anos a posse: teme não suportar a emoção que, retardada, vem dias depois. No seu discurso havia dito, talvez prevendo: "Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta". 3-A.



CEM MIL PODEM PERDER BOLSAS

8 - C

Quase sai briga na sessão da Assembleia Legislativa, quando é aprovado o aumento da taxa de água e esgoto e a criação da rodoviária. Assim mesmo, a oposição a Negrão fica satisfeita: perde apenas por quatro votos e consegue colocar emendas no projeto. 3-D

Locais das provas de admissão ao normal

Segundo round de uma velha batalha: milhares de candidatos para um número reduzido de vagas. Hoje é dia de prova de História. Não se pode esquecer o lápis. E quem chegar atrasado perde a vez. Assim é a regra do jogo no concurso de admissão ao normal. Veja onde é que você fará sua prova. 8-A



URUGUAI: SÍTIO É NOVA AMEAÇA

10 - B

Danusa Leão chega de Paris para apresentar coleções de moda jovem. Vem de mini-saia-calça preta, blusa branca de gola, cinto dourado de argolas, meia preta e uma capa de peles que lamenta não poder usar no Rio. Fica apenas um mês. Passará o Natal em Paris, com a irmã Nara, que está do lado do mel.

- assunto**
- Cidade Nova**
SAI EM 20 MESES 3-8
- Metró**
ESTUDADO PELO IJONE 3-8
- Sequestro**
DE AVIÃO POR CLANDESTINOS 4-8
- Avião Russo**
CAI E MATA MAIS DE CEM 4-C
- Telecomunicações**
NOVA ERA DOS SATELITES 5-A
- Política Nacional**
VISTA PELA SORBONNE 5-C
- Cinema Alemão**
REABILITADO POR JOVENS 6-D
- Carnaval**
CONCURSO DA MAIS FORÇA 6-D
- Mulher**
COMO ESTAR EM FORMA 7-D
- Estábilizar**
ALUNOS PEDIR REGISTROS 8-C

Figura 70: Capa da 52ª edição d'O Sol publicada em 21 de novembro de 1967

Além da capa, outra seção d’*O Sol* que passou por significativa mudança foi a página 2. As transformações ocorridas na segunda folha do periódico estiveram relacionadas tanto com a reconfiguração das colunas quanto com a construção de novas seções. Nas primeiras edições, a equipe do jornal manteve a página com uma estrutura fixa. Levando em consideração a diagramação quadrática, na primeira parte (A) encontrava-se diariamente uma reportagem; nas partes dois (B) e quatro (D) publicavam-se várias notícias locais relacionadas à cidade do Rio de Janeiro; já a parte três (C) era reservada para bilhete (espaço que a equipe d’*O Sol* usava para manter contato com os leitores, mostrando as intenções dos jornalistas do jornal e as opiniões também), para as cartas dos leitores e o expediente do jornal – como é possível ver na figura 71.

A partir da edição 28, a página 2 d’*O Sol* sofreu uma mudança radical. Na folha, a estrutura que vinha se mantendo deu espaço a uma nova organização. Por meio dessa transformação, as cartas, o editorial e o expediente passaram a ser distribuídos no primeiro quarto da folha (A). A parte dois (B) deixa de ser um espaço para publicação de várias notícias de cidade e passa a ser reservada para a publicação de uma seção que ganhou o nome de *O Sol por Testemunha* – coluna reservada para equipe do jornal publicar várias notas curtas com assuntos diversificados, sendo eles tanto nacionais como internacionais –. Já o terceiro (C) e o quarto blocos (D) passaram a ser preenchidos por várias colunas fixas, algumas diárias (*turismo, imprensa, Estado do Rio e sindicato*) e outras com publicação mais irregular (*propaganda, carnaval, indústria, abastecimento e banco & negócio*) – como pode ser observar na figura 72.

Entre as colunas diárias, *turismo* consistia em um espaço reservado pelos jornalistas d’*O Sol* para manter o leitor informado sobre tudo que estivesse relacionado ao turismo, isto é, cursos, datas comemorativas, promoções, dicas de viagem entre outros. Em *imprensa*, a equipe trazia para o leitor algum tipo de informação relevante ao cidadão que havia sido publicada por outros meios de comunicação. Entre os jornais que serviram de base para a confecção dessa seção se encontram o *Jornal do Brasil, Última Hora, Diário de Notícias, O Globo* e *Correio da Manhã*. Diferentes das demais, *Estado do Rio* era uma coluna diária onde os profissionais da folha divulgavam diariamente notícias relacionadas ao Rio de Janeiro. Os assuntos dos textos variavam bastante, indo desde publicações críticas diante de problemas estruturais da cidade até a apresentação de eventos, feiras, festivais e concursos. Por fim, como já foi comentado anteriormente (5.2), *sindicato* teve um papel importante no periódico, pois se tornou um local próprio para a divulgação de notícias importantes aos trabalhadores (assembleias, manifestações, aumentos ou retrocessos, entre outros).

2-A

cartas

Não, sou leitor assíduo. Nem do O Sol, nem de jornal nenhum. Se estou acreditando, é porque este é um jornal novo e pode ser que me doug. Dos outros, eu já desisti...



Propriedade do JORNAL DOS SPORTS S.A. / Presidente: Célio Rodrigues / Diretores: Mário Júlio Rodrigues, Henrique Gigante, J. G. Bastos Padilha / Diretor-Responsável: Mário Júlio Rodrigues

PERSPECTIVAS

O próximo ano certamente será mais, não se aproxima com muitas perspectivas de felicidade. A situação econômica-financeira do País não é invejável e o Ministro Nélson Delfino não disse nada e luta para minorar os prejuízos...

Indústria - Editor-Geral: Raymundo Jardim / Editor: João Agradá / Editora: Edição - Editor-Geral: Raymundo Jardim / Editor: João Agradá / Editora: Edição - Editor-Geral: Raymundo Jardim / Editor: João Agradá / Editora: Edição...

2-C

turismo

PAULO RANGEL, jornalista de turismo, assinou em ALBUQUERQUE as relações públicas da VASP no Rio de Janeiro. Foi um dos grandes responsáveis no Centro de Turismo de Literatura, Paulo Rangel está de volta à atividade, em Campos de Jordão...

COLABORANDO nas comemorações da "Semana da Aça", o VAPOR, através de seu Departamento de Propaganda, produzirá um livro de aquarelas a respeito da aça, obra de arte de Paulo Rangel e de outros artistas...

EROLINEAS PERUANAS e Pullman Air Transportes e Turismo assinaram um contrato para um voo regular entre Lima e Brasília. O contrato prevê um voo semanal, para partir de Lima em 15 de novembro e chegar a Brasília em 16 de novembro...

OS REPÓRTERES - O Rio de Janeiro, com o seu jornal, não se preocupa com o futuro. O futuro é uma palavra que não se usa mais...

2-B

QUADRINHOS - Pela primeira vez na sua história, o Fravda publicou historinhas em quadrinhos. Reticulando os norte-americanos, aparece o Superman atendendo a um grupo de Johnnies para salvar o prestígio dos EUA no Vietnã...

SEGRO - Há um segredo em torno do grande acontecimento que se realizará em 20 de novembro na revolução socialista. Os diplomatas soviéticos não Brasil, quando indaga-se sobre qual será esse grande acontecimento, ou se a Vênus foi o grande acontecimento, limitam-se a dar um sorriso maroto...

RAFAZESI RAFAZESI! - Não concordando com a exclusividade da Faculdade de Filosofia da FUC de São Paulo, as alunas desta estabelecimento constituíram uma lista para que sejam admitidos rapazes e formadas turmas mistas. As freiras da Congregação de Santo Agostinho discutiram a proposta de admissão de rapazes e a tradição deve ser mantida: homem, não!

"CIE" - Só para chatear, universitários de vários cursos estão organizando o "CIE" - Guerra Justativa. Na solenidade de formatura, os alunos constituirão uma comissão para verificar a situação da cidade. Verificarão, todavia, se os alunos são filhos e sua mulher estarem a vigésimo. Não tubarão: restará o homem.

INVEJAVEL - Invejável por muitos é um campeão local que se encontra nas autoridades e pedis para ser esterilizado com urgência. As autoridades locais não se dão conta de que o homem tinha 70 anos de idade. Verificarão, todavia, se os alunos são filhos e sua mulher estarem a vigésimo. Não tubarão: restará o homem.

BACANINHA - Deputado é uma coisa que tem um monte de regalos. Agora, se aprovado o projeto de lei que cria o cargo de deputado, a coisa muda de figura. Será deputado, todavia, se os alunos são filhos e sua mulher estarem a vigésimo. Não tubarão: restará o homem.

BOUQUETE - Adir Botelho e sua equipe, responsável pela decoração do Carnaval de 68, tem uma nova realização no campo da decoração específica: projeto de realismo a decoração de Natal. Será Botelho, todavia, se os alunos são filhos e sua mulher estarem a vigésimo. Não tubarão: restará o homem.

2-D

Sindicatos

ERNAUNDO de acidentes do tráfico e seus deturres de grandes proprietários de transportes interestaduais, o número de internações motivadas pela natureza do acidente, a piora de atendimento médico, as condições de alta perigosidade para eles e para o próprio país, que se agravam com a falta de fiscalização e de fiscalização...

ATO, pela sua gravidade e pelas consequências de que se reveste, está sendo providenciada das autoridades responsáveis. Combinado o problema, fácil determinar-se a causa: o horário excessivo de trabalho...

OS PONTOS - O Chale é um deles. Um outro, que é de grande atrair do momento, é a Carolina, que, de tão famosa e por coincidir com o voo da chegada do ano no Rio, passará a ser chamada de O Ponto. Essa mudança faz lembrar o Ponto de Caravelas, que em Niterói é um ponto muito conhecido...

OS REPÓRTERES - O Rio de Janeiro, com o seu jornal, não se preocupa com o futuro. O futuro é uma palavra que não se usa mais...

O SOL POR TESTEMUNHA



LACANO - O deputado Ernani Sávio, líder do Governo na Câmara, pagando a longo tempo deputados para garantir a aprovação, no Congresso, do projeto que cria o Fundo de Reserva proposto pelo Governo...

OS REPÓRTERES - O Rio de Janeiro, com o seu jornal, não se preocupa com o futuro. O futuro é uma palavra que não se usa mais...

Estado do Rio

DORMITÓRIO DA GB - O Estado do Rio decide-se a buscar recursos diretamente dos EUA. Para isso, recorrerá a crédito público e a empréstimos particulares, por causa a viagem que o presidente do Conselho do Rio, Sr. César Curi, está fazendo...

PARALISIA INFANTIL - Cento e oitenta e duas mil doses de vacina contra a poliomielite foram aplicadas no Estado do Rio, durante o período de 20 dias...

AGRO-PECUARIA - A Agricultura do Estado do Rio tem anos de atraso. A escuridão e o abandono do Departamento de Agricultura, Sr. Manoel Campinho, há meses aguardando os resultados imediatos em São Paulo...

OS REPÓRTERES - O Rio de Janeiro, com o seu jornal, não se preocupa com o futuro. O futuro é uma palavra que não se usa mais...

Figura 72: Segunda página de O Sol publicada em 22 de outubro de 1967

Entre as edições analisadas, percebe-se que a configuração da página 2 d'*O Sol* permaneceu com a estrutura parecida com a do primeiro exemplar (figura 72) até a edição de número 17, publicada em 10 de outubro de 1967. A partir da 28ª edição, a página passou a ser mais próxima da figura 73. Como já foi apontado, houve uma mudança significativa na folha. De acordo com a primeira e a segunda, percebe-se a substituição dos espaços reservados a reportagens e notas por colunas e seções. *Bilhete*, usado durante muito tempo para a equipe do jornal divulgar a essência do periódico e os editoriais, deixou de existir, dando lugar à divulgação de textos temáticos com a divulgação de opinião dos jornalistas d'*O Sol* em relação a algum assunto de interesse social. As cartas continuaram sendo publicadas diariamente, mas isso sofreu uma alteração também: a princípio eram mais numerosas e reservadas para os leitores tirarem dúvidas sobre o periódico, fazer elogios e sugerir melhorias ou até pautas, depois se tornou um texto único, onde os leitores dividiam com os demais insatisfações, críticas e denúncias de problemas sociais e estruturais do Rio de Janeiro.

Assim como a página 2, outras editoriais d'*O Sol* passaram por alterações ao longo das publicações, mas as mudanças não foram tão radicais quanto à observada na segunda folha do periódico. Como exemplo, pode-se citar a página 3, de *Cidade*, onde, com o tempo, a equipe decidiu criar uma coluna que ficou conhecida como *GB-SOS*, reservada para discutir problemas estruturais do Rio de Janeiro e receber crítica de leitores em relação aos dilemas enfrentados diariamente pelos cariocas, sobretudo relacionados à falta de planejamento de bairros, ruas sem sinalização e descuidadas, bem como fazer reclamação quanto à interrupção no serviço de água e de luz – assunto já tratado no tópico 5.2.

Além de *GB-SOS*, ao longo da análise, acompanha-se também a idealização das colunas *Parlamentares*, *Militares*, *Política Nacional* e *Opinião*. As três primeiras, assim que chegaram às páginas d'*O Sol*, passaram a ser publicadas diariamente na editoria de *Problemas Brasileiros*. Em *Parlamentares*, a equipe d'*O Sol* publicava um breve balanço sobre a política nacional, priorizando opiniões de políticos em relação a diferentes assuntos, como eleições, propostas de leis e administração de outros candidatos eleitos, ou, ainda, sobre as últimas ações políticas desempenhadas pelos governantes (figura 73). Em contraposição, *Militares* era um espaço exclusivamente reservado a fatos relacionados diretamente com os militares, principalmente as notícias ligadas ao presidente da república, à época o marechal Costa e Silva (figura 73). Já *Política Nacional*, comentada anteriormente na parte 5.2, foi idealizada pela equipe d'*O Sol* com um pouco mais de um mês de circulação e ela servia para os repórteres do periódico traçarem um panorama amplo sobre a política brasileira, sobretudo no que tangia à crise proporcionada pelo nascimento da Frente Ampla, grupo de oposição ao

regime vigente. A coluna *Opinião* representou outra novidade da folha carioca que poderia vir em diferentes editorias. A seção, classificada como opinativa, não era reservada para se publicar a opinião da equipe do jornal; pelo contrário, servia para que algum especialista fizesse um comentário sobre algum assunto que estivesse sendo discutido na sociedade (figura 74). Além de *Divergência*, essa era uma das únicas partes do jornal que deixava evidente a existência da opinião de uma pessoa em particular.



Figura 73: Exemplos de colunas publicada n' *O Sol*, em 10 de novembro de 1967

Esperam uma resposta. Pedem o que não é impossível. Mas não vão se contentar com promessas apenas. Estão apreensivos com a falta de vagas nas universidades. Estudam como nunca. Muitos sabem que não entram. Esses são

OPINIÃO

OS EXCEDENTES DE AMANHÃ

Documento entre ao Prof. Epilogo Gonçalves, por uma comissão de vestibulandos:

Tendo em vista o clima de apreensão que se criou entre os vestibulandos, com a publicação de um edital, fixando coincidência de datas para as provas de vestibular nas escolas federais;

Tendo em vista o descontentamento que esta medida vem causando, tanto no meio dos alunos, como dos próprios professores e até diretores de faculdades;

Tendo em vista que esta, no nosso entender, não é a solução para se evitar a existência de excedentes, no próximo ano;

Tendo em vista que os termos do edital limitam as oportunidades dos vestibulandos, condicionando-os a uma única seleção na escola federal;

Tendo em vista que a maioria dos vestibulandos não dispõe de recursos para custear seus estudos superiores em escolas particulares;

Tendo em vista as notícias da extinção dos vestibulares unificados para medicina e engenharia;

Tendo em vista a decisão do Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, exigindo assinatura prévia de um documento, em que o vestibulando

concorda com todas as exigências formuladas para competir a uma vaga;

Tendo em vista a negativa de se conceder revisão de provas;

Tendo em vista as notícias de que as universidades estão sem recursos para ampliar as vagas, no próximo ano;

Tendo em vista tudo isto, Sr. Diretor, trazemos-lhe as seguintes reivindicações:

- 1.º) Revogação daquele edital;
- 2.º) Reestabelecimento dos vestibulares unificados para medicina e engenharia;
- 3.º) Instituição de vestibulares unificados para outras áreas de ensino;
- 4.º) Ampliação do número de vagas, ainda para os próximos vestibulares, havendo para isto, entendimentos urgentes com as universidades;
- 5.º) Normas da Diretoria do Ensino Superior, evitando exigências arbitrárias das universidades, como por exemplo, negativa de revisão de provas e assinatura de documento, concordando, antecipadamente, com todas regras a serem estabelecidas para o vestibular;
- 6.º) Garantia de matrículas para todos os que obtiverem média mínima.

Sr. Diretor, estamos encaminhando-lhe estas reivindicações porque estamos certos de que há uma crescente preocupação da Diretoria do Ensino Superior em disciplinar e corrigir as distorções existentes nos vestibulares. Acreditamos que essas falhas, decorrentes daquele edital, se devem mais à falta de informações de sua assessoria.

Entretanto, se por algum motivo, o senhor não tiver condições de nos atender, devemos informá-lo de que existe uma disposição entre todos os colegas, no sentido de recorrermos ao Ministro da Educação e ao próprio Presidente da República. Se essas nossas tentativas fracassarem, então iremos continuar nossa campanha de alguma outra maneira. Alguns colegas sugerem, por exemplo, que como protesto simbólico, ninguém se inscreva para os vestibulares; outros preferem a ideia de um acampamento no pátio do MEC. Isto, todavia, é um assunto para depois. Se trazemos estas informações para o senhor, elas não têm nenhum tom de ameaça, mas apenas servem para mostrar-lhe que nossa situação é, realmente, dramática. E o senhor sabe disto.

A espera de uma palavra do senhor, urgente, quando pretendemos levar aos principais órgãos de divulgação, somos, eternamente gratos.

Figura 74: Exemplos de coluna opinativa publicada n' *O Sol*, em 12 de novembro de 1967

Como foi visto ao longo da dissertação, assim como qualquer meio de comunicação, *O Sol* tinha uma identidade linguística e estrutural. Nesse tópico em particular ficou evidente que ter um estilo próprio não significava uma imutabilidade da forma. Para ser mais coerente, pode-se dizer que o jornal apresentava uma identidade, mas ela passou por processo de mudanças e adequações com o tempo. Muitas características permaneceram imutáveis ao longo dos meses, como a diagramação quadrática, a falta de crédito e legenda em fotos e em reportagens, formando o perfil gráfico do periódico. Entretanto, durante os dois meses em que *O Sol* circulou encartado no *Jornal dos Sports*, ele também passou por algumas alterações. As transformações mais relevantes foram observadas em relação à estruturação das páginas, ou seja, a reorganização da capa, a presença de mais imagens no decorrer das publicações, a idealização de novas colunas e seções, entre outras. Enfim, identifica-se que *O Sol* foi um periódico com uma produção dinâmica e cambiante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objeto de estudo *O Sol*, periódico alternativo que circulou no Rio de Janeiro entre setembro de 1967 e janeiro de 1968. Nesta pesquisa, 14 edições do periódico que circularam encartadas no *Jornal dos Sports*, financiador da folha carioca, foram examinadas. A análise do conteúdo do veículo foi realizada com a finalidade de identificar a linha editorial do periódico, bem como a linguagem, as técnicas de produção, os critérios de noticiabilidade e a concepção jornalística defendida pela equipe do jornal.

Por meio da análise, depreende-se que as notícias relacionadas ao Rio de Janeiro ocupavam maior espaço nas páginas d'*O Sol*. Em âmbito local, a equipe procurava dar destaque a notícias voltadas aos interesses dos cidadãos cariocas, sobretudo os mais marginalizados socialmente. A análise permite inferir que os jornalistas do periódico tentavam manter a sociedade informada sobre os assuntos não encontrados nos jornais da grande imprensa.

Os repórteres publicavam, diariamente, notícias em prol dos direitos da população, cobrando das autoridades, por exemplo, respeito e competência ao lidar com assuntos públicos e sociais. A folha também foi usada para levar à sociedade informações de serviço, de reflexão e de conscientização, desenvolvidas em prol da cidade e dos seus moradores. Além disso, observou-se que os profissionais d'*O Sol* buscavam formas de denunciar casos de censura, tortura e desaparecimentos, o que mostra a sua oposição ao regime militar.

Além das matérias locais, assuntos sobre outras regiões do país, bem como internacionais, também apresentavam relevância na folha. Nacionalmente, a equipe do periódico publicava reportagens que visavam à defesa do desenvolvimento do Brasil. A campanha em torno do progresso era vista como um aspecto positivo à nação, uma vez que os jornalistas d'*O Sol* acreditavam que a superação do subdesenvolvimento poderia ser um dos caminhos para resolver os problemas sociais e estruturais da sociedade brasileira. Assim, traçavam críticas aos retrocessos e elogiavam as iniciativas promovidas em prol da inovação desenvolvimentista – meio visto como eficiente para superar problemas da época, como analfabetismo, discriminações e desigualdades. Essa preocupação confirmava, mais uma vez, a linha editorial do periódico: lutar pela proteção dos cidadãos, principalmente os mais marginalizados socialmente.

No cenário internacional, o objetivo da equipe d'*O Sol* restringiu-se a tentar defender os interesses dos países subdesenvolvidos, principalmente aqueles oprimidos pelas políticas autoritárias ou intervencionistas das nações mais ricas. Por meio de textos críticos e, muitas

vezes, irônicos, os repórteres divulgavam as medidas restritivas e prejudiciais às regiões mais pobres do mundo defendidas pelos estados mais desenvolvidos. Os Estados Unidos era um dos países mais criticados, sobretudo devido às interferências constantes em lugares da América Latina, da África e da Ásia, como por exemplo Cuba, Nigéria e Vietnã.

O Sol era usado por sua equipe para divulgar assuntos de interesse comum aos cidadãos, seja em âmbito local, nacional ou internacional. Desse modo, é possível frisar que a linha editorial do periódico se direcionava em prol das populações ou das nações mais desrespeitadas e discriminadas tanto no cenário nacional quanto internacional. Diferente de muitos meios de comunicação da época, que priorizavam os interesses econômicos em detrimento dos sociais, a análise de *O Sol* permite dizer que os jornalistas do periódico traçaram uma estratégia oposta, na busca da valorização do ser humano e não de uma empresa interessada apenas no lucro diário. Assim, identifica-se que a equipe centrava-se em criar um meio alternativo para se opor às políticas hegemônicas e opressoras, visando o desenvolvimento de uma imprensa, segundo eles, mais justa e comprometida com o benefício da sociedade.

Como qualquer jornal diário do período da ditadura civil-militar ou de outras épocas, a equipe de *O Sol* priorizava os assuntos que tinham algum tipo de novidade – primeiro critério de noticiabilidade identificado ao longo da leitura do conteúdo do periódico. Os repórteres da folha davam um enfoque diferenciado ao da imprensa tradicional e buscavam noticiar os fatos ignorados pelos demais meios de comunicação. Entretanto, a maioria dos fatos retratados em *O Sol* exibia algum aspecto novo. Assim, as reportagens com temáticas políticas, econômicas, culturais e internacionais estavam fundamentadas em um fator recente, seja um conflito social, uma mudança de lei, um evento ou, até mesmo, um acontecimento inesperado.

Por meio dos critérios de noticiabilidade proposto por Traquina (2005b), foi possível identificar os valores-notícia usados com mais frequência pela equipe de *O Sol* na hora de escolher as notícias. A análise permitiu perceber que alguns valores-notícia acabavam tendo espaço de destaque nas diferentes editorias do jornal, como é o caso da relevância e da novidade – os mais utilizados – e ainda da infração, da notoriedade, do tempo. Outros tinham mais importância em partes específicas do veículo, como a morte e a notabilidade, encontrados com mais frequência nas páginas de *Polícia*; o conflito ou contrariedade concentrado em *Educação e Internacional*; a proximidade mais perceptiva nas folhas de *Cidade*, de *Educação* e de *Internacional*, e o inesperado comumente reservado a *Cidade*, *Polícia* e *Problemas Brasileiros*.

A análise d'*O Sol* ajudou também a perceber que a afirmação de Traquina (2005b) está correta, quando ele destaca que alguns valores-notícia perduram ao longo dos tempos, sobretudo porque os profissionais da imprensa fazem parte de uma tribo ou cultura jornalística. Conclui-se isso, pois muitos dos critérios apresentados pelo pesquisador são identificados n'*O Sol*. É provável que isso tenha acontecido, pois, como o próprio Traquina (2005b) comenta, muitas vezes, os critérios usados na hora de escolher as notícias estão intrínsecos nos profissionais da área. Como argumenta o autor, os critérios podem sofrer alterações com o tempo, mas muitos permanecem inalterados, como é o caso da morte, da novidade, do conflito ou contrariedade e do inesperado – encontrados n'*O Sol*. A identificação dos critérios de noticiabilidade da folha carioca ainda permitiu observar que não existe uma hierarquização entre os valores: é possível dizer que muitas matérias se encaixam em mais de um dos critérios. Nesse sentido, os assuntos que se encaixavam em mais de um dos valores-notícia tinham mais chances de serem publicados pela equipe d'*O Sol*.

A linguagem usada na produção da notícia foi outro aspecto levado em consideração na análise d'*O Sol*. A leitura permitiu observar que o conteúdo produzido pela equipe do periódico variava bastante e, ainda, apresentava mais de uma forma. Uma parte dos textos chegava a alcançar níveis mais altos de literariedade, por causa da intensificação do uso dos recursos literários. Outra parte tinha uma característica mais informativa. Entretanto, ambas as maneiras, de certa forma, encaixavam-se dentro de uma produção literária, isso porque estavam de acordo com os critérios proposto por Pena (2008), isto é, buscavam ultrapassar os limites da factualidade, traziam uma contextualização dos fatos, renunciavam a técnicas padronizadas, como o lide e a pirâmide invertida, além disso, priorizavam uma abordagem pautada na ética e no respeito à cidadania.

Como lembrou Fernando Gabeira, em entrevista ao documentário *O Sol: caminhando contra o vento*, a equipe d'*O Sol* procurou trazer para o veículo mudanças estruturais e linguísticas – transformações parecidas já tinham sido tentadas na década de 1950 pelos donos do *Jornal do Brasil* e do *Diário Carioca*. Linguisticamente falando, a folha carioca deu prioridade para uma linguagem mais literária, acessível e menos padronizada. Os repórteres testaram diferentes técnicas tanto na produção das reportagens quanto das notas. Apesar disso, o principal diferencial do veículo carioca esteve diretamente relacionado ao projeto gráfico do jornal. Tendo como finalidade facilitar a leitura do periódico, principalmente nos transportes públicos, Reynaldo Jardim idealizou para *O Sol* uma diagramação quadrática.

Outro diferencial d'*O Sol* esteve diretamente relacionado à sua condição como jornal pertencente à imprensa alternativa. Diferente dos demais jornais alternativos, a folha carioca foi a única que apresentou circulação diária, recebeu financiamento de um veículo da grande imprensa e, ainda, representou uma experiência laboratorial, o que tornou o periódico conhecido como um jornal-escola. Apesar de ser financiado pelo *Jornal dos Sports* e ter uma publicação regular, *O Sol* apresentou uma produção alternativa. Isso fica visível por meio da crítica ao regime militar, das inovações gráficas e linguísticas e do perfil editorial do periódico. Ziraldo costuma de dizer que *O Sol* é o início da imprensa alternativa. A vinculação a um jornal da grande imprensa e a circulação diária foram particularidades d'*O Sol*. Pode-se dizer que o fato de ser financiado pelo *JS* influenciou na periodicidade do periódico, apesar disso, *O Sol* não aparentava ser experimentação de mercado.

Como foi visto ao longo da dissertação, assim como qualquer meio de comunicação, *O Sol* tinha uma identidade linguística e estrutural. Apesar de possuir uma essência, a folha alternativa passou por processo de mudanças e de adequações com o tempo. Muitas características permaneceram imutáveis ao longo dos meses, como a diagramação quadrática, a falta de crédito e legenda em fotos e em reportagens, formando o perfil gráfico do periódico. Entretanto, durante os dois meses em que *O Sol* circulou encartado no *Jornal dos Sports*, ele também passou por algumas alterações. Como já mencionado anteriormente, as transformações mais relevantes foram observadas em relação à estruturação das páginas, ou seja, reorganização da capa, presença de mais imagens no decorrer das publicações, idealização de novas colunas e seções, entre outras.

O Sol foi uma experiência alternativa, pensada pelos idealizadores para ser uma produção diferenciada dos veículos tradicionais da época. Como foi visto ao longo desta pesquisa, as mudanças foram experimentadas na formação da equipe, no desenvolvimento das matérias, nas técnicas jornalísticas utilizadas e também na produção linguística e gráfica da folha. Publicado durante a ditadura civil-militar, *O Sol* representou para os profissionais do veículo uma chance de dividir com a sociedade muitos assuntos que eram proibidos de serem divulgados no período. Por meio da análise do conteúdo, chegou-se à conclusão de que a equipe d'*O Sol* deu prioridade às notícias de relevância social, sejam elas de âmbito nacional ou internacional.

Por fim, vale ressaltar que nesta pesquisa focou-se a análise de apenas uns dos aspectos do jornal – identificar a linha editorial do periódico, a linguagem, as técnicas de produção, os critérios de noticiabilidade e a concepção jornalística defendida pela equipe do

jornal. Apesar disso, reconhece-se que outros pontos relevantes ainda merecem investigações, como é o caso da produção cultural da folha – assunto para outros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, P. **Um trabalhador da notícia:** textos de Perseu Abramo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

AMARAL, L. **A objetividade jornalística.** Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

_____. **Jornalismo:** matérias de primeira página. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

AQUINO, M. A. **Censura, Imprensa, Estado autoritário (1968-1978).** Bauru: EDUSC, 1999.

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica:** História da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa.** *Brasil - 1900-2000.* Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal: 4ª ed., 2009.

BUENO, M. **A imprensa alternativa – Ontem e hoje.** In: 20 anos de resistência – alternativas da cultura no regime militar. Mello, Maria Amélia (org.). Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1986.

BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência.** São Paulo: Ática, 2007.

BUZALAF, M.N. **A censura no Pasquim (1969-1975):** as vozes não-silenciadas de uma geração. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2009.

BRANDÃO, A. C; DUARTE, M. F. **Movimentos culturais de juventude.** São Paulo: Moderna, 1990.

BRITO, L. **O Sol nas bancas de revista:** produção e conteúdo do jornal-escola carioca durante a ditadura civil-militar. 2016. 144 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. [Orientadora: Profª. Drª. Márcia Neme Buzalaf].

CALLADO, A. A.; ESTRADA, M. I. **Como se faz um jornal comunitário**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1985.

CHINEM, R. **Imprensa alternativa: Jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995.

COUTO, A.A.G. Uma arena de notícias: a fundação do *Jornal dos Sports* e os seus primeiros editoriais. In: **XIV Encontro Regional da anpuh-Rio: Memória e Patrimônio**, Rio de Janeiro, 2010.

CZARNOBAI, A. F. F. **Gonzo – o filho bastardo do New Journalism**. 2003. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. [orientador: Prof^o. DR^o. Paulo Seben de Azevedo].

FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Ed. Da ULBRA / AGE, 1999.

FERREIRA, M. de M. **João Goulart entre a Memória e a História**. Editora FGV, Rio de Janeiro: 2006.

FESTA, R. ; LINS DA SILVA, C. E. (org). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FONSECA JUNIOR, W. C. da F. Análise de Conteúdo. In: **Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação**, Editora Atlas, São Paulo: 2^a ed, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GURGEL CAMPOS, A. “Os Desafios do Jornalismo na Era dos Megaeventos Esportivos”. In: **Revista Motrivivência**, Ano XXI, nº 32/33, Junho-Dezembro de 2009. p. 193-210.

HENFIL. **Diário de um Cucaracha**. Rio de Janeiro: Record, 1983

HOHLFELDT, A. **Deus escreve direito por linhas tortas: o romance folhetim dos jornais de Porto Alegre em 1950 e 1900**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____ Perspectivas e desafios para compor uma história da imprensa: o que o pesquisador precisa saber e a que se deve dispor. In: LOSNAK, C.J.; VICENTE, M.M. (Orgs). **Imprensa e Sociedade Brasileira**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2011.

HOLLANDA, B. B. B. de; Neves, Margarida de Souza (orientadora); **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). Rio de Janeiro, 2008. p. 771. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: EdUsp, 2001.

KUSHNIR, B. Cães de guarda: entre jornalistas e censores. In.: REIS, D. A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (orgs.). **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: Edusc, 2004. p. 250-263.

_____. **Cães de Guarda**: jornalistas e censores, do Ai-5 à constituição de 1988. SP: Bomtempo Editorial, 2004.

KUNCZIK, M. **Conceito de jornalismo**: Norte e Sul: Manual de Comunicação. Tradução Rafael Varela Jr. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8ed. São Paulo: Ática, 2006

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2009.

LOSNAK, C.J.; VICENTE, M.M. (Orgs). **Imprensa e Sociedade Brasileira**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2011.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

_____. **O capital da notícia**: jornalismo como produção da segunda natureza. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARCONI, P. **A censura política na imprensa brasileira, 1968-1978**. São Paulo, Global, 1980.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2003

MARTINS, A. L.; LUCA T. R. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MEDITSCH, E. **O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?** [On Line]. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>.

MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. In.: MARTINS, A. L.; LUCA T. R. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 23-43.

MORETZSOHN, S. **Pensado contra os fatos: Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NAPOLITANO, M. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008

PEREIRA FILHO, F. J. B. **Caros amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil**. São Paulo. Annablume, 2004.

QUEIROZ, Francisco Aquinei Timóteo. Rasgando o tecido das formalidades: as técnicas do romance em *A Sangue Frio* e em *Radical Chique*. **Revista temática**. Ano VII, n. 10 – Outubro/2011. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2011/outubro/romance_tecnicas_formalidades.pdf.

REIS, A. D. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. 1. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 84 p.

_____. Vozes silenciadas em tempo de ditadura: Brasil, anos de 1960. In.:CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). **Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial do Estado / Fapesp, 2002.p. 435-450.

RIBEIRO, M. **Planejamento visual gráfico**. 10 ed. Brasília: LGE Editora, 2007.

SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983.

SOUSA, J. P. **Construindo uma teoria multifactorial da notícia como teoria do jornalismo**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-multifactorial-jornalismo.pdf>>

_____. **Elementos de jornalismo impresso**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>

_____. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media (2ª edição revista ampliada)**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>>

_____. **Planejamento da comunicação (na perspectiva das relações públicas)**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-planeamento-comunicacao.pdf>>

_____. **Por que as notícias são como são?**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>

_____. **Uma história breve do jornalismo Ocidental**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>

STRUNCK, G. **Identidade visual – a direção do olhar**. Rio de Janeiro: Editora Europa, 1989.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005a.

_____. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. V. 2. Florianópolis: Insular, 2005b.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

VELOSO, C. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VENTURA, Z. **1968: O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VENANCIO, R. D.O. **Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária e comercial**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

VICENTE, M. M. **História e Comunicação na ordem internacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WOITOWICZ, K. J. (org.). **Recortes da mídia alternativa**: histórias e memórias da comunicação no Brasil. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

Referências videográficas

Humor com Gosto de Pasquim. Documentário de Louis Chilson. Brasil, 2000.

MAGALHÃES, Fábio. **Resistir é preciso...** [Filme-vídeo]. Produção e direção Fábio Magalhães. São Paulo, Vladimir Herzog, 2011. 12 DVD.

O Sol – Caminhando contra o vento. Direção: Tetê Moraes e Martha Alencar. Produção: Brasil, 2006. Documentário (95 min).

Sites:

<http://www.rio.rj.gov.br>

Fonte primária

Jornal *O Sol*, edições 01, 02, 03, 04, 05. Rio de Janeiro, setembro de 1967.

Jornal *O Sol*, edições 14, 17, 28, 32. Rio de Janeiro, outubro de 1967.

Jornal *O Sol*, edições 36, 44 e 46, 56, 57. Rio de Janeiro, novembro de 1967.

Entrevistas

ALENCAR, Martha. Entrevista [04 de setembro de 2015]. Rio de Janeiro - RJ.

BESSA, José Ribamar. Entrevista [10 de dezembro de 2014]. Rio de Janeiro - RJ.

CALLADO, Ana Arruda. Entrevista [09 de dezembro de 2014]. Rio de Janeiro - RJ.

MORAES, Tetê. Entrevista [04 de setembro de 2015]. Rio de Janeiro - RJ.

PEDREIRA, Artur. Entrevista [05 de setembro de 2015]. Rio de Janeiro - RJ.